

A LIAHONA

JANEIRO DE 1988

RELATÓRIO DA
157ª CONFERÊNCIA GERAL
SEMESTRAL DE
A IGREJA DE JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS



A LIAHONA

Janeiro de 1988 Volume 41 nº 1
PBMA8801PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
Relatório da 157ª Conferência Geral Semestral de Outubro de 1987.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:

Ronald L. Knighton

International Magazines:

Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:

Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:

Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Sede da Igreja na Cidade do Lago

Salgado

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26013, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz\$ 265,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 550; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz\$ 25,00**.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, tailiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordonópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,

2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

ÍNDICE POR ASSUNTOS E ORADORES

Os assuntos abaixo, são tratados em discursos iniciados nas páginas indicadas.

Adversidade 6, 14, 57, 91
África 23
Alegria 94
Amor 18, 28, 65
Arrependimento 14, 91
Auto-suficiência 77
Casamento 46, 84
Comemorações 69
Conforto 28
Constituição dos EUA 3
Crianças 46
Crescimento da Igreja 53, 80
Dons do Espírito 18
Ensino 84, 88
Escotismo 25
Espiritualidade 9, 59
Eva 84
Expição 62, 94
Família 84, 88
Fé 39, 53, 57, 91
Honestidade 11
Jesus Cristo 28, 62, 65, 82
Juventude 25, 37, 42
Líderes 72
Maternidade 46, 84, 88
Moralidade 11, 91
Mulheres 84, 88, 91
Mundanoismo 37, 74
Obediência 72, 77, 84
Obra Missionária 21, 23, 39, 53, 59, 77, 80
O Livro de Mórmon 59, 82
Oração 18, 84
Paternidade 46
Perdão 14
Perseverança 6
Profanidade 42
Profetas 72
Responsabilidade 35, 46
Sacerdócio 35, 46, 84
Sacrifício 74, 77
Satanás 31
Serviço 21, 23, 74, 80
Tentação 31, 37
Testemunho 53, 59, 76, 82
Tradições 69
Verdade 9

Os oradores desta conferência são alistados abaixo em ordem alfabética:

Ashton, Marvin J. 18
Backman, Robert L. 59
Ballard, M. Russell 77
Benson, Ezra Taft 3, 46, 82
Bradford, William R. 74
Doxey, Joanne B. 88
Evans, Joy F. 91
Faust, James E. 31
Featherstone, Vaughn J. 25
Haight, David B. 11
Hinckley, Gordon B. 42, 53
Hunter, Howard W. 57
Larsen, Dean L. 9
Martin, Douglas L. 21
Maxwell, Neal A. 28
Monson, Thomas S. 39, 65
Morrison, Alexander B. 23
Nelson, Russell M. 35, 84
Oaks, Dallin H. 62
Pace, Glenn L. 37
Packer, Boyd K. 14
Perry, L. Tom 69
Porter, L. Aldin 72
Richards, Franklin D. 80
Sorensen, Lynn A. 76
Winder, Barbara W. 94
Wirthlin, Joseph B. 6

ÍNDICE

- 2 **RELATÓRIO DA 157ª CONFERÊNCIA GERAL SEMESTRAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS.**

SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO

- 3 **NOSSA CONSTITUIÇÃO DIVINA**
Presidente Ezra Taft Benson
- 6 **NUNCA DESISTAIS**
Élder Joseph B. Wirthlin
- 9 **OLHAR ALÉM DO MARCO**
Élder Dean L. Larsen
- 11 **ÉTICA E HONESTIDADE**
Élder David B. Haight
- 14 **O BÁRBARO DE GILEADE**
Élder Boyd K. Packer

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO

- 17 **APOIO AOS OFICIAIS DA IGREJA**
Presidente Gordon B. Hinckley
- 18 **POIS HÁ MUITOS DONS**
Élder Marvin J. Ashton
- 21 **A SERVIÇO DO SENHOR**
Élder Douglas J. Martin
- 23 **A ALVORADA DE UM NOVO DIA NA ÁFRICA**
Élder Alexander B. Morrison
- 25 **UM DEFENSOR DA JUVENTUDE**
Élder Vaughn J. Featherstone
- 28 **"TODAVIA ESTÁS ALI"**
Élder Neal A. Maxwell
- 31 **"O GRANDE IMITADOR"**
Élder James E. Faust

SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 35 **AS CHAVES DO SACERDÓCIO**
Élder Russell M. Nelson
- 37 **"ELES NÃO SÃO REALMENTE FELIZES"**
Élder Glenn L. Pace
- 39 **RECORDAÇÕES MISSIONÁRIAS**
Presidente Thomas S. Monson
- 42 **NÃO TOMAR O NOME DE DEUS EM VÃO**
Presidente Gordon B. Hinckley
- 46 **AOS PAIS EM ISRAEL**
Presidente Ezra Taft Benson

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO

- 53 **"SENHOR, ACRESCENTA-NOS A FÉ"**
Presidente Gordon B. Hinckley
- 57 **PORTAS QUE SE ABREM — PORTAS QUE SE FECHAM**
Presidente Howard W. Hunter
- 59 **"CHAMADOS A SERVIR"**
Élder Robert L. Backman
- 62 **"A LUZ E A VIDA DO MUNDO**
Élder Dallin H. Oaks
- 65 **UMA PORTA CHAMADA AMOR**
Presidente Thomas S. Monson

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO

- 69 **UMA CELEBRAÇÃO SIGNIFICATIVA**
Élder L. Tom Perry
- 72 **SEGUIR AOS IRMÃOS**
Élder L. Aldin Porter
- 74 **SERVIÇO ABNEGADO**
Élder William R. Bradford
- 76 **"EU IREI CUMPRIR..."**
Élder Lynn A. Sorensen
- 77 **SACRIFÍCIO E AUTO-SUFICIÊNCIA**
Élder M. Russell Ballard
- 80 **OPORTUNIDADES DE SERVIR**
Élder Franklin D. Richards
- 82 **"VINDE A CRISTO"**
Presidente Ezra Taft Benson

REUNIÃO GERAL DAS MULHERES

- 84 **O QUE APRENDEMOS DE EVA**
Élder Russell M. Nelson
- 88 **FORTELECER A FAMÍLIA**
Joanne B. Doxey
- 91 **COMO VENCER OS DESAFIOS NA VIDA**
Joy F. Evans
- 94 **ENCONTRAR ALEGRIA NA VIDA**
Barbara W. Winder

Participação adicional: As orações proferidas na sessão matutina de sábado foram proferidas por: Élder F. Enzo Busche e Élder John K. Carmack; na sessão vespertina de sábado por Élder Angel Abrea e Élder Francis M. Gibbons; na sessão do sacerdócio por Élder Ted E. Brewerton e Élder Philip T. Sonntag; na sessão matutina de domingo por Élder Theodore M. Burton e Bispo Henry B. Eyring; na sessão vespertina de domingo por Élder John H. Groberg e Élder Royden G. Derrick e na Reunião Geral das Mulheres por Patricia K. Graham e Kathleen Lubeck. Autoridades Gerais que não compareceram à conferência geral: Presidente Marion G. Romney, Élder Yoshihiko Kikuchi e Élder John H. Vandenberg.

Fotos deste número ficaram a cargo da Seção de Fotografias do Planejamento e Desenvolvimento de Audiovisuais da Igreja: Jed. A. Clark, fotógrafo-chefe; Eldon K. Linschoten, Philip S. Shurtleff e Welden Andersen, auxiliados por Craig Dimond. Foto da capa por Royce Bair.

RELATÓRIO DA 157ª CONFERÊNCIA GERAL SEMESTRAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

*Sermões e Procedimentos dos dias 3 e 4 de outubro de 1987,
no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.*

Lendo o Livro de Mórmon, um crescente número de pessoas tem-se convencido de que Jesus é o Cristo. Agora precisamos de um número crescente que use o Livro de Mórmon para comprometer-se com Cristo. Precisamos ser convencidos e nos comprometermos”, insistiu o Presidente Ezra Taft Benson, na última sessão da conferência geral de outubro.

“Voltemos a reler continuamente o Livro de Mórmon, para virmos mais plenamente a Cristo, estarmos comprometidos com ele, centralizados e consumidos nele.

Encontramos o adversário todos os dias. Os desafios desta época rivalizam com os de qualquer era

passada, e esses desafios crescerão tanto espiritual como temporalmente. Temos de manter-nos achegados a Cristo, assumir seu nome diariamente, lembrá-lo sempre e guardar seus mandamentos”, declarou o Presidente Benson.

O Presidente Benson presidiu os dois dias de conferência geral. As sessões foram dirigidas pelo Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro, e Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira Presidência. Estiveram presentes todas as Autoridades Gerais, com exceção do Presidente Marion G. Romney, presidente do Quorum dos Doze; Elder Yoshihiko Kikuchi, presidente da Missão Havaí Honolulu; e Elder

John H. Vandenberg, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta.

Os procedimentos da conferência foram televisionados e transmitidos via satélite para muitos grupos de membros da Igreja espalhados pelos Estados Unidos e Canadá. Videotapes da conferência estarão disponíveis na maioria das outras partes do mundo.

Uma semana antes da conferência geral, no dia 26 de setembro, realizou-se a Reunião Geral das Mulheres, transmitida via satélite para centros de recepção nos Estados Unidos e Canadá. Os discursos dessa reunião foram incluídos neste número.

— Os Editores

NOSSA CONSTITUIÇÃO DIVINA

Presidente Ezra Taft Benson

“Nosso Pai Celeste planejou o surgimento dos fundadores de nossa nação e sua forma de governo, como prólogo necessário à restauração do evangelho.”



Meus amados irmãos e irmãs, quão gloriosa é a bênção de estarmos congregados em mais uma grande conferência geral da Igreja. Solicito-vos o benefício de vossa fé e orações ao falar-vos sobre um assunto muito caro ao meu coração e que afeta a Igreja mundialmente.

Celebramos recentemente o bicentenário da assinatura da Constituição dos Estados Unidos. Isto comemorou o início de uma série de acontecimentos que levaram à ratificação da Constituição, implementação do governo por ela criado e à redação e ratificação da Carta de Direitos. Aguardamos ansiosamente a futura comemoração desses importantes eventos dentro dos próximos quatro anos. É em consequência deles que nos podemos reunir em paz hoje em dia, como membros da Igreja de Jesus Cristo restaurada. Por tudo isso deveríamos todos ser eternamente gratos.

Desejo, portanto, falar-vos a respeito de nossa Constituição divina que, diz o Senhor, “pertence à humanidade *toda*” (D&C 98:5), “e (deve) ser (mantida) para os direitos e a proteção de *toda* carne, de acordo com os princípios justos e santos”. (D&C 101:77; grifo nosso.)

A Constituição dos Estados Unidos tem servido de modelo para muitas nações e é a mais antiga em uso hoje.

“Estabeleci, pelas mãos de homens sábios que ergui para esse fim, a Constituição desta terra”, disse o Senhor. (D&C 101:80.)

O Senhor conservou a América oculta na cavidade de sua mão durante séculos, até chegar o tempo certo de torná-la conhecida para seu destino nos últimos dias. “É prudente que não chegue esta terra ao conhecimento de outras nações”, dizia Lêhi, “pois que muitas nações ocupariam a terra, de modo a não deixarem lugar para uma herança.” (2 Néfi 1:8.)

No seu devido tempo, o Espírito do Senhor “agiu” sobre Colombo, os imigrantes puritanos ingleses e outros, induzindo-os a virem para a América. Eles testificaram da intervenção divina em seu favor. (Vide 1 Néfi 13:12-13.) Diz o Livro de Mórmon que eles se humilharam “diante do Senhor; e o poder do Senhor estava com eles”. (1 Néfi 13:16.)

Nosso Pai Celeste planejou o surgimento dos fundadores de nossa nação e sua forma de governo, como prólogo necessário à restauração do evangelho. Lembrai-vos do que nosso Salvador Jesus Cristo disse há quase dois mil anos, quando visitou esta terra prometida: “Porque está na sabedoria do Pai que eles se estabeleçam nesta terra e sejam instituídos como um povo livre, pelo poder do Pai, para que

estas coisas possam vir.” (3 Néfi 21:4.) A América, terra da liberdade, deveria ser a base de operações do Senhor, nos últimos dias, para sua igreja restaurada.

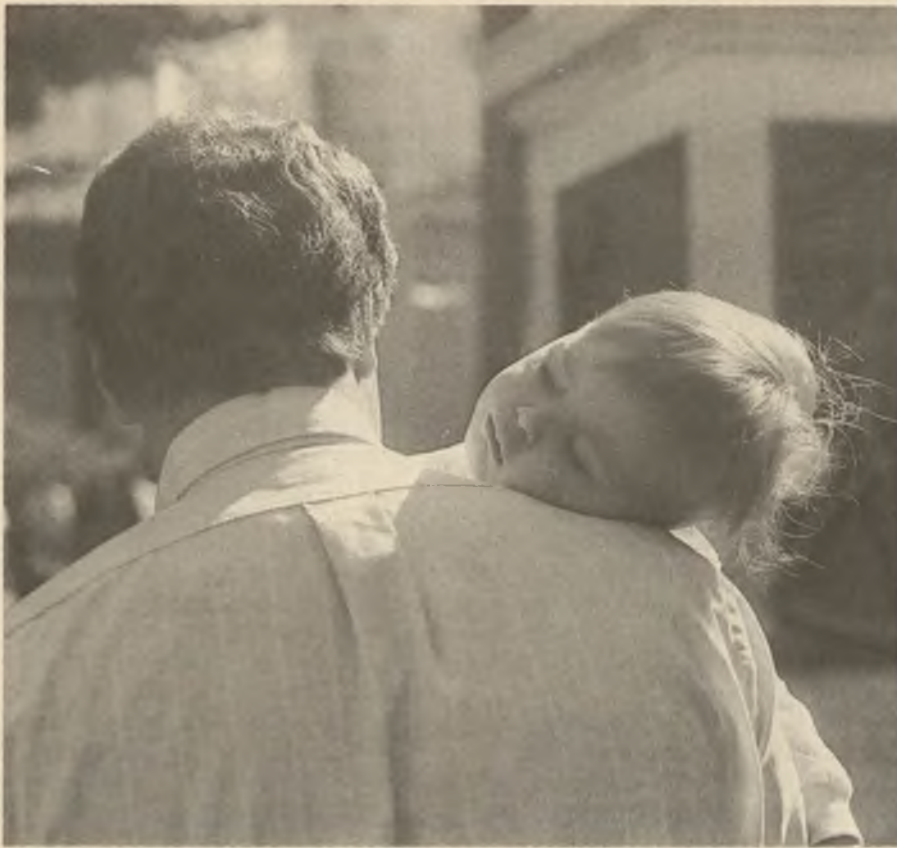
A Declaração de Independência confirmou a fé e confiança em Deus dos patriotas fundadores, nestas palavras: “Temos essas Verdades evidentes por si próprias, de que todos os homens são criados iguais, dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis, estando entre eles a Vida, Liberdade e a busca da Felicidade.”

Doutrina & Convênios estabelece: “Cremos que nenhum governo pode existir em paz, a não ser que tais leis sejam feitas e conservadas invioláveis, de modo a garantir a todo indivíduo o livre exercício de consciência, o direito e controle de propriedade e a proteção de vida.” (D&C 134:2.) Vida, liberdade, propriedade — os três grandes direitos do homem.

Em sua conclusão, diz a Declaração de Independência: “E em defesa desta Declaração, com a firme confiança na proteção da Providência Divina, empenhamos mutuamente um ao outro nossa vida, nossa Fortuna e nossa sagrada Honra.” Esta Declaração foi uma promessa que exigiria terríveis sacrifícios da parte de seus signatários. Cinco deles foram capturados como traidores e torturados antes de morrer. As casas de doze foram saqueadas e incendiadas. Dois perderam filhos na Guerra da Independência, os dois filhos de outro foram feitos prisioneiros. Nove morreram em consequência de ferimentos ou privações da guerra. Disse o Senhor: “Redimi a terra pelo derramamento de sangue.” (D&C 101:80.) E Néfi declara que os fundadores “foram salvos das mãos de todas as outras nações”. (1 Néfi 13:19.)

Os anos imediatamente anteriores à Convenção Constitucional foram repletos de desapontamentos e ameaças à recém-conquistada paz. A Washington ofereceram a monarquia que ele recusou veementemente. Néfi profetizara centenas de anos antes que “esta terra será uma terra de liberdade para os gentios e *não* haverá reis sobre a terra”. (2 Néfi 10:11; grifo nosso.)

Entre os críticos anos de 1783 a 1787, um estranho, observando os Estados Unidos de fora, certamente julgaria inviável que treze estados tão



diferentes pudessem chegar efetivamente a uma união. Os poderes mundiais estavam convencidos de que essa nação não duraria.

Finalmente, doze dos estados se reuniram em Filadélfia para resolver o problema. Madison declarou no início da Convenção, que os delegados “estavam agora elaborando um plano que, em sua aplicação, decidiria para sempre o destino do Governo Republicano”. (26 de junho de 1787, *Records of the Federal Convention*; 1911, 1:423.)

“O Senhor tudo sabe, desde o começo”, dizia Néfi. “Portanto, ele prepara o caminho pelo qual devem ser cumpridas todas as suas palavras entre os filhos dos homens.” (1 Néfi 9:6.)

Quatro meses mais tarde, os convencionais haviam terminado sua tarefa. Conforme disse Gladstone, foi “a mais maravilhosa obra já forjada pelo cérebro e propósito humano” (William Gladstone, *North American Review*, Sept.-Oct. 1878, pp. 185-186), e o Profeta Joseph Smith chamou-a de “um estandarte glorioso... uma bandeira celestial”. (*Ensinos do Profeta Joseph Smith*, comp. Joseph Fielding Smith, p. 143.)

Os delegados foram recipientes de

inspiração celestial. James Madison, muitas vezes considerado o pai da Constituição, escreveu: “É impossível ao homem de ponderação piedosa deixar de perceber nela o dedo da mão Onipotente que tão freqüente e patentemente se tem estendido em nosso socorro nos estágios críticos da revolução.” (*The Federalist*, ed. Henry Cabot Lodge, New York: G. P. Putnam’s Sons, 1983, nº 37, p. 222.)

Alexander Hamilton, famoso como iniciador dos escritos do *The Federalist* e autor de cinquenta e um dos ensaios, declarou: “De minha própria parte, considero-a sinceramente um sistema que, sem o dedo de Deus, jamais poderia ser sugerido e aceito por interesses tão diversos.” (Paul L. Ford, *Essays on the Constitution of the United States*, 1892, pp. 251-252.)

Charles Pinckney, participante muito ativo e autor do Plano Pinckney durante a Convenção, disse: “Quando a grande obra estava feita e publicada, fui tomado de assombro. Nada menos que a supervisora Mão da Providência que tão miraculosamente nos amparou durante a guerra... poderia torná-la tão completa, em seu conjunto.” (*Essays on the Constitution*, p. 412.)

No espaço de dez meses, a

Constituição foi ratificada por nove estados, para os quais, assim se tornou obrigatória. A profecia estava cumprida.

Em seu primeiro discurso de posse em 1789, dizia o presidente George Washington, um homem suscitado por Deus: “Nenhum povo está mais obrigado a reconhecer e adorar a Mão Invisível que dirige os negócios dos homens que o povo dos Estados Unidos. Cada passo pelo qual avançaram para o caráter de nação independente, parece ter sido distinguido por alguma prova de mediação providencial.” (*First Inaugural Address*, 30 de abril de 1789.)

De acordo com o sexto artigo da Constituição, o primeiro ato aprovado pelo Congresso e assinado pelo Presidente Washington a 1º de junho de 1789, foi o juramento de obediência à Constituição a ser prestado por diversos oficiais governamentais.

A oração dedicatória do Templo de Kirtland, conforme ditada pelo Senhor e que consta de Doutrina & Convênios, diz: “Que os princípios que foram defendidos com tanta honra e nobreza por nossos pais, ou seja, a Constituição da nossa terra, sejam estabelecidos para sempre.” (D&C 109:54.)

Pouco depois de tornar-se Presidente da Igreja, o Presidente Spencer W. Kimball designou-me a pesquisar no arquivo do Templo de St. George, esses antigos registros. Realizou-se assim, um velho sonho que eu tinha desde que soube da visita dos Pais Fundadores* ao Templo de St. George. Vi, com meus próprios olhos, o registro da obra realizada a favor dos fundadores desta grande nação, a começar por George Washington.

Imaginal só — os Pais Fundadores desta nação, aqueles grandes homens, apareceram dentro daquelas paredes sagradas, para que se executassem por eles as ordenanças vicárias.

O Presidente Wilford Woodruff se refere a esse incidente com estas palavras: “Antes de eu deixar St. George, os espíritos dos mortos me cercaram, querendo saber por que não os redimíamos, dizendo: “Tendes usado a Casa de Endowment por vários anos, e ainda assim nada fizestes

* É o nome pelo qual o povo americano designa todos os que elaboraram e assinaram a Constituição Americana. N. do t.

por nós. Lançamos o fundamento do governo que agora usufruís e jamais apostatamos dele, mas permanecemos fiéis a ele e a Deus.”” (*The Discourses of Wilford Woodruff*, sel. G. Homer Durham, Salt Lake City: Bookcraft, 1946, p. 160.)

Depois de tornar-se Presidente da Igreja, Wildord Woodruff declarou que “os homens que lançaram o fundamento deste governo americano, eram os melhores espíritos que o Deus dos céus pôde encontrar na face da terra. Eram espíritos escolhidos... (e) foram inspirados pelo Senhor.” (Conference Report, abril de 1898, p. 89.)

Infelizmente, como nação, apostatamos, em vários graus, de diversos dos princípios constitucionais proclamados pelos inspirados Pais Fundadores. Estamo-nos aproximando celeremente do momento profetizado por Joseph Smith, quando disse: “Até mesmo esta nação estará na iminência de fazer-se em pedaços e desmoronar; e quando a Constituição estiver à beira da ruína, este povo será o bordão no qual a nação há de apoiar-se, e eles resgatarão a Constituição prestes a ser destruída.” (19 de julho de 1840, conforme registrado por Martha Jane Knowlton Coray; manuscrito em poder do Escritório do Historiador da Igreja, Cidade do Lago Salgado.)

Nossos antepassados sofreram e se sacrificaram durante séculos para que recebêssemos as bênçãos da liberdade. Se eles se dispuseram a tamanho sacrifício para que fôssemos um povo livre, não deveríamos estar dispostos a fazer o mesmo para conservar essa liberdade para nós próprios e para as gerações futuras?

Unicamente nesta terra preordenada, sob a Constituição inspirada por Deus e o resultante ambiente de liberdade, foi possível estabelecer-se a igreja restaurada. Cabe a nós a responsabilidade de cuidar para que essa liberdade se perpetue, a fim de que a Igreja floresça mais facilmente no futuro.

Disse o Senhor: “Portanto, eu, o Senhor, vos justifico, e aos vossos irmãos da minha igreja, no apoio à lei que é a lei constitucional do país.” (D&C 98:6.)

Qual, então, a melhor maneira de prestigiarmos a Constituição nesta hora crítica, assegurarmos as bênçãos da liberdade e garantirmos a proteção



Elder James E. Faust, do Conselho dos Doze, com Presidente Ezra Taft Benson.

e orientação de nosso Pai Celeste?

Primeiro e acima de tudo, temos de ser justos.

Dizia John Adams: “Nossa Constituição foi feita unicamente para um povo moral e religioso. Ela é absolutamente inadequada para o governo de qualquer outro.” (*The Works of John Adams*, ed. C. F. Adams, Boston: Little, Brown Co., 1851, 4:31.) Para que a Constituição tenha continuidade, é preciso que esta nação americana e, particularmente, os santos dos últimos dias sejam virtuosos.

O Livro de Mórmon nos adverte a respeito do viver nesta terra livre: “Portanto, esta terra é consagrada àqueles que ele trouxe. E se eles o servirem, de acordo com os seus mandamentos, será uma terra de liberdade para eles; e, portanto, não serão mais levados cativos; e se forem será por causa da iniquidade; porque se houver muita iniquidade, o país será maldito para eles; será, porém, sempre bendito para os justos.” (2 Néfi 1:7.)

“Assim”, adverte Morôni, “podemos ver os decretos de Deus relativos a esta terra, que é uma terra de promessa; e todas as nações que a possuírem deverão servir a Deus, ou

serão varridas quando a plenitude de sua ira vier sobre elas. E a plenitude de sua ira virá sobre elas quando houverem amadurecido em iniquidade.” (Êter 2:9.)

Duas grandes civilizações cristãs americanas — os Jareditas e os nefitas — foram varridas deste país por não “servirem ao Deus da terra, Jesus Cristo”. (Êter 2:12.) O que será da nossa civilização?

Segundo, precisamos conhecer os princípios da Constituição na tradição dos Pais Fundadores.

Nós lemos os escritos do *The Federalist*? Estamos lendo a Constituição e ponderando-a? Somos conhecedores de seus princípios? Estamos vivendo esses princípios e ensinando-os a outros? Seríamos capazes de defender a Constituição? De reconhecer quando uma lei é inconstitucional? Estamos a par do que os profetas têm dito a respeito da Constituição e das ameaças a ela?

Conforme dizia Jefferson: “Se uma nação espera ser ignorante e livre... ela espera o que nunca foi nem será possível.” (Carta dirigida ao Cel. Charles Yancey, 6 de janeiro de 1816.)

Terceiro, precisamos ser civicamente ativos para assegurar que sejamos bem

representados.

Diz o Senhor que “considera os homens responsáveis por seus atos” em relação ao governo, “tanto no fazer leis como no administrá-las”. (D&C 134:1.) Precisamos acatar este conselho do Senhor: “Devemos procurar diligentemente homens honestos e sábios, e aos homens bons e sábios deveréis apoiar; porque o que for menos do que isto, provém do mal.” (D&C 98:10.)

Notai as qualidades que o Senhor espera daqueles que nos devem representar. Eles precisam ser bons, sábios e honestos.

Quarto, temos de fazer sentir nossa influência pelo voto, por nossas cartas, ensino e conselho. Temos de estar muito bem informados e depois externar nossa opinião. Disse o Profeta Joseph Smith: “É de nosso dever concentrar toda nossa influência para tornar popular o que é salutar e bom, e impopular aquilo que é malsão. Está certo, politicamente, o homem que tiver influência, usá-la... Daqui por diante mantereí toda a influência que eu conseguir.” (*History of the Church*, 5:286.)

Tenho fé em que a Constituição será salva, conforme foi profetizado por Joseph Smith. Ela será salva pelos cidadãos justos desta nação que amam e apreciam a liberdade. Será salva pelos membros esclarecidos da Igreja — entre outros — homens e mulheres que compreendem e apóiam os princípios da Constituição.

Reverencio a Constituição dos Estados Unidos como um documento sagrado. Para mim, suas palavras são afins das revelações de Deus, pois este lhes após o selo de sua aprovação.

Testifico que o Deus dos céus enviou alguns de seus espíritos mais escolhidos para lançar o fundamento deste governo, e atualmente mandou outros espíritos eleitos para ajudarem a preservá-lo.

Nós, os bem-aventurados beneficiários da Constituição, enfrentamos dias difíceis na América, “uma terra escolhida entre todas as outras”. (Êter 2:10.)

Que Deus nos dê a fé e a coragem demonstradas por aqueles patriotas que empenharam a vida, a fortuna e a sagrada honra.

Que sejamos igualmente valentes e livres como eles, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

NUNCA DESISTAIS

Elder Joseph B. Wirthlin
do Quorum dos Doze Apóstolos

“A perseverança é essencial para nós... Ela determinará nosso progresso na busca da exaltação.”



Sinto-me honrado por seguir o Presidente Ezra Taft Benson. Eu o amo como meu amigo e líder. Ele é, de fato, nosso profeta, vidente e revelador.

No contexto de meus comentários hoje, *perseverança* significa continuar seguindo determinado rumo até atingir uma meta ou objetivo, a despeito de obstáculos, oposição e outras influências contrárias. Qual é nosso curso, qual é nossa meta e quais são os obstáculos e oposição capazes de nos retardar ou desviar?

Nosso curso como membros da Igreja deve ser a observância dos princípios e ordenanças do evangelho. Nossa meta, preencher a medida de nossa criação como filhos e filhas do Pai Celestial — isto é, alcançar a exaltação e vida eterna. Os obstáculos e a oposição que enfrentamos são as tentações e os engodos de Satanás, visando frustrar a obra e glória do Senhor: “Proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.)

Perseverança é um atributo positivo, ativo. Não é ficar-se ociosa e passivamente aguardando, na esperança de que aconteça algo de

bom. Ela nos dá esperança, ajudando-nos a perceber que os justos nunca experimentam o fracasso, a menos que desistam e deixem de tentar.

Quando certas pessoas enfrentam uma tarefa difícil, elas abandonam tudo o mais até que a tarefa esteja terminada. Outras simplesmente desistem. A necessidade de perseverarmos está expressa nestas linhas:

“Gênio é simplesmente o poder de continuar esforçando-se. A divisa entre o fracasso e sucesso é tão delgada que mal percebemos quando a cruzamos; tão imperceptível que muitas vezes nos encontramos sobre ela sem o saber. Quantas vezes um homem já renunciou, quando, com um pouquinho mais de esforço, um pouco mais de paciência, teria sucesso? Um pouco mais de perseverança, um pouco mais de esforço e um aparente fracasso total poderá transformar-se em glorioso sucesso... Não existe derrota a não ser a interior, nenhuma barreira realmente intransponível a não ser nossa própria e inerente fraqueza de propósito.” (Autor desconhecido, *Second Encyclopedia*, ed. Jacob M. Brand, Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, Inc., 1957, p. 152.)

Encontramos numerosos exemplos de perseverança nas escrituras, na história secular e em nossas próprias experiências.

Possivelmente, o mais conhecido exemplo de perseverança do Velho Testamento seja a história de Jó. Como sabeis, ela conta as aflições que acometeram um homem justo e considera os motivos delas. Ela não esclarece plenamente por que Jó, ou qualquer outra pessoa, sofre dores e tormentos, mas deixa claro que as aflições não são necessariamente um sinal da ira de Deus e castigo do pecado, conforme achavam os amigos de Jó. A escritura sugere que, se não for punição, a aflição poderá servir de experiência, disciplina e instrução.

(Vide *Dicionário Bíblico*, sob verbete “Jó”).

Não conheço nada de que os membros da Igreja mais necessitem do que da convicção e perseverança de Jó. Ele era um homem justo, que temia a Deus e evitava todo o mal. Depois que o Senhor permitiu a Satanás atormentá-lo, suas aflições incluíram a perda de seus sete filhos e três filhas, a perda de seus bens e rebanhos, e graves males físicos. Permanecendo fiel ao Senhor durante todo seu indescritível sofrimento e dor, Jó foi capaz de dizer: “Bendito seja o nome do Senhor.” (Jó 1:21) “Ainda que ele me mate, nele esperarei... Também isto será a minha salvação... Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra... ainda em minha carne verei a Deus.” (Jó 13:15-16; 19:25-26.)

O resultado da perseverança de Jó aparece no fim da história. O Senhor abençoou-o com filhos, saúde e muitos bens. Ele continuou em seu curso, a despeito da implacável oposição, até contemplar com seus olhos o Senhor. (Vide Jó 42:5.)

O Livro de Mórmon está repleto de histórias de pessoas que perseveraram até o fim, desde Lêhi e sua família até Morôni, o filho de Mórmon. A vida de Morôni é particularmente instrutiva quanto à perseverança. Os obstáculos que enfrentou podem parecer-nos inverossímeis. Ele viu toda a nação nefita destruída pela espada em uma guerra terrível, devido à iniquidade do povo. Seu pai e toda sua parentela e amigos foram mortos. Ele viveu sozinho cerca de vinte anos, talvez fugindo e se ocultando de lamanitas selvagens que queriam matá-lo. (Vide Mórmon 8:2-7.) Não obstante, continuou a manter os registros conforme o pai lhe recomendara.

Em virtude de sua perseverança e retidão, recebeu a ministração dos Três Nefitas a quem o Senhor permitiu permanecer na terra até sua segunda vinda. (Vide Mórmon 8:11.) Morôni cumpriu, nestes últimos dias, a divina comissão de instruir Joseph Smith em seu chamado como Profeta da Restauração, e entregar-lhe os registros do Livro de Mórmon.

A determinação e a perseverança de Joseph Smith são outro bom exemplo. Depois de ler Tiago 1:5: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o



A partir da esquerda: Elderes John K. Carmack, Russell C. Taylor, Robert B. Harbertson e Devere Harris do Primeiro Quorum dos Setenta.

não lança em rosto; e ser-lhe-á dada”, Joseph compreendeu que tinha de fazer o que Tiago mandava ou, então, continuar em trevas e confusão. A partir do momento em que se ajoelhou em oração, enfrentou enormes obstáculos e oposição. Primeiro, foi subjugado por um poder invisível. Então, diz ele, “justamente neste momento de grande alarma, vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol...”

Logo após esse aparecimento, vi-me livre do inimigo que me havia sujeitado. Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim... Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: — Este é o meu Filho Amado. Ouve-o.” (Joseph Smith 2:16-17.)

Esse maravilhoso acontecimento, logo no início de seu ministério mortal, provou-se um padrão na vida do Profeta. Ele foi ridicularizado, violentamente atacado pelos inimigos, traído por companheiros *achegados* em quem confiava, separado à força de seus entes queridos, julgado e preso sob falsos pretextos e, finalmente, assassinado como mártir pelo populacho. No entanto, conservou-se fiel ao encargo recebido, e serviu conscienciosamente em seu chamado de profeta, para iniciar a dispensação da plenitude dos tempos. Além de ver

nosso Pai Celeste e Jesus Cristo, recebeu instruções e conselhos de anjos e outros seres celestes durante toda a vida.

A história secular também ensina o princípio da perseverança. Winston Churchill é conhecido por sua determinação como líder da Grã-Bretanha durante a II Guerra Mundial. Certa ocasião, já com mais idade, ele voltou à escola onde estudara quando menino. Antes de sua chegada, o diretor dissera aos alunos: “O maior britânico de nossa época visitará esta escola, e quero... que todos vocês estejam aqui com seu caderno de anotações. Quero que anotem o que ele disser, porque suas palavras serão algo para se lembrarem por toda a vida.” O idoso estadista chegou e foi apresentado. Seus óculos pendiam da ponta do nariz, como de costume. De pé, repetiu estas palavras de um seu discurso inesquecível, proferido no Parlamento: “Nunca, nunca, nunca desistam.” E sentou-se. Esta foi sua inigualável mensagem. Sua mensagem merecia, de fato, ser lembrada por todos os meninos que a ouviram e por todos nós. Jamais devemos desistir, a despeito das tentações, frustrações, desapontamentos ou desânimo.

Creio que a perseverança é vital para o sucesso em qualquer empenho, seja ele espiritual ou temporal, grande ou pequeno, público ou pessoal. Refleti



seriamente sobre quão importante tem sido a perseverança, ou a falta dela, em vossos empreendimentos, como chamados na Igreja, estudos ou emprego. Acredito que, essencialmente, toda realização significativa resulta principalmente de perseverança.

Alguns de nossos mais excelentes legados foram produzidos pela aplicação desse princípio. John Milton, por exemplo, estava cego quando escreveu o *Paraíso Perdido*. Ludwig von Beethoven estava surdo, quando terminou algumas de suas melhores composições. Abraão Lincoln era ridicularizado como rapaz desengonçado do interior, que teve muitos fracassos; no entanto, tornou-se um dos maiores e mais eloquentes presidentes dos Estados Unidos. Florence Nightingale dedicou a vida à salvação de inúmeros soldados feridos. Todas estas pessoas deixaram uma marca pessoal permanente no mundo. Seu exemplo deve servir de esperança para todos nós. Tiveram êxito não só por terem sido dotados por Deus com certas qualidades, como fez a cada um de nós em menor ou maior grau, mas por se empenharem com perseverança.

Obviamente, o supremo exemplo de perseverança é nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que venceu e vencerá todo e qualquer obstáculo no cumprimento da vontade do Pai Celeste. Jesus é, de fato, perfeito na perseverança e nos ensinou a sermos perfeitos como ele e o Pai são perfeitos. (Vide 3 Néfi 12:48.) Estudar a vida dele nos ajuda a aprender e viver esse importante princípio.

Desde a época do conselho pré-mortal, no qual Jesus se tornou o Cristo, o Messias, o Salvador de toda a humanidade, até o fim de seu reino milenar, ele tem perseverado e há de perseverar com perfeição, fazendo tudo o que o Pai ordenou. Devido a seu amor a nós, ofereceu-se para cumprir o plano de salvação com estas palavras: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre.” (Moisés 4:2.) Quão diferente da reação de Satanás ao mesmo plano: “Redimirei a humanidade toda, de modo que nenhuma alma se perderá, e sem dúvida o farei; portanto, dá-me a tua honra.” (Moisés 4:1.) O conflito entre as forças do bem e do mal persiste no mundo até hoje — com Jesus perseverando no esforço de salvar almas, e Satanás procurando destruí-las.

Durante seu ministério mortal, como Unigênito do Pai na carne, Jesus ensinou novamente o evangelho. No começo de seu ministério, vemos sua perseverança num dos mais comoventes dramas já registrados. Venceu galhardamente todas as tentações que Satanás conseguiu arquitetar. (Vide Mateus 4:1-11.) Depois de Jesus haver jejuado quarenta dias e noites, acumulando milagrosa força interior, deu-se a batalha dos poderes rivais no deserto da Judéia. Primeiro, Satanás tentou Jesus, apelando ao apetite básico da fome, mandando-o transformar pedras em pão. Jesus ateve-se a seu curso divino e recusou. Em seguida, tentou-o a se jogar do pináculo do templo, alegando que anjos o protegeriam se

fosse realmente o Filho de Deus. Jesus recusou-se a abusar de seu poder divino, dizendo: “Não tentarás o Senhor teu Deus.” (Mateus 4:7.) Satanás raramente desiste. Então apelou para a propensão que provoca a queda de pessoas invulneráveis em outros sentidos — a fome quase irresistível de riquezas. Satanás mostrou-lhe todos os reinos do mundo e ofereceu-lhos se o adorasse. Jesus ordenou a Satanás que se retirasse dizendo: “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás.” (Mateus 4:10.) Eis o tipo de perseverança diante da tentação que cada um de nós pode e deve exercer para evitar a miséria do pecado.

Jesus perseverou durante os últimos dias de sua vida mortal, quando o ânimo do povo se transformou, passando dos brados de “Hosana ao Filho de Davi”, (Mateus 21:9), para o clamor de “Crucifica-o” (Marcos 15:13). Ele suportou as indignidades e abuso físico de seu julgamento perante os líderes judeus e romanos. Por meio de sua expiação e ressurreição, deu ao homem tanto a imortalidade como a possibilidade de vida eterna. Ele pagou a penalidade de nossos pecados, desde que nos arrependamos deles. Como sou grato pelos efeitos de seu amor e perseverança sobre mim!

Provavelmente poucos de nós enfrentaremos oposição e obstáculos semelhantes aos encontrados pelos grandes homens a que me referi. Entretanto, todos nós temos nossos próprios desafios e provações a vencer, no empenho de prosseguir no rumo certo. Frequentemente, as provações mais importantes são as que temos de enfrentar e vencer particularmente em nosso próprio coração.

Testifico que a perseverança é essencial para nossa aprendizagem e vivência dos princípios do evangelho, e que ela determinará nosso progresso na busca da exaltação. Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Ele dirige esta Igreja. Sou grato por trabalhar neste serviço e ser uma testemunha especial de sua divindade. O evangelho foi restaurado nestes últimos dias por intermédio do Profeta Joseph Smith. O Presidente Ezra Taft Benson é nosso profeta, vidente e revelador. Sigamos sua comovente mensagem desta manhã. Presto este testemunho humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

OLHAR ALÉM DO MARCO

Élder Dean L. Larsen

da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

“É extremamente importante que mantenhamos os olhos nas coisas básicas que mais importam e que terão as maiores conseqüências eternas para nós.”



Quando eu era jovem, adorava participar de atividades desportivas de vários tipos. Nunca fui muito bom nessas coisas, mas isto não diminuía meu interesse nem a satisfação proveniente de minha participação. As que mais me interessavam eram as modalidades atléticas de pista e campo. Como estudante, competi em corridas de obstáculos, bem como no lançamento de peso e arremesso de disco. As últimas duas modalidades exigiam que o atleta fizesse o arremesso do interior de um círculo demarcado no campo. Enquanto se mantivesse dentro do círculo durante o lance, este valia para a contagem de pontos. Se pusesse um pé fora dele, sua tentativa era desqualificada como falta. Em geral, permitiam-se três lances preliminares em cada modalidade, seguidos de outros três para aqueles cujos resultados eram suficientes para qualificá-los para as finais. Se o participante errasse as três tentativas, estava fora da competição.

Nós que participávamos desses esportes aprendemos a importância de

nos mantermos dentro da linha demarcada.

Recentemente, lendo o capítulo quatro de Jacó no Livro de Mórmon, passei a ponderar essas experiências de minha juventude. Nessa parte de seu registro, Jacó fala dos israelitas antigos que se meteram em grandes dificuldades: “Mas eis que... desprezaram as palavras ditas com clareza, mataram os profetas e procuraram coisas que não podiam compreender. Portanto, devido à cegueira que lhes veio, por *olhar para além do marco*, terão que cair.” (Jacó 4:14; grifo nosso.)

As expressões figuradas, como essa usada por Jacó em seu escrito — “olhar para além do marco” — geralmente provêm de alguma coisa comum e familiar àqueles a quem são dirigidas. Todo idioma e toda cultura possuem expressões idiomáticas similares.

Fiquei imaginando o que Jacó teria em mente, de fato, referindo-se a “olhar para além do marco” ao descrever uma falha comum na antiga Israel. Conforme já mencionei, as palavras de Jacó trouxeram-me à mente experiências de certos eventos desportivos de minha mocidade, nos quais era tão importante manter-se dentro do “marco”. A força, o empenho e a perícia que um competidor aplicasse nas provas que acabo de descrever, de nada valiam se não se mantivesse dentro do círculo ou “marco”.

Jacó fala de um povo que se colocou em sério risco nas coisas espirituais por não querer aceitar os princípios simples e fundamentais da verdade. Entreteriam-se e intrigavam-se com “coisas que não podiam compreender”; aparentemente sofriam de certa pseudo-sofisticação e esnobismo que lhes davam um falso senso de superioridade sobre aqueles

que apareciam entre eles com as palavras claras e simples do Senhor. Eles ultrapassavam o marco ou limites da sabedoria e prudência, e obviamente não se mantinham dentro do círculo das verdades fundamentais do evangelho que formam a base da fé. Devem ter-se deliciado com especulações e assuntos teóricos que lhes obscureceram as verdades espirituais fundamentais. Fascinados por essas “coisas que não podiam compreender”, perderam o entendimento e a fé no papel redentor do verdadeiro Messias, e o propósito da vida se lhes tornou confuso. Um estudo da história de Israel confirmará as alegações de Jacó.

Parece-me que toda geração enfrenta seus desafios com o “olhar para além do marco”. O Apóstolo Paulo preocupava-se com aqueles que ajudara a adquirir um testemunho de Jesus Cristo. Paulo recomendou a Tito que evitasse “questões loucas... e contendas, e... debates acerca da lei; porque são cousas inúteis e vãs”. (Tito 3:9.)

A Timóteo escreveu ele:

“Que pagues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina.

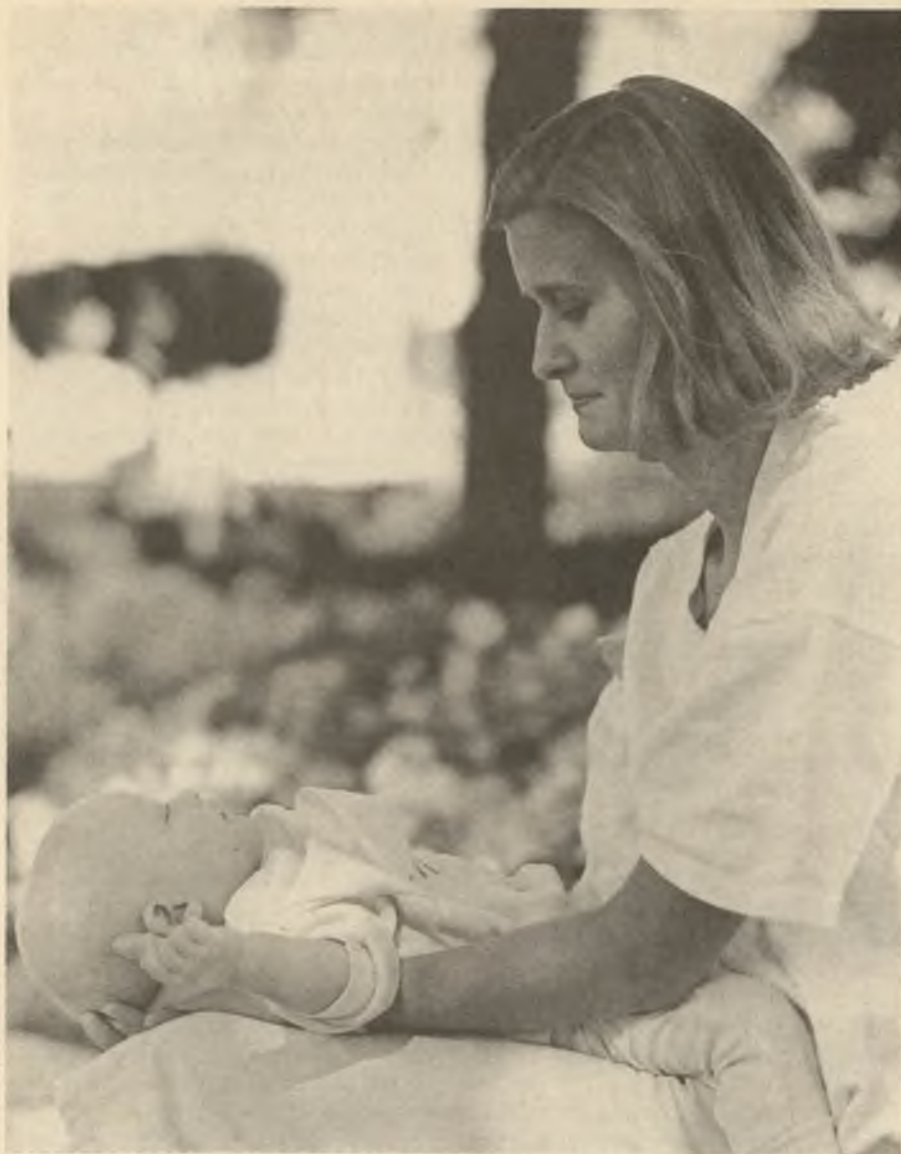
Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências;

E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.” (II Timóteo 4:2-4.)

Antes, Paulo havia aconselhado Timóteo: “Nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que edificação de Deus, que consiste na fé.” (I Timóteo 1:4.)

Ficando a imaginar como nós nos poderemos proteger atualmente do “ir além do marco”, resolvi fazer várias coisas que compartilharei convosco para que possais aplicá-las como quiserdes em vossa vida.

Dedicarei mais tempo e atenção ao estudo e ponderação das escrituras propriamente ditas, do que a comentários e críticas de autoria alheia. Assim fazendo, estarei mais aberto ao Espírito do Senhor, a fim de poder entender tais coisas por mim mesmo. Diz Jacó: “Pois o Espírito fala a verdade e não mente. Portanto,



fala das coisas como realmente são e como realmente serão; assim, estas coisas nos são manifestadas claramente para a salvação de nossas almas.” (Jacó 4:13.)

Estou muito mais interessado em entender as admoestações de Samuel, o Lamanita, quando, de pé nas muralhas de Zarahemla, chamou ao arrependimento os rebeldes nefitas, do que em identificar a localização dessa cidade na geografia atual.

Estou mais vitalmente interessado em qual foi a comissão do Pai e do Filho a Joseph Smith, e nos frutos de seus labores proféticos, do que se mencionou ou não um ou dois personagens divinos em seu relato original da Primeira Visão.

Farei maior empenho em ser digno de portar um ofício ordenado no sacerdócio de Deus, preocupando-me

menos com a data e o lugar exatos da aparição de Pedro, Tiago e João, a fim de restaurarem essa divina autoridade e poder.

Penso em procurar lembrar-me mais consistentemente do perfeito padrão de relacionamento humano demonstrado pelo Salvador em sua própria vida, e me esforçarei mais para imitar esse padrão de solicitude, amor e sacrifício.

Vou procurar ser mais diligente no ensino do que o Salvador quer que eu ensine, e preocupar-me menos em ventilar minhas próprias tendências. Se for influenciar outros, quero fazê-lo em prol das coisas que promovam a fé em lugar de inquietá-los com especulações e questões impossíveis de resolver.

Acho que não refrearei o sadio apetite de conhecimento, de alcançar novos níveis de discernimento. Mas ao

buscar estes novos horizontes, hei de sempre querer voltar ao círculo de minha estabelecida fé, e nutrir continuamente essa fé com o estudo piedoso das verdades reveladas de Deus.

Nas muitas horas que passei, quando moço, exercitando-me para aperfeiçoar meu desempenho no lançamento de peso, às vezes ultrapassava o círculo demarcado para praticar determinada técnica ou detalhe. Aprendi, entretanto, que a menos que meu estratagema me permitisse ficar dentro do “marco” durante a competição, de nada valeria.

As analogias raramente são perfeitas, e a que usei provavelmente o seja menos que outras. Às vezes, entretanto, é proveitoso analisarmos nossa situação em termos de uma comparação assim singela.

Existem outras maneiras de muitos de nós olharmos para além do marco. Vez por outra concentramos a atenção e as energias excessivamente nas necessidades temporais, não só para nosso agrado e satisfação dos apetites físicos, mas também para obter reconhecimento, posição e poder. Podemos-nos deixar consumir a tal ponto pela busca destas coisas, que sacrificamos o encanto e a contínua paz mental encontrados no bem-estar espiritual, no bem cultivado relacionamento familiar, e no amor e respeito de amigos e companheiros.

Muitas vezes permitimos que as exigências estritas da rotina diária amortecemos nosso apreço pela beleza das criações de Deus e pelas influências refinadoras que nos cercam por todos os lados. Deixamos de sentir o senso de realização decorrente do desenvolvimento de dons e talentos com que fomos aquinhoados. Não nos achegamos suficientemente ao Senhor para conhecê-lo e sentir seu amor redentor.

No mundo complicado de hoje, com sua diversidade de exigências e, às vezes, vozes perturbadoras, é extremamente importante que mantenhamos os olhos nas coisas básicas que mais importam e que terão as maiores consequências eternas para nós.

Que Deus nos ajude a assim agir e a não olharmos para além do marco, eu oro sinceramente em nome de Jesus Cristo. Amém.

ÉTICA E HONESTIDADE

Élder David B. Haight

Do Quorum dos Doze Apóstolos

“Nós corremos o risco de perder tanto a liberdade doméstica como a salvação eterna, se baldarmos, por ganância e avareza, as restrições éticas e morais inerentes à Constituição deste país e ao Evangelho de Jesus Cristo.”



Tenho orado pelo benefício de vossa fé e preces, para que consiga externar claramente o que me vai no coração.

James Peter Fugal era um homem honesto! Passou grande parte da vida apascentando ovelhas nas colinas ondulantes de Idaho, tanto ovelhas próprias como as de outros.

Numa frígida noite de inverno, estava cuidando das ovelhas de outra pessoa, quando houve forte nevasca. As ovelhas se aglomeraram num canto do cercado, como costumam fazer, e muitas pereceram. Nas propriedades vizinhas também morreram muitas na mesma noite, devido à inclemência do tempo.

Embora a morte das ovelhas não fosse culpa sua, James Fugal se julgou responsável e passou os anos seguintes trabalhando e poupando para pagar o prejuízo do dono das ovelhas.

Eis o tipo de profunda honra e responsabilidade moral promovida pelos antigos colonizadores das áreas fronteiriças, tementes a Deus e leitores

das escrituras.

Esse mesmo desejo de viver os princípios cristãos era patente em Aurelia Rogers, educada nas planícies, e que fundou a primeira organização da Primária da Igreja. Ela se preocupava com o caráter moral e desenvolvimento social das crianças. As líderes da Primária, desde Aurelia Rogers, têm-se mostrado discípulas dignas e continuam a ensinar integridade, virtude e amor mútuo às crianças, bem como a instilar-lhes o desejo de entender e viver os valores tradicionais.

Recentemente, a Irmã Haight e eu participamos de uma reunião sacramental a certa distância de casa. Terminado o sacramento, verificamos, para nosso deleite, que a Primária ia apresentar o programa que tem por tema: “Cremos em Ser Honestos.”

Fiquei maravilhado com a vivacidade e o interesse daquelas crianças pequenas ao falarem sobre os princípios fundamentais que estavam aprendendo na Primária, como falar a verdade, respeitar a propriedade alheia, merecer confiança e defender o certo.

Lembrei-me de James Fugal, o humilde pastor de ovelhas, e como era maravilhoso essas crianças estarem aprendendo os mesmos valores que o tornaram homem de tão nobre caráter.

Ao acompanharmos essa tão previdente e oportuna apresentação da Primária que ressaltava estes intemporais valores espirituais e morais, meus pensamentos pareceram concentrar-se na similaridade de dois importantes eventos dirigidos pelos céus que nós, membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos motivos especiais para agradecer: a elaboração da Constituição dos Estados Unidos da

América e a restauração do Evangelho de Jesus Cristo — ambos apoiando-se mutuamente de maneira significativa. Além da inspiração divina, os dois precisaram da adesão de pessoas honestas e virtuosas, para que se realizassem seus propósitos divinos.

Atribuímos o surgimento da nação americana e sua sobrevivência a dois fatores vitais. Primeiro, Deus amparou os esforços dos que fundaram a república. James Madison, considerado o pai da Constituição e a quem o Presidente Benson se referiu esta manhã, declarou: “É impossível ao homem de ponderação religiosa, deixar de perceber (na Constituição) o dedo da mão Onipotente que tão freqüente e patentemente se tem estendido em nosso socorro (no estabelecimento de nossa república).” (*The Federalist*, nº 37, New York City, The Modern Library, n.d., p. 231.)

Segundo, a justa conduta e o exemplo de seus cidadãos. Este aspecto é muito bem expresso por Alexander Hamilton, o soldado que se tornou estadista e escreveu que “parece ter sido reservado ao povo deste país, por sua conduta e exemplo, decidir a importante questão, se as sociedades humanas são realmente capazes ou não de estabelecer um bom governo com ponderação e escolha, ou serão destinadas a depender para sempre de acidente e força para seus estatutos políticos”. (*The Federalist*, nº 1, p. 3.)

Os importantes atributos humanos necessários para que esta nova nação se tornasse de fato uma república cooperativa e funcional de estados distintos, foram manifestados por um povo que demonstrou com sua vida, a crença e o desejo de viver numa sociedade de justiça para toda a humanidade. Por intermédio do Profeta Joseph Smith, o Senhor reconheceu, igualmente, que, assim como a nova nação, o evangelho restaurado teria dificuldade de perdurar sem homens e mulheres de igual integridade e conduta.

A pedido de John Wentworth, editor de um jornal de Chicago, Joseph Smith redigiu a 1º de março de 1842 treze breves enunciados conhecidos como Regras de Fé, resumindo as doutrinas básicas da Igreja. Como conclusão, o Profeta escreveu este inspirado código de conduta:

“Cremos em ser honestos,



verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.” (13ª Regra de Fé)

Que inspiradora descrição de pessoas de bem, pessoas tementes a Deus, pessoas dedicadas a tratar a humanidade com justiça! Essas seriam a espécie de pessoas capazes de suscitar uma nação e ajudá-la a sobreviver; a espécie de pessoas que compreendem o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo com a fé necessária para proclamá-lo aos habitantes da terra.

Nós aqui reunidos hoje, e pessoas espalhadas por toda a nação e pelo mundo livre, somos devedores a indivíduos amantes da liberdade que tiveram a fé e a integridade necessárias para lançar os alicerces de nossas sociedades sobre valores morais fundamentais. Só numa atmosfera de liberdade e confiança poderiam florescer valores como a honestidade e a integridade, incentivando assim outros a lutarem por seu direito à liberdade e busca de felicidade.

Portanto, é com grande alarma que lemos nos jornais relatos e ouvimos diariamente noticiários que descrevem

o declínio da decência moral e a erosão da conduta ética básica. Eles detalham a corruptora influência da desonestidade, desde simples e infantis furtos ou trapaças a grandes desfalques, fraudes e malversação de dinheiro ou bens.

Manchetes e reportagens de destaque demonstram dramaticamente a necessidade de honestidade e integridade no relacionamento familiar, mundo dos negócios e conduta de funcionários governamentais e ministros religiosos. Recentes artigos de capa de importantes revistas nacionais com títulos como “Lying in America”* (*U.S. News and World Report*, 23 de fevereiro de 1987) e “What Ever Happened to Ethics”* (*Time*, 25 de maio de 1987), ressaltam a necessidade de preocupação pública para com o rumo que estamos seguindo.

A virtude pública, que espera do homem que ele se eleve acima do interesse pessoal e aja com sabedoria e coragem em prol do interesse público, era tão evidente nos líderes como George Washington que, costumava-se dizer, era incapaz de dizer uma mentira, e Abraham Lincoln, conhecido como “Abe Honesto”. Nos últimos anos, temos visto “funcionário após funcionário — tanto no cenário

*“A Mentira na América” e “O Que Aconteceu à Ética?” (N. do T.)

político nacional como local — colocar o interesse pessoal... acima do interesse público maior...

Homens e mulheres têm... sido removidos de funções federais e até mesmo presos por ultrapassarem os limites estabelecidos pelos autores da nossa Constituição (e mandamentos de Deus).” (Charles A. Perry, “Religious Assumptions Undergird the Entire U.S. Constitution”, *Deseret News*, 27 de setembro de 1987, p. A-19.)

Uma razão do declínio nos valores morais é que o mundo inventou um novo, constantemente variável e não-confiável padrão de conduta moral chamado de “ética circunstancial”. Agora, as pessoas definem bem e mal como dependentes de cada situação; isto se opõe diretamente ao padrão absoluto proclamado por Deus como em “Não matarás”, “Não furtarás”. (Êxodo 20:15.)

Recente pesquisa de opinião pública mostra que a grande maioria dos americanos espera das escolas duas coisas: Que ensinem nossas crianças a falar, raciocinar, escrever e contar; e as ajudem a desenvolver padrões de conduta para guiá-las pela vida. No entanto, alguns professores evitam questões sobre certo ou errado ou se mantêm neutros, ou fazem as crianças escolher seus próprios valores, o que significa deixar muitas delas moralmente à deriva.

Muitos de nossos jovens esqueceram-se do que é certo e do que é errado ou então nunca aprenderam esses valores fundamentais. O clássico pronunciamento do Presidente Harold B. Lee, quando disse que “a mais importante obra do Senhor que fareis será entre as paredes de vosso próprio lar”, é sem dúvida alguma verdade hoje. “Como pais, cabe-nos a responsabilidade de ensinar castidade a nossos filhos... (e não só a serem moralmente limpos, mas a serem) fiéis (e) valentes, empenhando-se em viver (todos os) mandamentos do Senhor.” (*Strengthening the Home*, Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1973, pp. 4, 7-8.)

Certos adultos, incluindo funcionários públicos e líderes cívicos, têm-se desencaminhado também pelos anseios de luxo e prazer.

A devastação sofrida pelas famílias e entes queridos dos condenados por crimes como roubo, fraude, embuste, maus tratos a crianças, transgressão

sexual ou outros crimes graves, é imensurável. Tanto sofrimento, mágoa e até mesmo lares desfeitos resultam da falsa crença de que as pessoas podem estabelecer suas próprias regras de conduta e fazer o que bem quiserem enquanto não forem apanhadas.

As pessoas podem enganar e até mesmo não serem descobertas ou punidas, mas não escaparão dos julgamentos de um Deus justo. Nenhum homem pode desobedecer à palavra de Deus sem sofrer as consequências. Nenhum pecado, por mais secreto que seja, escapa à retribuição e ao julgamento que acompanha tal transgressão.

Nós declaramos: “Só existe uma cura para os males deste mundo... e esta é fé no Senhor Jesus Cristo e... obediência a (seus) mandamentos.” (Mark E. Petersen, *Improvement Era*, dezembro de 1963, p. 110.)

Nós corremos o risco de perder tanto a liberdade doméstica como a salvação eterna, se baldarmos, por ganância e avareza, as restrições éticas e morais inerentes à Constituição deste país e ao Evangelho de Jesus Cristo.

A sobrevivência contínua de uma sociedade livre e aberta depende de um grau elevado de valores e conduta moral divinamente inspirados, conforme declararam os Pais Fundadores. O povo tem que ter confiança em suas instituições e nos seus líderes. A grande necessidade atual é de liderança que exemplifique veracidade, honra e decência tanto na vida pública como na vida particular.

Honestidade não é apenas a melhor política, como dizia Benjamin Franklin, mas a única!

Disse alguém: “Nós memorizamos a Regra de Ouro. Agora está na hora de vivê-la.” O ensinamento do Salvador: “Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós” (Mateus 7:12), deveria ser a base de todo relacionamento humano.

O Senhor é muito claro a respeito da conduta que espera dos habitantes desta terra. Néfi declarou:

“E, novamente, o Senhor ordenou que os homens não cometam assassinio; que não mintam; que não roubem; que não usem o nome do Senhor seu Deus em vão; que não tenham inveja; que não tenham malícia; que não disputem um com o outro; que não cometam



Membros do Conselho dos Doze, Elder Marvin J. Ashton, à esquerda e Elder L. Tom Perry.

libertinagem... porque quem as fizer perecerá.

Porque nenhuma destas iniquidades vem do Senhor, pois ele pratica o bem entre os filhos dos homens;... e convida a todos para que venham a ele e participem de sua bondade.” (2 Néfi 26:32-33.)

Agora é o momento de rededicarmos a vida aos valores e ideais eternos, a fazer as mudanças de que precisamos para harmonizar nossa vida e conduta com os ensinamentos do Salvador.

Do princípio ao fim de seu ministério, Jesus pediu a seus

seguidores que adotassem novos padrões mais elevados em comparação à sua antiga conduta. Como crentes, deviam pautar sua vida por um código espiritual e moral que os apartaria não só do resto do mundo, mas igualmente de algumas de suas tradições. E ele não espera menos dos que o seguem hoje.

Nós realmente cremos em ser honestos, castos, benevolentes e virtuosos? Desta prova talvez dependa a sobrevivência de nossa sociedade, nosso governo constitucional e nossa salvação eterna.

Isto declaro em nome de Jesus Cristo. Amém.

O BÁLSAMO DE GILEADE

Elder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Vemos tanto sofrimento desnecessário, tantos que se amarguram espiritualmente, carregando fardos de que se poderiam livrar.”



Falando deste mesmo púlpito anos atrás, intitulei meu discurso “O Bálsamo de Gileade”. A reação foi surpreendente; naquele mesmo dia, resolveram-se dois litígios. Um dos litigantes, ou ambos, reconheceram que o eventual ganho material não valia o custo espiritual.

Gostaria de repetir grande parte do que disse.

Nos tempos antigos, produzia-se em Gileade, além do Jordão, um unguento da resina de certa árvore e que era amplamente comercializado. Os negociantes ismaelitas que compraram José de seus irmãos, estavam levando esse bálsamo de Gileade para o Egito. (Vide Gênesis 37:25.)

Tornou-se simbólico do poder de abrandar e curar.

*Há um bálsamo em Gileade,
Para curar qualquer ferido;
Há um bálsamo em Gileade,
Que sana almas doentes de pecado.*
(Recreational Songs, The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1949, p. 130.)

Minha mensagem então, e a de agora, é um apelo aos que não se

sentem em paz, àqueles cuja vida tem um travo de amargura, de hostilidade ou de ressentimento. É um apelo àqueles que lutam angustiados com preocupações, ou pesar, ou desapontamento, com culpa ou vergonha.

Vemos tanto sofrimento desnecessário, tantos que se amarguram espiritualmente, carregando fardos de que se poderiam livrar. Muito padecem devido a um real infortúnio ou injustiça. Infelizmente, outros só se imaginam assim. Seja como for, as penalidades infligidas a si próprios, logo se transformam em punição cruel, insólita.

Se o fardo é de culpa, o arrependimento é o bálsamo de Gileade.

Alguns, todavia, querem curar a culpa, procurando autojustificar-se, remédio inócuo que só serve para encobrir os sintomas, mas jamais sanará a causa. A autojustificação nos leva a culpar os outros por nossos erros.

Quando buskais ganhos financeiros, por exemplo, podereis ser tentados por outros a calcular mal ou mesmo ignorar os riscos. Se as coisas derem errado — e elas podem dar errado até nos negócios muito bem calculados — alguns procuram um culpado. Querem achar uma “mina” que os torne sãos. Querem alguém que assuma sua responsabilidade como o bode expiatório do Velho Testamento que, depois de cerimonialmente carregado com pecados alheios, era deixado no deserto.

Não encontram nenhuma dificuldade em descobrir um advogado disposto a atuar como sumo sacerdote na transferência de sua responsabilidade para outra pessoa. Movem ações judiciais com pouca ou nenhuma razão, pretendendo forçar os outros a fazerem um acordo, a fim de

evitar o ônus exorbitante de serem obrigados a defender-se nos tribunais.

Não é absolutamente desonroso recorrer a um tribunal em busca de justiça ou proteção. Refiro-me àqueles que o fazem visando autojustificar-se e lançar a sua responsabilidade sobre outra pessoa.

Tais tentativas apresentam suficientes índices de sucesso que permitam a advogados inescrupulosos convencer mais outro cliente de que não precisa honrar seus compromissos. A palavra *integridade* acaba deslustrada igualmente por conselheiro e cliente. E segue-se a longa trilha de asperezas de irmão contra irmão sobre propriedades ou dinheiro.

Tende cuidado para não vos tornardes pessoalmente um bode expiatório carregando invisíveis fardos espirituais para o deserto. Muito, muito mais sério que a perda de propriedade ou dinheiro, são as penalidades espirituais invisíveis que se acumulam como os juros de uma dívida que, segundo o esquema eterno das coisas, terá de ser obrigatoriamente paga algum dia.

Li certa vez sobre o caso do jovem casal que se estabeleceu no sertão. Enquanto o marido desbravava o solo, a mulher cuidava das coisas em torno da casa. Vez por outra a vaca invadia a horta, o que deixava o marido furioso.

Ao partir, certo dia, para buscar mantimentos, perguntou em tom sarcástico: — Você acha que consegue manter a vaca presa enquanto estou longe? Ela disse que sim, que tentaria.

Naquela noite, desabou um forte temporal. Assustada pelos trovões, a vaca escapou e fugiu para a mata. Dias mais tarde, chegando à cabana deserta, o marido encontrou um bilhete: “Houve um temporal e a vaca escapou. Sinto muito. Acho que conseguirei encontrá-la.”

O homem saiu à procura delas. Nenhuma das duas havia sobrevivido. O autor concluía o incidente com estas palavras:

Os meninos empinam suas pipas como se fossem pássaros de asas brancas. Podeis recolher vossas pipas, mas não vossas palavras não francas.
“Cuidado com o fogo” é sábio conselho, sabeis;
“Cuidado com palavras” é dez vezes mais, pondereis.
Pensamentos não ditos poderão cair

*mortos, passados,
Mas nem Deus poderá calá-los, depois
de falados!*
(Anônimo)

Ser vítima é penoso. Mas ainda não aprendestes quão mais penoso é ser o ofensor?

Como é necessário o bálsamo de Gileade espiritual, pois *existe* um espírito no homem!

Existem disfunções e males espirituais capazes de causar intenso sofrimento.

Se sofreis de preocupação, de pesar, vergonha, ciúme, desapontamento ou inveja, de auto-recriminação ou autojustificação, ponderai esta lição que me foi ensinada por um patriarca, muitos anos atrás. Era um dos homens mais santos que conheço. Era firme e sereno, possuidor de profunda força espiritual na qual muitos se estribavam.

Ele sabia exatamente como ministrar aos que sofriam. Algumas vezes, estive presente, quando dava bênçãos a doentes e aflitos. Sua vida era dedicada ao serviço, tanto na Igreja como em sua comunidade.

Tendo presidido uma das missões da Igreja, sempre aguardava ansioso as reuniões de ex-missionários. Ao avançar em idade, já não mais podia dirigir à noite; então, ofereci-me para levá-lo às reuniões. Esse simples gesto foi recompensado mil vezes.

Certa ocasião, induzido pelo Espírito, deu-me uma lição de vida, tirada da experiência pessoal. Embora eu pensasse conhecê-lo, contou-me coisas de sua vida que jamais poderia imaginar.

Criara-se numa pequena comunidade, com o intenso desejo de tornar-se alguém. Lutou muito para conseguir instrução.

Casara-se com sua amada e na época, as coisas iam bem. Tinha um bom emprego, com ótimas perspectivas para o futuro. O casal se amava profundamente, e ela estava esperando o primeiro filho.

Na noite do nascimento, houve complicações. O médico estava fora, cuidando de doentes no interior.

Depois de muitas horas de sofrimento, a condição da futura mãe tornou-se desesperadora.

Finalmente, conseguiram localizar o médico. Ele tomou as providências adequadas naquela situação de



emergência, e conseguiu resolver o problema. O bebê nasceu e, aparentemente, a crise passara.

Dias depois, a jovem mãe morria da mesma infecção que o médico estivera tratando em outra paciente, na mesma noite.

O mundo de John desabou; nada mais estava certo, tudo errado. Havia perdido a esposa. Não tinha como cuidar do bebê e do trabalho.

No decorrer das semanas, sua dor arruinou. “Esse médico não devia ter permissão de clinicar”, dizia. “Foi ele

quem infectou minha mulher. Se tivesse tido mais cuidado, ela ainda estaria viva.”

Não pensava em outra coisa e, na sua amargura, tornou-se ameaçador. Hoje, sem dúvida, seria pressionado por muitas pessoas a mover uma ação de imperícia médica. E haveria advogados que vislumbrariam, na sua lamentável condição, apenas um ingrediente: dinheiro!

Mas os tempos eram outros e, certa noite, bateram à sua porta. Era uma menininha que disse simplesmente: —



Meu pai gostaria de falar com o senhor. Ele pede que vá procurá-lo.

“Meu pai” era o presidente da estaca. Um moço acabrunhado e aflito foi ver seu líder espiritual.

Esse pastor espiritual estivera vigiando seu rebanho, e tinha algo a dizer-lhe.

Foi simples o conselho desse servo sábio: — John, deixa a coisa como está. Nada que fizer a trará de volta. Tudo o que fizer só servirá para piorar as coisas. John, deixa como está.

Meu amigo contou-me, então, que aquilo fora sua provação, seu Getsêmani. Como deixar estar? Certo é certo, errado é errado! Um erro terrível fora cometido, e alguém teria de pagar por ele. Era um caso incontestável.

Debateu-se em agonia para conseguir dominar-se. Finalmente, decidiu que devia obedecer, apesar dos pesares.

A obediência é um poderoso remédio espiritual. Chega quase a ser um cura-tudo.

Ele decidiu acatar o conselho do seu sábio líder espiritual. Deixaria a questão em paz.

Em seguida, disse-me:

— Eu já era um velho, quando consegui entender! Só com a idade consegui, finalmente, ver um pobre médico da roça — sobrecarregado de trabalho, mal remunerado, mal vestido, correndo de um paciente para

outro, dispondo de poucos medicamentos, nenhum hospital, uns raros instrumentos, procurando salvar vidas e quase sempre o conseguindo.

Ele chegara num momento crítico em que duas vidas estavam por um fio, e agira sem demora. Eu já era um velho — repetiu — antes de finalmente entender! Teria arruinado a minha vida e a de outros.

Muitas vezes rendera, de joelhos, graças ao Senhor por aquele sábio líder espiritual, que lhe aconselhara simplesmente: — John, deixa como está!

E é o conselho que vos repito. Se sofreis de algum ressentimento que vos atormenta, se estais envolvidos nalguma disputa áspera, “eis... o que dizem as escrituras (e dizem-no cinquenta vezes e mais): O homem não ferirá, nem julgará, porque o julgamento é meu, diz o Senhor; e a vingança também é minha, e eu recompensarei.” (Mórmon 8:20.)

Por isso, digo: — João, deixa a coisa como está. Maria, deixa-a estar.

Se necessitais de uma transfusão de força espiritual, então solicitai-a. Nós a chamamos de oração. Ela é um poderoso remédio espiritual. As instruções de como usá-la estão nas escrituras.

Um de nossos sagrados hinos diz assim:

*Com fervor fizeste a prece,
ao amanhecer?...*

*Implorando pela graça
De, ao seres ofendido,
Dares o perdão?
Que repouso alcançado,
É a humilde oração,
Que ao mais desalentado
Traz consolação.
(Hinos, n.º 21.)*

Somos obrigados a suportar certas frustrações sem resolver, de fato, o problema. Certas coisas que precisariam ser corrigidas não o são, porque se acham além de nosso controle. Às coisas que não podemos resolver, precisamos sobreviver.

Se tendes ressentimento de alguém por algo que vos fez — ou deixou de fazer — esquecei-o.

As coisas de que, freqüentemente, nos ressentimos são banais, até mesmo estúpidas. Se, depois de todos esses anos, ainda estais aborrecidos porque Tia Clara não foi à sua festa de casamento, por que não vos mostrais adultos e esqueceis o assunto?

Se continuais remoendo constantemente uma perda ou erro passado, olhai à frente — esquecei-o.

Nós chamamos isso de perdão. O perdão é um poderoso remédio espiritual. Perdoar, oferecer esse bálsamo aos que vos ofenderam, é sarar. E, o mais difícil, quando houver necessidade, perdoai-vos a vós mesmos!

Repito: — João, deixa a coisa como está! Maria, deixa-a estar!

Purgai e lavai e acalmai vossa alma e coração, e vossa mente e a de outros.

Então uma nuvem se levantará, uma trave vos cairá dos olhos. E virá a paz que ultrapassa todo entendimento.

Disse o Senhor: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.” (João 14:27.)

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.

O Espírito da verdade, o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.

Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós.” (João 14:15-18.)

Presto testemunho daquele que é esse conforto, em nome de Jesus Cristo. Amém.

APOIO DOS OFICIAIS DA IGREJA

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



Apresentar-vos-ei agora as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja para voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Ezra Taft Benson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Gordon B. Hinckley como primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e Thomas S. Monson como segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos como presidente do Conselho dos Doze Apóstolos Marion G. Romney e Howard W. Hunter como presidente interino do Conselho dos Doze Apóstolos, e como membros deste conselho: Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard e Joseph B. Wirthlin.

Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Quem estiver contra, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

Há alguns meses foi anunciado que o Élder Jack H. Goaslind foi desobrigado como Presidente do Primeiro Quorum dos Setenta para ser o Presidente da Área Ilhas Britânicas-África.

Aqueles que desejarem estender um voto de agradecimento ao Élder Goaslind por seu serviço dedicado

poderão fazê-lo, levantando a mão.

Apoiamos como Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta Dean L. Larsen, Richard G. Scott, Marion D. Hanks, Wm. Grant Bangerter, Robert L. Backman, Hugh W. Pinnock e James M. Paramore.

Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos todas as outras Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja como presentemente constituídos.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, manifestem-se.

Presidente Benson, parece-me que os votos positivos foram unânimes.



Presidente Ezra Taft Benson, auxiliado por Élder L. Tom Perry do Conselho dos Doze, chega para uma sessão da conferência. À esquerda está Élder Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze.

“POIS HÁ MUITOS DONS”

Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Ao desenvolver e compartilharmos os dons recebidos de Deus, e nos beneficiarmos dos dons daqueles que nos cercam,... a obra de Deus progredirá mais rapidamente.”



Uma das grandes tragédias da vida, parece-me, é quando a pessoa se considera sem nenhum talento ou dom. Quando, desgostosos ou desanimados, nos permitimos chegar a níveis depressivos de desespero por causa de tal auto-avaliação negativa, é um dia triste para nós e um dia triste aos olhos de Deus. Concluir que não temos nenhum dom, quando nos julgamos segundo nossa estatura, inteligência, desempenho, riqueza, poder, posição ou aparência, é não só injusto como irracional.

Em Doutrina e Convênios 46:11-12, encontramos esta verdade: “Pois nem a todos são dados todos os dons; pois há muitos dons, e a cada homem é dado um dom pelo Espírito de Deus.

A alguns é dado um, a outros é dado outro, para que todos sejam assim beneficiados.”

Deus conferiu a cada um de nós um ou mais talentos especiais. Sócrates fez esta conhecida declaração: “A vida não examinada não vale a pena ser vivida.” (“Apology”, *The Dialogues of Plato*, trad. Benjamin Jowett,

Chicago: Encyclopedia Britannica, 1952, p. 210.) A cada um de nós cabe procurar e edificar sobre os dons que Deus nos deu. É preciso não esquecer que somos feitos à imagem de Deus, que não existem pessoas sem importância. Todos importam a Deus e a seus semelhantes.

No Livro de Mórmon, particularmente em 3 Néfi, capítulos onze a vinte e seis, quando o Salvador Jesus Cristo se mostrou ao povo no continente americano, numerosos dons são mencionados como muito reais e sumamente úteis. Tomados ao acaso, citarei alguns que nem sempre são evidentes ou notados, não obstante serem muito importantes. Entre estes, poderão estar os vossos dons — dons não muito visíveis mas, mesmo assim, reais e valiosos.

Examinemos alguns desses dons menos conspícuos: o dom de pedir; o dom de ouvir; o dom de escutar e acatar a voz suave e mansa; o dom de chorar; o dom de evitar contendas; o dom de ser agradável; o dom de evitar vãs repetições; o dom de buscar o que é reto; o dom de não julgar; o dom de buscar a orientação de Deus; o dom de ser discípulo; o dom de se importar com o próximo; o dom da ponderação; o dom de orar; o dom de prestar um testemunho poderoso; e o dom de receber o Espírito Santo.

Temos de lembrar-nos de que a todo homem é dado um dom pelo Espírito de Deus. É nosso direito e responsabilidade aceitar nossos dons e compartilhá-los. Os dons e poderes de Deus são acessíveis a todos nós.

O tempo só me permitirá ressaltar uns poucos desses dons dados por Deus.

1. O Dom da Ponderação

Ao estudar as escrituras, sinto-me desafiado e movido pelo termo

ponderar, usado tão freqüentemente no Livro de Mórmon. Os dicionários definem *ponderar* como pesar mentalmente, refletir profundamente a respeito, deliberar, meditar.

Quando veio ensinar os nefitas, Jesus Cristo disse: “Por conseguinte, ide para vossas casas, ponderai estas coisas por mim faladas e pedi ao Pai, em meu nome, que vo-las faça entender; preparai vosso entendimento para amanhã, e eu virei novamente.” (3 Néfi 17:3.)

Morôni usa o mesmo termo ao encerrar esse registro. “Eis que desejo exortar-vos, quando lerdes estas coisas, ... que vos lembreis da grande misericórdia que tem tido o Senhor para com os filhos dos homens, ... (que as) ponderareis em vossos corações.” (Morôni 10:3.)

Quando ponderamos, damos ao Espírito oportunidade de incutir e dirigir. Ponderar é um poderoso elo entre coração e intelecto. Lendo as escrituras, comovem-se nosso coração e mente. Se usarmos o dom da ponderação, poderemos tomar essas verdades eternas e compreender como incorporá-las em nosso viver diário.

Hoje, incentivados pelo Presidente Benson, milhões estão lendo o Livro de Mórmon, alguns pela primeira vez, outros como um hábito regular. Precisamos lembrar-nos de que os frutos desse grande livro são mais



proveitosos, quando ponderamos enquanto o lemos.

Ponderar é um empenho mental progressivo. É um dom grandioso para aqueles que aprenderam a utilizá-lo. Aproveitando o dom da ponderação, encontramos compreensão, discernimento e aplicação prática do que lemos.

2. O Dom de Buscar a Orientação de Deus

Quantas vezes já não dissemos a nós mesmos ou ouvimos outros exclamar, em momentos de crise ou problemas: “Simplesmente não sei a quem recorrer”?

Existe um dom disponível a todos nós — basta querer usá-lo: o dom de buscar a orientação de Deus. Eis um meio de obter força, consolo e orientação.

“Eis que eu sou a lei e a luz. Voltai a mim vossos olhos, perseverai até o fim e vivereis; porque a todo aquele que perseverar até o fim, dar-lhe-ei a vida eterna.” (3 Néfi 15:9.)

“Voltai vossos olhos a Deus e vivereis.” Esta é a maravilhosa promessa feita tantas vezes nas escrituras.

Voltando nossos olhos a Deus em busca de orientação, o que veremos em seus filhos que poderá ser de proveito? Parece que alguns de nós preferimos o hábito de procurar e apontar as fraquezas de nossos semelhantes. Os dons dos outros, e não suas falhas, tornam possível que todos tiremos proveito.

Que grande consolo espiritual e bênção é saber que, se voltarmos os olhos ao nosso Salvador Jesus Cristo e perseverarmos até o fim, poderemos alcançar a vida eterna e exaltação. Nossa capacidade de ver e compreender só aumenta na proporção da nossa disposição de olhar. Ao voltarmos nossos olhos a Deus, ele se torna mais acessível. Olhar para Deus nos ensina a servir e viver sem compulsão. O fato de ser líder na Igreja não deverá jamais diminuir nosso tempo de “olhar para Deus”.

3. O Dom de Escutar e Acatar a Voz Suave e Mansa

Vozes celestiais suaves e mansas penetram o coração com declarações meigas, convincentes:



“E aconteceu que, ao se acharem assim conversando uns com os outros, ouviram uma voz que parecia vir do céu; e puseram-se a olhar por todas as partes, não compreendendo o que dizia aquela voz, a qual não era áspera nem forte; entretanto, apesar de ser uma voz suave, penetrava até o âmago daqueles que a ouviam, de tal modo que fazia tremer todas as partes do corpo; sim, penetrou até o mais profundo da alma e incendiou todos os corações.” (3 Néfi 11:3.)

Na maioria das vezes, esperança, incentivo e orientação emanam de uma voz suave, penetrante.

As vozes suaves são ouvidas só por aqueles dispostos a escutar. A

comunicação com voz suave e mansa com nossos semelhantes é que torna possível inestimáveis amizades. Aprecio as pessoas que não acham necessário levantar a voz para impressionar ou convencer. Parece que a maioria das pessoas que discutem e gritam deixaram de ouvir o que a voz suave é capaz de contribuir poderosamente.

Nós adoramos ouvir uma vozinha de criança dizer: “Mãezinha, paizinho, eu amo vocês.”

Quão poderosa é a voz suave que sabe como e quando dizer: “Obrigado.”

Pensai na voz celestial, dizendo a Joseph: “Este é o meu Filho Amado.

Ouve-o.” (Joseph Smith 2:17.)

É alentador e confortador ouvir a voz suave declarar: “Sossegai e sabeí.” (D&C 101:16.)

Lembraí-vos de que um de nossos grandes dons é a voz suave e mansa do Espírito Santo sussurrando-nos orientações para nossa vida e possibilitando poderosos testemunhos.

4. O Dom de Acalmar

Que dom magnífico é o de conseguir acalmar os outros! Somos gratos a Deus por aqueles que são calmos em vez de rixentos.

“Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do demônio, que é o pai da discórdia e leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros.” (3 Néfi 11:29.)

A discórdia é a arma do adversário; paz, a ferramenta do Salvador. Que maravilhoso tributo prestamos às pessoas, descrevendo-as como gentis, firmes e calmas!

A contenda impede o progresso. O amor traz progresso eterno.

Onde houver contenda, não pode haver esforço conjunto em qualquer direção proveitosa.

“Cessai de contender uns com os outros; cessai de falar mal uns dos outros.” (D&C 136:23.)

Contenda e discussão devem ser substituídas por calmo debate, estudo, atenção e negociações.

O evangelho é um evangelho de harmonia, união e concordância. Deve ser apresentado com amor, como boas-novas, por pessoas calmas.

Precisamos aprender a conversar, escutar juntos, orar juntos, decidir juntos e evitar toda espécie possível de contenda. Temos de aprender a controlar a raiva. Satanás sabe que, havendo contenda, cessa o progresso ordenado.

Jamais houve para nós, membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, outra época em que fosse mais importante nos mantermos firmes em nossas convicções, e nos conduzirmos com calma segurança em qualquer circunstância. Não nos devemos deixar manipular ou irritar por aqueles que sutilmente promovem contendas sobre assuntos correntes.

“Eis que esta não é a minha doutrina, ou seja, a de agitar com ira



Os visitantes de várias partes do mundo, que não falam inglês ouviram com fones os discursos da conferência em seu próprio idioma. A tradução simultânea em vinte e sete línguas foi feita por intérpretes de tempo integral e voluntários localizados no subsolo do Tabernáculo, que assistiram à conferência em monitores de televisão.

os corações dos homens, uns contra os outros; ao contrário, é preceito de minha doutrina que tais coisas devem cessar.” (3 Néfi 11:30.)

“(Deveis) viver em paz uns com os outros.” (Mosiah 2:20.) Os possuidores do dom da calma tornam possível a paz duradoura.

5. O Dom de Importar-se

Como devemos ser gratos pelas famílias, amigos e organizações que se importam! Eles tornam a vida mais fácil e significativa. E também colhem recompensas em sua solicitude cristã, quando servem pelos motivos certos. Os líderes de qualquer nível devem interessar-se primordialmente em se preocupar compassivamente com o próximo.

“Mas eis que vos digo estas coisas, para que aprendais sabedoria; para que saibais que, quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.)

Nosso Salvador importa-se com todas as suas ovelhas. Como é honroso ser considerado alguém que se importa. Gostaria de contar-vos a história da discreta solicitude de uma pessoa extraordinária, da qual tomei conhecimento nas últimas semanas.

Recentemente, durante uma reunião comemorativa dos vinte e cinco anos

de uma ala no Vale do Lago Salgado, foi prestada uma homenagem ao “Melhor Escoteiro de Todos os Tempos”. A comemoração especial, realizada no salão cultural, que consistiu de um jantar além de um bem elaborado programa, atraiu muitas pessoas de volta à ala, por causa do clima de amizade criado nos últimos vinte e cinco anos.

O mestre de cerimônias apresentou um jovem para prestar essa homenagem especial. Ele era alto e robusto; dirigiu-se ao microfone e disse: — Agora gostaríamos de prestar tributo ao melhor escoteiro que esta ala já teve.

Imediatamente, nomes e rostos de ex-líderes de escotismo ocorreram aos presentes. Quem seria? A ala tivera muitos excelentes chefes de escoteiros. Como decidiriam os encarregados?

O jovem alto e simpático mencionou vários nomes de ex-líderes e então disse: — Não, não é nenhum deles, embora todos tenham sido grandes escoteiros. O reconhecimento de “Melhor Escoteiro de Todos os Tempos” da nossa ala vai para alguém que vem trabalhando na Primária e como líder de escoteiros há quarenta anos. Essa pessoa foi agraciada com uma das maiores distinções no escotismo, e com o mais alto reconhecimento do escotismo na Igreja. — Então, com a voz um pouco

insegura, ele disse: — Nosso reconhecimento de “Melhor Escoteiro de Todos os Tempos” é conferido à Irmã Jennie Verl Keefer. Houve um momento de silêncio no salão, seguido de algumas vozes aprovadoras, e depois explodiram os aplausos que pareciam não mais parar.

A Irmã Keefer foi chamada à frente. Todos os presentes ficaram observando atentos, enquanto esse grisalho feixe de energia andava meio hesitante, com sua baixa estatura mal sobressaindo entre os que estavam sentados. Chegando ao microfone, a surpresa homenageada externou um calmo e emocionado, porém firme, agradecimento. Entre lágrimas de gratidão, comentou que não eram bem quarenta anos que vinha servindo, apenas trinta e sete. E em seguida, acrescentou que, durante todo esse tempo, nunca teve um menino mal comportado.

Então o jovem apresentador pediu a todos os ex-pupilos da Irmã Keefer que viessem ao palco. E eis o assombro. Homens e rapazes aproximaram-se e encheram o espaço atrás da pequena senhora. Homens avantajados, homens de terno e gravata, médicos, bispos, presidentes de empresa, maridos, pais carregando bebês, ex-missionários, empreiteiros, técnicos de computador, dentistas, carpinteiros etc. Todos esses escoteiros haviam sido tocados pelo serviço e solicitude dessa grande e nobre mulher — a melhor escoteira de toda a história da ala. Ela possuía o dom de se importar, e eis ali alguns frutos de seu trabalho. Gerações vindouras ainda hão de abençoá-la pelo que fez. Que grande dom o daqueles que sabem ser solícitos!

“E a cada homem é dado um dom.” (D&C 46:11.) Isto é verdade. Que Deus nos ajude a reconhecer, desenvolver e compartilhar nossos dons com todos os que possam tirar proveito deles, é minha sincera esperança e desejo.

Deus vive. Ele nos abençoa com dons. Ao desenvolver e compartilharmos os dons recebidos de Deus e nos beneficiarmos dos dons daqueles que nos cercam, o mundo pode tornar-se um lugar melhor, e a obra de Deus progredirá mais rapidamente. Destas verdades eu testifico e presto testemunho pessoal em nome de Jesus Cristo. Amém.

A SERVIÇO DO SENHOR

Élder Douglas J. Martin
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Os casais missionários estão encontrando um novo propósito e realização na vida.”



Queridos irmãos e irmãs, há vários anos, em uma conferência geral, ouvi o Presidente Kimball encorajar aos que já haviam criado suas famílias a venderem o carro, deixarem os netos e, por um ou dois anos, dedicarem-se ao serviço do Salvador Jesus Cristo no campo missionário. Suas palavras tocaram-me profundamente e, quando voltei para casa, na Nova Zelândia, repeti-as para minha esposa.

Decidimos planejar de modo a estarmos prontos a servir, antecipando minha aposentadoria para abril de 1987, quando eu completaria sessenta anos. Conversamos com nossos filhos que, mesmo sem dizer muito, concordaram e apoiaram nosso desejo. Do mesmo modo, informei meus companheiros de trabalho com três ou quatro anos de antecedência.

À medida que 1987 se aproximava, nossos planos iam-se encaixando perfeitamente. Aguardava ansiosamente os diversos meses em que faria tantas coisas agradáveis, com as quais havia sonhado por anos. E, no tempo certo, nosso chamado para a missão viria.

Um dia, em fins de março deste ano,

entretanto, recebi um telefonema que acabou levando-nos à conferência geral na Cidade de Lago Salgado, antes da data planejada para me aposentar, em abril.

Como somos gratos por termos dado ouvidos aos sussurros do Espírito, seguindo aquele conselho do Presidente Kimball anos atrás!

Deve haver muitos irmãos na Igreja hoje, em diferentes países, cuja idade e situação são semelhantes à nossa. Talvez aquela voz mansa e delicada esteja sussurrando a vós. Ao dardes ouvidos a ela, lembrai-vos da promessa contida na revelação recebida pelo Profeta Joseph Smith: “E agora, na verdade, na verdade te digo: Põe a tua confiança naquele Espírito que conduz à prática do bem” (D&C 11:12).

Minha esposa e eu estamos agora a serviço do Senhor e fomos designados a trabalhar nas ilhas Filipinas, Micronésia e Guam. Estamos nesse chamado há somente um mês e nossa vida já mudou por completo. Trocamos o inverno pelo verão em apenas doze horas, e a carne de cordeiro da Nova Zelândia por um delicioso peixe chamado *lapu lapu*. Conhecemos um presidente de estaca filipino, típico, magro e de cabelos negros, que calmamente disse: “Tenho a mesma idade que o senhor, Élder Martin”.

Logo após chegarmos às Filipinas, viajamos cerca de cem quilômetros em direção ao norte, para nossa primeira conferência de estaca. No caminho, pudemos vislumbrar a pobreza de tantos desse povo tão amável. Essa também foi uma experiência nova e nossos corações se encheram de pesar. Instalamo-nos num pequeno hotel de uma cidade distante, e logo sentimos a falta de muitas das coisas que consideramos comuns e com as quais estamos acostumados. Então, subitamente, ao entrarmos pelo terreno da capela, nossos espíritos se elevaram. Fomos saudados por rostos



À esquerda, Elder Dean A. Larsen e Elder Richard G. Scott, ambos da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

radiantes e sorridentes, mãos estendidas, vestidos impecáveis e camisas extremamente brancas.

Não éramos estranhos ou estrangeiros, e sim, concidadãos destes santos e da família de Deus. Logo em seguida, viria ter a minha experiência filipina mais marcante, até agora.

A medida que caminhávamos, trocando apertos de mão e saudações, uma jovem franzina estendeu timidamente o braço. Quando o toquei, percebi que ela não tinha mão naquele e nem no outro braço.

Trocamos sorrisos e continuei a andar.

Na próxima vez em que encontrei novamente esta irmã, ela e seu marido haviam sido convidados a discursar, como um jovem casal selado no Templo de Manila dentro dos últimos dezoito meses. Quando ela se levantou, notei que, além de haver nascido sem as mãos, também tinha uma perna artificial. Ao ela discursar em primeiro lugar, e ser seguida pelo marido, uma extraordinária história sobre sua vida

desenrolou-se à nossa frente.

O presidente da estaca era seu pai. Cumpriu missão de tempo integral, o que, para outros, poderia ter sido um obstáculo, mas que para ela fora apenas uma dificuldade. Descreveu seus sentimentos a respeito de ter ido casar-se no Templo de Manila, de maneira extremamente bela. Seu discurso demonstrava uma maturidade na compreensão do evangelho e da humildade, difícil de ser igualada. Então, seu marido se levantou e contou como havia escrito à namorada depois de estar na missão há dois meses e, mais tarde, perto do final, sobre como queria casar-se com ela no Templo de Manila, quando voltasse para casa. Não houve dúvidas ou mudanças de opinião, apesar da distância, mas sim uma crescente compreensão do significado e bênçãos do casamento eterno, de ambas as partes.

Após a conferência, quando orgulhosamente nos mostraram seu

bebê e, enquanto refletíamos nas esplêndidas realizações desse jovem casal, lembramo-nos das palavras do Salvador: “Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam” (Lucas 11:28).

Desde aí temos estado em diferentes lugares nas Filipinas. Conhecemos casais missionários em toda parte, muitos deles mais idosos que nós. O casal Johnson, de Fremont, Califórnia, trabalha num local distante chamado Vigan. Eles estão na Igreja há não muitos anos, desde que se batizaram. Em Vigan, o *carabao* ou búfalo d’água e os triciclos a motor são praticamente os únicos meios de transporte. Os Johnson encaram tudo com uma atitude positiva.

Sempre que conheço e converso com casais missionários, sinto amor e respeito por sua humildade e desejo de ajudar os santos filipinos. Consideram a missão uma das grandes oportunidades de servir o Mestre. Eles sempre perguntam: “Quantos netos os irmãos têm?” Ao respondermos oito, eles logo dizem: “Temos dezesseis”, “vinte e três”, ou talvez “vinte e sete” e, quase sempre completam: “E há dois que ainda não conhecemos”. Eles sentem falta da família e dos netos, mas não se queixam. Ao invés, aguardam ansiosos o dia em que voltarão a se reunir com a família. Enquanto isso, recebem todo o amor do devotado povo filipino.

Como nós, todos esses casais missionários estão encontrando um novo propósito e realização na vida. A Seção 4 de Doutrina e Convênios tem agora um novo significado:

“Portanto, se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho;

Pois eis que o campo já está branco, pronto para a ceifa; e eis que aquele que lança a foice com toda sua força, põe em reserva para que não pereça, e traz salvação à sua alma” (vers. 3-4).

Oro para que os casais cujos filhos já estão criados possam ouvir e obedecer ao Espírito que impele o chamado para se preparar e servir no campo missionário. Sei que esta é a Igreja do Senhor, que Joseph Smith foi um profeta de Deus e que o Presidente Benson é o atual profeta de Deus na terra. Sou grato por ser membro da Igreja e pelas bênçãos que ela tem proporcionado à minha vida e à de meus familiares. No sagrado nome de Jesus Cristo, amém.

A ALVORADA DE UM NOVO DIA NA ÁFRICA

Elder Alexander B. Morrison
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O irradiar da luz do evangelho sobre a África é uma poderosa manifestação e testemunho do amor de Deus a todos os seus filhos.”



Os profetas proclamam e as escrituras atestam suavemente que todo homem e mulher que desejarem alcançar a verdadeira felicidade, devem atender a isto: “Vinde a Cristo, sede perfeitos nele.” (Morôni 10:32.) Na verdade, esse é o mesmo propósito de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — convidar, encorajar e ajudar todos os filhos de Deus, tanto os vivos quanto os mortos, a virem a Cristo e “(se apegarem) a toda boa dádiva” (Morôni 10:30), para que “possais receber a remissão de vossos pecados e sejais cumulados com o Espírito Santo, para que sejais contados entre os de meu povo, que são da casa de Israel” (3 Néfi 30:2).

Esta é a razão pela qual fazemos a obra missionária. Esse propósito divino explica por que o Salvador ressuscitado proclamou a seus apóstolos escolhidos que eles, após receberem o Espírito Santo, deveriam servir-lhe de testemunhas, “tanto em

Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (Atos 1:8.)

A frase “até aos confins da terra”, ficou gravada em minha mente, algumas semanas atrás, quando tive o privilégio de acompanhar o Elder Marvin J. Ashton, do Conselho dos Doze, até uma terra verde e grande, à qual tenho muito amor — o continente africano. Sob a autoridade do santo Apostolado, Elder Ashton dedicou dois países do oeste da África — Libéria e Costa do Marfim — e um na África central — Zaire — para a obra do Senhor e para a pregação da plenitude do evangelho de Cristo.

Esses países unem-se a outros na supostamente chamada “África Negra”, onde o importante trabalho de trazer almas a Cristo já começou. O tempo da colheita chegou. Estamos testemunhando a alvorada de um novo dia, o início de uma nova era na África.

Em seu magnífico hino sobre a Restauração, Parley P. Pratt, apóstolo desta dispensação, descreveu com paixão poética sua visão gloriosa desta grande obra dos últimos dias:

*A alva rompe em Sião
E a verdade faz volver
Depois da longa escuridão...
Bendito dia vai nascer!*
(“A Alva Rompe”, *Hinos*, nº 179.)

Quão inteiramente essas palavras se aplicam à África! A luz da plenitude do evangelho de Cristo, como um feixe de claridade transcendente e de beleza fulgurante, está-se irradiando majestosamente sobre aqueles povos e terras longínquos. Ela dispersa a escuridão espiritual e afasta as sombras do erro e da superstição que por muito tempo pairaram sobre o “continente negro”. Ela incide sobre um povo

preparado — um povo preparado pelo Espírito de Deus. As palavras de Alma, proferidas em um contexto diferente, vêm-me à mente:

“... O Senhor derramou o seu Espírito sobre toda a face da terra, a fim de preparar as mentes dos filhos dos homens, ou preparar seus corações, para receberem a palavra que lhes seria ensinada...”

... Para que não fossem obstinados contra a palavra, nem fossem descrentes e se efetuasse sua destruição; mas para que recebessem a palavra com alegria, e, como um ramo, fossem enxertados na verdadeira videira, para poder entrar no descanso do Senhor seu Deus.” (Alma 16:16-17.)

Nossos irmãos e irmãs africanos, verdadeiramente, “recebem a palavra com alegria”. Ansiosos por aprender e rápidos em compreender, atentos e compreensivos, espiritualmente sensíveis, sedentos da água viva e famintos do pão da vida, eles se prepararam durante longo tempo para esse dia. Se o preço da espiritualidade é sofrimento e aflição, trabalho árduo e dor, nossos humildes irmãos e irmãs africanos estão bem preparados para receber e seguir a plenitude do evangelho de Cristo. A grande maioria é muito pobre; a fome e a pestilência seguem seus passos e visitam seus lares regularmente. As oportunidades de educação e trabalho são extremamente limitadas.

Mas apesar de tudo, eles são um povo feliz, generoso e amoroso, ansioso de aprender e ávido por obedecer aos mandamentos de Cristo.





Entre eles existe muita compreensão sobre a importância das famílias. Se um trabalha, doze comem. Muitos, em sociedades tecnologicamente mais avançadas, esqueceram-se do que o mais simples camponês africano sabe tão bem: a família é o bloco fundamental sobre o qual qualquer sociedade deve ser edificada, para que possa perdurar por muito tempo.

Nós, santos dos últimos dias, temos orgulho justificável de nossa herança pioneira — daqueles vigorosos e corajosos pioneiros que, sob condições de muita privação e sacrifício,

lançaram a fundação para o futuro crescimento da Igreja. Quão afortunados somos pelo espírito pioneiro perpetuar-se hoje em dia! Em todos os cantos da África, há fiéis membros da Igreja, não-africanos, que lá vivem e trabalham; santos dos últimos dias procedentes de vários países.

Testifico que eles não estão lá por acaso. Como parte do plano grandioso de Deus para o crescimento, eles foram colocados nas fronteiras da Igreja pela providência divina, para servirem de “aios” e “amas” (1 Néfi 21:23.) —

centros de força, à volta dos quais a Igreja pode crescer. São as pessoas certas no lugar e tempo certos dentro da história. A sua missão é de amor e serviço.

Progressivamente, a eles estão-se juntando maravilhosos missionários, muitos dos quais são casais aposentados da América do Norte e Europa, ricos em experiências na Igreja e ansiosos de servir, com um espírito elevado de aventura e sacrifício. É grande a necessidade de casais missionários adicionais para trabalharem na África e a recompensa para tal serviço é sublime e eterna.

O irradiar da luz do evangelho sobre a África é uma poderosa manifestação e testemunho do amor de Deus a todos os seus filhos. Nas palavras do profeta nefita Amon: Ele “se lembra de todos os povos, estejam onde estiverem; ele conta o seu povo e suas entranhas de misericórdia cobrem toda a terra.” (Alma 26:37.)

Sabemos pelo testemunho de Pedro que “Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo.” (Atos 10:34-35.)

Néfi registrou que “o Senhor estima toda a carne como uma só e aquele que é justo é favorecido por Deus” (1 Néfi 17:35), pois “ele pratica o bem entre os filhos dos homens; e não faz nada que não seja claro para os filhos dos homens; e convida a *todos* para que venham a ele e participem de sua bondade; e *nada* nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres;... e *todos* são iguais perante Deus.” (2 Néfi 26:33; grifo nosso.)

“Ele reúne seus filhos dos quatro cantos da terra, conta suas ovelhas e elas o conhecem; e haverá um rebanho e um pastor; e alimentará suas ovelhas, que nele se apascentarão.” (1 Néfi 22:25.)

A coligação e reunião dos filhos de Deus na África, está apenas começando. Nas palavras do profeta Joseph, ela seguirá adiante, “corajosa, nobremente e independente até... (a verdade de Deus ter) varrido cada país e soado em cada ouvido, até que os propósitos de Deus sejam cumpridos e o Grande Jeová diga que a obra está realizada”. (*History of the Church*, 4:540.) Disso eu testifico humildemente no sagrado nome de Jesus Cristo, amém.

UM DEFENSOR DA JUVENTUDE

Élder Vaughn J. Featherstone

Do Primeiro Quorum dos Setenta

“É tempo de o Sacerdócio Aarônico atingir a maioridade. A barra de ferro que vos leva à árvore da vida, rapazes, pode bem ser o cumprimento da completa e plena obra do Sacerdócio Aarônico.”



Na conferência da AMM de junho de 1968, o Élder Harold B. Lee fez um maravilhoso discurso intitulado “Um Líder — O Defensor da Juventude”. (Salt Lake City: Young Men’s Mutual Improvement Association, 1968.) Sendo que ouvi e li o discurso, gostaria não só de fazer comentários sobre este assunto, como também qualificar-me como defensor de e para a juventude.

Lembro-me da história de uma professora que ajudava um jovem aluno a calçar as galochas. Elas pareciam menores que seus sapatos. Ajoelhando-se perto dele, puxou, empurrou e esticou uma das botas até que conseguiu calçá-la. Então seguiu o mesmo processo com a outra. Quando finalmente terminou, o menino disse: “Estas galochas não são minhas.” Com muito esforço, a professora, finalmente, conseguiu tirá-las. Então ele disse: “Elas são da minha irmã, mas minha mãe me fez usá-las.”

Algumas pessoas que trabalham com jovens podem achar que não servem para este chamado. Nem

sempre é fácil trabalhar com a juventude, mas eu, tendo Deus como testemunha, tenho um grande amor pelos jovens.

Durante um acampamento na Finlândia, os escoteiros decidiram que eu deveria aprender a tomar sauna. Os finlandeses aquecem suas saunas à temperatura de 170 a 180 graus. O presidente da estaca Olli Roto que, junto com os escoteiros, que eram especialistas, estava ensinando-me, fez um pequeno feixe de galhos de videiro. Quando começamos a transpirar, ele pegou o feixe e com ele fustigou-me as costas, tórax e pernas, dizendo: — Isto traz o sangue à superfície. — Respondi-lhe: — Funciona. Corremos então e mergulhamos no Mar Báltico e, a seguir, regressamos à sauna. É impressionante o que aprendemos quando estamos trabalhando com a juventude.

O Élder Orson F. Whitney disse: “Vós que sois pais de voluntários e geniosos! Não desistais. Não os rejeiteis. Eles não estão completamente perdidos. O Pastor encontrará a sua ovelha. Eles eram dele antes de serem vossos — muito antes de confiá-los aos vossos cuidados; e não podeis começar a amá-los assim como ele os ama. Eles se desviaram do Caminho da Virtude por ignorância, mas Deus é misericordioso com a ignorância. Somente a plenitude do conhecimento traz a plenitude da responsabilidade. Nosso Pai Celestial é muito mais misericordioso, muito mais caridoso, que até mesmo o melhor dos seus servos; e o evangelho eterno tem mais poder para salvar do que nossa mente limitada pode compreender.” (Conference Report, abril de 1929, p. 110.)

O Élder Lee citou em seu discurso Horace Mann, o qual, “convidado a

dedicar uma grande escola para meninos... disse: — Se esta escola que custou milhões, for capaz de salvar apenas um rapaz, todo esse dinheiro foi bem gasto. Ao término da reunião, um dos seus amigos lhe disse: — Você exagerou um pouco, não? Você não quis dizer que todos esses milhões que gastamos aqui teriam valido a pena se salvassem apenas um rapaz. Horace Mann olhou para ele e respondeu: — Não, meu amigo, não teria sido demais se esse rapaz fosse meu filho.”

Então, com grande poder e emoção, o Élder Lee disse: “Quero dizer-vos que não seria demais se esse rapaz fosse um dos meus netos. Eles são preciosos para mim e alguns são teimosos, obstinados e marotos como seu avô, que é difícil e duro de lidar. Se alguém, por favor, Deus, puder apenas ajudá-los a passar por essa idade perigosa como eu fui ajudado, ficaria imensamente grato.” (*A Leader — The Champion of Youth*, p. 3.)

A juventude de hoje é maravilhosa. O Élder L. Tom Perry, a Presidência da Área Sul de Utah e a presidência das Moças realizaram recentemente reuniões para todos os alunos do seminário da área do Lago Salgado. Na Cidade do Lago Salgado, a juventude lotou o Tabernáculo, o Assembly Hall, o auditório do Salt Palace, e quatro mil jovens se comprimiram na Praça do Templo para ouvir as mensagens. Tivemos vinte e três mil jovens no Marriott Center na BYU, três mil duzentos e vinte no Dixie College e mais de três mil no Snow College. O total excedeu em cinco mil, o número de alunos matriculados no seminário.

Convidamos esse maravilhoso exército moderno de Israel a envergar a armadura de Deus, defender a verdade e tornar-se uma influência maravilhosa e poderosa contra a imoralidade, as drogas e a indulgência. A resposta tem sido impressionante. A juventude da Igreja é uma das forças para o bem mais poderosas que temos na terra hoje.

Não é difícil entender por que o grande Deus nos céus reservou esses espíritos especiais para a obra final do Reino antes do Milênio.

Meu coração, assim como o de Enoque, parece “avultar-se como a eternidade” (Moisés 7:41), quando penso no que nossa juventude e aqueles que estão nascendo nesta



época realizarão. Esta geração enfrentará provações e dificuldades que excederão as de seus antepassados pioneiros. Nossa geração tem tido certos períodos de trégua do inimigo; a geração futura, porém, terá pouca ou nenhuma. Entretanto, sua grande fé no Senhor lhes dará a força necessária.

Nossa juventude influencia seus companheiros para o bem. O Presidente Wilford Woodruff disse na conferência geral de 1898: “A respeito da salvação dos mortos, o Profeta Joseph Smith disse que na ressurreição aqueles que tivessem sido beneficiados por essa obra, se prostrariam aos pés daqueles que o fizeram por eles, beijariam seus pés, abraçariam seus joelhos e manifestariam a mais profunda gratidão.” Acredito que nossa juventude salvará uma geração inteira. Sua obra suscitará esses mesmos sentimentos e emoções dos pais e avós daqueles que forem resgatados espiritualmente.

Creio que a promessa de Amon a seus irmãos, aplica-se à juventude de hoje. No capítulo 26 de Alma, lemos: “Sim, não serão abatidos pela borrasca, no último dia, nem perturbados pelo furacão; mas, quando vier a tormenta, serão reunidos em seu lugar, para que a tempestade não possa chegar onde estejam; e também não serão impelidos, pelos ventos fortes, para onde o inimigo queira levá-los.

Mas eis que estão nas mãos do Senhor da colheita, e lhe pertencem; e

ele os levantará no último dia.” (Vers. 6-7.)

Esta é uma geração escolhida.

Há algum tempo, eu estava em Raymond, Alberta, Canadá. Debbie, uma linda adolescente, fez um discurso na conferência da estaca. Entre outras coisas ela disse: “Gostaria de falar-lhes sobre um amigo que tive na escola quando fazia o segundo grau.” Contou que se julgava feia mas que seu amigo lhe dizia que era linda. Quando havia um baile, ele dançava com ela e a animava. Dizia ela: “Ele era o meu melhor amigo. Era bonito e popular, e vivia a sua religião. Nunca ouvi praguejar ou violar a Palavra de Sabedoria, e ia à igreja fielmente.

Foi bom que ele fosse um membro firme da Igreja”, disse ela “pois eu o seguia por toda parte. Fazia o que ele fazia e o teria seguido a qualquer lugar. Não posso expressar o amor e respeito que tenho por ele. Eu não era sua namorada, mas com certeza o amava. Ele está na missão agora e nos correspondemos regularmente. Ele ainda me ama e ainda é o meu melhor amigo. Ele é o meu irmão mais velho.”

Que bênção é para a Igreja quando irmãos e irmãs têm esse tipo de amor e respeito mútuo!

Em abril de 1945, o Élder Harold B. Lee falou de nossos rapazes no serviço militar. Disse ele: “Ouí um médico dizer, recentemente, que os relatórios médicos constataram que os rapazes que se desestabilizaram mentalmente

(durante a II Guerra Mundial) eram, em sua grande maioria, rapazes de lares desfeitos, cujas esposas ou namoradas tinham sido infiéis.” Então ele acrescentou: “Ouvimos muito nesta conferência sobre os nossos rapazes. Mas temos ouvido pouco sobre as nossas moças.” (Conference Report, abril de 1945, p. 165.)

Somos gratos a Deus pelas grandes mulheres como a Presidente Dwan Young e a Presidente Ardeth Kapp, que são grandes defensoras da juventude. São mulheres nobres, maravilhosas, mulheres de visão e entendimento.

As mulheres são dotadas de atributos e características especiais que as acompanham desde a eternidade, e herdadas de uma mãe divina. As moças têm sentimentos especiais a respeito da caridade, do amor e da obediência, os quais lhes foram dados por Deus. Grosseria e vulgaridade são contrárias a sua natureza. Elas exercem sobre os rapazes uma influência benéfica e positiva. As moças não foram preordenadas a fazer o que os portadores do sacerdócio fazem. Sua função é sagrada e dada por Deus, e os atributos que receberam da mãe celestial são tão importantes quanto os dons dados aos rapazes.

Às vezes, mulheres ou homens mal orientados afastam nossa juventude do seu papel divinamente designado. Eternamente, os homens jamais serão capazes de procriar. Toda moça pode ser uma procriadora junto com Deus, e carregar um pequenino em seu seio, seja nesta vida ou nos mundos eternos. A maternidade é uma bênção maravilhosa e inestimável, não importa o que o mundo inteiro diga. A ordenação ao sacerdócio é uma bênção para os homens. As consequências são graves quando a maternidade ou o sacerdócio são violados ou postos de lado.

Todos os profetas têm sido defensores da juventude, mas penso que nosso amado profeta, o Presidente Ezra Taft Benson, encontra-se no pináculo daqueles que amam e defendem nossa juventude. Quem se esquecerá do maravilhoso conselho dado recentemente pelo Presidente Benson aos rapazes e moças da Igreja? Os dois discursos foram distribuídos à Igreja em forma de folheto. (Vide *Para os Rapazes do Sacerdócio*, 1986; *Para as Moças da Igreja*, 1986.)

Durante as comemorações do Jubileu de Diamante dos Escoteiros da América em fevereiro de 1985, o Presidente Gordon B. Hinckley disse:

“Que coisa maravilhosa é plantar no coração de um menino a máxima impulsionadora: “Prepare-se.” Preparar-se para o quê? Para dar nós, sim. Amarrar nós é uma tarefa de principiante, mas é importante. De certa maneira, todo o processo de viver e fazer envolve amarração de nós, o tipo de nós que seguram e não se soltam sob pressão e cansaço. Vemos ao nosso redor evidências de fracasso, de nós que se desfizeram quando deveriam ter resistido. Eles são evidentes em carreiras mal sucedidas, em negócios mal sucedidos, em fracassos profissionais, em casamentos desfeitos. Ser capaz de atar o nó certo para a ocasião certa e pela razão certa é fazer com que ele permaneça firme mesmo sob tensão, faz parte do processo de estar preparado.” (Boy Scouts Program, 10 de fevereiro de 1985.)

A vida toda do Presidente Thomas S. Monson tem sido dedicada à juventude. Ele faz parte do Comitê Executivo Nacional dos Escoteiros da América. Seus discursos durante todos estes anos têm refletido um amor especial pela juventude. Quem será capaz de esquecer seu discurso “Corre, Rapaz, Corre!”? (Vide *A Liahona*, janeiro de 1983, pp. 32-36.)

Donald Dowdle, um grande amigo meu, estava presente em uma reunião realizada há muitos anos. Um jovem conselheiro na presidência da estaca, Thomas S. Monson, acabara de concluir seu discurso. O velho patriarca da estaca levantou-se na congregação e disse: “Thomas Monson se sentará no Quorum dos Doze Apóstolos.” A seguir sentou-se. Realmente, Thomas Monson assim o fez. E que grande defensor da juventude ele tem sido!

Disse o grande filósofo americano Yogi Berra: “O bom arremesso é melhor que a boa defesa, e vice-versa.” Ele disse também: “Se não souber para onde está indo, estará sujeito a acabar em outro lugar.”

Acho que Lord Baden-Powell era dotado de um fogo ardente no peito em favor da juventude. Ele queria que os jovens soubessem para onde estavam indo. Foi outro grande defensor da juventude, e escreveu o



À esquerda Élder Howard W. Hunter, Presidente Interino do Conselho dos Doze, e Élder Boyd K. Packer, membro do Conselho.

que denominou de sua mensagem de despedida aos escoteiros do mundo:

“Queridos Escoteiros:

Se já viram a peça “Peter Pan”, lembrar-se-ão de como o chefe dos piratas estava sempre fazendo seu discurso de morte por rezear que sua hora de morrer chegasse sem que tivesse tempo de expressar seus sentimentos. Isto acontece comigo também, e, por isso, apesar de não estar morrendo neste momento, qualquer dia destes isto será inevitável; portanto, quero enviar-lhes uma palavra de despedida.

Lembrem-se, é a última coisa que ouvirão de minha parte; portanto meditem sobre o que vou falar.

Tenho tido uma vida muito feliz e quero que cada um de vocês tenha igualmente uma vida tão feliz quanto a minha.

Creio que o Senhor nos coloca neste mundo admirável para sermos felizes e apreciarmos a vida. A felicidade não vem da riqueza, nem de uma carreira bem sucedida ou da auto-indulgência. Um passo em direção à felicidade é tornar-se saudável e forte enquanto forem jovens, para que possam ser úteis e apreciar a vida quando se tornarem homens.

O estudo da natureza lhes mostrará quantas coisas belas e maravilhosas Deus criou neste mundo para nós desfrutarmos. Contentem-se com o que possuem e façam o melhor uso possível dele. Olhem o lado bom das coisas ao invés do ruim.

A verdadeira maneira de alcançar a felicidade, entretanto, é proporcionar felicidade aos outros. Procurem deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram, e quando chegar a sua vez de morrer, poderão morrer felizes sentindo que de certa maneira não desperdiçaram seu tempo mas deram o melhor de si. “Preparem-se” desta maneira para viverem felizes e morrerem felizes — não se afastem da sua Promessa Escoteira — mesmo depois de terem atingido a idade adulta — e que Deus os ajude a fazê-lo. Seu amigo, Baden-Powell.”

Agora, também aos meus jovens amigos, de alguém que os ama:

O que fazeis agora, hoje, poderá ter conseqüências de longo alcance. Creio que o Sacerdócio Aarônico e as Moças da Igreja de hoje, liderarão a juventude do mundo durante os tempos mais difíceis da história. É tempo de o Sacerdócio Aarônico atingir a maioridade. A barra de ferro

que vos leva à árvore da vida, rapazes, pode bem ser o cumprimento da completa e plena obra do Sacerdócio Aarônico. À medida que ordenamos vossas forças em vossa verdadeira identidade como diáconos, mestres e sacerdotes no sagrado Sacerdócio Aarônico, mobilizamos um exército de Israel como nunca antes visto na Igreja. Vosso número é uma legião. Creio que será exigido de vós realizar a obra mais importante desta dispensação, com exceção da realizada pelo Profeta Joseph Smith.

O Presidente Spencer W. Kimball disse: “Quando leio a história da Igreja, fico impressionado com a coragem dos primeiros irmãos aventurando-se pelo mundo. Eles pareciam sempre encontrar um caminho. Mesmo durante as perseguições e dificuldades, eles saíam e abriam portas que evidentemente estavam pendentes de suas dobradiças e muitas outras prestes a fechar...”

Esses homens de valor começaram a andar pela terra com dignidade e honradez, com mantos nos ombros, chaves nas mãos e amor no coração.” (Discurso proferido no Seminário de Representantes Regionais, 4 de abril de 1974, p. 9.)

Meus jovens e fiéis amigos, vós podeis ter a mesma coragem que eles tiveram. Podeis andar com a mesma dignidade e honradez, com o manto sobre os ombros, chaves nas mãos e amor no coração.

Então exclamaremos como fez Amon: “Gloriemo-nos... no Senhor; sim, nós nos rejubilaremos, pois que nosso gozo é completo; sim, louvaremos nosso Deus para sempre. E quem poderá glorificar-se demasiadamente no Senhor? Quem poderá falar demasiado sobre o seu grande poder, sua misericórdia e longanimidade para com os filhos dos homens? Eis que vos digo que não posso expressar nem a mínima parte do que sinto.” (Alma 26:16.)

Não conheço obra mais maravilhosa. Tendo Deus por testemunha, eu amo esta obra com cada partícula de meu coração e alma; amo-a mais que a minha própria vida. Sinto-me muito honrado por andar ao vosso lado como um verdadeiro e leal defensor da juventude.

Deus vos abençoe, juventude de nobre estirpe, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“TODAVIA ESTÁS ALI”

Elder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Jesus já está familiarizado com nossos pecados, enfermidades e dores. Pode carregá-los agora, porque já o fez, com sucesso, antes!”



O que João e Paulo escreveram acerca das criações de Deus e da pluralidade de mundos, o evangelho restaurado afirma grandiosamente, declarando que foram criados “mundos sem número”. (Moisés 1:33; vide também João 1:3; Hebreus 1:2, 11:3; D&C 93:10.) Essas verdades evangélicas são afirmações muito significativas para nós, situados como estamos neste “grão de areia”, nas fimbrias de uma pequena galáxia, a Via Láctea. Sem a plenitude do evangelho, pareceríamos estar vivendo um mero segundo do relógio geológico e em meio à imensidão desconhecida.

Não obstante, devemos-nos concentrar neste planeta, exatamente como o Senhor falou a Moisés:

“Mas eu só te darei um relato desta terra e dos seus habitantes. Porque eis que há muitos mundos que... deixaram de existir... e são incontáveis para o homem; mas, para mim, todas as coisas estão contadas, porque são minhas e eu as conheço.” (Moisés 1:35.)

Enoque, a quem o Senhor revelou tantas coisas, louvou a Deus em meio a

suas vastas criações, e exclamou confiante: “Todavia estás ali.” (Moisés 7:30; vide também Jeremias 10:12.)

Essa mesma confiança pode acompanhar-nos através de todas as épocas e condições de nossa vida. O Deus universal está, de fato, envolvido em nossos pequenos universos de experiência pessoal! Em meio a seus imensos domínios, ainda assim ele nos conta, nos conhece e nos ama perfeitamente. (Vide Moisés 1:35; João 10:14.)

Além de saber que Deus existe, é igualmente vital saber como ele é, inclusive conhecer seus perfeitos atributos de justiça e misericórdia. Maior número de mortais morrem ignorando o verdadeiro caráter de Deus do que precisamente em rebeldia com ele. Crer na bondade e no poder de Deus é muitíssimo facilitado pelo entendimento do seu plano de salvação, com sua decisiva concessão de arbítrio moral ao homem, um autêntico arbítrio moral — com erros reais e consequências reais! Seu plano prevê provas reais, dilemas reais, angústia real e alegria real.

Mesmo sabendo ter sido chamado pessoalmente por um Deus pessoal, Enoque teve de lutar contra sentimentos de inadequação pessoal. (Vide Moisés 6:31.) Também chorou por causa da condição humana, mas foi-lhe dito: “Eleva teu coração, regozija-te e vê.” (Moisés 7:44.) Não houvesse olhado e sido espiritualmente esclarecido, Enoque teria visto a condição humana isolada da grandiosa realidade. Se Deus não estivesse ali, a pergunta de Enoque ter-se-ia transformado num desesperado grito sem resposta!

A princípio, Enoque recusou-se a “ser consolado”. (Moisés 7:44.) Mas depois, viu o plano de Deus, a futura vinda do Messias no meridiano dos

tempos e, finalmente, o triunfo dos propósitos de Deus; viu justiça e misericórdia caracterizando o trono de Deus. (Vide Moisés 7:31.)

Significativamente, as conseqüências do mau uso do arbítrio humano foram explicadas a Enoque: deu-se aos mortais o mandamento de que se “amassem uns aos outros”; não obstante, tornaram-se um povo sem “amor e odeiam seu próprio sangue”. (Moisés 7:33.)

Nós, também, podemos recusar-nos a ser consolados, acusando Deus injustamente de grande parte da miséria humana, causada, na verdade, pelo não cumprimento dos mandamentos pelos mortais. Ou, como Enoque, ter suficiente humildade intelectual para olhar e aceitar as verdades sobre a existência de Deus e de sua personalidade e planos.

Ai de nós, quando o Senhor dá “linha sobre linha” e “preceito sobre preceito” sobre si mesmo e seus planos, e muitos ignoram esses grandes dons. Em lugar de linhas, alguns exigem parágrafos inteiros e mesmo páginas. Quando Deus concede “um pouco aqui, um pouco ali” (Isaías 28:10), alguns querem muito e já!

Ainda assim, as páginas das escrituras farfalham com confirmações tranquilizadoras, como estas concedidas afetuosamente a Abraão:

“Meu filho, meu filho (e sua mão estava escondida), eis que te mostrarei todas estas. E ele pôs a mão sobre meus olhos, e vi aquelas coisas que suas mãos haviam feito, que eram muitas; e elas se multiplicaram ante meus olhos, e não pude ver seu fim.” (Abrão 3:12.)

Seja qual for a proporção das coisas, o Senhor está ali! Seja falando de como o sol, a lua e as estrelas mostram “Deus obrando em sua majestade e poder” (D&C 88:47), ou descrevendo os lírios do campo como melhor ataviados que Salomão em toda sua elegância, quem é melhor qualificado que o Criador para descrever assim os céus ou comparar vestidos e flores? (Vide Mateus 6:28-29.)

Uma solitária mulher samaritana foi uma das primeiras a saber, da própria boca de Jesus, que ele era, de fato, o Messias. Maravilhou-se, quando ele lhe disse “tudo quanto tenho feito”. (João 4:29.) Jesus estivera na vida dela por longo tempo. Para apressar o



reconhecimento, Jesus ressurreto mandou Pedro lançar a rede para apanhar determinado cardume de peixes. (Vide João 21:6-8.) A Deidade chamou Samuel, Maria Madalena, Paulo e Joseph Smith pelos respectivos nomes. (Vide I Samuel 3:4; João 20:16; Atos 9:4; Joseph Smith 2:17.)

Macro-amor com tais micromanifestações!

Deus não está apenas ali, nas mais amenas expressões de sua presença, mas também nas expressões aparentemente severas. Por exemplo, quando a verdade “penetra até o âmago” (1 Néfi 16:2), poderá ser sinal de que está havendo uma cirurgia espiritual, extirpando penosamente o orgulho da alma.

Deus está ali também, quando palavras verdadeiras, porém duras, abrem, à força, a porta de uma mente dominada por uma única obsessão. Às vezes, irmãos e irmãs, em lugar de a mente girar em torno de uma idéia, é uma idéia que envolve a mente — outra maneira de a “soberba... (cercá-la) como um colar”. (Salmo 73:6.)

O Senhor está realmente ali para repreender aqueles a quem ama, inclusive os espiritualmente eminentes.

O irmão de Jared deixara de orar tempo demais. (Vide Êter 2:14.) Mesmo o justo poderá descuidar-se, se o Senhor não estiver ali para repreendê-lo. Mais tarde, o irmão de Jared que fora repreendido, viu a Cristo! (Vide Êter 3:13-16.)

O que nós, mortais, consideramos imprevisto, Deus já viu, como por exemplo, que as reservas de petróleo da terra configurariam os conflitos entre nações nos últimos dias. “É a mão (de Deus) que está estendida sobre todas as nações.” (Isaías 14:26.) Ele previu, igualmente, todos os terríveis surtos de fome, alguns resultantes da irresponsável e desnecessária destruição do precioso solo arável. Certamente previu as terríveis perseguições aos judeus. Tendo criado a terra, anteviu o impacto do movimento dos continentes na frequência e intensidade dos terremotos nos últimos dias. Ele, que usou da analogia de que “os ímpios são como o mar bravo que se não pode aquietar” (Isaías 57:20), também sabe onde e quando, nos últimos dias, vagalhões gigantescos se arremessarão selvagememente “além de seus limites”. (D&C 88:90.)

Sem revelações, todavia, as respostas a respeito do motivo da nossa existência e do sofrimento humano, escapariam até mesmo à melhor digressão intelectual:

“Eis que grandes e maravilhosas são as obras do Senhor. Quão insondáveis são as profundezas de seus mistérios! E é impossível ao homem descobrir todos os seus caminhos. E não há ninguém que os conheça, a não ser que lhe sejam revelados; portanto, irmãos, não desprezeis as revelações de Deus.” (Jacó 4:8.)

As supremas perguntas humanas prendem-se realmente ao “por quê”? O evangelho positivamente “transborda” de respostas a essas indagações sobre o propósito humano. As verdades do evangelho são as verdades vitalmente integradoras e ordenadoras, esclarecendo-nos não apenas as “coisas como realmente são”, mas também “como realmente serão”. (Jacó 4:13.)

Não admira, pois, que deveríamos render “diariamente graças a Deus” (Alma 34:38), porque “tudo mostra que existe Deus; sim, até mesmo a terra e tudo o que existe sobre a sua face; seu movimento, e também todos



os planetas que giram regularmente, testemunham que existe um Supremo Criador”. (Alma 30:44.)

Além disso, “todas as coisas que foram dadas por Deus aos homens, desde o começo do mundo, são a representação (de Cristo)”. (2 Néfi 11:4.)

Prover um adequado suprimento de oxigênio neste planeta, é uma forma de Deus nos dar “alento para... viver”, como dizia o Rei Benjamim em sua litania. (Mosiah 2:21.) Deus conserva este planeta habitável, “preservando (-nos) de dia em dia”. (V. 21.) Diante de tudo o que ele tem feito, não admira sermos, comparativamente, “servidores inúteis”. (V. 21.)

Não obstante nossa inutilidade, nosso Redentor ainda está ali. Na verdade, os transcendentais serviços de Jesus ao homem remontam à era pré-mortal. Quando Deus nos apresentou seu plano de salvação, Jesus estava ali, apresentando-se em voluntária e humilde mansidão: “Eis-me aqui, envia-me” (Abraão 3:27), dizendo: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre.” (Moisés 4:2.) O Pai, preocupado com a liberdade de escolha de todos, deu oportunidade também a Lúcifer:

“Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade toda,

de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida o farei; portanto, dá-me a tua honra.” (Moisés 4:1; vide também Abraão 3:27; Isaías 6:8.)

Notai o egocentrismo que permeia essas poucas linhas. A linguagem voltada para o “eu” é geralmente acompanhada por joelhos que não se dobram, porque os orgulhosos, como na parábola de Jesus, confiam em si mesmos, crendo ser justos, e desprezam os outros. (Vide Lucas 18:9.)

Há muito tempo, foi igualmente o manso, amoroso Redentor Jesus que previu a necessidade de levar o evangelho aos que se encontravam em prisão espiritual, incluindo os ímpios da época de Noé, quando o escolhido implorou perante a face de Deus. (Moisés 7:39.) Jesus tem estado ali como nosso paciente Pastor durante eras.

Nós não precisamos estar nos altos de uma montanha ou em bosques sagrados, para Deus estar ali. Deus também está ali na mais amena expressão de sua presença.

A consciência permite ao Senhor estar ali, seja nas primeiras advertências ou nas últimas. Ele nos dá uma centelha de discernimento ou um vislumbre de recordação, afastando-nos da beira do precipício ou induzindo-nos a fazer o bem. A consciência pode avisar-nos de que apenas nos estamos retardando mais e mais ao insistir na vingança. A consciência nos adverte a não cravarmos nossas travas fundo demais na turfa mortífera, tão perigosamente artificial.

De inúmeras maneiras, a Deidade estará sempre ali, exatamente como testifica Enoque, inclusive em nosso sofrer.

Alguns de nós, desesperadamente enfermos, conhecemos a solidão de um quarto de hospital à noite, quando os entes queridos se foram ou estão “dormindo de tristeza” (Lucas 22:45), incapazes de “velar” nem mais “uma hora”. (Mateus 26:40.) A noite intensifica a quietude nos corredores do hospital, enquanto essas pessoas roçam o véu da morte. Mesmo assim, estejam ou não “designado(s) para morrer” (D&C 42:48), esses fiéis estão na mão de Deus. Eles o conhecem e sabem: “Todavia estás ali!”

Viúvas e viúvos, cuja solidão se

estende por anos e anos, quando o consolo das lembranças empalidecidas já não basta, às vezes soluçam sem ver propósito algum nisso tudo. Entretanto, mais tarde conhecerão momentos em que o Senhor “enxugará... as lágrimas de todos os rostos”. (Isaías 25:8.) Enquanto isso, podem realmente testificar: “Todavia estás ali!”

Esposas e maridos cuja vida é destroçada pela traição do cônjuge, talvez se julguem abandonados ou engolfados pela injustiça. Não obstante, eles, também, podem saber: “Todavia estás ali”, atendendo ao convite de Jesus: “Vinde a mim, todos os que estais... oprimidos, e eu vos aliviarei.” (Mateus 11:28.)

Pais que, empenhados em alcançar e resgatar o adolescente revoltado, sofrem desapontamento após desapontamento e ficam imaginando quando tudo aquilo terminará, podem estar certos: “Todavia estás ali!”

A vós que assim sofreis e, não obstante, perseverais e testificais pela eloquência de vosso exemplo, nós vos saudamos em Cristo! Perdoai, por favor, a nós que tão canhestramente procuramos confortar-vos. Nós sabemos donde provém vosso verdadeiro consolo. O ombro de Deus está ali para vos encostardes.

A prometida paz de Jesus é uma forma especial de descanso em meio à agitação. Mesmo quando outras coisas estão em comoção, seus discípulos podem continuar tranquilos. (Vide D&C 45:26, 32.) Eles sabem que o Senhor está ali nos últimos dias. “Eu sou aquele que tirou da terra do Egito os filhos de Israel; e o meu braço está estendido nestes últimos dias, para salvar o meu povo, Israel.” (D&C 136:22.)

Podemos lançar, confiantes, nossas ansiedades sobre o Senhor, pois, devido aos eventos torturantes do Getsêmani e do Calvário, Jesus já está familiarizado com nossos pecados, enfermidades e dores. (Vide 1 Pedro 5:7; 2 Néfi 9:21; Alma 7:11-12.) Pode carregá-los agora, porque já o fez, com sucesso, antes! (Vide 2 Néfi 9:8.)

Sim, as criações de Deus estão “estendidas”, mas da mesma forma está o seu braço redentor! (Vide Êxodo 6:6; Salmo 136:6.)

Aquele que está sempre ali é perfeito em seu amor. Ademais, “as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu,

e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam”. (I Coríntios 2:9; vide também Isaías 64:4.)

A Restauração, pois, está repleta dessas abundantes confirmações tranquilizadoras sobre Deus, a vida, o universo e sobre nós.

Ao percorrermos rapidamente o panorama repleto de maravilhas da Restauração, exclamando e observando, não deve surpreender-nos que nossas primeiras impressões sejam tudo, menos definitivas. Não é de admirar que alguns de nós nos confundamos e tomemos um grupo de árvores pela mata inteira ou que, em algumas de nossas exclamações jubilosas, exista um pouco de exagero involuntário.

Perambulando em meio aos majestosos madeiros da verdade, somos envolvidos inevitavelmente pela penetrante fragrância do pinho. Nossos bolsos ficam estufados de pedras e pinhas recolhidas como lembrança; estamos cheios de alegria infantil. Não há maneira de examinar tudo — seja numa excursão ou em várias. Além disso, nosso assombro crescerá quanto mais nos familiarizarmos com ela. Afinal, alguém não dado a hipérboles utilizou o termo *maravilhoso* para descrever a Restauração!

Um reconhecimento mais aprofundado, na verdade, produz certa abafada expectativa, porque, algum dia, tudo será dado aos fiéis. “E dia virá em que ... serão reveladas aos filhos dos homens todas as coisas que ocorreram entre eles, bem como tudo o que se dará até o fim do mundo.” (2 Néfi 27:11.)

Como Moisés, Néfi esteve no cume de “montanhas mui altas” e contemplou “grandes coisas... demasiadamente grandes para o homem”. (2 Néfi 4:25.) À semelhança de Enoque, Néfi citou os atributos de Deus que ali está entre mundos inumeráveis, declarando:

“Oh! Quão grande é a bondade de nosso Deus!” (2 Néfi 9:10.)

“Oh! Quão grande é a misericórdia de nosso Deus!” (2 Néfi 9:19.)

“Oh! Quão grande é o plano de nosso Deus!” (2 Néfi 9:13.)

Júbilo e firme, acrescento minha débil voz ao testemunho dessas maravilhosas declarações de adoração, em nome de Jesus Cristo. Amém!

“O GRANDE IMITADOR”

Elder James E. Faust

Do Quorum dos Doze Apóstolos

“Não nos precisamos deixar paralisar pelo medo do poder de Satanás. Ele não tem poder sobre nós, a menos que o permitamos.”



Talvez já conheçais a história, e não passa de história, dos garotos insubordinados e barulhentos de uma classe na Escola Dominical, aos quais o professor, exasperado, indagou por que se davam ao trabalho de frequentá-la. Um dos mais atrevidos respondeu: — Viemos ver o senhor fazer um milagre.

Aproximando-se lentamente do rapazinho, o professor respondeu ameaçador: — Aqui não fazemos milagres, mas expulsamos demônios!

Por alguma razão, sinto-me induzido a falar-vos hoje contra o demônio e seus anjos — a fonte e origem de todo mal. E o faço em espírito de oração, porque Satanás não é o tipo de assunto iluminado. Considero-o como sendo o grande imitador.

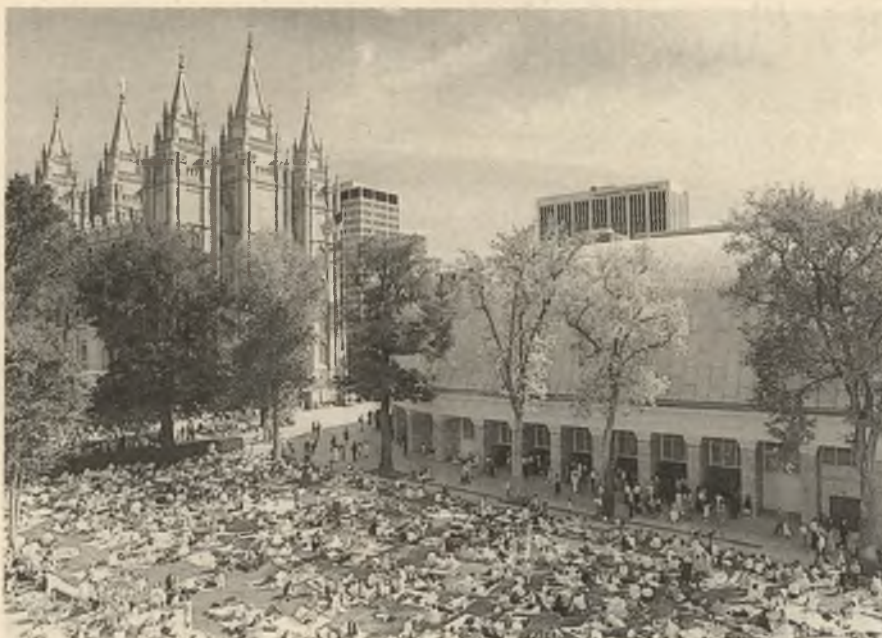
Penso que testemunharemos evidências crescentes do poder de Satanás, à medida que o reino de Deus se fortalecer. Creio que os esforços cada vez mais intensos de Satanás são, de certa forma, prova da veracidade desta obra. Futuramente, a oposição tornar-se-á mais sutil e mais aberta.

Disfarçar-se-á com mais sofisticação e astúcia, porém será igualmente mais ruidosa. Precisaremos de maior espiritualidade para perceber todas as formas do mal, e mais forças para resistir a ele. Os desapontamentos e reveses na obra de Deus, entretanto, serão apenas temporários, pois ela irá avante. (Vide D&C 65:2.)

Não é de bom alvitre interessar-se por Satanás e seus mistérios. Achegar-se ao mal não trará nenhum benefício. Como quando brincamos com fogo, é muito fácil queimar-se: “O conhecimento do pecado induz à sua prática.” (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, p. 342.) O único caminho seguro é manter-se bem distante dele e de quaisquer de suas atividades iníquas e práticas nefandas. A maldade do culto diabólico, da feitiçaria, dos conjuros, bruxarias, feitiços, magia negra e todas as demais formas de demonismo devem ser evitados como praga.

Não obstante, diz Brigham Young, é importante “estudar... o mal e suas terríveis consequências”. (*Discursos de Brigham Young*, comp. John A. Widtsoe, p. 257.) Sendo Satanás o autor de todo o mal no mundo, será, portanto, essencial dar-se conta de que ele é a influência por trás da oposição à obra de Deus. Alma coloca este ponto sucintamente: “Porque vos digo que tudo que é bom vem de Deus e tudo que é mau vem do diabo.” (Alma 5:40.)

A principal razão de eu escolher este tema é ajudar os jovens, advertindo-os, como diz Paulo, “para que não sejamos vencidos por Satanás; porque ignoramos os seus ardis”. (II Coríntios 2:10-11.) Esperamos que os jovens, desconhecedores dos sofismas do mundo, se conservem a salvo das tentações e engodos de Satanás. Não pretendo ter, pessoalmente, nenhum conhecimento especial quanto aos



métodos de Satanás, mas pude, vez por outra, sentir sua influência e atuação em minha vida e na vida de outros. Quando cumpria minha primeira missão, ele procurou desviar-me de meu futuro caminho e, se possível, destruir minha utilidade para a obra do Senhor. Isso foi há quase cinquenta anos, mas ainda recordo muito bem quão razoáveis pareciam os seus pedidos.

Quem já não ouviu e sentiu as instigações do demônio? Sua voz parece, muitas vezes, tão convincente e sua mensagem tão fácil de justificar; ele tem uma voz sedutora, intrigante, de doces tons. Não é dura nem discordante. Ninguém daria ouvidos à voz de Satanás se ela soasse áspera ou maldosa. Se fosse desagradável, sua voz não seduziria as pessoas a dar-lhe ouvidos.

Diz Shakespeare: “O príncipe das trevas é um gentil-homem” (*Rei Lear*, ato 3, cena 4, linha 143), e “o demônio sabe citar escrituras para seus fins”. (*O Mercador de Veneza*, ato 1, cena 3, linha 95.) Como grande impostor, Lúcifer dispõe de maravilhosos poderes de ilusão. Conforme dizia Paulo aos coríntios: “E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.” (II Coríntios 11:14; vide também 2 Néfi 9:9.)

Alguns dos argumentos mais eficazes de Satanás são: “Todo mundo faz”; “Se não prejudicar ninguém

mais, está certo”; “Se se sentir bem a respeito, está certo”; ou “É o que está na moda”. Tais instigações sutis de Satanás fazem dele o grande imitador, o mestre dos impostores, o arquidissimulador e o grande mentiroso.

Todos nós possuímos um freio íntimo que nos detém antes de seguirmos Satanás longe demais no caminho errado. É a voz suave e mansa da consciência. Mas depois de sucumbirmos uma vez, o tal freio começa a deixar vaziar fluido, enfraquecendo e deteriorando nosso mecanismo freador.

O príncipe das trevas encontra-se em toda parte, muitas vezes em excelente companhia. Diz Jó: “E, vindo outro dia, em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o Senhor.” (Jó 2:1.) E sua influência está em toda a parte: “Então o Senhor disse a Satanás: Donde vens? E respondeu Satanás ao Senhor, e disse: De rodear a terra, e passear por ela.” (Jó 2:2.)

Néfi nos deixou o padrão ou maneira de atuação de Satanás:

“E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim, o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.

E a outros ele lisonjeia, dizendo que

não há inferno; e diz-lhes: Eu não sou o diabo; ele não existe; e isso ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação.” (2 Néfi 28:21-22.)

A Primeira Presidência descreveu Satanás: “Ele trabalha tão bem disfarçado, que muitos não o reconhecem nem a seus métodos. Não existe crime que não cometa, nenhuma devassidão que não invente, nenhuma praga que não mande, coração algum que não despedace, nem vida que não tome ou alma que não destrua. Ele vem como o ladrão à noite; é um lobo disfarçado em pele de ovelha.” (*Messages of the First Presidency*, comp. James R. Clark, 6 vols., Salt Lake City: Bookcraft, 1965-1975, 6:179.)

Satanás é o mestre mundial no uso da lisonja; ele conhece a grande força da eloquência. (Vide Jacó 7:4.) Tem sido sempre um dos grandes poderes do mundo.

Ainda recentemente ouvimos o Presidente Ernest LeRoy Hatch, do Templo da Cidade de Guatemala, dizer: “O demônio não é esperto por ser o demônio; é esperto porque é velho.” De fato, o demônio é velho e nem sempre foi demônio. A princípio não era o perpetrador do mal, mas fazia parte das hostes celestes. Era “um anjo de Deus, que possuía autoridade perante Deus”. (D&C 76:25.) Antecipando-se a Cristo, propôs a Deus, o Pai: “Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida o farei; portanto, dá-me a tua honra.” (Moisés 4:1.) Isto ele se propunha fazer à força, destruindo o livre-arbítrio do homem. Seu pedido de “dá-me a tua honra” significou, porventura, que pretendia organizar um levante para suplantar até mesmo Deus, o Pai?

Satanás tornou-se demônio, procurando obter glória, poder e domínio pela força. (Vide Moisés 4:3-4.) Jesus, porém, “escolhido desde o princípio” (Moisés 4:2), disse a Deus: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre.” (Moisés 4:2.) Que grande diferença na proposta! Por mais errado que fosse, o plano de Satanás foi suficientemente persuasivo para induzir um terço das hostes celestes a segui-lo. (Vide D&C 29:36; Apocalipse 12:4.) Ele perpetrrou uma



A Primeira Presidência, da esquerda para a direita: Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro; Presidente Ezra Taft Benson e o segundo conselheiro, Presidente Thomas S. Monson.

grande fraude, dizendo: “Eu sou também um filho de Deus.” (Moisés 5:13.)

O livre-arbítrio que nos foi concedido por meio do plano do Pai, é a grande alternativa para o plano de imposição de Satanás. Com esse sublime dom, podemos crescer, progredir e buscar a perfeição. Sem ele, nenhum de nós poderia crescer e desenvolver-se aprendendo com nossos enganos e erros, e os alheios.

Devido à rebeldia, Lúcifer foi expulso e tornou-se Satanás, o demônio, “o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens, e levá-los cativos à sua vontade, mesmo a todos quantos não ouvirem minha voz”. (Moisés 4:4.) E assim, esse personagem que fora um anjo de Deus e com autoridade, mesmo na presença de Deus, foi banido da presença de Deus e seu Filho. (Vide D&C 76:25.) Isto provocou muita tristeza nos céus, “pois os céus prantearam por ele — era Lúcifer, um filho da manhã”. (D&C 76:26.) Isto não dá aos

seguidores de Cristo certa responsabilidade de se mostrarem preocupados com entes queridos que se desviaram do caminho e “estão banidos da presença de Deus”? (Moisés 6:49.) Não sei de melhor auxílio que mostrar-lhes amor incondicional e ajudar a alma perdida a buscar outro caminho.

Satanás, todavia, exerce na verdade uma importante função negativa. Em 2 Néfi está escrito: “Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas.” (2:11.) No entanto, Pedro adverte: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.” (I Pedro 5:8.)

Não nos tornemos tão imersos no zelo de fazer o bem argumentando, ou em nossa pura intenção de discutir doutrina, a ponto de ultrapassar o bom-senso e boas maneiras, com isso promovendo contendas ou dizendo ou fazendo coisas imprudentes, invocando cinismo ou ridículo com impertinência.

Desta maneira, nossos bons motivos são tão mal conduzidos que perdemos amigos e, pior ainda, caímos sob a influência do demônio. Recentemente ouvi num lugar especial: “Vossa crítica pode ser pior que a conduta que procurais corrigir.”

C. S. Lewis deu-nos uma visão perspicaz das táticas demoníacas. Numa carta fictícia, *Screwtape*, o demônio-chefe, instrui o aprendiz de diabo Wormwood, que está procurando tornar-se mais experiente:

“Certamente dirás que são apenas pecadilhos; e, sem dúvida, como todos os tentadores jovens, ansias por poder relatar iniquidades espetaculares... Não importa quão pequenos sejam os pecados, uma vez que seu efeito cumulativo é afastar o homem da Luz e levá-lo ao Nada... Na verdade, o caminho mais seguro para o inferno é aquele gradual — declive suave, pavimento macio, sem curvas fechadas, sem sinalização nem postes indicadores.” (*The Screwtape Letters*, New York: Macmillan, 1962, p. 56.)



C. S. Lewis escreveu também: “Costuma ser aceita como válida a tola idéia de que as pessoas de bem não sabem o que significa tentação. Isto é obviamente mentira. Só quem procura resistir à tentação sabe como ela é forte... A força do vento se descobre andando contra ele, e não deitando no chão.” (*Mere Christianity*, New York: Macmillan, 1960, p. 124.)

O Profeta Joseph Smith fala por experiência própria: “Quanto mais a pessoa se aproxima do Senhor, maior poder será manifestado pelo adversário para impedir a consecução de seus propósitos.” (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City: Bookcraft, 1967, p. 132.)

Todavia, não nos precisamos deixar paralisar pelo medo do poder de Satanás. Ele não tem poder sobre nós, a menos que o permitamos. Na verdade, é um covarde e se ficarmos firmes, ele recuará. O Apóstolo Tiago recomenda: “Sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.” (Tiago 4:7.) Ele não consegue captar nossos pensamentos, a menos que os externemos com palavras. ❧ Néfi diz que “(ele) não tem nenhuma força sobre os corações do povo” que vive em retidão. (Vide 1 Néfi 22:26.)

Temos ouvido comediantes e outros justificarem ou explicarem suas más ações, dizendo: “O demônio me

induziu.” Não penso que o demônio consiga, de fato, nos induzir a coisa alguma. Sem dúvida, ele pode tentar e pode enganar, mas não tem autoridade sobre nós que não lhe concedamos.

O poder de resistir a Satanás pode ser maior do que percebemos. O Profeta Joseph Smith ensinou: “Todos os seres com corpos possuem domínio sobre os que os não têm. O diabo não tem poder sobre nós, exceto se o permitirmos. No momento em que nos rebelarmos contra qualquer coisa que vem de Deus, o diabo exercerá seu domínio.” (*Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith*, comp. Joseph Fielding Smith, p. 176.)

Declarou ainda: “Os espíritos iníquos têm seus limites, termos e leis pelos quais são governados.” (*History of the Church*, 4:576.) Assim, pois, Satanás e seus anjos não são todo-poderosos. Um dos métodos de Satanás é persuadir a pessoa que transgrediu de que não existe esperança de perdão. Contudo, esperança sempre há. Desde que exista suficiente sinceridade, há possibilidade de arrependimento para a grande maioria dos pecados, por mais nefandos que tenham sido.

Satanás tem tido muito sucesso com esta geração simplória. Em consequência disso, literalmente multidões vêm sendo vitimadas por ele

e seus anjos. Entretanto, existe um amplo escudo contra o poder de Lúcifer e suas hostes. Essa proteção acha-se no espírito do discernimento pelo poder do Espírito Santo. Este dom manifesta-se invariavelmente pela revelação pessoal àqueles que se empenham em obedecer aos mandamentos do Senhor, e em acatar os conselhos dos profetas vivos.

Essa revelação pessoal virá, sem dúvida, a todos aqueles que têm os olhos fitos unicamente na glória de Deus, pois eles têm a promessa de que seus “corpos se encherão de luz, e (neles) não haverá trevas”. (D&C 88:67.) Os esforços de Satanás podem ser baldados por todos os que vêm a Cristo pela obediência aos convênios e ordenanças do evangelho. Os humildes seguidores do divino Mestre não serão enganados pelo demônio, se forem honestos e sinceros com seus semelhantes, forem à casa do Senhor, receberem o sacramento dignamente, observarem o Dia do Senhor, pagarem o dízimo e as ofertas, orarem com contrição, se empenharem na obra do Senhor e acatarem aqueles que os presidem.

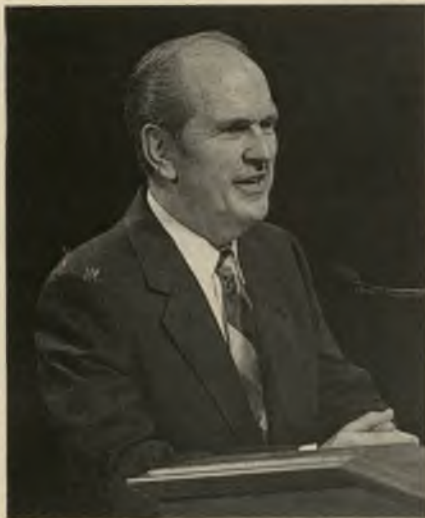
Desejo testificar que existem forças que nos salvarão das crescentes mentiras, desordens, violências, caos, destruição, miséria e fraudes que se encontram na terra. Estas forças salvadoras são os eternos princípios, convênios e ordenanças do evangelho eterno do Senhor Jesus Cristo. Esses mesmos princípios, convênios e ordenanças estão ligados aos direitos e poderes do sacerdócio do Deus Onipotente. Nós, desta igreja, somos portadores e depositários desses poderes dominantes que podem reduzir e, de fato, reduzem grande parte do poder de Satanás na terra. Cremos ser depositários dessas poderosas forças por todos os que morreram, por todos os que vivem agora e pelos que estão por nascer.

Oro que, expandindo-se a retidão, as mãos malignas do destruidor sejam detidas e não lhe seja permitido amaldiçoar o mundo inteiro. Oro, também, que Deus releve nossas fraquezas e fragilidade, e nossas numerosas falhas, e perdoe generosamente nossas maldades. Rogo, ainda, que dê consolo aos que sofrem, conforto aos que choram e paz aos aflitos, no santo nome de Jesus Cristo. Amém.

AS CHAVES DO SACERDÓCIO

Élder Russell M. Nelson
Do Quorum dos Doze Apóstolos

“O potencial do sacerdócio é tão vasto que se torna um desafio à nossa compreensão.”



Todos vós sabeis quão valiosas as chaves podem ser. Muitos de nós, se não todos, temos chaves em nossos bolsos neste exato momento.

Mas, as chaves sobre as quais falarei são muito mais importantes. São preciosas, poderosas e invisíveis! Algumas delas podem abrir e fechar tanto no céu quanto na terra. Falo das chaves do sacerdócio.

Vós rapazes, sois portadores do que muitas vezes chamamos de sacerdócio preparatório. A preparação, o serviço do sacerdócio e as chaves são relacionados entre si, mas diferentes. Permiti-me ilustrar este ponto.

Antes do chamado para o Quorum dos Doze, eu trabalhava como médico e cirurgião. Ao longo de minha carreira, consegui dois doutorados e fui avaliado por duas juntas especializadas. A longa preparação havia consumido muitos anos, mas mesmo assim ainda não tinha permissão legal para trabalhar. Era necessário adquirir as chaves. Elas pertenciam às autoridades do governo

estadual e aos hospitais nos quais eu desejava exercer minha profissão. Eu só poderia realizar cirurgias quando aqueles que possuíam a devida autoridade usassem as chaves para me dar licença e autorização. Em troca, eu seria obrigado a obedecer à lei, a ser leal e a entender e não abusar do poder do bisturi cirúrgico. Os importantes passos da preparação, permissão e obrigação também se aplicam a outras atividades.

Por que o poder de agir em nome de Deus é mais importante? Porque tem significado eterno. Devemos entender a fonte da nossa autoridade e um pouco sobre as chaves que controlam esse poder. Elas podem beneficiar a todos os homens, mulheres e crianças que vivem, que já viveram e que viverão na terra.

Analisemos as chaves do sacerdócio por meio de três cenas da história: na antiguidade, durante o ministério mortal do Senhor e nos tempos modernos.

Cena Um — Antiguidade

A primeira cena diz respeito às chaves do sacerdócio no princípio dos tempos, mesmo antes da criação da terra. Nós existíamos como filhos espirituais de Deus. Abraão era um de nós. Disseram-lhe que estava entre os que foram escolhidos para serem governantes — mesmo antes de nascer. (Vide Abraão 3:23.) As escrituras também contam que o Senhor Deus preordenou sacerdotes preparados desde a fundação do mundo de acordo com sua presciência. Sendo assim, nosso chamado ao santo sacerdócio foi previsto antes de nascermos. (Vide Alma 13:1-5.)

Sabemos que Adão recebeu a autoridade do sacerdócio antes da criação do mundo. (Vide Joseph

Smith, *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, compilado por Joseph Fielding Smith, pp. 153, 164-165; vide também D&C 78:16.)

O potencial do sacerdócio é tão vasto que se torna um desafio à nossa compreensão. O Profeta Joseph Smith declarou: “O sacerdócio é um princípio eterno, e existiu com Deus desde a eternidade, e existirá pelas eternidades.” (*Ensinamentos*, p. 153.)

O Presidente Brigham Young acrescenta que o sacerdócio é “a lei pela qual os mundos existem, existiram e continuarão a existir para todo o sempre”. (*Discursos de Brigham Young*, sel. John A. Widtsoe, p. 130.)

O sacerdócio é a autoridade de Deus delegada ao homem para ministrar em favor da salvação dos homens. “O poder de dirigir estes trabalhos constitui as chaves do sacerdócio.” (Joseph F. Smith, *Improvement Era*, Janeiro de 1901, p. 230.)

Na cena um, muitos foram portadores dessas chaves, entre eles Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Eliaás e Elias.

Cena Dois — O Ministério Mortal do Senhor

A cena dois diz respeito às chaves do sacerdócio durante o ministério mortal do Senhor. Jesus revelou a amplitude da autoridade do sacerdócio. O Salvador disse aos seus apóstolos: “E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.” (Mateus 16:19; vide também D&C 128:10.)

Na mesma semana dessa promessa, Jesus conduziu Pedro, Tiago e João ao alto de um monte. As chaves do sacerdócio lhes foram conferidas por Moisés e Elias (Elaías) sob orientação divina. (Vide Mateus 17:1-5.) O Mestre falou então a seus discípulos sobre seus chamados sagrados ao santo apostolado: “Não me escolhesteis vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei.” (João 15:16; vide também D&C 7:7.)

Jesus não só chamou e ordenou os homens, mas também ensinou-lhes seus deveres.

Depois de Cristo ser crucificado, e mesmo antes que os antigos apóstolos cumprissem suas obrigações, começou a apostasia. Isto ocorreu conforme havia sido profetizado, quando a



autoridade do sacerdócio foi mal usada e as ordenanças sagradas aviltadas.

Cena Três — Tempos Modernos

Tendo as cenas um e dois como pano de fundo, analisemos a cena três — os tempos modernos em que vivemos. Após séculos de apostasia, as chaves do sacerdócio foram restauradas mais uma vez. Por esta autoridade, tivemos mãos impostas sobre nossa cabeça.

As obrigações pertencem tanto àqueles que *fazem* quanto àqueles que *recebem* as ordenações ou chamados.

Talvez isto possa ser melhor explicado com um exemplo. Tenho aqui um molho de chaves de um automóvel. Pensai nelas como algo valioso para vós — um trator, uma ferramenta ou um instrumento poderoso. Se eu vos der as chaves, eu passarei a ter certas obrigações e vós, outras.

Eu, como aquele que as deu, tenho certa responsabilidade pelo seu sucesso. Se falhardes, de certa maneira eu também falhei. Sendo assim, tenho que ensinar-vos e instruir-vos adequadamente para certificar-me de vossa segurança pessoal e, ao mesmo tempo, cuidar da propriedade preciosa que ireis usar.

Vós, como recebedores, recebeis as chaves com certas obrigações que as acompanham. Deveis conhecer as leis de sua utilização e obedecer a elas. Espera-se que sejais leais e entendais o

poder desse vosso instrumento. A obediência, a lealdade e a compreensão estão implícitas ao aceitardes as chaves.

Aplicai os mesmos princípios às chaves do sacerdócio. O presidente de estaca, o presidente de quorum e o bispo possuem as chaves da presidência. As chaves deles controlam o poder da sua unidade da Igreja. Esses líderes podem não só chamar e desobrigar, como devem instruir e arcar com a sagrada responsabilidade de que a missão da Igreja seja cumprida.

Aqueles que *recebem* ordenações ou chamados têm obrigações de obediência, lealdade e compreensão.

Obediência à lei significa, primeiro e acima de tudo, guardar os mandamentos de Deus. Só assim nos tornamos dignos de receber revelação pessoal! Aqueles que recebem o Sacerdócio de Melquisedeque estão sob solene convênio e juramento de “viver de toda a palavra que sai da boca de Deus”. (D&C 84:44.)

A *lealdade* é vital. Ter lealdade para com quem possui as chaves para vos chamar e desobrigar, mesmo que seja um ser humano imperfeito, trará a unidade essencial para o sucesso. (Vide D&C 124:45-46.) O Senhor definiu esta realidade quando disse: “Israel será salvo; e pelas chaves que dei será guiado.” (D&C 35:25.)

Para *entender* o poder do sacerdócio, precisamos conhecer suas limitações. Se um automóvel for usado de maneira descuidada, é possível que

no futuro os pais não o cedam mais. Do mesmo modo, se o poder do sacerdócio for mal usado, “o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou a autoridade daquele homem”. (D&C 121:37.)

Para *entender* o poder do sacerdócio, temos de conhecer a divindade da sua restauração nestes últimos dias. Em 1820, nosso Pai Celestial e seu filho, Jesus Cristo, apareceram a Joseph Smith. Em 1829, João Batista conferiu o Sacerdócio Aarônico a Joseph Smith e Oliver Cowdery. (Vide D&C 13; 27:8; Joseph Smith 2:69, 72.) Pouco tempo depois, eles receberam o Sacerdócio de Melquisedeque das mãos de Pedro, Tiago e João. (Vide D&C 27:11-12.)

Mais tarde, o Senhor falou a Joseph e a Oliver a respeito de outros que tinham recebido chaves específicas do sacerdócio. Cada um por sua vez, conferiu essas chaves:

Morôni: Chaves do Livro de Mórmon. (Vide D&C 27:5.)

Moisés: Chaves da coligação de Israel e da condução das dez tribos. (Vide D&C 110:11.)

Elaias: Chaves da restauração de todas as coisas (vide D&C 27:6), incluindo o convênio de Abraão. (Vide D&C 110:12; Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, comp. por Bruce R. McConkie, vol. III, pp. 127-128.)

Elias: As chaves do poder de selamento. (Vide D&C 27:9; 110:13-16; vide também 128:21.)

Joseph Smith conferiu todas as chaves aos Doze Apóstolos (vide Smith, *Doutrinas de Salvação*, vol. III, pp. 156-157). Na devida hora, as chaves têm sido transferidas aos líderes atuais.

Atualmente, o Presidente Ezra Taft Benson possui todas as chaves restauradas de que eram portadores “todos aqueles que receberam uma dispensação em qualquer tempo, desde o começo da criação”. (D&C 112:31; grifo nosso; vide também D&C 128:18.)

Sem dúvida, um dos momentos mais sagrados de minha vida deu-se no dia 12 de abril de 1984, quando a Primeira Presidência e os membros do Quorum dos Doze Apóstolos impuseram as mãos sobre minha cabeça. Conforme aconteceu a outros antes de mim, foram-me conferidas todas as chaves

do sacerdócio. Assim como acontece com cada membro do Quorum dos Doze, certas chaves não são usadas até que seja requerido pelo Senhor, ou ordenado pelo seu apóstolo sênior.

Sinto o peso da responsabilidade e o fardo da confiança ilimitada. Sei que estas chaves foram restauradas “nos últimos dias e pela última vez”. (D&C 112:30.)

Sou profundamente grato por sermos portadores do sacerdócio — cada um de nós preordenado desde a fundação do mundo para esta responsabilidade. (Ver Alma 13:1-5.)

Como símbolo de gratidão, escrevi alguns versos para serem cantados no final de minha mensagem. Um verso para cada uma das três cenas da história servem para resumir meus comentários. Ouvireis esta canção pela primeira vez. A letra foi escrita para uma música do País de Gales. Expresso aqui meus agradecimentos pelo generoso apoio do Irmão Jerold D. Ottley e nosso coral masculino. A essa canção dei um título antigo, “Hosana”, o brado devoto de louvor fervoroso:

Hosana

*Pela senda imortal do tempo sem fim,
Com amor nossos passos ele guia.
Além das esferas celestes fulgura
Nosso grande Deus, Eloim.*

*Hosana ao seu santo nome —
O Deus de nossos pais o mesmo é!*

*Naquela noite santa em Belém,
Seu Filho amado ao mundo veio,
Para da tumba eterna resgatar,
E de Deus todos os filhos salvar.*

*Hosana ao seu santo nome —
O Deus de nossos pais o mesmo é!*

*Seu sacerdócio à terra restaurou,
Para toda alma nascida abençoar.
Nossa voz elevamos em cantos de
prece,*

Proclamando nosso júbilo e louvor.

*Hosana ao seu santo nome —
O Deus de nossos pais o mesmo é.
Amém, amém, amém, amém!*

Que possamos estar à altura da confiança que ele depositou em nós, portadores do santo sacerdócio e das chaves sagradas, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“ELES NÃO SÃO REALMENTE FELIZES”

Bispo Glenn L. Pace

Segundo Conselheiro no Bispado Presidente

“Não confundais o prazer telestial com a felicidade e alegria celestiais. Não confundais falta de autocontrole com liberdade... Não invejeis uma vida inferior e degradante.”



família e tentava explicar como éramos muito mais felizes por causa de nossa atividade na Igreja.

A princípio, pensei que não estava conseguindo atingir meu objetivo, até que, num domingo subsequente, vimos uma família rindo, entusiasmada, enquanto colocavam os esquis de inverno no carro. Um de meus filhos adolescentes disse, com um sorriso astuto: “Eles não são realmente felizes, não é, papai?” Aquela declaração tornou-se uma piada familiar sempre que víamos alguém fazendo algo que não podíamos fazer. Quando vejo um adolescente dirigindo um belíssimo e caro carro esporte, digo a meus filhos: “Olhem, lá está mais um pobre coitado.”

Vós, meus jovens, estais crescendo num mundo de enorme confusão e desafios. Coisas sempre proibidas pelo Senhor e por muitos anos reprovadas pela sociedade, são agora aceitas e promovidas por essa mesma sociedade. A mídia tira proveito disso, fazendo-as parecer muito desejáveis. Além de fazer com que sejam aceitas e almeçadas, provoca rivalidade, e até mesmo causa conflito.

A visão que Léhi teve da árvore da vida é adequada aos nossos dias. Ele viu um grande e espaçoso edifício, o qual representa o orgulho e as tentações do mundo:

“E eu... vi... um grande e espaçoso edifício...”

E estava cheio de gente... jovens e velhos, cujas vestimentas eram muito ricas; e sua atitude era de mofa, e apontavam com os dedos para aqueles que... comiam do fruto” (1 Néfi 8:26-27).

Embora tenhais um testemunho e desejeis fazer o que é certo, é difícil

Desejo ter uma conversa franca convosco, jovens portadores do Sacerdócio Aarônico, especialmente com aqueles que compareceram a esta reunião relutantemente, ou talvez nem tivessem vindo, não fosse por uma pequena ameaça ou suborno de vosso pai ou líderes do sacerdócio.

Quando nossos filhos eram pequenos e estávamos a caminho das reuniões da Igreja, ocasionalmente éramos ultrapassados por um carro puxando um barco. Meus filhos ficavam em silêncio, encostavam o nariz contra o vidro, e depois perguntavam: “Papai, por que não podemos esquiar na água hoje ao invés de irmos à Igreja?”

Às vezes, eu dava uma resposta fácil, porém covarde, dizendo: “É simples, nós não temos um barco.” Em dias mais conscientes, porém, reunia toda a lógica e espiritualidade a que tem direito o patriarca de uma

* Letra de Russell M. Nelson, copyright 1987; “Tydi A Roddaist”, de Arwell Hughes, copyright 1938. Somos gratos a ele por permitir que usássemos esta letra em sua música, e a Barry D. R. Whittaker, presidente da Estaca Ordif Wales por sua ajuda.



não serdes atraídos pelo grande e espaçoso edifício. Aparentemente, as pessoas que nele se encontram parecem estar divertindo-se. A música e o riso são ensurdecedores. Diríeis a mim o que meus filhos disseram: “Eles não são realmente felizes, não é, papai?”, à medida que os observais.

Eles parecem felizes e livres, mas, não confundais o prazer telesial com a felicidade e alegria celestiais. Não confundais falta de autocontrole com liberdade. A liberdade total, sem nenhuma restrição, torna-nos escravos de nossos apetites. Não invejeis uma vida inferior e degradante.

Quando eu estava no ginásio, tinha que levantar naquelas manhãs geladas de inverno e ficar em frente ao aquecedor para me esquentar. A gata da família sempre chegava na minha frente, então, eu a espantava gentilmente e me sentava. Logo minha mãe me chamava para ir à escola. Eu olhava para os pingentes de gelo do lado de fora da casa e sentia medo de enfrentar o frio, sem falar no fato de

ter de iniciar mais um dia de aula.

Beijava minha mãe e, ao sair pela porta, olhava pesarosamente para o meu lugarzinho em frente ao aquecedor, percebendo que a gata já se havia apossado dele novamente. Como eu invejava aquela gata! Como se aquilo não bastasse, ela me fitava com uma expressão de zombaria, como se estivesse dizendo: “Divirta-se na escola, Glenn. Eu certamente sou feliz por não ser humano!” Eu detestava quando ela fazia aquilo!

À medida que o dia passava, porém, algo interessante acontecia. Eu voltava para casa, após ter tido experiências boas e más na escola, e via a gata preguiçosa, ainda enrolada em frente ao aquecedor e, desta vez, eu sorria para ela e dizia: “Certamente sou feliz por não ser um gato.”

Para aqueles de vós que vos estais aproximando do grande e espaçoso edifício, permiti-me esclarecer que as pessoas que nele se encontram não possuem absolutamente nada para oferecer, exceto gratificação

momentânea e a curto prazo, inevitavelmente ligada ao pesar e sofrimento a longo prazo. Os mandamentos que guardais não são dados por um Deus imparcial a fim de privar-vos de ter gozo nesta vida; mas são dados por um Pai Celestial amoroso, que deseja vossa felicidade nesta terra e na vida futura..

Comparai as bênçãos da obediência à Palavra de Sabedoria àquelas oferecidas a vós se escolherdes festejar com os que estão no grande e espaçoso edifício. Comparai a alegria do humor inteligente ao riso embriagado, tolo, grosseiro e escandaloso. Comparai nossas fervorosas jovens que ainda enrubescem a face àquelas que já perderam esse rubor há muito tempo e tentam persuadir-vos a juntar-vos a elas em sua conduta perdida. Comparai o elevar as pessoas com o rebaixá-las. Comparai a capacidade de receber revelação pessoal e orientação em vossa vida com aqueles que são arremessados de cá para lá por qualquer vento de doutrina. Comparai o sacerdócio que possuíis com qualquer coisa que vedes acontecendo naquele grande e espaçoso edifício.

Membros de muitas igrejas do mundo têm pressionado seus líderes a mudarem a doutrina para que ela se enquadre no tipo de vida que levam. Muitos foram bem sucedidos, e, cada vez mais, vemos igrejas feitas das doutrinas dos homens. Existem verdades absolutas da eternidade. Elas não mudam à medida que a sociedade se afasta delas. Nenhum voto popular pode mudar uma verdade eterna absoluta. Legalizar um ato não o torna moral. Não sejais enganados pelo argumento: “Todos estão fazendo isso.” Tal raciocínio ofende vosso espírito e insulta vossa inteligência.

Um dia, os grandes sábios deste mundo descobrirão e ensinarão aquilo que vós, meus jovens, aprendestes no jardim de infância de vosso treinamento espiritual: “Iniquidade nunca foi felicidade” (Alma 41:10). Por que esperar que o homem finito prove o que seu infinito Criador já revelou a seus profetas?

Sei quanto gostais de sensação, aventura e emoção. Quereis algo emocionante? Eu vos darei. Percebeis que sois 1 em 1.000 no mundo? Os filhos de Helamã não enfrentaram essa proporção. À medida que os ventos da

opinião popular se intensificarem e aumentar a zombaria por parte daqueles que estão tentando justificar suas atitudes iníquas, será requerido de vós revestir-vos de toda a armadura de Deus. Precisareis lutar com toda a vossa força para vos manterdes limpos das manchas do mundo. Rogamos que permaneçais firmes — não por nós, mas por vós próprios.

Com a proporção de 1 para 1.000, deverá a juventude de Sião fugir à luta? Não! Jamais! A juventude do reino sairá vitoriosa. Isso sim é emocionante. Que aventura naquele grande e espaçoso edifício trocaríeis pela emoção de construir o próprio reino que o Salvador governará, quando voltar à terra?

Nós vos amamos, juventude da Igreja, e sabemos que obtereis sucesso coletivamente. Temos, porém, uma grande preocupação com aqueles que poderemos perder pelo caminho. Falando como pai, posso afirmar-vos que a perda de apenas um é muito grande. Desejamos que cada um de vós seja bem sucedido, não simplesmente a maioria.

Para aqueles que estão relutando e perdendo terreno, aqueles que foram atraídos para dentro do edifício por uma de suas muitas portas e agora não encontram a saída, aqueles que se sentem derrotados e presos numa armadilha, asseguramos que há esperança, e nem tudo está perdido. Por sua expiação, o Senhor e Salvador Jesus Cristo proporcionou um caminho pelo qual podeis escapar desse terrível lugar. Ele vos conhece intimamente. Ele conhece vosso nome e conhece vossa dor. Se vos aproximardes do Pai Celestial com um coração quebrantado e espírito contrito, miraculosamente vos vereis fora daquele grande e espaçoso edifício e nos braços amorosos do Salvador da humanidade.

Em vosso lar terreno, descobrireis que os braços de vosso pai sempre estiveram abertos para vós e que, durante vossa ausência, vossa mãe nunca parou de colocar um lugar na mesa, em frente à vossa cadeira vazia. Vereis claramente a diferença entre a felicidade terrenal e a felicidade celestial, e experimentareis e saboreareis a alegria celestial nesta vida e por toda a eternidade. Deixo-vos meu testemunho e esta promessa, em nome de Jesus Cristo, amém.

RECORDAÇÕES MISSIONÁRIAS

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

“O trabalho é árduo, o impacto eterno. Não é um tempo para “serviço militar temporário” no exército do Senhor.”



Que visão inspiradora é ver esse histórico tabernáculo totalmente repleto, dando-se conta de que há capelas e salões pelo mundo afora igualmente cheios de portadores do sacerdócio de Deus. Oro que a inspiração dos céus me ajude e oriente minhas palavras.

Meus pensamentos remontam a uma reunião geral do sacerdócio em 1956. Nessa época, eu servia na presidência da Estaca Temple View, aqui na Cidade do Lago Salgado. Percy K. Fetzer, John R. Burt e eu, a presidência da estaca, havíamos chegado cedo aqui no Tabernáculo, na esperança de encontrar lugar para sentar. Estivemos entre os primeiros a entrar, sendo obrigados a esperar quase duas horas pelo início da reunião.

O Presidente Fetzer contou-nos então uma experiência de seus dias de missionário na Alemanha. Descreveu como, em certa noite chuvosa, ele e seu companheiro deviam apresentar a mensagem do evangelho a um grupo reunido numa escola. Havendo um desafeto espalhado inverdades a respeito da Igreja, algumas pessoas ameaçaram agredir os dois

missionários. Num momento crítico, uma viúva se interpôs entre os élderes e o grupo irado, e disse: “Estes dois moços são meus convidados e irão para minha casa comigo. Por favor, deixem-nos passar.”

O grupo se afastou, e os missionários acompanharam sua benfeitora pela noite chuvosa, chegando finalmente a uma modesta casa. Depois de pendurar as capas molhadas dos missionários sobre cadeiras, pediu-lhes que sentassem à mesa da cozinha, enquanto preparava algo para servir-lhes. Depois de haverem comido, os élderes deram a mensagem à bondosa senhora que os ajudara. O filho dela, ainda rapazinho, foi convidado a sentar-se à mesa, mas preferiu continuar no seu cantinho isolado e aconchegante atrás do fogão.

O Presidente Fetzer concluiu seu relato, comentando: — Embora não saiba se aquela senhora chegou a filiar-se à Igreja, continuo grato a ela por sua bondade naquela noite de chuva, trinta e três anos atrás.

Os irmãos sentados à nossa frente no Tabernáculo também estavam conversando. Depois de algum tempo, começamos a prestar atenção ao que falavam. Então um deles perguntou ao amigo, sentado do lado dele: — Diga-me, como se tornou membro da Igreja?

Ao que ele respondeu: — Certa noite chuvosa, na Alemanha, minha mãe trouxe para casa dois missionários ensopados que havia salvo de um grupo de arruaceiros. Deu-lhes de comer, e os élderes deram-lhe uma mensagem a respeito da obra do Senhor. Eles me convidaram para juntar-me a eles, mas eu era tímido e medroso, por isso fiquei no meu canto atrás do fogão. Mais tarde, voltando a ouvir falar da Igreja, lembrei-me da coragem e fé, bem como da mensagem daqueles dois humildes missionários, e isto me levou à conversão. Suponho que nunca chegarei a encontrá-los aqui

na mortalidade, mas sou eternamente grato a eles. Não sei de onde eram. Acho que um deles se chamava Fetzer.

Nessas alturas, o Presidente Burt e eu olhamos para o Presidente Fetzer e vimos grossas lágrimas rolando-lhe pelas faces. Sem dizer-nos uma só palavra, bateu levemente no ombro do irmão à nossa frente, que acabara de falar de sua conversão, dizendo-lhe: — Eu sou *Bruder* Fetzer, um dos dois missionários que vocês acolheram naquela noite. Sou muito grato por encontrar o rapaz que continuou atrás do fogão, o jovem que ouviu e aprendeu.

Não me recordo das mensagens apresentadas naquela reunião do sacerdócio, porém jamais olvidarei a conversa repleta de fé que precedeu o início da reunião.

Estas palavras do Senhor que nos pareceram tão apropriadas então, continuam igualmente apropriadas hoje: “E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai.” (D&C 18:15.)

Nós somos um povo missionário. Temos o mandamento divino de proclamar a mensagem da Restauração. Vós, jovens, presentes aqui hoje, estais no limiar de vossa oportunidade missionária. Alma, esse vigoroso missionário do Livro de Mórmon, deixou-nos um exemplo de conduta missionária: “Minha glória é que talvez possa ser um instrumento nas mãos do Senhor, para fazer com que alguma alma se arrependa; e esta é a minha alegria.” (Alma 29:9.)

Acrescento meu testemunho pessoal: Nossos missionários não são vendedores, querendo mascatear mercadorias; mas, sim, servos do Deus Altíssimo, com testemunho a prestar, verdades a ensinar e almas para salvar.

Todo missionário que atende ao sagrado chamado, torna-se um servo do Senhor, ao qual esta obra pertence na verdade. Não temais, meus jovens, pois ele estará convosco. Ele nunca falha e prometeu: “Irei diante de vossa face. Eu estarei à vossa mão direita e à vossa esquerda, e o meu Espírito estará em vossos corações, e os meus anjos ao vosso redor, para vos suste.” (D&C 84:88.)

“E... ireis no poder do meu



Espírito, pregando em meu nome o meu evangelho, levantando as vossas vozes como se fora o som de trombeta, declarando a minha palavra como anjos de Deus.” (D&C 42:6.)

Pais, bispos, consultores de quorum, vós tendes a responsabilidade de preparar esta geração de missionários, de despertar no coração destes diáconos, mestres e sacerdotes não só a consciência de sua obrigação de servir, mas também uma visão das oportunidades e bênçãos que os aguardam por meio desse chamado missionário. O trabalho é árduo, o impacto eterno. Não é um tempo para “serviço militar temporário” no exército do Senhor.

As recomendações missionárias que chegam diariamente na sede da Igreja, apresentam um largo espectro de preparação. Gostaria de compartilhar convosco apenas um ou dois comentários colhidos ao acaso, no período em que servi no Comitê Missionário. Um dos formulários de recomendação trazia este comentário do bispo: “João é muito ligado à mãe. Ela ficaria feliz, se ele fosse designado a uma missão próxima, para poder telefonar-lhe semanalmente e visitá-lo de vez em quando.” Ao ler o pedido

para o Presidente Spencer W. Kimball, que na época designava os missionários, fiquei imaginando qual seria sua reação. Será que mandaria o jovem para a Califórnia ou Washington, para ficar mais ou menos perto do Oregon, onde vivia? Sem erguer o olhar da folha de designações, o Presidente Kimball disse: — Por favor, designe-o para Johannesburg, África do Sul.

Outra recomendação missionária continha este comentário do presidente da estaca: “Este jovem serviu de instrumento para trazer seu padraсто para a Igreja, há cerca de um ano. O padraсто contou-me que foi por vê-lo levantar-se cedo todo domingo para ir às reuniões, que o fez perguntar-se que tipo de igreja conseguia exercer tamanha influência sobre um rapaz.”

Em muitos sentidos, a missão é um chamado familiar. As cartas que o missionário escreve aos pais estão repletas de poder — de poder espiritual. Estão cheias de fé — fé inabalável. Digo sempre que essas cartas parecem passar por uma agência postal celeste, antes de serem entregues aos familiares. A mãe entesoura cada palavra. O pai estoura de orgulho. As cartas são lidas e relidas — e nunca jogadas fora.

Confio em que os pais se lembrem de que suas cartas ao filho ou filha missionário levam para perto deles o lar e o céu, e proporcionam renovado compromisso ao sagrado chamado missionário. Deus vos inspirará a apanhar a caneta para externar ao ser que tanto amais, o que vos vai na alma, e o amor de vosso coração.

Nas exéquias da mãe do Élder Marion G. Romney, realizadas em Provo, Utah, seu genro, o Irmão John K. Edmunds, fez este relato: “Os primeiros anos de casados, o Irmão e Irmã Romney viveram no México. Como o pai do Presidente Benson, o Irmão Romney foi chamado para uma missão. Não dispunha de recursos para sustentar-se. Mesmo assim foi, sendo mantido pela esposa. Um dia, ela sentiu-se aflita, porque queria escrever ao marido, mas não tinha dinheiro para comprar um selo. Então orou e depois deu uma caminhada pelo pomar outonal, chutando as folhas ao andar e pensando no marido. Nisso, viu alguma coisa reluzente no chão e verificou ser uma moeda — o valor exato para diversos selos.”



A Primeira Presidência, à esquerda, e outras Autoridades Gerais unem-se à congregação para cantar durante a Sessão do Sacerdócio da Conferência.

A carta estava escrita. Agora, pela intervenção de Deus, podia despachá-la.

Irmãos, pensai nas bênçãos familiares recebidas pelas famílias Romney e Benson, bênçãos essas decorrentes do compromisso com o serviço missionário.

Lembro-me de meu próprio avô, Nels Monson, que esperou sete anos para poder desposar sua amada. A primeira anotação no seu diário missionário expressa eloqüentemente sua gratidão: “Hoje, no Templo de Lago Salgado, Maria Mace tornou-se minha esposa eterna.” Três dias mais tarde, o assentamento melancólico: “Hoje à noite, o bispo veio visitar-nos. Fui chamado para uma missão de dois anos na Escandinávia. Minha querida mulher ficará em casa e me sustentará.” Estimo tamanha fé; acalento tamanha dedicação.

Elogio os muitos casais que atualmente se prestam a servir. Deixando o conforto do lar, a convivência com a família, andam de mãos dadas como companheiros

eternos, mas também de mãos dadas com Deus, como seus representantes num mundo faminto de fé.

Aos muitos que contribuem com seus meios para o serviço missionário, externo os agradecimentos da Igreja e o apreço de minha alma. A gratidão de Deus talvez não se faça esperar. Ou então, poderá vir como ao Irmão Fetzer — depois de trinta e três anos. De uma coisa eu sei: Ela virá. Ela abençoará. Ela confortará. Ela santificará.

No mês passado, os jornais da Cidade do Lago Salgado publicaram o obituário de Fred Sudbury. Dizia que deixou uma esposa, Pearl, e um filho, Craig; que era membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; e que seu casamento se realizara no Templo de Lago Salgado. O que o obituário não conseguiu transmitir, foi o inspirador drama humano que precedeu o falecimento de Fred.

Alguns anos atrás, Craig Sudbury e sua mãe procuraram-me em meu escritório, antes da partida para a Missão Austrália Melbourne. Fred

Sudbury, pai de Craig, não compareceu. Vinte e cinco anos antes, sua mãe desposara Fred, que não compartilhava de seu apego à Igreja e, de fato, não era nem membro dela.

Craig confiou-me seu profundo amor aos pais e sua esperança de que algum dia, de alguma forma, o Espírito tocasse o pai e abrisse seu coração para o Evangelho de Jesus Cristo. Implorei inspiração sobre como esse desejo poderia cumprir-se. Recebi a inspiração e disse ao Craig: — Sirva o Senhor de todo o coração. Seja obediente ao seu sagrado chamado. Escreva semanalmente a seus pais; e, vez por outra, escreva uma carta pessoal a seu pai, fazendo-o saber que o ama e por que se sente grato de ser seu filho.”

Agradeceu-me e, com sua mãe, deixou meu escritório.

Não tornei a ver a mãe de Craig por mais de dezoito meses. Ela chegou ao escritório, dizendo-me em frases pontuadas de lágrimas: — Faz quase dois anos que Craig partiu em missão. Nunca deixou de nos escrever uma vez

por semana. Recentemente, Fred, meu marido, levantou-se pela primeira vez numa reunião de testemunho e disse: "Todos sabem que não sou membro da Igreja, mas aconteceu-me algo desde que Craig saiu em missão. Suas cartas tocaram-me a alma. Posso ler-lhes uma delas?"

Querido Pai,

Hoje ensinamos uma família escolhida a respeito do plano de salvação e das bênçãos da exaltação no reino celestial. Mas para mim não seria um reino celestial, se o senhor não estivesse lá. Sou grato por ser seu filho, pai, e quero que saiba que o amo.

Seu filho missionário,

Craig.

Depois de vinte e seis anos de casado, tomei a decisão de tornar-me membro da Igreja, pois sei que a mensagem do evangelho é a palavra de Deus. A missão de meu filho me incitou a agir. Tomei providências para minha esposa e eu irmos ao encontro de Craig, quando ele terminar a missão. Serei seu último batismo como missionário de tempo integral do Senhor."

Ele ouviu a mensagem, viu a luz, abraçou a verdade.

Um jovem missionário de fé inabalável participara com Deus de um milagre moderno. O desafio de comunicar-se com aquele que amava tornara-se mais difícil pela barreira de milhares de quilômetros que se interpunham entre ele e seu lar. Mas o espírito de amor transpôs a imensidão azul do Pacífico, e falou de coração a coração, num diálogo divino.

Nenhum missionário mostrava-se mais ufano que Craig Sudbury, quando, na longínqua Austrália, ajudou o pai a entrar na água e, levantando o braço direito em ângulo reto, repetiu as sagradas palavras: — Fred Sudbury, tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém. (Vide D&C 20:73.)

A prece de uma mãe, a fé que um pai sentiu, o serviço de um filho produziram o milagre de Deus.

"Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!" (Romanos 10:15.)

Que Deus nos abençoe, meus irmãos, com recordações missionárias de serviço resolutivo na causa de Cristo, eu oro em seu santo nome. Amém.

NÃO TOMAR O NOME DE DEUS EM VÃO

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro conselheiro na Primeira Presidência

"O hábito... em que incorrem alguns jovens, de usar termos vulgares e profanos... é não só ofensivo... mas um pecado grosseiro à vista de Deus, e (que) não deveria existir entre os filhos dos santos dos últimos dias."



Irmãos, o Presidente Benson pediu-me que vos falasse agora. É sempre inspirador contemplar os rostos deste imenso corpo do sacerdócio reunido no Tabernáculo, e lembrar de que, congregado em prédios da Igreja em todo este continente e outras regiões do mundo, está um número ainda muitas vezes maior. Vossa presença nesta reunião de sábado à noite é uma indicação de vossa fé e grande devoção à obra do Senhor. Eu vos elogio e agradeço, e vos externo meu amor.

Vossas orações de apoio são de grande importância. Eu sei, como também meus irmãos sabem, estou certo, que vossas preces ascendem ao Senhor em benefício das Autoridades Gerais da Igreja. É uma grande e sagrada responsabilidade que nos foi confiada, e temos o senso de dever para com o Senhor e convosco, nossos co-obreiros nesta grande causa.

Gostaria de dirigir minhas palavras

aos rapazes aqui presentes, aos jovens do Sacerdócio Aarônico. Tenho em mãos uma carta enviada por um funcionário público e na qual diz:

"Poderia, por favor, tratar do problema da linguagem blasfema, vulgar e uso de palavras?"

Dos meus tempos de curso secundário só consigo lembrar-me de um colega dado a essas coisas, e a maioria dos alunos evitava sua companhia. Hoje, se estou bem informado, seu uso atingiu proporções epidêmicas entre nossos escolares."

E prossegue: "Certa noite, estava assistindo a um filme na televisão com meu filho de dezesseis anos. Quando passaram a usar uns termos grosseiros, sugeri desligarmos a TV. Então meu filho falou: — Está bem, pai, mas isto não é nada comparado ao que ouço toda hora na escola. — Conversando com outros jovens de nossa comunidade, recebi a mesma informação. Um dos rapazes comentou: — Quase todas as pessoas falam assim. As meninas são iguais ou piores que os rapazes.

O que temo, pelo que me foi relatado, é que o uso generalizado de linguagem imprópria se tenha tornado padrão aceitável nas escolas, provavelmente devido, em grande parte, à influência da TV e à permissividade corrente de nossa sociedade. Seja qual for a causa, espero que se tome alguma providência adicional para reprimi-la e ajudar nossa juventude a apreciar a importância do falar apropriado."

Creio que a sugestão é oportuna. Recortei do *Wall Street Journal* (Diário de Wall Street, importante jornal nova-iorquino. N. do T.), uma crônica recente de Hodding Carter, na



Presidente Gordon B. Hinckley, à esquerda cumprimenta o Presidente Ezra Taft Benson e o Presidente Thomas S. Monson.

qual ele diz:

“Se já foi raro ouvir linguajar de marinheiro num grupo misto, agora fica difícil evitá-lo. Qualquer que seja a razão, a contribuição permanente à América deixada pela década de 1960, é a degradação do discurso e comportamento públicos.”

O Sr. Carter escreve como ex-fuzileiro naval e repórter de jornal, grupos conhecidos por sua linguagem inconveniente. Isto ele admite e confessa sua culpa; mas censura seu crescente uso no linguajar público. E continua:

“Tal comportamento não se restringe às cidades grandes ou aos dois litorais... O que, outrora, era considerado linguagem de gueto onde, é lógico, continua sendo usada, hoje é igualmente comum em Harvard e Tulane, em Davenport, Iowa, e Destin, Flórida, para citar uns poucos... lugares.

Atrás do linguajar está o problema maior, que é o declínio da civilidade em geral...

E, assim, somos assaltados por todos os lados pelo uso e costume da gentinha, com poucos tendo a coragem ou o desejo de confronto direto. Diz ele: “Raramente interpelo o desbocado que embaraça minha mãe em lugar público... Como a grande maioria, simplesmente estremeço e me afasto.” (*Wall Street Journal*, 4 de junho de 1987, p. 23.)

Conversas que mantive com diretores de escola e alunos, levaram-me à mesma conclusão — que mesmo entre os *nossos* jovens, existe o crescente mau hábito de usar termos blasfemos e linguagem suja e profana.

Não hesito em dizer que é errado, muito errado e grave, qualquer rapaz ordenado ao sacerdócio de Deus ser culpado disso.

Tomar o nome do Senhor em vão é um assunto muito sério.

Quando Moisés conduzia os filhos de Israel do Egito para a terra prometida, ele subiu ao alto da montanha para comungar com o Senhor, e o dedo do Senhor escreveu

os Dez Mandamentos em placas de pedra. Estes mandamentos tornaram-se o fundamento do código judaico-cristão que rege a conduta humana. Todos os dez são importantes, e entre eles encontramos este: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.” (Êxodo 20:7.)

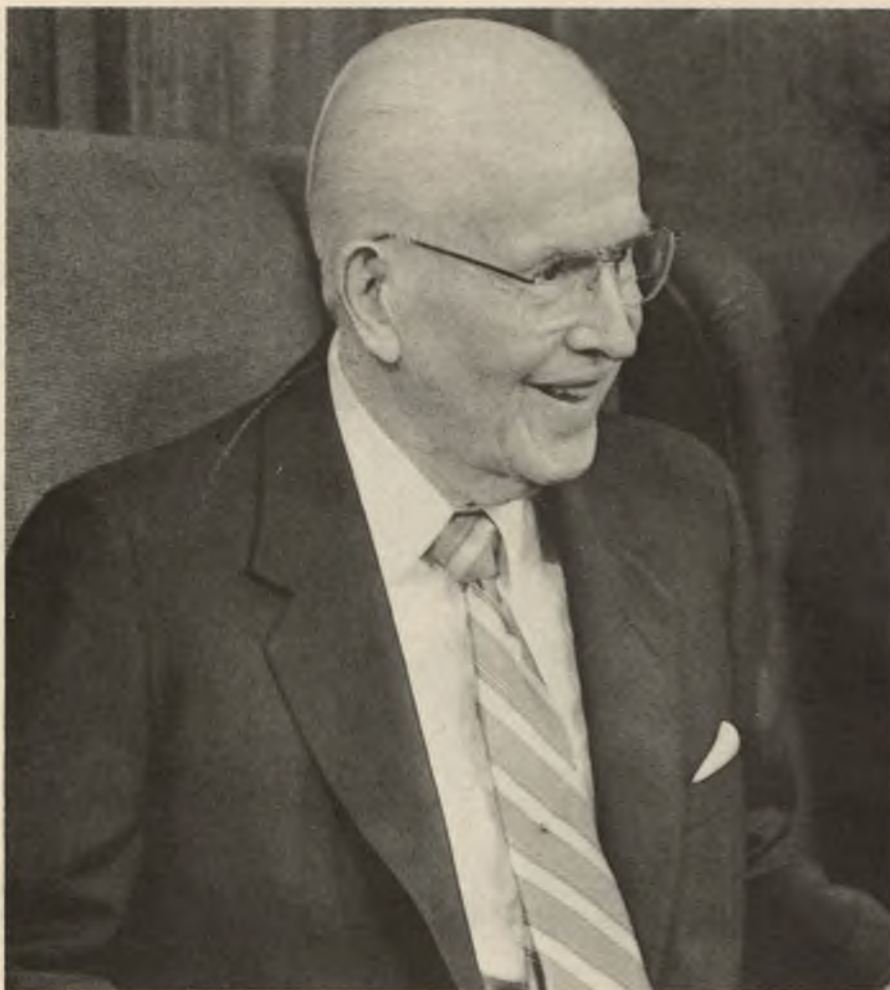
Na antiga Israel, a violação desta lei era considerada tão grave que a blasfêmia do nome do Senhor era crime capital. No livro de Levítico encontramos um relato interessante:

O filho de uma mulher israelita “blasfemou o nome do Senhor, e o amaldiçoou, pelo que o trouxeram a Moisés...

E falou o Senhor a Moisés, dizendo:

Tira o que tem blasfemado para fora do arraial; e todos os que o ouvirem porão as suas mãos sobre a sua cabeça; então toda a congregação o apedrejará.

E aos filhos de Israel falarás, dizendo: Qualquer que amaldiçoar o



Presidente Ezra Taft Benson

seu Deus, levará sobre si o seu pecado.

E aquele que blasfemar o nome do Senhor, certamente morrerá; toda a congregação certamente o apedrejará.” (Levítico 24:11-16.)

Embora haja cessado há muito o castigo extremo, a gravidade do pecado não mudou.

O Senhor voltou a falar em nosso tempo a respeito desse grave assunto. Na revelação dada ao Presidente Brigham Young a 14 de janeiro de 1847, enquanto os santos se preparavam para partir de Winter Quarters em busca destes vales no Oeste, o Senhor lhes disse: “Guardai-vos do pecado de tomar o nome do Senhor em vão, pois eu sou o Senhor vosso Deus, mesmo o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão e de Isaque e de Jacó.” (D&C 136:21.)

Numa epístola geral dirigida a toda a Igreja pela Primeira Presidência, a 8 de abril de 1887, um século atrás, dizia ela concernente a esse problema, que evidentemente era tão sério então

como agora: “O hábito... em que incorrem alguns jovens, de usar termos vulgares e profanos... é não só ofensivo para pessoas bem educadas, mas um pecado grosseiro à vista de Deus, e (que) não deveria existir entre os filhos dos santos dos últimos dias.” (*Messages of the First Presidency*, comp. James R. Clark, 6 vols., Salt Lake City: Bookcraft, 1965-1975, 3:112-113.)

Certa vez trabalhei com uma turma de ferroviários que pareciam orgulhar-se de seu linguajar impróprio. Procuravam torná-lo uma arte. Lembro-me da vez em que entreguei uma instrução escrita a certo guarda-chaves. Cabia a ele cuidar da tarefa segundo as instruções, mas ele achou inconveniente ter de fazê-lo naquela ocasião. Ao ler a ordem, teve um acesso de raiva. Apesar de ser um homem de cinquenta anos, parecia uma criança mimada. Jogou o boné no chão e sapateou sobre ele, soltando tamanho jorro de imprecações que

pareceu fazer o ar empalidecer em redor de si. Cada terceira ou quarta palavra era o nome da Deidade tomado em vão.

Pensei comigo: como pode um homem adulto ser tão infantil? A própria idéia de um homem agir e falar assim era absolutamente repugnante. Nunca mais consegui respeitá-lo.

Quando era um garotinho no primeiro ano escolar, tive o que achei um dia muito duro na escola. Chegando em casa, joguei os livros na mesa da cozinha e soltei uma imprecação contendo o nome do Senhor.

Minha mãe ficou chocada. Com calma e firmeza, explicou-me quão errado eu estava. Disse-me que era inaceitável saírem tais coisas da minha boca. Conduziu-me ao banheiro pela mão, apanhou um esfregão de rosto limpo na prateleira, molhou-o debaixo da torneira e depois o ensaboou generosamente. Então disse: — Temos que lavar-te a boca — mandando que a abrisse, o que fiz com relutância. Então ela esfregou-me a língua e os dentes com o pano ensaboado. Engasguei e funguei de raiva, sentindo vontade de soltar nova imprecação, mas não o fiz. Fiquei lavando a boca uma porção de vezes, mas levou bastante tempo até livrar-me do gosto de sabão. De fato, sempre que me lembro do incidente, volto a sentir o gosto do sabão. A lição valeu a pena. Acho que posso dizer que venho procurando não usar o nome do Senhor em vão desde aquele dia. Sou grato pela lição.

Certa ocasião, Jesus falou à multidão: “O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca isso é o que contamina o homem.” (Mateus 15:11.)

E convenci-me disso ao ouvir homens e mulheres, rapazes e meninas blasfemarem.

Disse certa ocasião o Presidente George Q. Cannon, que por longos anos serviu fielmente como conselheiro na Primeira Presidência:

“Será que anjos tomam o nome do Senhor em vão? A idéia é tão ridícula que nem gostamos de fazer a pergunta... Como, então, nós ousamos fazer aquilo a que não se atrevem os anjos? Seria possível argumentar que o proibido nos céus é louvável na terra?...

Embora estando certos de que

nenhum rapaz poderá citar-nos qualquer proveito resultante do abuso do sagrado nome de Deus, nós lhe poderemos enumerar muitos males disso decorrentes. Para começar”, dizia o Irmão Cannon, “é desnecessário e portanto absurdo; diminui nosso respeito às coisas sagradas e nos conduz à sociedade dos ímpios; acarreta-nos o desrespeito dos homens de bem que nos evitam; leva-nos a outros pecados, pois aquele disposto a ofender seu Criador não se envergonhará de defraudar seu semelhante; e também, assim fazendo, estamos violando direta e intencionalmente um dos mais diretos mandamentos de Deus.” (*Juvenile Instructor*, 27 de setembro de 1873, p. 156.)

Irmãos, guardai-vos da sarjeta em vossas conversas. O linguajar sórdido desonra aquele que o usa.

Se tiverdes o hábito, como livrar-se dele? Começai tomando a decisão de emendar-vos. Na próxima vez em que estiverdes prestes a usar palavras que sabeis serem erradas, simplesmente calai-vos ou dizei o que tendes a dizer de maneira diferente. Com a prática, esse autodomínio torna-se fácil. Costumava dizer o Presidente Heber J. Grant: “Aquilo que persistimos em fazer, torna-se mais fácil para nós; não que a natureza da coisa em si tenha mudado, mas nosso poder de fazê-la aumentou.” (Vide Conference Report, abril de 1901, p. 63.)

Começamos pela autodisciplina. Shakespeare coloca estas palavras na boca de Hamlet:

Refreai-vos esta noite, que isso vos dará certa facilidade à próxima abstenção, e ainda mais à outra: o hábito quase pode mudar o selo inato, e dominar o Diabo, ou expulsá-lo com um poder maravilhoso.

(*Hamlet*, ato 3, cena 4, linhas 195-199.)

Podeis imaginar um missionário desta igreja usando o tipo de linguagem que se ouve no campus de muitas escolas secundárias? Certamente não. Estaria totalmente em desacordo com seu chamado de embaixador do Senhor.

A maioria dos rapazes aqui presentes hoje, é formada por futuros missionários. É tão errado usardes linguagem sórdida agora como seria para um missionário, porque também sois portadores do sacerdócio. Tendes



autoridade para agir em nome de Deus. Lembrai-vos de que é a mesma voz que ora ao Senhor de um lado que, do outro, quando em companhia de amigos, se inclina a usar palavras sujas e sórdidas. Esses dois tipos de voz são incompatíveis.

Paulo, possivelmente o maior missionário de todos os tempos, dizia na epístola a Timóteo, seu jovem companheiro no ministério: “Ninguém despreze a tua mocidade: mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato,

na caridade, no espírito, na fê, na pureza.” (I Timóteo 4:12.)

Observai que ele diz: “Sê um exemplo *na palavra*.” Aqui ele se refere à linguagem. Penso que está falando das coisas a que eu me referia. Está dizendo que termos vulgares e indecentes são incompatíveis com o chamado do crente em Cristo.

“No trato” — ele refere-se novamente a que em nossas conversas com outros devemos ser um exemplo de crente. A conversa é a base da

convivência social amigável. Pode ser alegre. Pode ser leve. Pode ser séria. Pode ser engraçada, mas não maliciosa ou grosseira ou obscena se formos realmente crentes em Cristo.

Talvez acheis que bati demais no assunto. Se o fiz, é porque o considero tão importante. É trágico e desnecessário que rapazes e moças usem linguagem sórdida. Quanto à moça, é indesculpável. E é igualmente grave no caso do rapaz portador do sacerdócio. É um hábito absolutamente inaceitável da parte de alguém autorizado a falar em nome de Deus. Blasfemar seu santo nome ou usar de linguagem debochada é ofensivo a Deus e ao homem.

O homem ou rapaz que precisa recorrer a tal linguajar mostra imediatamente sua pobreza de vocabulário. Não dispõe de suficiente riqueza de expressão para conseguir comunicar-se efetivamente sem usar imprecações ou palavras sórdidas.

Falei nestes termos convosco nesta noite por achar que alguns de vós estejais incorrendo nesse hábito, pelo menos em certa medida. Espero que aceiteis o que falei no espírito em que foi dito. Se tendes usado tal linguajar e vossos amigos estão convosco nesta reunião do sacerdócio, resolvi em conjunto ajudar-vos uns aos outros. Caso aconteça um deslize, lembrai-vos reciprocamente. Espero que o fareis. E, assim fazendo, estareis honrando vosso Pai Celestial, seu Filho Amado e o sacerdócio que portais. Estareis dando crédito ao lar a que pertenceis. Estareis honrando a vós próprios e orgulhando-vos da capacidade de disciplinar vosso linguajar.

Eu digo aos rapazes. Digo-o igualmente a vós, homens mais velhos, que tendes um problema semelhante. Faço-o com amor. Sei que o Senhor se alegra quando usamos uma linguagem limpa e virtuosa, pois ele nos deu o exemplo. Suas revelações são expressas em termos positivos, edificantes, que nos incentivam a fazer o que é certo e a perseverar na verdade e bondade.

Não imprequeis. Não blasfemeis. Evitai as chamadas piadas impróprias. Afastai-vos de conversas pontuadas de palavras sórdidas e sujas. Se o fizerdes, sereis mais felizes, e vosso exemplo dará forças a outros. Que sejais abençoados nesse empenho, eu oro humildemente, meus queridos irmãos, em nome de Jesus Cristo. Amém.

AOS PAIS EM ISRAEL

Presidente Ezra Taft Benson

“Atendei ... às necessidades materiais de vossa família e, com vossa companheira eterna a vosso lado ... (cumpri) vossa sagrada responsabilidade de prover a liderança espiritual no lar.”



Meus caros irmãos, sou grato por estar aqui convosco nesta gloriosa congregação do sacerdócio de Deus. Rogo que o Espírito do Senhor esteja comigo e convosco, ao falar-vos sobre um assunto sumamente vital. Nesta noite, gostaria de falar aos pais reunidos aqui por toda a Igreja, a respeito de seu sagrado chamado.

Espero que vós, jovens, ouçais igualmente com atenção, visto que vos estais preparando para vos tornardes os futuros pais da Igreja.

Pais, tendes um chamado eterno do qual não sois desobrigados jamais. Por mais importantes que sejam, os chamados na Igreja são temporários por sua própria natureza; depois de algum tempo, vem a desobrigação. O chamado de pai, porém, é eterno, e sua importância transcende o tempo. É um chamado tanto para o tempo como para a eternidade.

O Presidente Harold B. Lee disse, com razão, que “a mais importante obra do Senhor que vós (pais) haveis de fazer será a obra que realizardes

dentro das paredes de vosso lar. Ensino familiar, trabalho do bispado e outros deveres são todos importantes, porém a obra mais importante é dentro das paredes de vosso lar.”

(Strengthening the Home, folheto, 1973, p. 7.)

Qual é, então, a responsabilidade específica do pai dentro das sagradas paredes do lar? Gostaria de sugerir duas responsabilidades fundamentais de todo pai em Israel.

Primeiro, tendes a sagrada responsabilidade de prover a subsistência material da família.

O Senhor definiu claramente os papéis quanto ao sustento e criação de uma posteridade justa. No princípio, Adão e não Eva, foi instruído a ganhar o pão com o suor do rosto.

O Apóstolo Paulo aconselha a maridos e pais: “Se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família negou a fé, e é pior do que o infiel.” (I Timóteo 5:8.)

Nos primórdios da história da Igreja restaurada, o Senhor incumbiu especificamente os homens da obrigação de prover o sustento de sua mulher e família. Disse ele em janeiro de 1832: “Na verdade vos digo que todo homem que for obrigado a manter sua própria família, que mantenha, e de modo nenhum perderá a sua coroa.” (D&C 75:28.) Três meses mais tarde voltou a dizer: “As mulheres têm o direito de receber de seus maridos o sustento, até que eles sejam tirados.” (D&C 83:2.) Este é o direito divino da mulher e mãe. Enquanto ela nutre e cuida de seus filhos em casa, o marido ganha o sustento para a família, o que possibilita essa nutrição.

No lar em que há um marido fisicamente capaz, espera-se que ele seja o arrimo da família. Vez por outra temos notícia de maridos que, devido



A Primeira Presidência, da esquerda para a direita: Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro; Presidente Ezra Taft Benson e o segundo conselheiro, Presidente Thomas S. Monson.



A partir da esquerda: Élderes J. Thomas Fyans, Adney Y. Komatsu, Gene R. Cook e Charles Didier do Primeiro Quorum dos Setenta.



Jerol D. Ottley, diretor do Coro do Tabernáculo.

AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro



Presidente Ezra Taft Benson



Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro

O QUORUM DOS DOZE



Marion G. Romney



Howard W. Hunter



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Joseph B. Wirthlin

PRESIDÊNCIA DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



MEMBROS ADICIONAIS DO PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA



O BISPADO PRESIDENTE



Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro

Robert D. Hales
Bispo Presidente

Glenn L. Pace
Segundo Conselheiro

AUTORIDADES GERAIS EMÉRITAS

Patriarca

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Eldred G. Smith

Sterling W. Sill

Bernard P. Brockbank

Joseph Anderson

John H. Vandenberg



A Presidência Geral da Primária: à esquerda, Irmã Virginia B. Cannon, primeira conselheira; Presidente Dwan J. Young e Irmã Michaelene P. Grassli, segunda conselheira.



Os visitantes de várias partes do mundo, que não falam inglês ouviram com fones os discursos da conferência em seu próprio idioma. A tradução simultânea em vinte e sete línguas foi feita por intérpretes de tempo integral e voluntários localizados no subsolo do Tabernáculo, que assistiram à conferência em monitores de televisão.



A Conferência Geral é uma ocasião para renovar a amizade, e ao final de cada sessão os visitantes procuram cumprimentar as Autoridades Gerais. Aqui, ao centro, Élder F. Enzo Busche do Primeiro Quorum dos Setenta é rodeado por visitantes da Conferência.



Élderes M. Russell Ballard, à esquerda e Dallin H. Oaks do Conselho dos Doze.

às condições econômicas, perderam o emprego e esperam que a esposa vá trabalhar fora de casa, mesmo que o marido ainda seja capaz de prover a subsistência da família. Nesses casos, solicitamos ao marido que faça tudo que puder para que sua mulher possa ficar em casa cuidando dos filhos, enquanto ele continua a manter a família o melhor que puder, mesmo que o trabalho disponível não seja o ideal e implique redução do orçamento familiar.

As necessidades educacionais ou aquisições materiais também não justificam o adiamento de filhos, para que a mulher continue trabalhando como mantenedora da família.

Lembro-me do conselho de nosso amado Presidente Spencer W. Kimball a estudantes casados: "Tenho dito a milhares de jovens que, quando se casarem, não devem retardar a vinda de filhos até haverem terminado os estudos e satisfeito anseios financeiros... Devem coabitar normalmente e deixar que venham os filhos...

Não conheço nenhuma escritura", prossegue o Presidente Kimball, "na qual seja dada autorização para jovens esposas retardarem filhos e irem trabalhar para financiar os estudos do marido. Existem milhares de maridos que financiaram, trabalhando, os próprios estudos além de formarem família ao mesmo tempo." ("Marriage Is Honorable", *Speeches of the Year*, 1973, Provo, Utah: Brigham Young University Press, 1974, p. 263.)

Irmãos do sacerdócio, continuo destacando a importância de as mães ficarem em casa para criar e cuidar dos filhos, e instruí-los nos princípios da retidão.

Viajando pela Igreja, sinto que a grande maioria das mães SUD querem sinceramente acatar este conselho. Sabemos, todavia, que às vezes a mãe trabalha fora por insistência ou incentivo do marido. É ele quem deseja as comodidades que a renda suplementar faculta. Nesses casos, irmãos, sofre não só a família como vosso próprio crescimento e progresso espiritual ficará prejudicado. Afirmo a todos vós, que o Senhor incumbiu os homens da responsabilidade de prover o sustento da família de forma a permitir à mulher cumprir seu papel de mãe no lar.

Pais, outro aspecto vital do



atendimento às necessidades materiais da família é a reserva que deveis fazer para casos de emergência. A preparação familiar é um princípio de bem-estar há muito estabelecido. E hoje é ainda mais urgente.

Pergunto-vos seriamente, tendes uma reserva de mantimentos, roupas e, se possível, combustível suficiente para um ano, para vossa família? A revelação de produzir e estocar mantimentos poderá ser tão essencial para nosso bem-estar temporal hoje, como foi entrar na arca para o povo nos dias de Noé.

E também, estais vivendo dentro do vosso orçamento e economizando um pouco?

Estais sendo honestos com o Senhor no pagamento do dízimo? O cumprimento desta lei divina vos trará bênçãos tanto materiais como espirituais.

Sim, irmãos, como pais em Israel

tendes a grande responsabilidade de suprir as necessidades materiais da família e dispor das necessárias provisões em caso de emergência.

Segundo, tendes a sagrada responsabilidade de prover liderança espiritual na vossa família.

Num folheto publicado há alguns anos pelo Conselho dos Doze, nós dizíamos: "Paternidade é liderança, a mais importante forma de liderança. Isto sempre tem sido assim, e sempre o será. Pai, com a assistência, conselho e encorajamento de sua companheira eterna, você preside o lar." (*Pai, Considere Sua Responsabilidade*, folheto, p. 5.)

Essa posição de presidência, contudo, é acompanhada de importantes obrigações. Temos, às vezes, notícias de homens, mesmo na Igreja, que acham que estar à testa da família os coloca em posição superior, dando-lhes permissão de dar ordens e



fazer exigências.

O Apóstolo Paulo ressalta que “o marido é a cabeça da mulher, *como* também Cristo é a cabeça da igreja” (Efésios 5:23; grifo nosso.) Este é o modelo que devemos seguir na função de presidência no lar. Não vemos o Salvador dirigir a Igreja com mão dura e severa. Não vemos o Salvador tratar sua Igreja com desrespeito ou negligência. Não vemos o Salvador recorrer à força ou coerção para realizar seus propósitos. Em parte alguma vemos o Salvador fazendo qualquer coisa senão o que edifica, eleva, conforta e exalta a Igreja. Irmãos, digo-vos com toda sobriedade, ele é o modelo que devemos seguir na liderança espiritual de nossa família.

Isto se aplica particularmente ao relacionamento com a esposa.

Nisto, novamente, o conselho do Apóstolo Paulo é o mais belo e pertinente. Ele simplesmente diz: “Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja.” (Efésios 5:25.)

Numa revelação moderna o Senhor fala novamente dessa obrigação, dizendo: “Amarás a tua esposa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra.” (D&C 42:22.) Que eu saiba, há só uma outra coisa em toda escritura que nos é mandado amar de todo o coração, e esta é o próprio Deus. Ponderai o que isto significa!

Essa espécie de amor poderá ser demonstrada à vossa esposa de muitas maneiras. Em primeiro lugar e antes de

mais nada, coisa alguma, exceto Deus, tem prioridade sobre a esposa em vossa vida — nem trabalho, nem recreação, nem passatempos. Ela é vossa preciosa coadjutora eterna — vossa companheira.

O que significa amar alguém de todo coração? Significa amar com toda a força emocional e toda a devoção. Amando vossa esposa de todo o coração, certamente não sereis capazes de menosprezá-la, criticá-la, ver defeitos nela nem ofendê-la com palavras, atos ou mau humor.

O que quer dizer “apegar-se a ela”? Significa estar perto dela, ser-lhe leal e fiel, comunicar-se com ela e externar-lhe vosso amor.

Amar significa ser sensível a seus sentimentos e necessidades. Ela deseja ser notada e valorizada. Deseja ouvir que a considereis amável e atraente, e que é importante para vós. Amar significa dar, em vossa vida, alta prioridade ao bem-estar e amor-próprio dela.

Deveis ser gratos por ela ser a mãe de vossos filhos e rainha do lar; gratos por haver escolhido o lar e a maternidade — gerar, criar, amar e educar vossos filhos — como o mais nobre de todos os chamados.

Maridos, reconheci a inteligência de vossa esposa e sua capacidade de aconselhar-vos como real parceira com respeito aos planos, atividades e orçamento da família. Não vos mostreis sovinas com vosso tempo e vossos recursos.

Dai-lhe oportunidade de crescer

intelectual, emocional e socialmente, bem como espiritualmente.

Lembraí-vos, irmãos, de que o amor pode ser alimentado e acalentado com pequenas coisas. Flores numa data especial são maravilhosas, da mesma forma como a disposição de ajudar a lavar a louça, trocar fraldas, atender a criança quando ela chora à noite, e deixar a televisão ou o jornal para ajudar a preparar o jantar. São maneiras de dizer sem palavras: “Eu te amo.” Tais esforços insignificantes proporcionam ricos dividendos.

Esse tipo de liderança amorosa do sacerdócio aplica-se não só à esposa como aos filhos.

A mãe exerce uma importante função como coração do lar, mas isto de forma alguma diminui o igualmente importante papel do pai como cabeça do lar, criando, educando e amando os filhos.

Como o patriarca do lar, tendes a grave responsabilidade de assumir a liderança no trato com os filhos. Cabe-vos ajudar a criar um lar no qual possa habitar o Espírito do Senhor. Vossa função é dar orientação a toda a vida familiar. Deveis participar ativamente no estabelecimento das regras e disciplina da família.

Vosso lar deve ser um refúgio de paz e alegria para a família. Nenhuma criança deve temer o próprio pai — sobretudo um pai portador do sacerdócio. O pai tem por dever tornar o lar um lugar de felicidade e alegria. Isto é impossível se houver brigas, discussões, contendas ou mau comportamento. O poderoso efeito de um pai justo dando exemplo, disciplinando e educando, acalentando e amando é vital para o bem-estar espiritual dos filhos.

Com amor em meu coração aos pais em Israel, gostaria de sugerir dez maneiras de pais proporcionarem liderança espiritual aos filhos:

1. Dai bênçãos paternas aos filhos. Batizai e confirmai-os. Ordenai os rapazes ao sacerdócio. Isto tudo serão pontos espirituais culminantes na vida dos filhos.

2. Dirigi pessoalmente as orações familiares, a leitura diária das escrituras e a noite familiar semanal. Vossa participação mostrará a vossos filhos como essas coisas são importantes.

3. Sempre que possível, comparecei às reuniões da Igreja em família. A

adoração familiar sob vossa liderança é vital para o bem-estar espiritual de vossos filhos.

4. Acompanhai vossos filhos e filhas nas atividades especiais das auxiliares da Igreja. Participai, como família, de acampamentos e piqueniques, jogos desportivos e recitais, programas escolares etc. A presença do pai faz toda a diferença.

5. Cultivai uma tradição quanto a férias, viagens e passeios. Isso proporcionará recordações que seus filhos levarão para sempre consigo.

6. Conversai regularmente a sós com cada filho. Permite que falem sobre o que quiserem. Ensinai-lhes princípios do evangelho. Ensinai-lhes valores verdadeiros. Externalai-lhes vosso amor. Dedicar algum tempo aos filhos mostra-lhes quais são vossas prioridades.

7. Ensinai os filhos a trabalhar, e demonstrei-lhes o proveito de esforçar-se para atingir alguma meta meritória. Criai um fundo missionário e um fundo educacional para vossos filhos, mostrando-lhes assim o que considerais importante.

8. Incentivai o cultivo de boa música, arte e literatura no lar. O lar em que reinar uma atmosfera de refinamento e beleza abençoará a vida das crianças para sempre.

9. Se a distância permitir, freqüentai regularmente o templo com vossa esposa. Assim vossos filhos compreenderão melhor a importância do casamento no templo e convênios do templo, e a unidade familiar eterna.

10. Deixai que os filhos vejam com que alegria e satisfação servis na Igreja. Isto pode tornar-se contagiante; então, eles também desejarão servir na Igreja e terão amor ao reino.

Oh! maridos e pais em Israel, vós podeis fazer tanto pela salvação e exaltação de vossa família! Vossas responsabilidades são tão importantes!

Lembra-vos do sagrado chamado de pai em Israel — vosso mais importante chamado no tempo e na eternidade — um chamado do qual jamais sereis desobrigados.

Que possais atender sempre às necessidades materiais de vossa família e, com vossa companheira eterna ao vosso lado, possais cumprir vossa sagrada responsabilidade de prover a liderança espiritual em vosso lar.

Neste sentido eu oro, em nome de Jesus Cristo. Amém.

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
4 de outubro de 1987

“SENHOR, ACRESCENTA-NOS A FÉ”

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

“De todas nossas necessidades, penso que a maior é a de um acréscimo de fé.”



A crescento minhas boas-vindas a todos os congregados nesta grandiosa conferência. Ela tornou-se, de fato, uma conferência mundial. Agora falamos para congregações espalhadas pela América do Norte, e outras nos ouvem instantaneamente no além-mar. Centenas de milhares estão reunidos nesta manhã para ouvir a palavra do Senhor. Agradeço-vos por vossa fé e vossos desejos, e rogo a orientação do Santo Espírito.

Gostaria de contar-vos uma experiência que tive com um de nossos presidentes de área. Estávamos num país no qual, pelo que sabíamos, não havia um único membro da Igreja entre seus milhões de habitantes.

Mas havia um homem que conhecia a Igreja e queria ser batizado. Ele vinha estudando a Bíblia havia longo tempo. Pertencia a uma igreja cristã, mas não se sentia satisfeito. Então

veio-lhe à mente que deveria pertencer a uma igreja que levasse o nome do Salvador. Numa velha enciclopédia existente em certa biblioteca pública, ele encontrou menção à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias com sede na Cidade do Lago Salgado. Escreveu uma carta solicitando maiores informações e recebeu resposta com alguma literatura. Depois, seguiu-se mais literatura a pedido seu.

Quando nos encontramos com ele, havia lido o Livro de Mórmon repetidas vezes. Lera Doutrina & Convênios e outros escritos da Igreja. Entusiasmado, contara aos amigos do tesouro que descobrira. Ele pediu que fosse batizado.

Nós o entrevistamos. Ele conhecia o sacerdócio, suas ordens e ofícios. Tinha conhecimento das várias ordenanças e procedimentos nas reuniões.

Acreditava ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus? Oh, sim, ele sabia que era verdadeiro. Ele o havia lido; ponderara e orara a respeito. Não tinha dúvidas quanto à sua veracidade.

Cria que Joseph Smith é um profeta de Deus? Sem dúvida. Novamente, havia estudado e orado. Estava convencido da realidade da gloriosa visão em que Deus, o Pai Eterno, e seu Filho Amado, o Senhor ressurreto, apareceram ao adolescente Joseph Smith, a fim de anunciar uma nova e final dispensação do evangelho.

O sacerdócio fora restaurado com todos seus dons e poderes. Tinha certeza disso. Nosso amigo queria ser batizado e almejava o sacerdócio para poder ensinar e agir com a devida autoridade.



— Mas — objetamos — se o batizarmos e partirmos em seguida, ficará sozinho. Embora existam muitos cristãos em seu país, e suas leis garantam a liberdade religiosa, há restrições severas concernentes a estrangeiros. Não haverá ninguém para ensinar e ajudá-lo. Não haverá ninguém em quem possa amparar-se.

Ao que respondeu: — Deus há de me ensinar e ajudar; ele será meu amigo e esteio.

Fitando os olhos desse homem de bem, vi brilhar a luz da fé. Nós o batizamos pela autoridade do santo sacerdócio. Confirmamo-lo membro da Igreja e lhe conferimos o Espírito Santo. Batizamos a esposa dele. Após conferir-lhe o Sacerdócio Aarônico, ordenamo-lo ao ofício de sacerdote para que pudessem, sob a devida direção, ter o sacramento.

Realizamos uma reunião sacramental e de testemunho com eles. Abraçamo-os e nos despedimos deles, com lágrimas nos olhos. Eles partiram de volta para casa, e nós fomos desincumbir-nos de nossas responsabilidades em outras nações.

Não hei de esquecê-lo jamais. Ele é pobre quanto às coisas do mundo,

porém instruído — é professor formado. Pouco sei de suas condições de vida. Mas isto eu sei: quando conversamos com ele, ardia-lhe no coração a chama da fé, e nossa própria fé também se avivou.

Ao partir dali, e havendo tempo para meditar, desejei que houvesse mais fé desse tipo, tanto entre nós como nos outros. Seu exemplo propiciou-me um tema. Encontra-se no versículo cinco do capítulo dezessete de Lucas. Jesus estivera ensinando seus discípulos por meio de preceito e parábola. “Disseram então os apóstolos ao Senhor: *Acréscenta-nos a fé.*” (Grifo nosso.)

Esta é minha prece para todos nós: “Senhor, acrescenta-nos a fé.” Aumenta nossa fé para transpormos os abismos da incerteza e da dúvida. Como muitos de vós sabeis, nos últimos quatro ou cinco anos vivemos um episódio interessante na história da Igreja. Chegaram-nos às mãos duas cartas das quais a imprensa se apoderou quando as anunciamos. Foram trombeteadas aos quatro cantos do mundo como documentos capazes de contestar a autenticidade da Igreja. Ao anunciá-las, declaramos que, na

verdade, não tinham nada a ver com os pontos fundamentais de nossa história. Mas alguns membros de pouca fé, aparentemente sempre prontos a crer nas coisas negativas, aceitaram como verdadeiros os pronunciamentos e predições da imprensa. Recordo-me da carta de um indivíduo solicitando a exclusão de seu nome dos registros da Igreja por não poder mais acreditar numa igreja ligada a uma experiência com uma salamandra.

Pois bem, conforme sabeis, essas cartas, além de outros documentos, foram declaradas por seu forjador como totalmente fraudulentas e parte de um plano maligno e desonesto que culminou no assassinato de duas pessoas.

Tenho procurado imaginar o que aqueles cuja fé se deixou abalar pensam desde que o falsificador confessou sua obra maligna.

Entretanto, apresso-me a acrescentar, a grande maioria dos membros da Igreja, todos com exceção de uns poucos, deram pouca atenção ao caso e continuaram servindo fielmente, vivendo estribados na firme convicção fundamentada no conhecimento proporcionado pelo poder do Espírito Santo. Eles sabiam então e sabem agora que Deus vela por sua obra, que Jesus Cristo é o cabeça desta Igreja, que ela é verdadeira, e que seguir seus preceitos e ensinamentos nos leva à felicidade e progresso.

O já mencionado episódio produziu agora outro fenômeno, descrito como a elaboração de uma “nova história” da Igreja em contraposição à “velha história”. Representa, entre outras coisas, um empenho para trazer à luz toda e qualquer elemento de magia popular e ocultismo no ambiente em que vivia Joseph Smith para explicar o que ele fez e por quê.

Não tenho dúvidas de que se praticava magia popular naqueles dias. Indubitavelmente havia superstições e supersticiosos. Suponho que havia igualmente um pouco disso nos dias em que o Salvador andou na terra. E continua havendo mesmo nesta época toda como esclarecida. Em alguns hotéis e edifícios de escritórios, por exemplo, não existe o décimo terceiro andar. Isto significa que há algo de errado com o prédio? Logicamente que não. Ou com os construtores? Não.

Semelhantermente, o fato de haver superstições entre o povo na época de Joseph Smith, não prova absolutamente que a Igreja haja nascido de superstições.

Joseph Smith, pessoalmente, escreveu ou ditou sua história. É o testemunho dele do que aconteceu, e ele selou esse testemunho com a própria vida. Ela está escrita numa linguagem clara, simples e inconfundível. O Livro de Mórmon foi traduzido de antigos anais pelo dom e poder de Deus. Está disponível a todos que o queiram ver, manusear e ler. Aqueles que o leram com fé e indagaram em oração, obtiveram conhecimento de sua veracidade. O atual empenho para encontrar outra explicação qualquer quanto à organização da Igreja, origem do Livro de Mórmon e ao sacerdócio com suas chaves e poderes, acabará como outros modismos antimórmons que apareceram, floresceram e sumiram. A verdade prevalecerá. O conhecimento da verdade se obtém pelo esforço e estudo, sim; mas, primordialmente, ele vem como um dom de Deus àqueles que buscam com fé.

Minha constante prece em favor de toda a Igreja é: Senhor, aumenta nossa fé, para que ela se eleve acima dos pusilânimes detratores desta tua grande e santa obra. Fortalece nosso ânimo. Ajuda-nos a edificar e expandir teu reino de acordo com teu grande mandamento, para que este evangelho seja pregado no mundo inteiro como um testemunho a todas as nações.

Tenho visto respostas a essa oração. Tenho visto o milagre da expansão desta causa e reino, e posso testificá-lo.

Em 1960, faz apenas vinte e sete anos, recebi da Primeira Presidência a designação de cuidar dos presidentes de missão, missionários e santos na Ásia. A Igreja era fraca e pequena nessa parte da terra. A semente fora lançada no Japão, Taiwan e Coréia por fiéis santos dos últimos dias que prestavam serviço militar, mas era pequena e instável. Não possuíamos prédios próprios; os pequenos grupos reuniam-se em casas alugadas que, no inverno, eram frias e desconfortáveis. A Igreja conseguia converter pessoas, mas a fé de algumas era fraca e logo desapareciam. Não obstante, restava um grupo de maravilhosos homens e mulheres fortes que olhavam para além da adversidade do momento.



Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, à esquerda, com Presidente Gordon B. Hinckley e Presidente Ezra Taft Benson.

Encontravam sua força na mensagem, não nas instalações. Continuam fiéis até hoje e seu número tem-se multiplicado por dezenas de milhares.

Poucos domingos atrás, realizamos uma conferência regional em Tóquio. O espaçoso salão foi totalmente ocupado. Havia quase o mesmo número de presentes que há aqui no Tabernáculo de Lago Salgado nesta manhã. O Espírito do Senhor se fazia sentir. Uma atitude de fé predominava naquela vasta congregação. Para mim, que conheci os dias em que éramos fracos e poucos em número, era como contemplar um milagre, pelo qual rendo graças ao Senhor.

Tivemos uma experiência semelhante em Hong Kong, onde atualmente temos quatro estacas de Sião.

A seguir em Seul, Coréia, meu coração comoveu-se quando, chegando ao maior salão existente nessa grande cidade, encontramos todos os lugares ocupados pelos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e seus convidados. Um magnífico coro de trezentas e vinte vozes cantou como

primeiro hino: “Que Manhã Maravilhosa!” (*Hinos*, nº 97.) Foi uma comovente evocação da primeira visão do Profeta Joseph Smith.

Havia conhecido a Coréia do Sul em seus dias de pobreza e reconstrução, após a terrível guerra. Quando lá cheguei pela primeira vez, tínhamos seis missionários em Seul e dois em Pusan, alguns deles acometidos de hepatite. Hoje, temos quatro pujantes missões nesse país, com cerca de seiscentos missionários. Muitos deles são filhos e filhas da Coréia, inclusive belas e inteligentes moças em cujo coração arde a luz da fé. Há também entre eles jovens que abandonam os estudos por algum tempo a fim de cumprir missão. Esses rapazes enfrentam enormes pressões por causa dos requisitos militares bem como exigências educacionais, mas têm fé no coração.

Quando estive na Coréia pela primeira vez, tínhamos lá dois ou três pequenos ramos. Hoje, existem cento e cinquenta unidades locais da Igreja, tanto alas como ramos. Na época era um pequeno e isolado distrito da Missão Extremo Oriente Norte, sem



nenhuma capela. Hoje, são quatorze estacas com quarenta e sete capelas próprias, cinquenta e duas alugadas e mais outras em construção.

Senti naquela congregação, há três semanas, um espírito que me tocou até o fundo da alma. Vi os doces frutos da fé. Sabia de quanto lutaram no princípio para estabelecer uma igreja desconhecida; conheci a pobreza do povo. Agora há força, vigor; existe prosperidade jamais imaginada. Reina ali um cálido espírito de solidariedade. Contam com famílias de devotos pais e mães, e boas e belas crianças.

São um povo que eu amo, e amo-o por causa de sua fé. São inteligentes e bem educados; trabalhadores e progressistas; humildes e piedosos. São um exemplo para outros pelo mundo afora.

Volto a dizer, como o faziam os apóstolos de Jesus: "Senhor, acrescenta-nos a fé." Concede-nos fé para olharmos além dos problemas do momento, para os milagres do futuro. Dá-nos fé para pagar nosso dízimo e

ofertas, e depositar nossa confiança em ti, o Todo-Poderoso, de que abrirás as janelas do céu conforme prometeste. Dá-nos fé para fazer o que é certo e deixar que venham as conseqüências.

Concede-nos fé, quando as tormentas da adversidade nos abaterem e fizerem ir ao chão. Que nas épocas de enfermidades nossa confiança seja forte nos poderes do sacerdócio, seguindo o conselho de Tiago:

"Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor;

E a *oração da fé* salvará o doente, e o Senhor o levantará." (Tiago 5:14-15; grifo nosso.)

O Presidente Howard W. Hunter, que vos falará em seguida, é um notável exemplo da eficácia dessa fé.

Senhor, quando andarmos pelo vale da sombra da morte, dá-nos fé para sorrir apesar das lágrimas, sabendo que tudo faz parte do plano eterno de um Pai amantíssimo; que, ao

cruzarmos o limiar desta vida, entramos noutra mais gloriosa; e que, pela expiação do Filho de Deus, todos hão de levantar-se da sepultura, e os fiéis seguirão avante para a exaltação.

Dá-nos fé para prosseguirmos na obra de redenção dos mortos, para que se cumpram teus propósitos eternos em favor de teus filhos e filhas de todas as gerações.

Pai, concede-nos fé para aceitar teu conselho nas pequenas coisas que tanto importam. Nosso presidente, a quem apoiamos como profeta, tem-nos pedido repetidamente, desde que o chamaste para esta responsabilidade, que leiamos a outra grande testemunha do Senhor Jesus Cristo, o Livro de Mórmon. Dezenas de milhares o fizeram, sendo grandemente abençoados. Eles poderiam testificar: Doces são as recompensas da fé singela.

Senhor, aumenta nossa fé recíproca e em nós próprios, e na capacidade de fazer coisas grandes e boas.

Esta, meus irmãos e irmãs, é minha oração.

O livro de I Reis conta uma história simples e comovente. Permiti que vos leia umas poucas linhas:

"Então Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá senão segundo a minha palavra.

Depois veio a ele a palavra do Senhor, dizendo:

Vai-te daqui, e vira-te para o oriente, e esconde-te junto ao ribeiro de Carite, que está diante do Jordão.

E há de ser que beberás do ribeiro; e eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem.

Foi pois (Elias), e fez conforme à palavra do Senhor." (I Reis 17:1-5; grifo nosso.)

Não houve nenhuma argumentação, nenhuma discussão. Não houve racionalização da parte de Elias. Ele simplesmente *foi e fez*.

Pai, acrescenta-nos a fé. De todas nossas necessidades, penso que a maior é a de um acréscimo de fé. E por isso, querido Pai, acresce nossa fé em ti, em teu Filho Amado, em tua grande obra eterna, em nós próprios como teus filhos, e em nossa capacidade de ir e fazer segundo a tua vontade e os teus preceitos, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

PORTAS QUE SE ABREM — PORTAS QUE SE FECHAM

Presidente Howard W. Hunter

Presidente em Exercício do Quorum dos Doze Apóstolos

“Fechando-se uma porta, outra se abre... Nem sempre temos sabedoria ou experiência suficiente para discernir adequadamente todas as possíveis entradas e saídas.”



Perdoai-me se continuo sentado ao fazer-vos estes poucos comentários. Não é por vontade minha que vos falo de uma cadeira de rodas. Noto que estais desfrutando a conferência sentados, então seguirei vosso exemplo.

Com referência ao estar sentado ou de pé, tenho observado que a vida — qualquer vida — tem seu pleno quinhão de altos e baixos. Na verdade, encontramos muitas alegrias e muitos pesares no mundo, muitas mudanças de planos e novos rumos, numerosas bênçãos que nem sempre parecem nem sentimos como tal, e muita coisa que nos torna mais humildes e aumenta nossa paciência e fé. Todos temos passado por experiências assim de tempos em tempos, e suponho que continuaremos a passar.

Certa passagem de um dos maiores sermões proféticos já proferidos — o magistral discurso do Rei Benjamim ao povo de Zarahemla, no Livro de Mórmon — diz assim:

“Os homens bebem condenação

para suas próprias almas, a não ser que se humilhem e se tornem como as criancinhas...

Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai.” (Mosiah 3:18-19.)

Ser como uma criança e submeter-se à vontade de nosso Pai nem sempre é fácil. Certa ocasião, o Presidente Spencer W. Kimball, que tinha bastante conhecimento quanto a dores, desapontamentos e condições fora de seu controle, escreveu:

“Sendo humanos, gostaríamos de eliminar de nossa vida a dor física e a angústia mental, assegurando-nos contínuo bem-estar e conforto; mas, se fechássemos as portas ao pesar e ao sofrimento, estaríamos excluindo possivelmente nossos maiores amigos e benfeitores. O sofrimento pode santificar as pessoas ao aprenderem a ter paciência, resignação e autodomínio.” (*Faith Precedes the Miracle*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1972, p. 98.)

Nessa declaração, o Presidente Kimball refere-se a fechar as portas para certas experiências da vida. Essa metáfora traz-me à memória uma linha de *Dom Quixote*, o conhecido clássico de Cervantes, que me tem confortado no decorrer dos anos. Nesta obra-prima, encontramos o breve mas importantíssimo lembrete de que, quando uma porta se fecha, outra se

abre. Na vida, costumamos ver portas fechando-se e, às vezes, isto nos causa genuína dor e pesar. Eu, porém, creio realmente que, para cada porta que se fecha, abre-se outra (e talvez mais de uma), com esperança e bênçãos em outras áreas de nossa vida que talvez não descobriríamos de outra maneira.

Nosso amado presidente do Quorum dos Doze, Marion G. Romney, não pôde estar conosco hoje. Como sentimos falta de sua companhia e perspicácia, sua experiência e liderança! O Presidente Romney viu fecharem-se-lhe algumas portas, até mesmo no seu ministério. Tem suportado muitas dores e desalentos, e visto seus planos mudarem nestes últimos anos. Foi ele, porém, deste mesmo púlpito, alguns anos atrás, quem dizia que todos os homens e mulheres, inclusive os mais fiéis e leais, sofreriam adversidade e aflição na vida porque, nas palavras de Joseph Smith: “Os homens têm de sofrer, a fim de que possam subir ao Monte Sião e serem exaltados acima dos céus.” (*History of the Church*, 5:556; vide Conference Report, outubro de 1969, p. 57.)

Dizia então o Presidente Romney: “Isto não quer dizer que ansiamos por sofrer. Evitamo-lo sempre que podemos. Entretanto, sabemos agora e todos nós sabíamos quando escolhemos vir para a mortalidade, que aqui seríamos provados no cadinho da adversidade e aflição...”

(Ademais) o plano do Pai destinado a provar (e refinar) seus filhos não isentou nem mesmo o próprio Salvador. O padecimento que se dispôs a sofrer, e de fato sofreu, equivale ao sofrimento somado de todos os homens (e mulheres de toda parte. Tremendo e sangrando, e desejando recusar a amarga taça, ele disse:) “Eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens.” (D&C 19:18-19.)” (Conference Report, outubro de 1969, p. 57.)

Todos nós precisamos terminar nossas “preparações... para os filhos dos homens”. As preparações de Cristo foram bastante diversas das nossas, mas todos temos preparações a fazer, portas para abrir. Essas importantes preparações exigem, muitas vezes, certa dose de dor, algumas mudanças inesperadas na senda da vida, e certa submissão, “assim como uma criança se submete a



seu pai”. Terminar as preparações divinas e abrir portas celestiais poderá tomar-nos — na verdade, sem dúvida nos tomará — até as últimas horas de nossa vida mortal.

Todos nós sentimos falta de nosso querido Irmão Élder A. Theodore Tuttle, que recentemente abriu uma nova porta para retornar ao seu lar celeste. Suas preparações na mortalidade estavam plenamente concluídas para essa jornada. Ele também como o Presidente Romney, falou neste Tabernáculo a respeito da adversidade, adversidade que sabia que viria a todos nós, mas que talvez não soubesse então, que seria obrigado a enfrentar tão cedo como enfrentou.

Disse ele:

“Adversidade de uma ou outra espécie, é a experiência universal do

homem. É a sina comum de todos... experimentar infortúnio, sofrimento, doença ou outras adversidades. Muitas vezes nosso trabalho é árduo e desnecessariamente exigente. Nossa fé é tentada de diversas maneiras — às vezes injustamente (nos parece). Às vezes parece que o próprio Deus nos está punindo e aos nossos. Uma das coisas que tornam tudo tão difícil de suportar é que, aparentemente, fomos os únicos escolhidos para sofrer tal aflição, enquanto outros presumivelmente escapam dessas adversidades...

Não nos podemos, (porém) entregar à autocomiseração.” (Conference Report, outubro de 1967, pp. 14-15.)

O Élder Tuttle deixou-nos, então, estes versos de Roberto Browning Hamilton, intitulados “Ao Longo da

Estrada”, que nos dão uma lição de prazer e uma lição de pesar:

*Andei uma milha com o Prazer
Que o tempo todo tagarelou,
Sem nada de novo me ensinar,
Por tudo que disse e falou.*

*Andei uma milha com o Pesar
Que uma só palavra não
pronunciou.*

*Mas, oh! quanto tinha a me ensinar,
Por tudo quanto não falou!*

E agora terminou a parte mortal da jornada do Élder Tuttle. Ele fechou esta porta e outra abriu. Agora anda e conversa com os anjos. E assim, algum dia, nós também fecharemos e abriremos as mesmas portas.

Mencionei a vida de dois de nossos irmãos contemporâneos. Obviamente, profetas de outras eras enfrentaram, igualmente, adversidades e dificuldades. Eles não foram poupados exatamente como nossa geração não o é. Léhi, o grande patriarca do Livro de Mórmon, encorajou seu filho Jacó, que nascera no deserto numa época de dificuldades e oposição. A vida de Jacó não era o que seria de esperar e não seguia o curso ideal da experiência. Havia sofrido aflições e reveses, mas Léhi prometeu-lhe que essas aflições reverteriam em seu benefício. (Vide 2 Néfi 2:2.)

Depois Léhi acrescentou estas palavras que se tornaram clássicas:

“Pois que é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fosse... não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal.” (2 Néfi 2:11.)

Esta explicação para certas dores e desapontamentos da vida tem-me confortado grandemente no decorrer dos anos. E conforta-me mais ainda que homens e mulheres dos mais nobres, inclusive o Filho de Deus, tiveram de enfrentar essa oposição a fim de entenderem melhor o contraste entre retidão e iniquidade, santidade e miséria, bem e mal. Pelo confinamento na escura e úmida Cadeia de Liberty, o Profeta Joseph Smith aprendeu que, se somos chamados a passar por tribulações, é para nosso crescimento e experiência, e no final reverterá para nosso bem. (Vide D&C 122:5-8.)

Fechando-se uma porta, outra se abre, mesmo para um profeta na prisão. Nem sempre temos sabedoria ou experiência suficiente para discernir

adequadamente todas as possíveis entradas e saídas. A mansão preparada por Deus para cada um de seus amados filhos, poderá ter apenas certas passagens e balaustradas, tapetes e cortinas especiais, pelos quais ele quer que passemos em nosso caminho para possuí-los.

Compartilho da opinião expressa por Orson F. Whitney nestas palavras:

“Nenhuma dor que sofremos, nenhuma provação por que passamos é vã. Ela contribui para nossa educação, para o desenvolvimento de atributos como paciência, fé, fortaleza e humildade. Tudo o que sofremos e tudo o que suportamos, especialmente quando o suportamos com paciência, edifica o caráter, purifica o coração, expande a alma e nos torna mais ternos e caridosos, mais dignos de sermos chamados de filhos de Deus... e é através da aflição e sofrimento, faina e tribulação que obtemos a educação que viemos adquirir aqui, e que nos tornará mais semelhantes ao nosso Pai e Mãe nos céus.” (Conforme citado em *Faith Precedes the Miracle*, p. 98.)

Em diversos momentos de nossa vida, provavelmente repetidas vezes na vida, somos obrigados a reconhecer que Deus sabe o que nós não sabemos, e vê o que nós não enxergamos.

“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.” (Isaías 55:8.)

Se tiverdes problemas em casa com filhos rebeldes, se sofreis reveses financeiros e tensão emocional que ameaçam vosso lar e vossa felicidade, se tendes de enfrentar a perda de uma vida ou saúde, que paz seja com vossa alma. Nós não seremos tentados além de nossa capacidade de resistir. Nossas digressões e desapontamentos são o caminho estreito e apertado que conduz ao Senhor, conforme cantamos em um de nossos hinos prediletos:

*E quando torrentes tiverdes que passar,
O rio do mal não vos poderá tragar.
Pois ele que pode a tormenta acalmar
Seus santos queridos virá resgatar.*
 (“Que Firme Alicerce”, *Hinos*, nº 49.)

Que Deus nos abençoe nos altos e baixos da vida, no abrir e fechar das portas, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

“CHAMADOS A SERVIR”

Élder Robert L. Backman

Da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

“Convido-vos a vos comprometerdes a cumprir missão. Convido-vos a vos tornardes parte do exército real do Senhor, a vos preparardes física, mental, social e espiritualmente, começando agora mesmo.”



Neste verão, nosso primeiro neto foi chamado para a missão. Acompanhamos com expectativa e emoção seus preparativos para essa grande aventura. Vimos uma transformação ocorrer ao se despedir de nós, fazer sua investidura no templo e entrar no Centro de Treinamento Missionário. Foi literalmente um milagre ver um típico adolescente egoísta tornar-se um abnegado servo do Senhor. Ele se transformou num homem da noite para o dia. Vibrávamos com suas cartas do Centro de Treinamento, nas quais ele incentivava os amigos a fazerem o mesmo que ele. Notamos uma nova coragem brotar ao vê-lo imergir em sua missão. Tal coragem e espírito têm aumentado agora que ele está no campo, ensinando aquilo em que crê.

Permiti-me compartilhar convosco parte de uma carta que ele escreveu a um amigo não-membro, que está pesquisando sobre a Igreja:

“É ótimo saber que você recebeu as palestras. Elas são muito boas. Quero dizer-lhe algo a respeito de compromisso. Você simplesmente tem

de assumi-lo. Comprometa-se! Leia o Livro de Mórmon. Eu o fiz em nove dias, e gastei apenas uma hora e meia por dia. Comprometa-se a ir à Igreja todas as semanas. É um mandamento de Deus e é necessário para o batismo. Comprometa-se a orar. Se você ler o Livro de Mórmon e orar a seu respeito, saberá que é verdadeiro. E, por fim, comprometa-se a se batizar. Cristo o fez, e você também deve fazê-lo. Suspeito que você saiba que o evangelho é verdadeiro, ou não o toleraria. Lembre-se, Deus sabe que você sabe, e, se você não se comprometer, ele ainda o considerará responsável, pois você conhece a verdade. Ser morno com relação ao evangelho não faz bem a ninguém, principalmente a você!”

Como avô, sinto-me exultante ao ver meu próprio sangue iniciando o serviço do Senhor tão bem preparado, e oro para que meus outros netos respondam tão prontamente ao chamado como ele.

Ponderando o que eles deveriam fazer para se prepararem para uma missão, acredito que a melhor fórmula que lhes poderia dar, e a toda a juventude da Igreja, encontra-se num simples versículo no segundo capítulo de Lucas: “E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (vers. 52).

Esse versículo nos dá uma idéia do que o Salvador fez, ao se preparar para o ministério.

Mostra-nos que Jesus Cristo cresceu física, mental, social e espiritualmente!

E, como seus discípulos, podemos fazer menos que isso?

Consideremos como nos prepararmos da mesma forma, a fim de que possamos verdadeiramente representá-lo.



Preparação Física

O serviço missionário é exigente. Pressiona física e mentalmente. Não serve para os fracos. Requer boa saúde, resistência, força e auto-controle.

Um missionário faz muito exercício; caminha grandes distâncias, sobe morros pedalando bicicleta, e ainda tem que sobreviver à comida do companheiro. Levanta-se cedo e trabalha arduamente até tarde da noite.

Quem cozinha, costura, lava e passa para vós? Quem arruma vossa cama, varre o chão, lava os pratos, conserta vossas roupas e engraxa vossos sapatos? Quem vos lembra da hora de acordar ou de ir dormir?

Faríeis bem em tornar-vos auto-suficientes nesses aspectos, antes de irdes para a missão. É muito mais fácil aprender agora com mães amorosas, irmãs e jovens da ala, do que esperar até o momento em que sereis forçados a aprender a sobreviver.

Lembraí, em vossa juventude, da importância de viver a Palavra de Sabedoria e das gloriosas promessas que o Senhor nos dá, quando assim fazemos.

Como parte de vossa preparação física, considerai como financiareis vossa missão.

Se ainda não haveis aberto uma poupança para tal fim, não há melhor momento do que este.

Sabeis fazer um orçamento? Sabeis

comprar mantimentos? Sabeis passar sem dinheiro? Sabeis fazê-lo render? Se ainda não sabeis estas coisas, onde e quando ireis aprendê-las?

Preparação Mental

Muito antes de sequer pensar em praticar Direito, tive de fazer o curso primário, secundário, faculdade, e obter um diploma. Foram necessários anos de estudo e dedicação. E, ainda assim, alguns de nós pensamos que podemos compreender o Evangelho de Jesus Cristo, que abrange toda a verdade, simplesmente freqüentando a Igreja e fazendo um mínimo esforço para aprender e praticar seus ensinamentos vitais.

Enquanto vos preparais para a missão, lembrai-vos do conselho dos antigos: “Não podeis ensinar o que não sabeis, tanto quanto não podeis voltar de um lugar onde nunca estivestes.”

Como está vossa preparação educacional? Gostais de aprender? Sabeis escutar, ler, estudar, ponderar, memorizar?

Estais lendo as escrituras regularmente e procurando compreendê-las? Elas foram escritas para vós e para mim, e não apenas para aqueles que viveram na época em que foram dadas.

O Presidente Ezra Taft Benson encorajou-vos a participar do programa de estudo diário das escrituras, em especial do Livro de

Mórmon. Pensai em suas palavras:

“Rapazes, o Livro de Mórmon modificará vossa vida e vos fortalecerá contra os males de nossos dias. Empréstará à vossa vida uma espiritualidade que nenhum outro livro conseguirá dar-vos. Será a mais importante obra que lereis ao preparar-vos para a missão e a vida. O jovem que conhece e ama o Livro de Mórmon, que o leu diversas vezes, que tem um testemunho inabalável de sua veracidade e aplica seus ensinamentos, será capaz de resistir aos artifícios do demônio, tornando-se um poderoso instrumento nas mãos do Senhor” (*Aos Rapazes do Sacerdócio*, folheto, 1986).

Que promessa vinda de um profeta de Deus!

Do Centro de Treinamento Missionário, meu neto escreveu o seguinte para um amigo: “Leia o Livro de Mórmon... Ele é o melhor livro que já li, e não estou dizendo isso da boca para fora.”

Ficareis surpresos ao ver com que freqüência vos utilizareis das escrituras para enriquecer vossas palestras, resolver dúvidas e relacionar os princípios ali contidos às experiências da vida real.

Admoesto-vos a que estudeis uma língua estrangeira. Isto abrirá portas e proporcionará oportunidades que vos serão de grande auxílio, não só na missão, mas em toda a vida.

O Seminário oferece uma excelente oportunidade de vos preparardes mentalmente para a missão.

Preparação Social

Que imagem tendes de vós mesmos?

A missão requer fé em si mesmo, e isso vem da prática. Vem da compreensão de quem sois como filhos de Deus, e em quem podereis tornar-vos.

Um missionário logo descobre que, se pensa que é capaz ou que não é capaz, ele está certo.

Honrais e apoiáis a lei? Sois confiáveis, pessoas de palavra? Não haverá outra época em vossa vida em que podereis inspirar maior fé e confiança.

Sabeis obedecer às regras? A missão é dirigida por regras.

Sois honestos em vossos negócios com outrem? Gostais das pessoas?

Podeis imaginar conviver com outro missionário vinte e quatro horas por dia e achar isso agradável?

Que grandes lições aprenderéis sobre companheirismo nessa pequena sociedade!

Um dos missionários que trabalhou comigo tinha dificuldade em se relacionar com os companheiros. Estes sempre me pediam que os transferisse, pois não conseguiam entender-se com ele. Por fim, pedi a um de meus melhores missionários que fosse companheiro dele, e insisti com ele que fizesse todo o possível para ajudá-lo a amar seu trabalho. À medida que me aproximava da cidade em que estavam trabalhando, para uma conferência, temi que ele, como todos os outros que o antecederam, pedisse transferência. Para minha surpresa, quando lhe perguntei como se estava relacionando com seu companheiro, ele respondeu: “Estamos indo muito bem! Descobrimos que temos algo em comum. Nenhum de nós esteve na África!”

Prometo-vos que fareis algumas das mais duradouras amizades de vossa vida. Volto para os tempos de minha própria missão, lembrando-me dos irmãos com quem me associei. Eles tiveram um efeito poderoso e positivo em minha vida. Estão entre meus melhores amigos.

Por que isso acontece? Alguém disse: “Uma missão é como ser mergulhado em um grande pote de amor!”

Recentemente, estive numa conferência de estaca, onde uma bela adolescente relatou sua experiência ao trabalhar com uma dupla de missionárias. Com profunda emoção, ela falou do amor que aquelas jovens tinham a todas as pessoas, fossem elas amigáveis, receptivas ou não. Elas reconheciam em cada pessoa um filho de Deus, profundamente amado por ele. Poderiam fazer menos que isso? Esse amor penetrava em cada contato que faziam, tornando até mesmo o relacionamento das duas mais caloroso.

Preparação Espiritual

As verdades divinas somente podem ser conhecidas por meio do Espírito do Senhor.

Um missionário deve estar em sintonia com esse sagrado espírito.



Três membros do Conselho dos Doze trocando idéias, a partir da esquerda: Élderes Dallin H. Oaks, Russell M. Nelson e Neal A. Maxwell.

Deve reconhecer sua diretriz e inspiração. Sua vida deve ser pura, para que possa contar com a ajuda do espírito em tudo o que fizer.

Como podereis preparar-vos para usufruir da influência do Espírito Santo?

1. Mantende vossa vida limpa, em pensamentos e ações. A imoralidade é a mais poderosa arma de Satanás contra nós e nos leva a mais infelicidade, pesar, remorso e degradação que qualquer outro pecado. É mortal para o nosso progresso eterno. Evitai-a como a uma praga.

2. Orai sinceramente; então, escutai a resposta do Senhor.

3. Desenvolvi um testemunho do Evangelho de Jesus Cristo, praticando seus ensinamentos em vossas atividades diárias.

4. Defendei vossas crenças. Estabelecei padrões para vossa vida e não vos deixeis influenciar por padrões mais baixos. Sois responsáveis por vossa própria vida!

5. Honrai o sacerdócio que vos foi conferido pelo Senhor, e que vos servirá de couraça por toda a vida, à medida que respeitardes seu grandioso poder.

6. Fazei metas de longo alcance. Determinai, antecipadamente, vosso curso de ação. Traçai um plano, estabelecendo onde desejais chegar, e

como conseguireis chegar lá. Isto vos auxiliará a resistir às tentações de Satanás, quando elas vierem — e elas certamente virão.

7. Guardai os mandamentos. Isto vos conduzirá à felicidade e realização.

8. Descobrimos que o melhor modo de vos preparardes para a missão é ter a experiência espiritual de ensinar o evangelho a outras pessoas, antes de serdes chamados. Admoestamo-vos a que busqueis vossos amigos e ajudeis a ensiná-los, juntamente com os missionários de tempo integral ou de estaca, prestando-lhes testemunho nessa atmosfera. Então, sabereis como o Espírito Santo trabalha a fim de conduzir as pessoas à verdade, e reconheceréis sua doce influência em vossa própria experiência.

Compreendereis o que o jovem servo de Eliseu compreendeu, quando descobriu que a cidade estava cercada pelo exército sírio. Correndo para Eliseu, em pânico, perguntou:

“Ai, meu senhor! que faremos?”

E ele disse: Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles.

E orou Eliseu, e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu” (II Reis 6:15-17).

Quando estais em sintonia com esse

sagrado espírito, estais bem armados para serdes os representantes do Senhor, preparados para ensinar e testificar, trazendo almas ao nosso Salvador, Jesus Cristo.

No Seminário de Representantes Regionais em abril último, o Presidente Gordon B. Hinckley disse: “Na obra missionária, assim como em tudo o mais, a preparação precede o poder. O encorajamento para a preparação ainda na juventude pode fazer uma tremenda diferença.”

Para os meus netos, e para a juventude da Igreja, onde quer que estejais, convido-vos a vos comprometerdes a cumprir missão. Convido-vos a vos tornardes parte do exército real do Senhor, a vos preparardes física, mental, social e espiritualmente, começando agora mesmo.

O Presidente Benson lembrou-nos de que nada que façamos é mais importante: “Os estudos podem esperar. Bolsas de estudo podem ser adiadas; metas profissionais adiadas. Sim, até mesmo o casamento no templo deve esperar.” (*Aos Rapazes do Sacerdócio*, folheto, 1986, p. 6.)

Juntamente com o Presidente Benson, convido-vos a mostrar vosso amor e compromisso para com o Senhor, respondendo ao seu chamado para servir e juntar vossas vozes às de outros trinta e quatro mil missionários, cantando:

Somos hoje conclamados a servir e a pregar o bom Jesus.

Vamos a um mundo de pesares para proclamar a luz.

Somos hoje conclamados às fileiras das hostes do Redentor.

Vamos pelas sendas e atalhos para demonstrar valor.

Juntos, todos juntos, cantaremos em união;

Prontos, sempre prontos, entoamos a canção.

Todos cantaremos nosso hino triunfal: Jovens de Sião, lutemos pela causa celestial.

(“Chamados a Servir”, Cante Comigo, B-85.)

“E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lucas 2:52).

Ó juventude da Igreja, ide e fazei o mesmo; preparai-vos para servir!

Em nome de Jesus Cristo, amém.

“A LUZ E A VIDA DO MUNDO”

Élder Dallin H. Oaks

Do Quorum dos Doze Apóstolos

“Nós amamos o Senhor Jesus Cristo. Ele é o Messias, nosso Salvador e Redentor. É o único nome pelo qual poderemos ser salvos. Procuramos servi-lo.”



feitas por ele. Sob a direção e de acordo com o plano de Deus, o Pai, Jesus Cristo é o Criador, a fonte da luz e vida de todas as coisas. Por meio da revelação moderna, temos o testemunho de João dizendo que Jesus Cristo é “a luz e o Redentor do mundo; o Espírito da verdade, que veio ao mundo, porque o mundo foi feito por ele, e nele estava a vida e a luz dos homens.

Os mundos foram feitos por ele; e os homens foram feitos por ele; todas as coisas foram feitas por ele, por meio dele, e dele.” (D&C 93:9-10.)

A Luz do Mundo

Jesus Cristo é a luz do mundo porque ele é a fonte da luz que “provém da presença de Deus para encher a imensidade do espaço”. (D&C 88:12.) Sua luz é “a luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem ao mundo”. (D&C 93:2; vide também D&C 84:46.) As escrituras chamam esta luz universal de “a luz da verdade” (D&C 88:6), “a luz de Cristo” (D&C 88:7; Morôni 7:18), e o “Espírito de Cristo”. (Morôni 7:16.) Esta é a luz que vivifica nossa compreensão. (Vide D&C 88:11.) É “a luz pela qual (podemos) julgar”. (Morôni 7:18.) Ela é concedida “a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau”. (Morôni 7:16.)

Jesus Cristo é também a luz do mundo porque seu exemplo e seus ensinamentos iluminam o caminho que devemos percorrer para retornar à presença de nosso Pai Celestial. Antes do nascimento de Jesus, Zacarias profetizou que o Senhor Deus de Israel visitaria seu povo “para alumiar aos que estão assentados em trevas e

Meus queridos irmãos e irmãs, estou feliz pelo privilégio de estarmos aqui juntos neste maravilhoso dia do Senhor, para adorar nosso Pai Celestial e seu Filho Jesus Cristo e para sermos instruídos por seus servos.

O Livro de Mórmon fala da visita do Senhor ressuscitado ao povo das Américas. Vestido com uma túnica branca, ele desceu dos céus. Parado no meio da multidão, ele estendeu a mão e disse:

“Eis que sou Jesus Cristo cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

E eis que sou a luz e a vida do mundo.” (3 Néfi 11:10-11.)

Ele repetiu esta declaração em muitas revelações modernas. (Vide D&C 12:9; 39:2; 45:7.) Em harmonia com suas palavras, afirmamos solenemente que Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, o Pai Eterno, é a luz e a vida do mundo.

Jesus Cristo é a luz e a vida do mundo porque todas as coisas foram

sombra de morte, afim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz”. (Lucas 1:79.)

Durante seu ministério, Jesus ensinou: “Eis que eu sou a luz; eu vos dei o exemplo.” (3 Néfi 18:16.) Mais tarde ele disse aos seus apóstolos: “Levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo”, acrescentando: “Eis que eu sou a luz que levantareis: aquilo que me vistes fazer.” (3 Néfi 18:24.) Ele ensinou à multidão nefita: “Sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis.” (3 Néfi 27:21.)

O Salvador deu ênfase ao íntimo relacionamento de sua luz com seus mandamentos quando ensinou aos nefitas: “Eis que eu sou a lei e a luz.” (3 Néfi 15:9.)

O salmista expressa esse relacionamento: “Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho.” (Salmos 119:105.)

Quando o Senhor fez Léhi e seu povo sair de Jerusalém, ele disse: “E serei vossa luz no deserto e prepararei o caminho à vossa frente, enquanto seguirdes meus mandamentos.” (1 Néfi 17:13.)

À medida que obedecemos aos mandamentos do Senhor, vemos sua luz cada vez mais brilhante em nosso caminho e percebemos o cumprimento da promessa de Isaías: “E o Senhor te guiará continuamente.” (Isaías 58:11.)

Jesus Cristo também é a luz do mundo porque seu poder nos incita a fazer o bem. O Profeta Mórmon ensina: “Todas as coisas boas vêm de Deus;...

Portanto, tudo o que incita e instiga a fazer o bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus.” (Morôni 7:12-13.) As palavras de Mórmon anteciparam o que o Senhor diria mais tarde a Morôni quando estava compilando o Livro de Mórmon: “Mas os que crerem nestas coisas que eu falei,... saberão que estas coisas são verdadeiras, porque persuadem os homens a fazerem o bem.

E tudo quanto persuade os homens à prática do bem é de mim; porque o bem não vem de outrem, senão de mim... eu sou a luz, a vida e a verdade do mundo.” (Êter 4:11; vide também D&C 11:12.)

E assim vemos que Jesus Cristo é a luz do mundo porque é a fonte de luz que vivifica nossa compreensão,



Autoridades do Primeiro Quorum dos Setenta.

porque seus ensinamentos e seu exemplo iluminam nosso caminho e porque seu poder nos incita a fazer o bem.

A Vida do Mundo

Jesus Cristo é a *vida* do mundo devido a sua posição única no que as escrituras chamam de “o grande e eterno plano para salvar-nos da morte”. (2 Néfi 11:5.)

Jesus ensinou: “Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á...

Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” (João 10:9-10.)

Mais tarde, Jesus explicou aos seus apóstolos: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (João 14:6.)

Há duas maneiras de nos aproximarmos do Pai por meio da missão expiatória do Filho. Em ambas Jesus Cristo é a vida do mundo, nosso Salvador e nosso Redentor.

Pelo poder e exemplo da infinita expiação de Jesus Cristo, toda a humanidade será ressuscitada. (Vide 2 Néfi 9:7, 12.) Nossa vida mortal tornou-se possível devido ao seu ato criativo. Nossa vida imortal foi

assegurada porque o Senhor ressuscitado nos redimiu da morte. De acordo com o plano do Pai, o Filho foi “o primogênito dentre os mortos”. (Colossenses 1:18.) “Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.” (I Coríntios 15:22.)

Jesus Cristo é também a vida do mundo porque expiou os pecados do mundo. Por não resistirem à tentação, Adão e Eva foram “banidos da presença do Senhor”. (Helamã 14:16.) As escrituras se referem a essa separação como morte espiritual. (Vide Helamã 14:16; D&C 29:41.)

A expiação do nosso Salvador venceu essa morte espiritual. Dizem as escrituras “que o Filho de Deus tinha expiado o pecado original”. (Moisés 6:54.) Conforme Paulo ensinou aos santos em Roma: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida.” (Romanos 5:18.) Em virtude dessa expiação, “os homens serão punidos por seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão”. (2ª Regra de Fé.)



Nosso Salvador nos redimiu do pecado de Adão, mas, quais são os efeitos de nossos próprios pecados? Como “todos pecaram” (Romanos 3:23), todos estão espiritualmente mortos. Novamente, nossa única esperança de vida é o nosso Salvador, o qual, ensina o Profeta Lêhi: “Ele se oferece em sacrifício pelo pecado, satisfazendo assim as demandas da lei.” (2 Néfi 2:7.)

Para reivindicar o triunfo inspirador do Salvador sobre a morte espiritual que sofremos por nossos próprios pecados, precisamos seguir as condições que ele prescreveu. Conforme nos diz nas revelações modernas: “Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri.” (D&C 19:16-17.)

Nossa terceira Regra de Fé descreve as condições do Salvador com estas palavras: “Cremos que, por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do evangelho.”

De acordo com as palavras do nosso Salvador, segundo foram registradas no Livro de Mórmon, ele ensinou ao povo neste continente: “E todo aquele que ouvir minhas palavras, arrepender-se e for batizado, será salvo.” (3 Néfi 23:5.)

Em suma, o Senhor Jesus Cristo,

nosso Salvador e Redentor, é a vida do mundo porque sua ressurreição e sua expiação nos salvam tanto da morte física quanto da morte espiritual. Jacó rejubilou-se com este dom de vida: “Oh! Quão grande é a bondade de nosso Deus, que nos preparou o caminho para escaparmos das garras desse terrível monstro, sim, aquele monstro, morte e inferno, que eu chamo morte do corpo e também morte do espírito.” (2 Néfi 9:10.)

Gostaria que todos pudessem entender a nossa crença e ouvir nosso testemunho de que Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor, é a luz e a vida do mundo.

Nosso Salvador e Redentor

Algumas pessoas que professam ser seguidoras de Cristo, insistem que os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não são cristãos. Na verdade, alguns até ganham a vida atacando nossa igreja e suas doutrinas. Gostaria de que todas elas pudessem passar pela mesma experiência que passei recentemente.

Recebi em meu escritório, um telefonema de um amigo que estava visitando a Cidade do Lago Salgado pela primeira vez. Ele é um homem culto e um cristão sincero e dedicado. Apesar de não termos discutido o assunto, nós dois sabemos que alguns líderes da igreja dele têm ensinado que os membros da nossa igreja não são cristãos.

Depois de uma breve conversa, eu disse ao meu amigo que gostaria de lhe mostrar uma coisa. Dirigimo-nos então ao centro de visitantes na Praça do Templo. Contemplamos os quadros dos apóstolos e profetas da Bíblia e do Livro de Mórmon, e nos dirigimos à rampa que leva ao segundo andar. Neste local, a grande estátua do Cristo ressurreto, de Thorvaldsen, domina a ambientação sugestiva da imensidão do espaço e da grandeza das criações de Deus.

Quando nos deparamos com essa majestosa representação de Cristo, com os braços estendidos e mãos mostrando os ferimentos de sua crucificação, meu amigo suspirou profundamente. Permanecemos quietos por alguns minutos, usufruindo de uma reverente comunhão de pensamentos piedosos com relação ao nosso Salvador. Então, sem outros comentários, nos dirigimos à saída. No caminho, passamos por um pequeno diorama que mostra o Profeta Joseph Smith ajoelhado no Bosque Sagrado.

Ao deixarmos a Praça do Templo, meu amigo me disse: “Obrigado por mostrar-me aquilo. Agora eu compreendo melhor sua crença.” Espero que todas as pessoas que tenham dúvidas se somos ou não cristãos possam chegar a essa mesma conclusão.

Nós amamos o Senhor Jesus Cristo. Ele é o Messias, nosso Salvador e Redentor. É o único nome pelo qual poderemos ser salvos. (Vide Mosiah 3:17, 5:8; D&C 18:23.) Procuramos servi-lo. Pertencemos à sua igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nossos missionários e membros prestam testemunho de Jesus Cristo em muitas nações do mundo. De acordo com o que o Profeta Néfi escreveu no Livro de Mórmon: “E falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com as nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados.” (2 Néfi 25:26.)

Como declaramos em nossa primeira Regra de Fé: “Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo.” Deus o Pai, o grande Eloim, o Deus Todo-Poderoso é o Pai de nosso espírito, o criador do céu e da terra e o

autor do plano de nossa salvação. (Vide Moisés 1:31, 2:1-2; D&C 20:17-21.) Jesus Cristo é seu Filho Unigênito, Jeová, o Santo e Deus de Israel, o Messias, “o Deus de toda a terra”. (3 Néfi 11:14.) Como declara o Livro de Mórmon: “A salvação foi, é e há de ser pela expiação do sangue de Cristo, o Senhor Onipotente.” (Mosiah 3:18; vide também Moisés 6:52, 59.) As escrituras proclamam e nós afirmamos reverentemente que Jesus Cristo é a luz e a vida do mundo.

O que este conhecimento significa para os santos dos últimos dias? (Somos chamados de “santos” por ser este o termo usado nas escrituras para referir-se àqueles que procuram santificar sua vida fazendo convênios de seguir a Cristo.)

Nosso Salvador é a luz do mundo. Devemos viver de maneira a podermos ser iluminados pelo seu Espírito, e podermos ouvir e prestar atenção aos sinais de endosso do Espírito Santo, que testifica com respeito ao Pai e ao Filho. (Vide D&C 20:26.) Devemos estudar os princípios do seu evangelho e receber suas ordenanças. Devemos obedecer a seus mandamentos, incluindo seus dois grandes mandamentos de amar a Deus e de amar e servir nosso próximo. (Vide Mateus 22:36-40.) Devemos ser fiéis aos convênios que fizemos em nome de Jesus Cristo.

Nosso Salvador é também a vida do mundo. Devemos ser gratos pelo seu absoluto dom de imortalidade. Devemos receber as ordenanças e guardar os convênios necessários para receber seu dom condicional de vida eterna, o maior de todos os dons de Deus. (Vide D&C 14:7.)

Em suma, os santos dos últimos dias convidam todos os homens e mulheres a “virem a Cristo”.

Como nos disse um profeta do Livro de Mórmon: “Quisera que viésseis a Cristo, o Santo de Israel, para participar de sua salvação e do poder de sua redenção. Sim, vinde a ele e ofertai-lhe vossas almas inteiras, como dádiva; continuai a jejuar, orando e perseverando até o fim, e, assim como vive o Senhor, sereis salvos.” (Ômni 1:26.)

Que Deus nos abençoe a todos para virmos a Cristo. Testifico que ele é o nosso Salvador e nosso Redentor, a luz e a vida do mundo, em nome de Jesus Cristo. Amém.

UMA PORTA CHAMADA AMOR

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

“O desejo de elevar, a disposição de ajudar e a bondade para dar vêm de um coração cheio de amor.”



Recentemente, a Associated Press recebeu um verdadeiro catálogo criminal, ao obter as notícias dos acontecimentos diários mundiais, para depois transmiti-los aos lares de todos os continentes.

As manchetes eram concisas. Falavam de assassinato, estupro, assalto, perversão, fraude, trapaga e corrupção. Anotei algumas: “Homem Mata Esposa e Filhos, Depois Volta a Arma Contra Si Próprio”; “Criança Identifica Molestador”; “Centenas Perdem Tudo Numa Falcatura de Milhões de Dólares”. E a lista sórdida prosseguia. Sombras de Sodoma, reflexos de Gomorra.

O Presidente Ezra Taft Benson tem dito repetidamente: “Vivemos num mundo iníquo.” O Apóstolo Paulo advertia: “Haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos... mais amigos dos deleites do que amigos de Deus.” (II Timóteo 3:2-4.)

Temos de sofrer a mesma sina dos que viviam nas cidades da planície? Não conseguimos aprender a lição da época de Noé? “Porventura não há unguento em Gileade?” (Jeremias 8:22.) Ou existe uma porta que nos

leve do lamaçal da mundanidade para o altiplano da retidão? Na mente do ser honesto, continua ecoando ternamente esse convite pessoal do Senhor: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa...” (Apocalipse 3:20.) Essa porta terá um nome? Certamente que sim. Resolvi chamá-la de “porta do amor”.

O amor é o catalisador de onde provém a mudança. O amor é o bálsamo que faz a alma sarar. Mas o amor não cresce como a erva daninha, nem cai como a chuva. Ele tem seu preço. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16.) Esse Filho, mesmo o Senhor Jesus Cristo, entregou a vida, para que tivéssemos a vida eterna, tão grande era seu amor ao Pai e a nós.

Um doutor da lei aproximou-se deste mesmo Jesus e perguntou-lhe: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?”

E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas.” (Mateus 22:36-40.)

Em sua terna e comovente despedida, Jesus ensinou, aconselhando seus amados discípulos: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama.” (João 14:21.) Bastante transcendente foi a instrução: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei, que também vós uns aos outros vos ameis.” (João 13:34.)



As crianças pequenas conseguem aprender a lição do amor. As profundas instruções das sagradas escrituras, elas freqüentemente não entendem. Entretanto, respondem prontamente a estes conhecidos versos:

— *Te amo, mãe — dizia*
Joãozinho,
Mas, descuidado, esquecido do
trabalho comezinho
Vai correndo balançar-se no jardim,
Deixando-lhe água e lenha por
carregar, enfim.
 — *Te amo, mãe — diz Maria com*
prazer,
 — *Amo-te mais do que posso dizer!*
Então ficou horas a fio a rebuliçar
Até sua mãe ficar aliviada, quando
se foi a brincar.
 — *Te amo, mãe — disse Soninha,*
 — *Hoje vou ajudar-te no que puder*
até a noiteinha.
 — *Que bom que à escola hoje não*
precisei comparecer!
Então ninou o bebê até ele
adormecer.
Depois, de mansinho, a vassoura
pegou,
Varreu o chão, o quarto arrumou;
alegre, ocupou-se o dia inteiro
E o trabalho amoroso foi seu
companheiro.
 — *Te amo, mãezinha — voltaram a*
dizer,

Três crianças indo para a cama
depois de comer.

Como acham que a Mãe adivinhou,
Qual das crianças mais a amou?
 (Joy Allison, *The World's Best Loved Poems*. New York: Harper and Row, 1955, pp. 243-244.)

O lar deveria ser um refúgio de amor. Honra, cortesia e respeito simbolizam o amor e caracterizam a família justa. Num lar assim, o pai não ouvirá a denúncia do Senhor registrada no livro de Jacó: “Haveis quebrantado os corações de vossas ternas esposas e perdido a confiança de vossos filhos, por causa de vossos maus exemplos diante deles; e os soluços de seus corações sobem a Deus contra vós.” (Jacó 2:35.)

Em 3 Néfi, o Mestre instruiu: “Não haverá disputas entre vós...”

Pois em verdade, em verdade vos digo que, aquele que tem o espírito de discórdia, não é meu, mas é do demônio, que é o pai da discórdia e leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros.

E eis que esta não é a minha doutrina, ou seja, a de agitar com ira os corações dos homens, uns contra os outros; ao contrário, é preceito de minha doutrina que tais coisas devam cessar.” (3 Néfi 11:28-30.)

Onde existe amor, não há discórdia. Onde existe amor, não há contenda. Onde existe amor, Deus estará também. Todos nós temos a responsabilidade de guardar seus mandamentos. As lições encontradas nas escrituras são cumpridas em nossa vida. Joseph Smith ensinava que “a felicidade é o objetivo e o propósito da nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus”. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, comp. Joseph Fielding Smith, p. 249.)

Na clássica peça musical *Camelot*, encontramos uma fala de advertência a todos. Depois de começar a aprofundar-se o triângulo familiar entre o Rei Artur, Lancelote e Guenevere, diz o primeiro: — Não devemos deixar que nossas paixões destruam nossos sonhos.

Nessa mesma peça, é citada outra verdade pelo mesmo Rei Artur, ao prefigurar um mundo melhor: — Violência não é força, e compaixão não é fraqueza.

Neste mundo em que vivemos, existe a tendência de, falando das necessárias mudanças, ajuda requerida e alívio desejado, terminarmos com esta frase: “Eles deveriam fazer algo a respeito”, mas sem definir quem são *eles*. Gosto muito desta mensagem: “Que haja paz na terra, a começar por mim.”

Senti os olhos marejados, quando li a respeito do menino que, numa de nossas cidades do Leste, ao encontrar um vagabundo dormindo na calçada, foi buscar em casa seu próprio travesseiro e o colocou debaixo da cabeça do desconhecido. Talvez lhe soassem do precioso passado as gratas palavras: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40.)

Louvo aqueles que, com amoroso cuidado e preocupação solidária alimentam o faminto, vestem o desnudo e acolhem o sem teto. Aquele que percebe a morte de um pardal, não se esquecerá de tal serviço.

Um sino não é sino até que o soes,
A canção não é canção até que a cantes

E no coração o amor não está
fadado a ficar.

Amor não é amor até que o distribuas.

(“Sixteen Going on Seventeen”, de *The Sound of Music*, Rodgers e Hammerstein.)

Na sagrada Bíblia, lemos:

“E aconteceu... ir (Jesus) à cidade chamada Naim...

E quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva...

E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.

E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam).”

Na majestade de seu ministério messiânico, ele ordenou: “Mancebo, a ti te digo: Levanta-te.

E o defunto assentou-se, e começou a falar. E entregou-o a sua mãe.” (Lucas 7:11-15.)

O desejo de elevar, a disposição de ajudar e a bondade para dar vêm de um coração cheio de amor.

Diz o poeta: “O amor é o mais nobre atributo da alma humana.” E William Shakespeare adverte: “Não amam aqueles que não demonstram seu amor.” (*Two Gentlemen of Verona*, ato 1, cena 2, linha 31.)

Uma professora mostrava seu amor com sua filosofia diretiva: “Ninguém fracassa na minha classe. Tenho por responsabilidade ajudar cada aluno a vencer.”

Certo líder do quorum do sacerdócio na Cidade do Lago Salgado — um executivo aposentado — disse-me: — Este ano ajudei doze irmãos desempregados a conseguirem um emprego estável. Nunca me senti mais feliz em minha vida. — De baixa estatura, “Little Ed”, como costumávamos chamá-lo afetuosamente, nesse dia avantajou-se com os olhos brilhando e voz embargada. Mostrara seu amor, ajudando irmãos necessitados.

Um negociante grandalhão e rijo, atacadista no ramo avícola, demonstrou seu amor com um simples comentário, quando alguém tentou pagar-lhe duas dúzias de galinhas: — Serão entregues a viúvas, não é? Não custam nada. E, ao colocá-las no porta-malas, acrescentou, com voz hesitante: — E existem mais onde estas estavam.

Robert Woodruff, um executivo da geração passada, percorreu a América



com uma mensagem que difundiu entre grupos cívicos e empresariais. O esquema era simples e breve:

As cinco palavras mais importantes são: *Eu me orgulho de ti.*

As quatro palavras mais importantes são: *Qual é tua opinião?*

As três palavras mais importantes são: *Por favor, sim?*

As duas palavras mais importantes são: *Muito obrigado.*

E à lista do Sr. Woodruff, eu acrescentaria: A palavra mais

importante de todas é, *Amor.*

Poucos anos atrás, a Morgan High School enfrentou a Millard High School pelo campeonato estadual de futebol americano. De sua cadeira de rodas à qual estava confinado, Jan Smith, técnico da Morgan, disse à sua equipe: — Está é a mais importante partida de sua vida. Se perderem, lamentarão para sempre. Se ganharem, lembrar-se-ão dela para sempre. Considerem cada jogada como a mais importante de todas.



De trás da porta, sua esposa, que ele chamava carinhosamente de sua assistente, ouviu o marido dizer: — Eu os amo, rapazes. O jogo não me importa. Eu os amo e por isso lhes desejo a vitória. Morgan High School, a equipe mais fraca, venceu a partida e ganhou o campeonato estadual.

O amor genuíno é um reflexo do amor de Cristo. Anualmente, no mês de dezembro, nós o chamamos de espírito do Natal. Dá para ouvi-lo. Dá para vê-lo. Dá para senti-lo. Mas nunca sozinho.

Certo dia de inverno, lembrei-me de uma experiência de infância. Eu tinha então onze anos. Nossa Presidente da Primária, Melissa, era uma senhora carinhosa; de meia-idade. Um dia, na Primária, a Irmã Melissa pediu-me que fosse conversar com ela, depois de os outros partirem. E ficamos os dois sentados na capela vazia. Colocando o braço em torno de meus ombros, ela se pôs a chorar.

Surpreso, perguntei por que estava triste, ao que respondeu:

— Sinto-me incapaz de incentivar os meninos da classe dos Bandeirantes a serem reverentes na abertura da Primária. Estaria disposto a me ajudar, Tommy?

Prometi à Irmã Melissa que ajudaria. Pareceu-me muito estranho, mas não a ela, que não tenha mais havido problema de reverência na Primária. Ela fora à origem do problema — eu. Amor foi a solução.

Passaram-se anos. A maravilhosa Irmã Melissa, agora com noventa e tantos anos, vivia numa casa de repouso na região noroeste da Cidade do Lago Salgado. Pouco antes do Natal, resolvi visitar minha querida presidente da Primária. Pelo rádio do carro, ouvi cantarem: “Eis dos anjos a harmonia, Cantam glória ao novo Rei!” (*Hinos*, nº 46), e pus-me a refletir sobre outra visita feita por homens sábios muitos séculos atrás, levando ouro, mirra e incenso. Eu, porém, levava unicamente amor e o desejo de dizer: — Muito obrigado.

Encontrei a Irmã Melissa no

refeitório. Sentada diante de seu prato cheio, brincava com a comida sem levar um só bocado à boca. Quando falei com ela, limitou-se a olhar para mim com olhos benignos, porém vazios. Apanhei o garfo e pus-me a lhe dar de comer, falando o tempo todo sobre seu serviço a rapazes e meninas como obreira da Primária. Não houve um vislumbre sequer de reconhecimento, muito menos uma palavra. Duas outras residentes da casa de repouso olhavam-me com expressão intrigada. Finalmente, disseram: — Não adianta conversar com ela. Não reconhece ninguém — nem mesmo a própria família. Não falou uma só palavra todos esses anos que está aqui.

O almoço terminou. Meu monólogo foi morrendo. Levantei-me para partir. Segurando sua frágil mão entre as minhas, fitei aquele semblante belo, apesar das rugas, e disse: — Deus te abençoe, Melissa. Feliz Natal.

Então, repentinamente, ela falou: — Eu te conheço. Você é Tommy Monson, meu menino da Primária. Como eu te amo! Levando minha mão aos lábios, nela depositou o beijo do amor. Lágrimas rolavam-lhe pelas faces, banhando nossas mãos. Essas mãos, nesse dia, foram abençoadas pelos céus e honradas por Deus, enquanto cantavam os anjos arautos. As palavras do Mestre pareciam adquirir um significado nunca antes plenamente sentido: “Mulher, eis aí o teu filho!” E ao discípulo: “Eis aí tua mãe!” (Vide João 19:26-27.)

Lá fora, o céu estava azul — azul-celeste. O ar era frio — gelado. A neve, branca — de um branco cristalino.

De Belém pareciam ecoar estas palavras:

O dom glorioso divinal, nenhum ruído faz,

Porém a este mundo nova esperança traz...

Sereno e sem arautos, sem toques de clarim

Traz ele ao mundo redenção, amor e paz sem fim!

(“Pequena Vila de Belém”, *Hinos*, nº 119.)

O dom maravilhoso foi dado, recebida a bênção celeste, e veio o Cristo amado — tudo através da porta chamada amor. Declaro esta solene verdade em nome de Jesus Cristo. Amém.

“UMA CELEBRAÇÃO SIGNIFICATIVA”

Élder L. Tom Perry

Do Quorum dos Doze Apóstolos

“Cultivemos em nossas famílias, comunidades e nações, tradições duradouras que nos recordem consistentemente as verdades eternas do Senhor e de nossos antepassados que as preservaram para os nossos dias.”



Acabamos de passar um verão repleto de comemorações de acontecimentos de grande significado histórico. No dia vinte e quatro de julho, celebramos o 140º aniversário da chegada dos pioneiros mórmons ao Vale do Lago Salgado. Ao mesmo tempo, estávamos comemorando o 150º aniversário da chegada dos primeiros missionários SUD à Grã-Bretanha. Finalmente, os cidadãos deste grande país, os Estados Unidos, membros e não-membros, comemoraram recentemente o segundo centenário de sua Constituição.

Todos esses eventos tiveram um impacto marcante e duradouro na história da Igreja. Ao participar de muitas das festividades deste verão histórico, fiquei a ponderar o propósito dessas celebrações.

A celebração de acontecimentos passados faz com que prestemos

atenção à nossa história e aproveitemos a oportunidade para rever o passado. Por meio das experiências passadas, antecipamos o futuro. Dizia Cícero a respeito da história:

“Não saber o que se passou em tempos antigos é permanecer sempre criança.

Se não se fizer uso dos labores do passado, o mundo estará fadado a permanecer sempre na infância do conhecimento.” (*De Oratore*, II.)

Este verão reacendeu em mim um maior interesse por nossa história e herança. As semelhanças encontradas e o paralelismo existente entre a nação hebraica e a história da nossa própria Igreja, têm-me intrigado e fascinado.

Moisés foi preparado por nosso Pai Celestial para ser o líder da nação hebraica. Seu nome ilustre adorna as páginas da nossa história antiga. Por meio de Moisés, o Senhor revelou as festividades e eventos que os israelitas deveriam observar como lembretes pessoais de sua libertação da escravidão e do nascimento de uma nova nação. Essas celebrações assumiam duas formas. Em primeiro lugar, havia celebrações de acontecimentos históricos, como a Páscoa, para lembrar ao povo de Israel que fora libertado pela mão do Senhor. Depois, havia tradições ligadas a períodos de tempo determinados por vários múltiplos do número sete.

É claro, o sétimo dia era o Dia do Senhor, um dia de descanso; o sétimo mês, um tempo de colheita. A seguir, como lemos no capítulo vinte e cinco de Levítico, havia instruções especiais

concernentes ao sétimo e ao quinquagésimo ano:

“Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás a sua novidade;

Porém ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor: não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha...

Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos.

Então no mês sétimo, aos dez do mês, farás passar a trombeta do jubileu: no dia da expiação fareis passar a trombeta por toda a vossa terra.

E santificareis o ano quinquagésimo e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores: ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um à sua possessão, e tornareis, cada um à sua família.” (Levítico 25:3-4, 8-10.)

A cada quinquagésimo ano, a terra deveria retornar aos seus primitivos proprietários ou seus descendentes; todos os israelitas vendidos como escravos para quitação de dívidas deveriam ser libertados; e a terra, quando no ano sétimo ou sabático, deveria ficar sem cultivo. Mesmo em nossos dias, a tradição dos anos sabáticos é perpetuada nas universidades, que encorajam seus professores a tirar licença para viagens de estudo a cada sete anos. A palavra *jubileu*, em sentido genérico, significa “carneiro” ou “chifre de carneiro” e refere-se a trombeta de chifre usado para proclamar o início do Ano Jubileu, ou o quinquagésimo ano.

Parece haver quatro propósitos para as celebrações e tradições da antiga Israel e cada um deles pode ser utilizado como um guia e influência de como celebramos e o significado que damos às nossas celebrações.

Primeiro, as tradições preservaram a fé religiosa e fortaleceram a fibra espiritual do povo de Israel. Como exemplo, examinemos as mensagens implícitas na celebração do Ano Jubileu. Um trecho da Enciclopédia Internacional da Bíblia nos diz que, “o quinquagésimo ano deve ser um tempo de proclamar liberdade a todos os habitantes da terra. Deus redimiu seu povo do cativeiro no Egito (Levítico 25:42); e nenhum deles deve ser rebaixado novamente à condição de ...escravo... O filho escolhido de Deus



não deve ser oprimido... Na verdade, como cidadãos do reino teocrático, mestres e servos tornaram-se irmãos... Assim, como é visto em sua aplicação mais ampla, somente por sua lealdade a Deus, Israel poderia, como nação, esperar ser livre e independente de outros mestres...

Um segundo aspecto do Ano Jubileu era o da restituição de todos os bens imóveis. O propósito era o de demonstrar que a terra está sujeita basicamente à lei de Deus, e não aos desejos do homem... A legislação específica de Deus dizia respeito à inalienabilidade dos títulos de terra de Israel. Requeria a devolução de todas as propriedades hereditárias à família que originalmente as possuía, e o restabelecimento do acordo inicial com relação à divisão que Deus fez da terra. Não ensinava nem a teoria econômica socialista que diz que uma pessoa deve receber de acordo com suas necessidades... nem o sistema da livre iniciativa que permite uma expansão ilimitada da propriedade privada. Ao contrário, estabelecia um título fixo de propriedade assinado por Deus."

(Geoffrey W. Bromley, ed., 4 vols., Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Publishing Co., 1968, 2:1142.)

Que mensagens poderosas — que dizem que os israelitas eram os filhos escolhidos de Deus, e que tudo o que possuíam pertencia a Deus, e que somente ele poderia conceder título permanente de terra. Na verdade, essas mensagens, expressas na tradição do Ano Jubileu, lembravam ao povo de Israel a sua genealogia espiritual e seu compromisso com o Senhor.

As celebrações do Natal e da Páscoa, a nossa observância anual do Dia do Pioneiro, os eventos comemorativos da restauração dos sacerdócios Aarônico e de Melquisedeque, as festas de aniversário da Sociedade de Socorro e as encenações ao ar livre de fatos históricos — fazem com que nos lembremos de nossa herança espiritual e aumentam nossa gratidão ao Senhor por tudo o que ele faz por nós.

Segundo, as celebrações e as tradições de Israel tinham um componente político. Aqueles eram

tempos de unificação das tribos para o estabelecimento de uma união mais sólida.

Tais celebrações devem receber nosso apoio e atenção. Fiquei surpreso com o vigor e a maneira adequada como os membros da Igreja, residentes nos Estados Unidos, celebraram o bicentenário da Constituição.

Afinal, nós declaramos na décima segunda Regra de Fé: "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, na obediência, honra e manutenção da lei." Sabemos que, atualmente, este conselho ainda é necessário. Todos os membros da Igreja devem comprometer-se a obedecer e honrar as leis do país em que vivem. Devemos ser exemplos de obediência aos governos sob os quais vivemos. Para que a Igreja seja útil às nações do mundo, ela deve exercer uma influência salutar na vida das pessoas que a ela se unem, tanto em assuntos temporais quanto nos espirituais.

No vigésimo segundo capítulo de Mateus, relembremos o caso dos fariseus quando tentavam confundir o Salvador no que achavam contraditório em seus ensinamentos com relação à Igreja e ao Estado:

"Dize-nos, pois, que te parece? É lícito pagar o tributo a César, ou não?"

Jesus, porém, conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas?

Mostrai-me a moeda do tributo. E eles lhe apresentaram um dinheiro.

E ele diz-lhes: De quem é esta efígie e esta inscrição?

Dizem-lhe eles: De César. Então ele lhes diz: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." (Mateus 22:17-21.)

Continuando o ministério do Salvador, os apóstolos admoestavam os santos a serem ordeiros e cumpridores da lei. Escrevendo a Tito, Paulo declara: "Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedeçam, e estejam preparados para toda a boa obra." (Tito 3:1.)

Como membros da Igreja, vivemos sob o estandarte de muitas bandeiras diferentes. É muito importante compreendermos qual é o nosso lugar e nossa posição nos países em que vivemos! Devemos familiarizar-nos com a história, a herança e as leis das

terras que nos governam. Nos países que nos permitem participar dos negócios governamentais, devemos usar nosso livre-arbítrio e nos empenharmos no apoio e defesa dos princípios da verdade do direito e da liberdade.

Terceiro, as celebrações e tradições de Israel tiveram sensível impacto cultural. Seus festivais e comemorações eram épocas de compartilhar talentos e realizações. Eram épocas de compartilhar conhecimento prático associado com avanços nas artes e ciências.

Uma parte importante da herança que nos foi deixada pelos pioneiros é a apreciação por todas as formas de arte. Nossos antepassados pioneiros, literalmente venceram as planícies dançando e cantando. Era a maneira de que dispunham para manter o ânimo em face das enormes dificuldades.

À medida que os pioneiros se estabeleciam em comunidades, eles construíam teatros, organizavam bandas e corais, e enviavam artistas em missões para obter a experiência e o treinamento necessários para desenvolver plenamente seus talentos. Certamente, rendemos homenagem à nossa herança pioneira, fazendo da cultura e da beleza um dos pontos altos de nossas comemorações. E assim fazendo, não estamos também glorificando o Senhor através das maravilhosas criações de nossas mãos e mentes?

Finalmente, as celebrações e tradições da antiga Israel tinham um profundo significado social. Eram épocas de edificação do senso comunitário, um tempo de reafirmação da fraternidade compartilhada por todos, um tempo de unir as famílias.

Na conferência geral de 1880, o Presidente John Taylor anunciou um Ano Jubileu da Igreja. Ele propôs aos líderes da Igreja várias maneiras de celebrar o Ano Jubileu — maneiras que trouxeram mais união aos santos. O Presidente Taylor disse:

“Ocorreu-me que precisamos fazer algo, como já foi feito anteriormente, para aliviar os que estão sufocados por dívidas, ajudar os necessitados, romper o jugo daqueles que se vêem oprimidos e fazer deste, um tempo de júbilo geral.” (Conference Report, abril de 1880, p. 61.)



O Presidente Taylor propôs então que:

Primeiro, metade de todos os débitos dos membros para com o Fundo Perpétuo de Imigração fosse perdoada.

Segundo, os pobres seriam desobrigados do pagamento do dízimo referente aos seus vencimentos anteriores.

Terceiro, a Igreja reuniria um rebanho de mil vacas leiteiras para serem distribuídas aos pobres e necessitados. A Igreja contribuiria com

trezentas vacas, e as restantes seriam doadas pelas estacas da Igreja.

E finalmente, a Sociedade de Socorro angariaria alqueires de trigo para serem emprestados aos pobres como semente. Então, após a colheita, o empréstimo seria devolvido, estabelecendo-se assim um estoque permanente de trigo para semear. (Alguém perguntou ao Presidente Taylor se o trigo seria emprestado sem juros. Ele respondeu: “É claro que sim; não queremos nenhum despropósito desse tipo; é um tempo

de jubileu.”) (Conference Report, abril de 1880, pp. 61-64.)

Que efeito maravilhoso a proposta do Presidente Taylor deve ter tido na estrutura social da Igreja! Resgatando as tradições da antiga Israel para suprir as necessidades da época, o Presidente Taylor mostrou aos membros como ser verdadeiros santos dos últimos dias.

A celebração de eventos históricos importantes perpetua as tradições, mas não substitui o estudo da história. Pelo contrário, serve como estímulo ao estudo. Construimos pontes entre o presente e o passado e proporcionamos relevância e interesse ao nosso estudo da história. Quando celebramos, nos lembramos. Às vezes, reencenamos aquilo que aconteceu anteriormente. Quando honramos as tradições, na realidade fazemos o que os nossos ancestrais fizeram.

Espero que continuemos a comemorar os eventos históricos e a cultivar as tradições que sempre celebramos com um propósito. Oro que tornemos nossas celebrações mais significativas, reafirmando nossos valores espirituais, políticos, culturais e sociais. Como membros desta gloriosa igreja, compartilhamos uma rica herança. Nós literalmente nos apoiamos nos ombros dos gigantes de fé, visão e espírito que nos precederam.

Quando os honramos assim como seus muitos sacrifícios, nós preservamos seus feitos e os princípios e valores que eles defenderam. E isto nos proporciona uma maneira maravilhosa de honrar a Deus!

Aprendemos da antiga Israel que há um lugar para eventos comemorativos. Cultivemos em nossas famílias, comunidades e nações, tradições duradouras que nos recordem consistentemente as verdades eternas do Senhor e de nossos antepassados que as preservaram para os nossos dias.

Que Deus nos conceda manter viva a rica herança que é nossa, cultivando especialmente as tradições familiares que nos sirvam de lembretes constantes dos nossos padrões e nossos valores.

Esta é a obra do Senhor na qual estamos empenhados. Presto testemunho disto. Ele vive. Jesus é o Cristo, o Salvador do mundo. Que nos possamos engajar em sua obra é minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

SEGUIR AOS IRMÃOS

Élder L. Aldin Porter
do Primeiro Quorum dos Setenta

Desenvolver amor aos profetas, videntes e reveladores: ler as escrituras, fazer o que os profetas nos pedem e orar por eles.



Um pouco depois de receber este chamado, eu estava viajando de Baton Rouge, Louisiana, para Lago Salgado. Um jovem homem de negócios aproximou-se de mim, no avião, e apresentou-se como um santo dos últimos dias. Perguntou-me se estava viajando para comparecer a reuniões, ao que lhe respondi afirmativamente.

— O senhor irá ver o Presidente Benson?

— Acho improvável, em vista da natureza das reuniões.

— Quando o senhor o vir, diga-lhe que, embora nós nunca nos tenhamos encontrado, tenho um profundo amor a ele. — E retornou a seu lugar.

Era tarde; logo as luzes foram sendo apagadas, o que me deu ampla oportunidade de meditar nessa experiência.

Irmãos e irmãs, há grande segurança em ter amor aos Irmãos. Enquanto viajavamos durante a noite, veio-me à lembrança uma experiência que me ocorreu neste tabernáculo, há alguns anos. Creio que foi a última vez que o Presidente Joseph Fielding Smith falou em uma reunião geral do sacerdócio.

Ele disse:

“Agora, irmãos, creio que há uma coisa que deveríamos fixar muito bem em nossa mente. Nem o Presidente da Igreja, nem a Primeira Presidência, nem a voz unida da Primeira Presidência e os Doze, jamais desencaminhará os santos ou emitirá um conselho ao mundo, que seja contrário ao propósito e à vontade do Senhor.” (Ensign, julho de 1972, p. 88.)

Quando o Presidente Smith fez essa declaração, o Espírito testemunhou-me de que era verdadeira. Esse mesmo Espírito presta testemunho novamente hoje.

O Presidente Spencer W. Kimball contou a experiência de um homem que “se rebelou contra o chamado de Brigham Young para que fossem aos vales do sul, dizendo: — Ninguém irá dizer-me para onde ir e o que fazer!” Por causa de sua rebelião pessoal, ele tirou toda sua família da Igreja. Como sua decisão pouco retardou o programa de colonização! Os vales foram colonizados a despeito dele. Quão pouco sua rebeldia prejudicou a Igreja! Ela tem crescido com constância sem ele. Mas, como ele sofreu em seu progresso eterno! Em contraste, houve muitos que levantaram estacas, mudaram-se para novos mundos e criaram famílias de fé e devoção.” (Conference Report, abril de 1955, p. 94.)

O que podemos fazer para ajudar a desenvolver amor aos profetas, videntes e reveladores? Permiti-me fazer três sugestões.

Primeira, ler as escrituras, especialmente o Livro de Mórmon. Ao falar das escrituras, o Profeta Joseph Smith disse: “Aquele que o lê com frequência, o apreciará melhor e aquele que se familiariza com ele, reconhecerá a mão que o escreveu, onde quer que possa vê-la.” (History of the Church, 2:14.)

Leiamos as escrituras e
“reconheceremos a mão.”

O mesmo espírito sentido ao lermos a palavra do Senhor nas escrituras, acompanha os pronunciamentos dos profetas do Senhor. Ao aprendermos a amar a palavra do Senhor, conforme escrita nas escrituras, amaremos a palavra do Senhor transmitida através de seus profetas.

Segundo, fazer o que os profetas nos pedem. Observemos as palavras do Salvador:

“E os judeus maravilhavam-se, dizendo: Como sabe este letras não as tendo aprendido?

Jesus lhes respondeu, e disse: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.” (João 7:15-17.)

O Presidente Benson, na conferência de abril de 1986, falou: “O Livro de Mórmon não tem sido e ainda não é o centro de nosso estudo pessoal, ensino no lar, pregação e obra missionária. Disto é preciso nos arrependermos.” (A *Liahona*, julho de 1986, p. 4.)

Irmãos e irmãs, façamos o que o profeta nos pede e, em pouco tempo, saberemos que ele fala a palavra do Senhor.

Terceiro, orar por eles. Invoquemos as bênçãos do céu sobre a cabeça dos profetas, videntes e reveladores. O Senhor responde às orações sustentadoras dos santos. Além disso, ao nossos corações se voltarem para os Irmãos em oração sincera, ficarão cheios de amor a eles.

Há segurança em amar aos Irmãos. Que espécie de segurança? O Mestre concluiu o Sermão da Montanha, registrado em Mateus e em 3 Néfi, com a seguinte declaração:

“Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as guarda, eu o comparo a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e combateram aquela casa, que não caiu, porque fora construída sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras, e não as observa, é comparado a um homem imprudente, que edificou a sua casa sobre a areia;

E desceu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e combateram aquela casa, e ela desabou, sendo



grande a sua queda.” (3 Néfi 14:24-27.)

Observastes, irmãos e irmãs, que caiu a chuva, transbordaram os rios, e sopraram os ventos sobre as *duas* casas? Apenas porque seguimos a palavra do Senhor, não significa que não sofreremos os ventos da adversidade; significa que sobreviveremos espiritualmente a eles!

O profeta Mórmon aconselhou-nos com grande poder sobre os profetas quando falou: “Ai daquele que nega as revelações do Senhor e que diz que o Senhor já não obra mais por meio de revelação, nem por profecia, nem por dons, nem por línguas, nem por curas ou pelo poder do Espírito Santo!” (3 Néfi 29:6.)

Líderes do sacerdócio, quereis elevar o nível espiritual de vossas mordomias? Segui aos Irmãos.

Maridos, quereis que vossa esposa tenha mais confiança em vós e em

vossa liderança? Segui aos Irmãos.

Pais, desejais que vossos filhos sintam vosso amor e aceitem de boa vontade vossa direção? Amai aos Irmãos.

Ouvimos nesta conferência aquilo que o Senhor queria que soubéssemos. O que foi dito e o que ainda o será, deve ser examinado, ponderado, orado a respeito e seguido. Não deixeis qualquer dúvida quanto à vossa posição. Declarai em tom silencioso que amais aos Irmãos e que ireis segui-los. Acrescentai sinais de exclamação a vossas palavras, ao seguir serena e fielmente aos Irmãos.

Descobrirei que ireis “(gozar) das palavras da vida eterna neste mundo e da vida eterna no mundo vindouro.” (Moisés 6:59.) Sou testemunha de que esta é a obra de Deus. Há um profeta entre nós, o Presidente Ezra Taft Benson. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

SERVIÇO ABNEGADO

Élder William R. Bradford
Do Primeiro Quorum dos Setenta

“Muitas coisas são interessantes e sedutoras, enquanto outras são realmente importantes.”



Os jovens de determinada ala haviam trabalhado para arrecadar a grande soma de dinheiro necessária para uma viagem que estavam planejando realizar.

Como eu tinha certa amizade com o bispo, este telefonou-me para pedir que o ajudasse a obter alguma publicidade para que esses jovens recebessem reconhecimento público pelas boas coisas que estavam fazendo.

Disse-lhes que não iria ajudá-los. Surpreso, ele me perguntou o motivo. Respondi que apesar de estarem fazendo algo louvável, algumas coisas são interessantes enquanto outras são importantes, e que poderia haver um propósito mais elevado para o dinheiro ganho com todo aquele dispêndio de energia.

Ele ficou mais surpreso ainda e perguntou o que eu queria dizer com isto. Expliquei-lhe que meu ministério me leva a países em que as pessoas são menos privilegiadas que aquelas onde ele vive. Conheço seus desafios e sacrifícios. Falei-lhe das dificuldades enfrentadas pelos jovens daqueles lugares para obter fundos necessários para sair em missão. Muitas vezes, até obter comida suficiente para alimentar

a família é um desafio. As roupas são surradas e compartilhadas. Moda é aquilo de que dispõem e, em muitos casos, não é suficiente. Expliquei-lhe que a soma de dinheiro conseguida por aqueles jovens especiais poderia sustentar vários desses missionários durante a missão inteira. Conversamos sobre o valor relativo de uma viagem recreativa comparada com o serviço missionário.

Disse ele: — Está-me pedindo que eu faça os jovens doar esse dinheiro para o fundo missionário geral da Igreja? — Respondi: — Não, não pedi que fizesse isto. Disse apenas que existem coisas melhores para se fazer. Expliquei que não era contra o tipo de projeto que eles estavam planejando, mas que deve haver certo equilíbrio e que, comparativamente, algumas coisas são interessantes e atraentes enquanto outras são importantes.

Mais tarde, o bispo me disse que havia conversado com os jovens e que eles compreenderam a profundidade e o espírito da nossa conversa anterior. Eles queriam sacrificar sua viagem e doar todo o dinheiro para o fundo missionário geral. Perguntaram se poderiam trazer o cheque e tirar algumas fotografias comigo ao fazerem a doação, e publicar no jornal uma foto e um artigo referente ao fato.

Surpreendi-o novamente. Disse que não. Então acrescentei: — Talvez fosse importante ensinar aos seus jovens uma lei de reconhecimento mais elevada. O reconhecimento do alto é silencioso. Ele é registrado cuidadosamente e sem alarde. Deixe que sintam a alegria e guardem no coração e na alma o tesouro que advém do serviço abnegado e silencioso.

Eles assim fizeram e, agora, como prêmio, cada um deles possui uma lembrança e um orgulho que reconhecem ser uma das coisas melhores e mais importantes que já fizeram.

Num campo de refugiados em Bataan, Filipinas, vi uma de nossas queridas missionárias sentar-se no chão sujo ao lado de uma senhora idosa que estava chorando, confusa e com medo. Apoiando gentilmente a cabeça da senhora em seu ombro, afagava seus cabelos com uma das mãos enquanto colocava o outro braço ao seu redor para confortá-la.

Fiquei sabendo que aquela senhora tinha sido expulsa de seu lar. Alguns de seus familiares haviam sido mortos. Ela fora maltratada, arrastada por selvas e florestas e finalmente escoraçada de seu próprio país. Ela nem ao menos sabia falar o idioma dos seus atuais benfeitores.

Mais tarde, quando conversava com a missionária sobre o trabalho que vinha fazendo, ela disse com lágrimas rolando pelas faces: — Esta é a melhor coisa que já fiz. Muitas coisas são interessantes e sedutoras, enquanto outras são realmente importantes.

Algumas vezes, devido à pressão do mundo que nos rodeia, nossos projetos de serviço se tornam projetos de interesse próprio ao invés de projetos abnegados, visando ao bem-estar do próximo.

Os projetos de serviço abnegados são os projetos do evangelho. Eles têm continuidade. Não são eventos especiais baseados em entretenimento, diversão e jogos. Não precisam ser regulamentados ou controlados. Projetos de serviço abnegados são projetos de pessoa para pessoa. São aqueles projetos realizados face a face, olho a olho, voz ao ouvido, coração a coração, espírito a espírito e mão na mão.

Devemo-nos lembrar de que somos seres sociais. Nosso destino eterno está ligado ao destino de nossos semelhantes. Dentro deste sistema social, há sempre desejo de reconhecimento, e é assim que deve ser desde que seja mantido dentro de seus limites.

O Élder Marvin J. Ashton contou certa vez que, durante uma reunião, uma senhora sentada atrás dele passou-lhe um bilhete, que dizia simplesmente: — O senhor poderia virar-se e olhar para mim? — Disse ele: — Todos precisam ser notados.

Dentro de cada um de nós existe uma grande necessidade de sentir-se parte de alguma coisa. Esse sentimento de unidade e pertencer nasce do calor

de um sorriso, de um aperto de mão ou abraço, de demonstrações de amor não pronunciadas. Ele vem nos momentos calmos, reverentes de uma conversa serena e um ouvido atento. Vem através de uma voz suave e constante que nos lembra que somos irmãos e irmãs, filhos de um Pai Celestial.

Obter reconhecimento e louvor dos homens pode transformar-se numa busca obsessiva na vida de uma pessoa. Pode levar de um ato a outro até que a vida esteja repleta de egoísmo e vaidade. O prazer momentâneo do reconhecimento e louvor dos homens faz com que, quase sempre, as pessoas desejem mais. Se não puderem obtê-lo de um modo, tentarão de outro. Se não puder ser obtido de maneira natural, as pessoas tentarão obtê-lo representando um tipo de vida que não é o seu. A ânsia de popularidade, de ser valorizado pelos companheiros e de obter reconhecimento dos homens é uma força poderosa.

É inútil buscar a honra ou reconhecimento dos homens. Essa vaidade é prejudicial porque nasce do egoísmo. Cristo ensina isto claramente quando fala daqueles que “se estabelecem como a luz do mundo para que possam ter lucros e o louvor do mundo, porém não procuram o bem-estar de Sião.

Eis que o Senhor proibiu isto; e, portanto, o Senhor Deus ordenou que todos os homens tenham caridade, que é amor. E se não têm caridade, nada são. Portanto, se tiverem caridade não permitirão que o trabalhador de Sião pereça.

Mas o trabalhador de Sião trabalhará para Sião.” (2 Néfi 26:29-31.)

A abnegação é retidão, pois abrange o verdadeiro espírito de companheirismo. É a verdadeira essência da amizade. É o retrato do verdadeiro amor e unidade da humanidade. Sua recompensa é a liberdade da alma, uma proximidade da divindade, o merecimento de ter a companhia do Espírito. Todo o requisito do plano de Deus para nossa salvação baseia-se no dar de si.

A única maneira de uma pessoa santificar-se debaixo dos céus é o serviço abnegado.

Quando não se desenvolve um serviço abnegado e centralizado no



evangelho, o egoísmo predomina. De todas as influências que levam os homens a escolher o que é errado, o egoísmo é, sem dúvida, a mais forte. Onde ele está não encontramos o Espírito. Os talentos não são compartilhados, as necessidades dos pobres não são mitigadas, os fracos não são fortalecidos, os ignorantes não são ensinados e os que estão perdidos não são recuperados.

O egoísmo, visto na sua verdadeira essência, é a ausência de empatia e compaixão, o abandono da fraternidade, a rejeição do plano de Deus, o isolamento da alma.

Como já disse, muitas coisas, de fato a maioria, são interessantes e muitas são sedutoras. Mas, algumas são realmente importantes. Os limites de tempo nos mostram que precisamos dar prioridade a certas coisas. O dom divino e celestial do arbítrio nos permite decidir até que ponto prestaremos serviço aos outros e permitiremos que eles nos sirvam. A profundidade do envolvimento no que é importante, em lugar de apenas interessante, é nossa escolha pessoal.

Ao fazermos tais escolhas, devemos considerar que o brilho e comoção de projetos festivos e divertidos são interessantes, mas os doentes, solitários, inválidos, desabrigados, crianças carentes e idosos abandonados são importantes.

As revistas, os jornais e toda informação que nos é passada pelos meios de comunicação são interessantes e atraentes, mas as escrituras são importantes.

Os programas de rádio, televisão e a comodidade da aposentadoria tornam interessantes os passeios e diversões,

mas a necessidade de as pessoas se empenharem em serviço abnegado é importante. Preocupa-nos o fato de que a ociosidade e a diversão estejam substituindo a meditação e a oração.

A preocupação com a moda, com o dinheiro e com o acúmulo de coisas materiais para proveito próprio é interessante e sedutora, mas a dedicação de tempo e recursos pessoais à causa da proclamação do evangelho é importante.

Reuniões, materiais e planejamento são interessantes, mas a execução é importante.

A constante exortação de vir a Cristo é acompanhada da promessa de que nele seremos aperfeiçoados. Se fizermos tudo o que estiver ao nosso alcance, amando e servindo a Deus com toda nossa vontade, mente e força, então haverá graça suficiente para nós. Por sua graça, depois de tudo que pudermos fazer, podemos tornar-nos perfeitos em Cristo. Não devemos, pois, empenhar-nos, através de serviços abnegados, a alcançar o reconhecimento do Deus Todo-Poderoso, que é nosso Pai?

“E, chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me.

Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará.

Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?

Ou que daria o homem pelo resgate da sua alma?” (Marcos 8:34-37.)

No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.

“EU IREI E CUMPRIREI...”

Élder Lynn A. Sorensen
do Primeiro Quorum dos Setenta

“O Senhor prepara o caminho, se formos diligentes e fiéis em cumprirmos a nossa parte.”



senti, quando o Presidente Thomas S. Monson fez meu chamado. As palavras de Néfi adquiriram para mim um significado nunca antes considerado:

“E eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho, pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7.)

Sinto que esta escritura tem um grande significado para cada um na Igreja, não importa qual seja o seu chamado. A experiência ensinou-me que o Senhor prepara o caminho, se formos diligentes e fiéis em cumprir nossa parte.

A sabedoria do Élder Russell M. Nelson foi de muita valia, pois ele ensinou que não somos chamados para posições de liderança pelo que somos, mas pelo que podemos vir a ser. Tenho muito o que melhorar para estar capacitado a servir o Senhor como ele deseja.

Lembro-me como se fosse ontem, da primeira vez que assisti a uma conferência geral.

Eu era ainda menino e meus maravilhosos pais trouxeram-me ao Tabernáculo, para que, cedo na vida, pudesse ter uma experiência espiritual especial. Sentamo-nos nesta galeria à esquerda do púlpito, de onde eu podia olhar para baixo, diretamente para as Autoridades Gerais.

Foi uma grande emoção para mim, ver o Presidente Heber J. Grant pela primeira vez. Lembro-me, particularmente, de como o Presidente Grant juntou-se à congregação e cantou com muito fervor, e de como os duros bancos de madeira pareciam desconfortáveis para mim, mesmo com minha pouca idade. Recordo-me de que olhei para os assentos individuais e estofados, ocupados pelo Coro do Tabernáculo e decidi que, um dia, cantaria no Coro e teria um assento confortável, reservado na conferência. Bem, de algum modo as linhas de comunicação foram embaralhadas. Isto não era o que eu tinha em mente.

Sinto-me tão humilde com este chamado, não esperado, que não tenho palavras para expressar o que

Comprometi-me com o Senhor, no dia em que fui apoiado, que o serviria de todo o coração, poder, mente e força; reafirmo-o agora aos Irmãos da Primeira Presidência e a todos vós. Tudo o que for necessário nesse sagrado serviço, estarei disposto a cumprir. Mas necessito de vossa fé e orações e espero ser digno delas.

Gostaria de expressar publicamente meu amor e sincera gratidão à minha maravilhosa esposa, mãe de nossos nove filhos, que está a meu lado há quase quarenta e cinco anos. Ela tem sido uma fonte de força e sempre me apoiou nos chamados da Igreja, embora seu fardo tenha sido bem pesado pelos seus próprios chamados e pela responsabilidade com os filhos e o lar.

Aprecio imensamente o apoio que sempre recebi de meus pais e familiares. A meus filhos e filhas, suas esposas e esposos e aos vinte e sete lindos netos, (até as 8h25 min desta manhã) expressei meu amor e apreciação pelo extraordinário apoio, por sua fé e orações a nosso favor, e pela alegria e felicidade que trouxeram para nossa vida.

Sou grato por minha designação para a Presidência de Área do Brasil com Élder Gibbons e Élder Camargo, e pela oportunidade de servir novamente com o caloroso e admirável povo do Brasil. Tenho sido especialmente abençoado por estar



Os visitantes de várias partes do mundo, que não falam inglês ouviram com fones os discursos da conferência em seu próprio idioma. A tradução simultânea em vinte e sete línguas foi feita por intérpretes de tempo integral e voluntários localizados no subsolo do Tabernáculo, que assistiram à conferência em monitores de televisão.

envolvido de várias formas no crescimento da Igreja lá, nos últimos quarenta e oito anos e vê-lo passar de menos de 200 membros em 1940, para mais de 250.000 hoje.

Ao freqüentar várias conferências de estaca, é emocionante encontrarmos líderes jovens — homens como o Presidente Santos. Ele abraçou o evangelho aos dezessete anos. Quando decidiu aceitar o chamado para a missão, foi repudiado pela família e expulso de casa, junto com seus escassos pertences. Contudo, serviu fielmente e mais tarde encontrou uma linda jovem conversa. Eles foram selados no templo e estão criando sua família sob o convênio. Com somente trinta anos de idade, é bem sucedido nos negócios e um grande líder na estaca. Como o Senhor abençoa os membros fiéis da Igreja!

A Irmã Sorensen e eu tivemos recentemente a oportunidade de percorrer a nova Missão Fortaleza. Isso nos lembrou de nossas próprias experiências missionárias. Um presidente de missão recebe semanalmente centenas de cartas de seus missionários, a respeito dos mais variados assuntos. A maioria das que recebi eram muito espirituais e expressavam a gratidão do missionário pela oportunidade de servir ao Senhor e seu testemunho sobre a importância e veracidade da obra. Preservei a maior parte delas. São preciosas para mim. Uma tocou-me o coração profundamente. Élder Costa, um missionário brasileiro, escreveu-me, em sua última carta antes de deixar o campo missionário:

“Presidente, talvez com o passar do tempo eu esqueça sua aparência, seu modo de andar e coisas assim. Mas seu amor ao evangelho e seu testemunho, nunca esquecerei.”

Se for para ser lembrado pelos membros da Igreja, espero que seja dessa maneira, pois tenho um grande amor ao evangelho e a todos os membros da Igreja de todo o mundo. Sei que não é fácil sentar nessas poltronas vermelhas estofadas, mas tenho um testemunho ardente e sincero desta obra.

Que o Senhor me abençoe para que eu possa tocar a vida de todos a quem ele ama. Que eu possa ser sempre guiado e dirigido por ele, oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

SACRIFÍCIO E AUTO-SUFICIÊNCIA

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Algo de especial acontece ao indivíduo ou unidade da Igreja, quando o povo se torna mais independente e auto-suficiente.”



Esta tem sido uma conferência maravilhosa, irmãos e irmãs. Oro que meus comentários não destoem do espírito que vimos sentindo.

Durante o ano que passou, as Presidências de Área da América do Sul passaram a sentir-se preocupadas com a dependência de suas áreas dos recursos financeiros da sede da Igreja. Sensatamente, esses irmãos podiam ver que as necessidades futuras exigiriam mais fundos do que a sede da Igreja poderia fornecer.

As Presidências de Área reuniram-se com os respectivos representantes regionais e presidentes de estaca, para deliberarem juntos como ajudar a Igreja na América do Sul a tornar-se mais auto-suficiente. Estudaram meios de reduzir despesas e, ao mesmo tempo, aumentar a participação dos membros.

Chegaram à conclusão de que prédios bastante simplificados atenderiam plenamente às necessidades da Igreja. Encontraram meios de os membros doarem mais trabalho voluntário, diminuindo assim os custos de construção. Procurando tornar-se

mais auto-suficientes, as pessoas incorporaram em sua vida o princípio do sacrifício e aprofundaram sua fé.

Dizia o Profeta Joseph Smith:

“A religião que não requer o sacrifício de todas as coisas, jamais tem poder suficiente para produzir a fé necessária para a vida e salvação; pois, desde o princípio da existência do homem, a fé necessária para o desfrute da vida e salvação jamais pôde ser obtida sem o sacrifício de todas as coisas terrenas.” (*Lectures on Faith*, 6:7.)

Quando os santos se esforçam para tornarem-se inteiramente auto-suficientes, acontece algo de especial, que vai muito além do decréscimo de custos. Por exemplo, quando os líderes da Igreja na América do Sul voltaram a atenção para a diminuição de custos no serviço missionário, o Senhor os abençoou com uma idéia simples porém maravilhosa: os membros poderiam proporcionar o almoço aos missionários de tempo integral todos os dias. Era uma obrigação que os santos sul-americanos podiam assumir e que fortaleceria membros e missionários, igualmente. Provou ser o meio para os membros dessa parte do mundo aperfeiçoarem os santos e proclamarem o evangelho — dois aspectos da missão da Igreja.

Comunicando os resultados da aplicação prática dessa idéia, diz um presidente de estaca:

“Tive um encontro com o presidente da missão e debatemos a idéia de nossos membros fornecerem o almoço diário aos missionários. Pedi aos bispos tempo na reunião sacramental de suas alas para expor a idéia básica. Expliquei-lhes as bênçãos que os membros, seus filhos, vizinhos e a estaca receberiam.

Em minha própria ala, observamos um resultado inesperado do sacrifício de nossos membros. A freqüência na reunião sacramental passou de oitenta,

noventa pessoas por semana para cento e cinqüenta. O número de batismos aumentou de um ou dois para cerca de doze ao mês. A participação em geral cresceu em nossa estaca, e em todas as alas sentimos um espírito mais terno.

O bispo de minha ala contou-me o caso de duas crianças que são membros da Igreja, mas os pais não. Elas apoiaram o programa com a mão erguida e, chegando em casa, contaram aos pais que haviam assumido a obrigação de dar almoço aos missionários. O resultado foi que os pais estão ouvindo as palestras missionárias e freqüentando as reuniões da Igreja. Esperamos que logo se batizem.”

Certo bispo informou ao presidente da estaca que não contava com número suficiente de membros ativos para dar almoço aos missionários todos os dias. Sabiamente, o presidente da estaca sugeriu que ele convidasse os membros menos ativos a participarem do programa. Para grande surpresa do bispo, muitos desses membros gostaram da idéia de receber os missionários para o almoço. Na verdade, muitos deles mostraram-se ansiosos por contar aos missionários a história de sua conversão. Geralmente, iam buscar fotografias dos missionários que os haviam batizado. Uma idéia tão simples está proporcionando muitas bênçãos inesperadas à Igreja.

Quando os membros compartilham seu alimento com os missionários, estes trazem para dentro de seu lar aquele espírito especial que só os missionários possuem, abençoando ambas as partes. Muitos membros menos ativos estão voltando à plena participação, e muitos mais ainda se estão envolvendo na obra missionária devido a essa simples expressão de amor e serviço. Quantas vezes, irmãos e irmãs, conseguimos resolver problemas aparentemente grandes com meios relativamente simples!

Gostaria de compartilhar convosco algumas experiências resultantes da cooperação de membros e missionários. Contou-nos um élder:

“Por podermos almoçar com uma família inativa, eles voltaram à plena atividade na Igreja. Ao comerem com eles, deram-se conta da importância da oração antes de cada refeição. Agora reina um espírito maravilhoso nesse



lar. Não só voltaram à plena atividade, como batizamos um membro da família e posteriormente também seus vizinhos — tudo por nos terem convidado para almoçar com eles.”

Outro missionário escreveu:

“A mãe de uma família pobre nos procurou e perguntou quando meu companheiro e eu iríamos comer na casa dela. Sabedor das condições modestas da família, conversei com o presidente do ramo. Ele disse: — Élderes, esta família deu-nos uma grande lição com seu exemplo de humildade. É um grande privilégio tê-los em nosso ramo. Eles são pobres, mas querem participar. Desejamos que aceitem o convite. Se a comida for pouca, passem lá em casa depois e comam conosco.”

Na Bolívia, uma jovem mãe com quatro filhos pequenos expressou seu testemunho dizendo:

“Sou muito grata pelo privilégio de receber os missionários lá em casa. É um prazer dar-lhes de comer, mesmo temendo que às vezes não tenhamos o suficiente para eles.” (Quero dizer que membros de todas as partes do mundo sentem o mesmo temor.) Ela prossegue: “Entretanto, sou tão grata por esta oportunidade, pois meus quatro filhinhos aguardam ansiosamente o dia em que os missionários vêm comer conosco. Quando chega a nossa vez, dois rapazes simpáticos de camisa branca,

gravata e cabelos bem aparados, vêm à nossa casa. Eles estão cheios da luz do evangelho. Brincam com as crianças. Contam-nos suas maravilhosas experiências missionárias. Eles são bem educados, corteses e gentis. Depois de passarem mais ou menos uma hora conosco, voltam a cuidar da obra do Senhor.”

Que pais não se alegrariam em ter filhos como os dois missionários aos quais uma viúva idosa ofereceu almoço. Depois de haverem almoçado algumas vezes na casa dela, compraram-lhe um ramo de flores em sinal de gratidão. Ao receber as flores, a irmã olhou-os atônita e depois se pôs a chorar. Os élderes acharam que haviam cometido algum erro e procuraram desculpar-se. Mas ela os interrompeu, dizendo que nunca em sua vida havia recebido flores, nem mesmo do marido, quando este era vivo. Mostrou-se radiante durante o almoço, e depois pediu aos élderes que esperassem uns instantes. Entregou-lhes então o nome e endereço de sua melhor amiga, pedindo que ensinassem essa família. Esta aceitou o evangelho de todo o coração e provou ser o melhor batismo familiar desses dois missionários.

Talvez estas palavras de um de nossos fiéis presidentes de missão sirvam de resumo disso tudo:

“O esforço de auto-suficiência tem sido uma bênção para nossa missão, não só por haver reduzido a despesa dos missionários em quarenta e oito dólares por mês, em média, mas devido à maior convivência de nossos missionários e missionárias com membros e não-membros. Muitas experiências causaram a reativação de membros e batismo de não-membros. Os membros recebem alimento espiritual e sentem mais amor aos missionários. Até o presente, não houve um único problema.”

E o presidente continua: “Tenho-me perguntado se a experiência de Alma não foi igual ao que vemos acontecer aos santos peruanos e aos missionários.”

Nós lemos em Alma:

“E sentindo-se faminto, ao entrar na cidade, disse (Alma) a um homem: Queres dar algo de comer a um humilde servidor de Deus?”

E o homem lhe disse: Sou nefita, e sei que és um santo profeta de Deus, porque és o homem a quem um anjo

numa visão me mandou que recebesse, dizendo: Tu o receberás. Portanto, vem comigo para a minha casa e dar-te-ei do meu alimento; e sei que serás uma bênção para mim e minha casa.

— E sucedeu que o recebeu em sua casa esse homem que se chamava Amuleque; e trazendo pão e carne os pôs diante de Alma.” (Alma 8:19-21.)

Algo de especial acontece ao indivíduo ou unidade da Igreja, quando o povo se torna mais independente e auto-suficiente. Eles se sentem mais seguros de si, mais positivos e convictos, e refletem-no em suas ações.

Em março deste ano, como certamente vos lembrais, devastadoras avalanches de rochas e lama soterraram seis aldeias nas montanhas a leste de Lima, Peru. Todas essas cidadezinhas situavam-se na área da Estaca San Luis Lima Peru. O deslizamento deixou vinte e cinco mil pessoas desabrigadas. Dezoito famílias SUD tiveram suas casas totalmente destruídas, enquanto outras cento e noventa e oito necessitavam urgentemente de mantimentos, roupas e medicamentos.

Um dia após o deslizamento, um membro da presidência da estaca acompanhado por dois outros membros, andou cinco quilômetros metido até a cintura na lama e destroços a fim de fazer uma avaliação dos danos. Averiguaram que mais de trezentas pessoas, membros e não-membros, haviam-se refugiado na capela de Chosica.

No dia seguinte, a presidência da estaca convocou uma reunião de seus onze bispos e presidentes de ramo, fazendo numerosas designações para o fornecimento das provisões necessárias. Solicitaram a cada ala e ramo que providenciasse grupos de trabalho para ajudarem a pôr as casas dos membros em ordem.

A presidência da estaca decidira resolver o problema sem pedir auxílio a outras estacas. Em pouco tempo, verificaram que seria tarefa impossível. Recorreram, então, ao seu representante regional, solicitando que providenciasse auxílio econômico das outras estacas da região. Os santos do Peru cerraram fileiras.

A Estaca Iquitos, por exemplo, mandou treze caixotes de roupas, pesando cada qual trinta quilos. Outras estacas e alas contribuíram com

mantimentos, cobertores, roupas de cama e colchões.

Com a venda de acolchoados e guloseimas, as moças angariaram mais de trezentos dólares. Um sacerdote de Lima, aluno do último ano do curso secundário, foi com vinte e oito colegas, todos não-membros, ajudar na remoção de detritos em Chosica.

A presidência da Sociedade de Socorro da estaca fez seguidas visitas à região devastada, dando às irmãs instruções sobre higiene, medidas sanitárias, alimentação e “como organizar o viver familiar numa barraca”.

As estacas não pretendiam recorrer aos fundos gerais de bem-estar da Igreja. Os líderes de estaca requisitaram todas as reservas de fundo de jejum de suas alas e ramos. Pediram aos membros da estaca que fizessem um jejum especial no dia 29 de março de 1987, para levantar fundos que ajudassem a cobrir as despesas.

Alguns prestaram tocante testemunho. Guadalupe, que não era membro da Igreja, perdeu absolutamente tudo. Depois, abrigada num pequeno cômodo de nossa capela, deu à luz um menino. Declarou que o Senhor a ajudara a escapar. Aprendera que tudo no mundo é transitório e pode ser perdido. Agradeceu ao ramo e à Igreja por abrir-lhe as portas e pela assistência recebida.

A Irmã Leonora de Contreras, presidente da Sociedade de Socorro, disse saber que o evangelho é verdadeiro. Expressou gratidão por seu marido, portador do sacerdócio, e que tem a força de um pilar. A catástrofe destruiu os frutos de uma vida inteira de labuta em menos de trinta minutos. Lembrou-se das palavras do filho que serve na Missão Peru Trujillo. Ao partir, ele lhe dissera: — Mami, não importa o que aconteça, se precisar de ajuda, peça ao Senhor, e mantenha-se perto dos irmãos. — Ela externou apreço pela assistência recebida dos líderes da estaca.

Irmãos e irmãs, sei muito bem que relatórios semelhantes poderiam vir de outras partes do mundo. Os princípios do sacrifício, auto-suficiência e amor em ação aplicam-se igualmente em toda parte. Falei da América do Sul, porque meu atual encargo me leva para lá, facultando-me experiências mais diretas nessa área. Ainda falta



Robert Cundick, organista do Tabernáculo.

muito para a América do Sul tornar-se auto-suficiente, mas estamos progredindo e o Senhor abençoa nossos esforços.

Sou imensamente grato ao Senhor pelos líderes e outros membros da Igreja, tanto homens como mulheres, que vivem cheios do tipo de fé que os dispõe a sacrificar-se pela edificação do reino de Deus. Esses santos realmente sentem e vivem o princípio ensinado pelo Rei Benjamim aos nefitas: “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.)

Irmãos e irmãs, como poderá cada membro usufruir a emoção e bênção do sacrifício em prol da obra? A resposta é muito simples, como quase todas as respostas na Igreja. Todo membro da Igreja pode pagar o dízimo integral e honestamente, e comparecer ao acerto de dízimo. Diz o Senhor: “Na verdade (agora) é um dia de sacrifício e um dia para o dízimo do meu povo.” (D&C 64:23.)

Gostaria de lembrar-vos as palavras do Presidente Spencer W. Kimball a respeito das ofertas de jejum:

“Muitas vezes, somos um tanto mesquinhos e imaginamos que, se... custou apenas alguns centavos, devemos dar essa importância ao Senhor. Em minha opinião, quando somos abastados, como acontece a muitos de nós, devemos ser generosos, muito generosos...”

Acho que devemos doar não apenas

o valor que economizamos em duas refeições, porém mais, muito mais — uma quantia dez vezes maior, quando podemos fazê-lo.” (Conference Report, abril de 1974, p. 184; citado também em *Veste-te da Tua Fortaleza, Sião*, Guia de Estudo do Sacerdócio de Melquisedeque 1986, p. 117.)

Todo membro pode dar uma generosa oferta de jejum.

Irmãos e irmãs, a Igreja necessita de vossas contribuições para o fundo missionário geral. Este fundo possibilita o serviço de milhares de missionários. Os que estão em condições de fazê-lo, devem contribuir generosamente. O Senhor provê oportunidade igual a todo membro de toda parte do mundo de receber as bênçãos decorrentes do pagamento de dízimos e ofertas.

Todo membro pode dar generosamente de seu tempo e talentos para a edificação do reino de Deus na terra. Nenhum membro da Igreja deve perder essa oportunidade de exercer fé e sentir o espírito proveniente do sacrifício humilde. Obervar o grande bem que os santos sul-americanos fazem com seus escassos meios, ajuda-me a perceber quão mais muitos de nós em outras partes do mundo poderíamos fazer. Jamais nos devemos esquecer deste ensinamento do Salvador: “A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá.” (Lucas 12:48.) Ele tem-nos abençoado abundantemente. Lembro-me das palavras instrutivas de um de nossos hinos:

*Eu devo partilhar,
Pois muito recebi.*

A cada dia,

Muitas bênçãos tu me dás;

E tuas dádivas,

Eu sei que sempre devo dividir.

(“Eu Devo Partilhar”, hino a ser publicado no novo hinário da Igreja.)

Oro que, ao sairmos desta conferência, levemos conosco as mensagens dos irmãos com os princípios que hão de ajudar-nos a sermos santos mais auto-suficientes.

Testifico que nesta conferência nos foi ensinada a verdade, que Deus vive, que Jesus Cristo é seu Filho, e que o evangelho foi restaurado nestes últimos dias. Tudo isto faço em seu sagrado nome, mesmo o nome de Jesus Cristo, amém.

OPORTUNIDADES DE SERVIR

Élder Franklin D. Richards
do Primeiro Quorum dos Setenta

“É-nos impossível fazer sacrifício na edificação do reino de Deus. Considero que é muito mais uma questão de ter uma grande oportunidade de servir a Deus.”



Queridos irmãos e irmãs, ao ouvir as palavras dos Irmãos nesta tarde, verificamos que muito foi dito sobre sacrifício. Não pude deixar de pensar nas palavras de um conhecido hino: “O sacrifício traz as bênçãos do céu.”

Sempre achei, contudo, que realmente é-nos impossível fazer sacrifício na edificação do reino de Deus. Considero que é muito mais uma questão de ter uma grande oportunidade de servir a Deus.

A Irmã Richards e eu moramos em Washington, D.C. durante quinze anos. Quando retornamos a Lago Salgado, mudamos para a área de Monte Olympus. No espaço de um ano, aproximadamente, lembro-me de que eles dividiram a Estaca de Millcreek Leste e chamaram o Presidente Gordon B. Hinckley como presidente. Fui chamado para ser o presidente da missão da estaca e, durante três anos e meio, tive a oportunidade de servir sob a direção do Presidente Hinckley.

Mais tarde, fui chamado para ser presidente de missão de tempo integral,

e depois, vinte e sete anos antes desta conferência, o Presidente N. Eldon Tanner, o Élder Theodore M. Burton e eu, fomos chamados como Autoridades Gerais.

Minha primeira designação foi supervisionar as nove missões da Costa Leste, do Canadá até a Flórida, por cinco anos. Foi uma experiência extraordinária. Minha designação seguinte foi junto ao Presidente Spencer W. Kimball, que na ocasião era membro do Quorum dos Doze, e supervisionava a América do Sul.

Organizamos a primeira estaca da América do Sul em São Paulo, Brasil, em maio de 1966. Como mencionou o Élder Lynn A. Sorensen, o crescimento lá foi espantoso. Lembro-me de que o Presidente Kimball disse: “Não chamaremos nenhum norte-americano para as posições principais de liderança.” E havia muitos santos dos últimos dias morando em São Paulo naquela época, que trabalhavam em empresas associadas aos Estados Unidos. Ele falou: “Chamaremos o povo local.” E assim, nossa norma era chamar homens e mulheres do local, para ocuparem essas posições e também servirem como missionários. Naquela época, em 1966, não havia estacas na América do Sul, ao passo que hoje há perto de duzentas.

Mais tarde, tive a oportunidade de passar três anos com Élder Delbert L. Stapley, na supervisão das missões da América Central e México. Recordo-me de que havia duas estacas no México então; uma nas Colônias e outra na Cidade do México. Hoje há perto de cem estacas lá.

A Igreja tem crescido e se desenvolvido com líderes e missionários locais. Se tivesse tempo, eu poderia relatar algumas experiências maravilhosas que tive com jovens e homens e mulheres de mais idade, envolvidos na obra missionária.

Gostaria apenas de salientar, novamente, o que Élder M. Russell Ballard falou a respeito da importância de contribuir para o Fundo Missionário Geral da Igreja.

Sabeis que todo membro é um missionário. Creio que o Presidente David O. McKay foi o primeiro a enfatizar esse dever. Há algum tempo, eu estava lá em Montana, em visita a uma conferência da estaca. Após a sessão matinal, eu passeava fora da capela, quando vi um menino em pé, vestido com elegância em roupas de domingo. Olhei-o bem e disse: — Filho, você está com ótima aparência. Qual é seu nome?

Ele respondeu: — Joseph Smith Curdy.

E eu falei: — Joseph Smith Curdy! É um bonito nome. Você será um grande missionário.

Ele respondeu: — Eu já sou um grande missionário. Na rua de baixo, algumas quadras de onde moro, há uma família que tem dois meninos mais ou menos da minha idade; faz três ou quatro meses que eu os trago para a capela comigo. Há aproximadamente um mês, eu disse a eles: “Vocês gostariam de receber as palestras dos missionários?” Eles disseram: “Bem, temos que falar com nossos pais.”

Então, nós falamos com seus pais e eles disseram: “Bem, se você nos deixar ouvi-los, ficaremos felizes em deixar os missionários ensiná-los.”

Não houve qualquer problema; portanto, os missionários ensinaram as palestras à família. Joseph Smith Curdy contou-me: — A família inteira será batizada no próximo sábado. Eu já sou um grande missionário.

Não pude deixar de concordar com ele.

Irmãos e irmãs, as oportunidades que temos nesta Igreja, são maravilhosas. Não apenas no programa missionário mas também nas ordenanças do templo e na genealogia.

Sou grato por ter sido destinado a nascer neste período particular da história do mundo, em que o evangelho foi restaurado em sua plenitude. Estou convencido de que o Espírito do Senhor está sendo derramado sobre a face da terra, muito mais hoje do que em qualquer época anterior da história do mundo, por



meio da restauração do evangelho em sua plenitude. Por causa da Restauração, vós e eu podemos prestar o testemunho de que Deus vive, que Jesus é o Cristo e que Joseph Smith foi um grande profeta de Deus. Dizemos que Joseph Smith fez mais pela salvação da humanidade do que qualquer outro homem que tenha nascido na terra, com exceção do

próprio Jesus Cristo. Presto-vos esse testemunho. A Igreja foi restaurada, o poder de agir em nome de Deus, foi restabelecido e temos um poderoso profeta à frente desta Igreja hoje.

Que o Senhor possa abençoar a ele. E que as bênçãos escolhidas de nosso Pai Celeste vos acompanhem ao deixardes esta conferência, oro, em nome de Jesus Cristo. Amém.

“VINDE A CRISTO”

Presidente Ezra Taft Benson

“Voltemos a reler continuamente o Livro de Mórmon, para virmos mais plenamente a Cristo, estarmos comprometidos com ele, centralizados e consumidos nele.”



Meus amados irmãos e irmãs, esta tem sido mais uma conferência gloriosa, pelo que sou grato ao Senhor e elogio meus irmãos por seus inspirados conselhos, e o coro pelos edificantes números musicais.

A principal missão do Livro de Mórmon, declarado em sua página de rosto, é “convencer ao judeu e ao gentio de que Jesus é o Cristo, o Deus Eterno, manifestando-se a todas as nações”.

Aquele que busca a verdade honestamente, pode obter o testemunho de que Jesus é o Cristo, ao ponderar, em espírito de oração, as palavras inspiradas do Livro de Mórmon.

Mais da metade de todos os versículos do Livro de Mórmon referem-se a nosso Senhor. Algum nome de Cristo é mencionado mais freqüentemente por versículo no Livro de Mórmon que até mesmo no Novo Testamento.

Ele recebe no Livro de Mórmon mais de cem diferentes nomes, nomes estes particularmente significativos na descrição de sua natureza divina.

Consideremos alguns dos atributos

do Senhor, conforme são mencionados no Livro de Mórmon, mostrando que Jesus é o Cristo. Em seguida, confirmamos cada um deles com uma breve citação do Livro de Mórmon.

Ele *Vive*: “Ele é... a vida do mundo... uma vida que é infinita.” (Mosiah 16:9.)

Ele é *Invariável*: “O mesmo ontem, hoje e para sempre.” (2 Néfi 27:23.)

Ele é o *Criador*: “Criou todas as coisas, tanto no céu como na terra.” (Mosiah 4:9.)

Ele é o *Exemplo*: Deu “o exemplo. E disse aos filhos dos homens: Segui-me”. (2 Néfi 31:9-10.)

Ele é *Generoso*: “A ninguém ordena que não participe de sua salvação.” (2 Néfi 26:24.)

Ele é *Divino*: “Eis que sou Deus.” (2 Néfi 27:23.)

Ele é *Bom*: “Todas as coisas boas vêm de Deus.” (Morôni 7:12.)

Ele é *Misericordioso*: “É cheio de graça e verdade.” (2 Néfi 2:6.)

Ele *Cura*: As “pessoas doentes, com toda espécie de moléstias e possuídas de demônios e espíritos imundos... foram curadas pelo poder do Cordeiro de Deus”. (1 Néfi 11:31.)

Ele é *Santo*: “Oh! Quão grande é a santidade de nosso Deus!” (2 Néfi 9:20.)

Ele é *Humilde*: Ele “se humilha perante o Pai”. (2 Néfi 31:7.)

Ele é *Prazeroso*: O “Pai” deu-lhe “alegria... completa”. (3 Néfi 28:10.)

Ele é o nosso *Juiz*: “Todos serão levados diante do tribunal de Deus, a fim de serem julgados por ele.” (Mosiah 16:10.)

Ele é *Justo*: “Os julgamentos de Deus são sempre justos.” (Mosiah 29:12.)

Ele é *Bondoso*: Ele tem “imensa bondade... para com os filhos dos homens”. (1 Néfi 19:9.)

Ele é o *Legislador*: “Sou eu quem deu a lei.” (3 Néfi 15:5.)

Ele é o *Libertador*: “Não há outro

chefe por meio do qual (podeis) ser libertados.” (Mosiah 5:8.)

Ele é a *Luz*: “É a luz... do mundo; sim, uma luz sem fim, que nunca poderá ser escurecida.” (Mosiah 16:9.)

Ele é *Amoroso*: “Ama o mundo a ponto de entregar sua própria vida.” (2 Néfi 26:24.)

Ele é o *Mediador*: “O grande Mediador... de todos os homens.” (2 Néfi 2:27.)

Ele é *Misericordioso*: Há uma “multidão de ternas misericórdias”. (1 Néfi 8:8.)

Ele é *Poderoso*: “É mais poderoso que todo o mundo.” (1 Néfi 4:1.)

Ele é *Milagroso*: “Sou um Deus de milagres.” (2 Néfi 27:23.)

Ele é *Obediente*: Obediente ao Pai “na observância de seus mandamentos”. (2 Néfi 31:7.)

Ele é *Onipotente*: Tem todo o “poder, tanto nos céus como na terra”. (Mosiah 4:9.)

Ele é *Onisciente*: “O Senhor tudo sabe, desde o começo.” (1 Néfi 9:6.)

Ele é nosso *Redentor*: “Toda a humanidade se encontrava num estado de perdição e queda, e assim continuaria, se não confiasse nesse Redentor.” (1 Néfi 10:6.)

Ele é a *Ressurreição*: Ele causou a “ressurreição dos mortos, sendo ele o primeiro a ressuscitar”. (2 Néfi 2:8.)

Ele é *Reto*: “Seus caminhos são retidão eterna.” (2 Néfi 1:19.)

Ele é o *Governador*: Governa “nas alturas dos céus e embaixo na terra”. (2 Néfi 29:7.)

Ele é o nosso *Salvador*: “Não há outro nome dado debaixo do céu, mediante o qual o homem possa salvar-se, a não ser o deste Jesus Cristo.” (2 Néfi 25:20.)

Ele é *Inocente*: Sofreu “tentações e não (cedeu) a elas”. (Mosiah 15:5.)

Ele é *Verdadeiro*: “És Deus de verdade e não podes mentir.” (Êter 3:12.)

Ele é *Sábio*: “Ele tem toda a sabedoria.” (Mosiah 4:9.)

Ao meditar todas estas e muitas outras provas da divindade do Senhor, encontradas no Livro de Mórmon, meu coração se extravasa com o do compositor:

Senhor, meu Deus, quando eu, maravilhado, Os grandes feitos vejo da tua mão: Estrelas, mundos e trovões rolando, A proclamar teu nome na amplidão.

*Canta minh'alma, então, a ti, Senhor,
Grandioso és tu, grandioso és tu!
Canta minh'alma, então, a ti, Senhor,
Grandioso és tu, grandioso és tu!*
(*Grandioso És Tu*, trad. Rev.
Nathanael Emmerich, 1959.)

Depois de convencida, por meio do Livro de Mórmon, de que Jesus é o Cristo, a pessoa tem de dar o passo seguinte: tem de vir a Cristo. Aprender os preceitos encontrados no Livro de Mórmon, considerado pelo Profeta Joseph Smith o livro mais correto da terra, é só o primeiro passo. Atendo-se aos preceitos encontrados na “pedra fundamental” de nossa religião, o homem consegue aproximar-se mais de Deus do que por qualquer outro livro. Não podemos, pois, ver por que devemos ler esse livro diariamente e praticar seus preceitos em todos os momentos?

Lendo o Livro de Mórmon, um crescente número de pessoas tem-se convencido de que Jesus é o Cristo. Agora precisamos de um número crescente que use o Livro de Mórmon para comprometer-se com Cristo. Precisamos se convencidos e comprometer-nos.

Voltemos mais uma vez ao Livro de Mórmon, desta feita para aprender alguns princípios acerca de vir a Cristo, comprometer-se com ele, centralizar e consumir-se nele. Citaremos apenas umas poucas das numerosas passagens sobre o assunto.

Precisamos, primeiro, saber que Cristo nos convida a virmos a ele. “Eis que ele envia um convite a todos os homens, pois que seus braços de misericórdia estão estendidos para eles,... Sim, diz ele, vinde a mim e participareis do fruto da árvore da vida.” (Alma 5:33-34.)

Vinde, pois ele está de “braços abertos para vos receber”. (Mórmon 6:17.)

Vinde, pois “ele consolará vossas aflições (e) defenderá vossa causa”. (Jacó 3:1.)

“Vinde a ele, e ofertai-lhe vossas almas inteiras como dádiva.” (Ômni 26.)

Encerrando o registro da civilização jaredita, Morôni diz: “Eu vos exorto a que busqueis esse Jesus de quem os profetas e apóstolos têm escrito.” (Êter 12:41.)

Em suas palavras conclusivas, escritas já no final da civilização



nefita, diz Morôni: “Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele... e, se vos negardes a todas as impiedades e amardes a Deus com todo o vosso poder, mente e força, então sua graça vos será suficiente.” (Morôni 10:32.)

Aqueles comprometidos com Cristo servem “de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar” em que se encontrem, “mesmo até à morte”. (Mosiah 18:9.) Eles guardam sempre o nome de Cristo “escrito em (seus) corações”. (Mosiah 5:12.) Tomam “sobre si o nome de Cristo, com a firme resolução de servi-lo até o fim”. (Morôni 6:3.) Quando levamos uma vida centralizada em Cristo, “falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo”. (2 Néfi 25:26.) Recebemos “as palavras agradáveis de Deus (e regozijamo-nos) em seu amor”. (Jacó 3:2.) Mesmo acabrunhado por causa de suas iniquidades, Néfi diz: “Sei em quem confiei. Meu Deus tem sido meu apoio.” (2 Néfi 4:19-20.)

Lembremo-nos do conselho de Alma: “Que todos os teus feitos sejam no Senhor, e aonde quer que fores que o seja no Senhor; sim, que os teus pensamentos sejam dirigidos ao Senhor; sim, que o afeto do teu

coração seja posto no Senhor para sempre. Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer.” (Alma 37:36-37.)

“Lembraí-vos, lembraí-vos”, diz Helamã, “de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo,... que deveis construir os vossos alicerces, para que quando o demônio desencadear a fúria de seus ventos,... (eles não tenham) força para vos arrastar ao golfo da miséria.” (Helamã 5:12.)

Néfi disse: “(O Senhor) encheu-me com seu amor, até consumir a minha carne.” (2 Néfi 4:21.) Aqueles que se consomem em Cristo, são “vivificados em Cristo”. (2 Néfi 25:25.) Eles “não (padecem) nenhuma espécie de aflição que não (seja) absorvida na alegria de Cristo”. (Alma 31:38.) Jesus os recebe em seus braços. (Vide Mórmon 5:11.) Diz Néfi: “Glorio-me em meu Jesus, pois redimiu minha alma do inferno.” (2 Néfi 33:6.) E Lêhi: “Estarei eternamente cercado pelos braços de seu amor.” (2 Néfi 1:15.)

Pois bem, meus queridos irmãos e irmãs, leiamos o Livro de Mórmon e convençamo-nos de que Jesus é o Cristo. Voltemos a reler continuamente o Livro de Mórmon, para virmos mais plenamente a Cristo,

estar comprometidos com ele, centralizados e consumidos nele.

Encontramos o adversário todos os dias. Os desafios desta época rivalizam-se com os de qualquer era passada, e esses desafios crescerão tanto espiritual como temporalmente. Temos de manter-nos achegados a Cristo, assumir seu nome diariamente, lembrá-lo sempre e guardar seus mandamentos.

Na última carta de Mórmon a seu filho Morôni, registrada no Livro de Mórmon, ele dá um conselho que se aplica aos nossos dias. Pai e filho estavam vendo toda uma civilização cristã ruindo, porque seu povo não se dispunha a servir o Deus da terra, mesmo Jesus Cristo. Diz Mórmon: “Mas, apesar de vermos essa dureza de coração, meu querido filho, trabalhemos diligentemente; porque, se deixarmos de labutar, atrairemos sobre nós a condenação. Pois temos uma missão que devemos executar, enquanto habitar-mos este tabernáculo de barro, a fim de vencermos o inimigo de toda a justiça, para que nossas almas possam encontrar descanso no reino de Deus.” (Morôni 9:6.) Vós e eu temos uma missão semelhante a cumprir: vencer o inimigo e encontrar descanso para a alma no reino.

Então Mórmon, esta grande alma, conclui sua carta ao filho amado, Morôni, com estas palavras:

“Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te aflijam as minhas revelações a ponto de causar-te a morte; possa Cristo te animar, e possam os seus sofrimentos e morte, a manifestação do seu corpo a nossos pais, sua misericórdia e longanimidade, a esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre.

E possa a graça de Deus, o Pai, cujo trono se acha nas alturas dos céus, e de nosso Senhor Jesus Cristo, que se assenta à direita de seu poder até que todas as coisas se sujeitem a ele, estar e permanecer contigo para sempre.” (Morôni 9:25-26.)

Minha prece em favor de cada um de nós é que sigamos igualmente este inspirado conselho: “Ser fiel a Cristo.” Então ele nos exaltará, e a sua graça estará e continuará conosco para sempre. Que assim seja, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

REUNIÃO GERAL DAS MULHERES
26 de setembro de 1987

O QUE APRENDEMOS DE EVA

Élder Russell M. Nelson
Do Quorum dos Doze Apóstolos

*“Vós podeis, vós precisais, ser a diferença.
Sois vitais para a equipe — com um só propósito.
Por meio de vossa diversidade, edificai em união.”*



Presidente e Irmã Benson, espero que possais sentir o amor e espírito que se irradia das milhares de irmãs nesta Reunião Geral das Mulheres. Presidente Hinckley e Presidente Monson, estendemos nosso afeto a vós e vossas esposas. O comparecimento dos membros da Primeira Presidência simboliza o apoio deles a cada um de nós. Em nome deles, externo sua gratidão e amor a todas vós.

Apreciei profundamente a oração de abertura e as mensagens da presidência geral da Sociedade de Socorro e este maravilhoso coro feminino.

A Irmã Doxey falou de nosso privilégio de fortalecer a família — o componente básico da sociedade, a unidade fundamental da Igreja. A família é prevista no plano de Deus para criar seus filhos e prepará-los para voltarem a ele — como famílias.

A Irmã Evans ajudou-nos a entender que a humanidade não percorre um caminho fácil e

desimpedido. Ele se assemelha mais a uma pista de obstáculos com barreiras, poças de lama ou ciladas a cada curva que encontramos. A vida não é para ser fácil. A corrida não se destina a ser vencida pelo corredor velocista ou de desempenho efêmero. A vitória é conquistada só pelos que têm fé suficiente para não esmorecer, para continuar no caminho estreito e apertado.

A Irmã Winder colocou nosso propósito em perspectiva. Ensinou uma verdade eterna: “Os homens existem para que tenham alegria.” (2 Néfi 2:25.) E ressaltou um dos meios de realizar-se a genuína alegria: prestar serviço abnegado e valioso a outros.

Como participante masculino, tenho hoje a grande responsabilidade de externar profundos sentimentos de gratidão. Em nome dos homens da Igreja, digo-vos: “Obrigado!”

Expresso não só gratidão, mas nosso afeto também. Nesta numerosa audiência, estão representadas nossas queridas companheiras, mães, irmãs, filhas e netas. Nós vos respeitamos e honramos. Apoiamos vossos maravilhosos esforços. Recebemos com gratidão o benefício de vosso conselho e discernimento nos desafios que compartilhamos. E agradecemos-vos, como mães ou futuras mães, por vossa parceria com Deus na doação de vida. Sem a mulher, todo o propósito da criação deste mundo teria sido vão.

Esta verdade aprendemos nas escrituras a respeito do sacerdócio, da criação, de Adão e Eva.

Antes de o mundo ser formado, o Senhor Jesus Cristo era Jeová, “o Grande Eu Sou... o princípio e o fim... que olhou sobre a vasta extensão da eternidade, e sobre todas as hostes seráficas dos céus”. (D&C 38:1; vide

também D&C 29:1; 39:1.)

Ele disse a Abraão, depois de primeiro mostrar-lhe “as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo, (que) entre todas estas havia muitas nobres e grandes.

E Deus viu estas almas que eram boas, e ele ficou no meio delas e disse: A estes farei meus governantes.” (Abraão 3:22-23.)

Então o Senhor revelou que Abraão era um deles, eleito e preordenado antes de nascer. E a escritura continua:

“E havia entre eles um que era semelhante a Deus, e disse aos que se achavam com ele: Desceremos... e faremos uma terra onde estes possam habitar.” (Abraão 3:24.)

“Então... os Deuses organizaram e formaram os céus e a terra.” (Abraão 4:1.) Por certo vos lembrais de que, depois de a terra ter sido criada, dividida, embelezada e dotada de vida vegetal e animal, restava o coroamento da criação: o ser humano. “E assim os Deuses descenderam para formar o homem em sua própria imagem, ... macho e fêmea eles os formaram.” (Abraão 4:27; vide também Gênesis 1:26.)

O principal propósito da criação foi prover corpos, possibilitar a vida e experiências mortais a esses espíritos que aguardavam impacientes.

Pergunta: Qual foi o papel do sacerdócio no processo da criação?

O Profeta Joseph Smith ensinou:

“O sacerdócio é um princípio eterno e existiu com Deus desde a eternidade... Cristo é o grande sumo sacerdote; Adão é o seguinte... O sacerdócio foi dado primeiramente a Adão; a ele se deu a Primeira Presidência e teve suas chaves de geração em geração. Recebeu-o na Criação antes de ser formado o mundo.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 153-154.)

Disse o Presidente Brigham Young: “O sacerdócio... é a lei pela qual os mundos existem, existiram e continuarão a existir para todo o sempre.” (*Discursos de Brigham Young*, p. 132.)

Assim, pois, o sacerdócio é o poder de Deus. Suas ordenanças e convênios se destinam a abençoar igualmente homens e mulheres. Por esse poder, a terra foi criada. Sob a direção do Pai, Jeová foi o criador. Como Miguel, Adão fez a sua parte — tornou-se o primeiro homem. Entretanto, a



A Presidência Geral da Sociedade de Socorro: à esquerda, Irmã Joy F. Evans, primeira conselheira; Presidente Barbara W. Winder e Irmã Joanne B. Doxey, segunda conselheira.

despeito do poder e glória da criação até esse ponto, faltava ainda o elo final na cadeia da criação. Todos os propósitos do mundo e tudo o que existia no mundo seria inútil, sem a mulher — a pedra-angular no edifício da criação do sacerdócio.

Quando Eva foi criada — quando Deus fez seu corpo — Adão exclamou: “Esta... é osso dos meus ossos e carne de minha carne; ela se chamará Mulher, porque do homem foi tirada.” (Moisés 3:23.)

Eva foi formada da costela de Adão. (Vide Gênesis 2:22; Moisés 3:22; Abraão 5:16.) Acho interessante que animais formados pelo nosso Criador, tal como os cães e gatos, tenham treze pares de costelas, enquanto que o ser humano só tem doze. Suponho que ele poderia ter usado qualquer outro osso, mas a costela, situada e retirada do lado, parece denotar parceria. A costela não significa domínio nem subserviência, mas uma relação lateral de parceria, para viver e trabalhar lado a lado.

Adão e Eva foram unidos em matrimônio para o tempo e toda eternidade pelo poder desse sacerdócio eterno. (Vide Gênesis 2:24-25; Moisés 3:25; Abraão 5:18-19.) Eva veio como consorte, para formar e organizar o corpo de homens mortais. Foi

designada pela Deidade para co-criar e acalantar vida, a fim de que o grande plano do Pai tivesse consecução. Eva foi “a mãe de todos os viventes”. (Moisés 4:26.) Foi a primeira de todas as mulheres.

Do nosso estudo de Eva, podemos aprender cinco lições fundamentais de importância eterna:

1. Ela trabalhava ao lado de seu companheiro (vide Moisés 5:1).
2. Ela e Adão assumiram as responsabilidades da paternidade e maternidade (vide Moisés 5:2).
3. Ela e seu companheiro adoravam ao Senhor em oração (vide Moisés 5:4).
4. Ela e Adão cumpriam os mandamentos divinos da obediência e sacrifício (vide Moisés 5:5, 6).
5. Ela e o marido ensinaram o evangelho aos filhos (vide Moisés 5:12).

Dessas cinco lições fundamentais, podemos extrair padrões que se aplicam às condições atuais. Examinemo-las, lição por lição.

1. Ela trabalhava ao lado de seu companheiro. Adão portava o sacerdócio. Eva servia em consórcio matriarcal com o sacerdócio patriarcal. Assim, hoje, toda mulher poderá ligar-se a seu marido, como consortes unidos em propósito. As escrituras



estabelecem claramente que “nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão no Senhor”. (I Coríntios 11:11.) “Assim não são mais dois, mas uma só carne.” (Mateus 19:6; Marcos 10:8; D&C 49:16.) Prodigiosamente, é preciso um homem *mais* uma mulher para fazer um homem *ou* uma mulher. Sem a união dos sexos, não podemos existir nem nos tornar perfeitos. Pessoas comuns e imperfeitas conseguem edificar-se mutuamente, tornando-se um só. A contribuição total de um cônjuge ao outro é essencial para a exaltação. Isto é assim para “que a terra cumpra o fim da sua criação”. (D&C 49:16.)

Assim, pois, labutai e amai em consórcio. Honrai vosso consorte. Todo e qualquer senso de rivalidade quanto a lugar ou posição é impróprio para ambos, particularmente quando sois iluminadas pelo conhecimento das escrituras.

2. Assim como Adão assumiu as responsabilidades da paternidade, Eva arcou com as da maternidade. Ela não se esquivou. Assim também vós podeis receber agradecidas, de braços abertos, os filhos mandados por Deus, por meio de vossa divina designação como co-criadoras. Sede obedientes, com vosso marido, ao mandamento de vos multiplicardes e povoardes a terra, segundo vos permitir vossa oportunidade, orientação espiritual, sabedoria e vossa saúde. Assim conseguireis alegria e regozijo em vossa posteridade. Esse enriquecimento

tornar-se-á mais belo e precioso a cada ano que passar.

Quanto a vós, irmãs sem filhos e aquelas sem companheiro, lembrai-vos de que a escala de tempo do Senhor é muito mais longa que as horas solitárias de vossa preparação ou a totalidade desta vida mortal. Elas *são* meros microssegundos em comparação com a eternidade. O Senhor sem dúvida, está ciente de vossa disposição e dignidade. As recompensas espirituais da maternidade são acessíveis a todas as mulheres. Acalentar os pequenos, confortar os assustados, proteger os vulneráveis, ensinar e incentivar não precisa — nem deve — limitar-se a nossos próprios filhos.

Irmãs, sede pacientes. Conheço um pouco das pressões que suportais. Vossas cozinhas são muito pequenas. Vosso orçamento por demais apertado. Vossas energias não bastam para atender a todas as solicitações. Apesar de tudo isso, “Prolongue os bons momentos, que estão a se escoar”. (Hinos, nº 55.) Reservai tempo para vossa renovação espiritual.

Compartilharei alguns versos que têm sustentado a Irmã Nelson através dos anos. Eles também refletem seu senso de prioridade:

Lavar e esfregar para amanhã pode ficar,

Pois os bebês crescem

Conforme aprendemos com pesar.

Assim, sosseguem da aranha as teias.

Pó, volta a dormir.

Pois estou ninando meu filho,

E os bebês anos irão adquirir.

(Autor desconhecido.)

Fico contente que a Irmã Nelson nunca tenha tentado ser “supermãe”. Mas ela tem sido uma mãe “confortante”. E isto conseguiu sendo, simplesmente, ela própria.

Quando as prioridades estão em seu devido lugar, torna-se mais fácil tolerar tarefas inacabadas.

“Veloz nos foge o tempo; não há como o reter.” (Hinos, nº 55.) E enquanto ele se esvai, não vos esqueçais da preciosa perspectiva eterna. Perseverando fielmente até o fim, fareis jus às recompensas prometidas por vosso Pai Celeste. Elas incluem tronos, reinos, principados, poderes, domínios, glória, imortalidade e vidas eternas. (Vide D&C 75:5; 128:12, 13; 132:19, 24; Moisés 1:39.)

3. Eva e seu companheiro adoravam ao Senhor em oração. Quando “Adão e Eva... invocaram o nome do Senhor” (Moisés 5:4), estabeleceram um precedente. E à medida que adotarmos essa forma de oração, seguir-se-ão bênçãos de sabedoria e paz pessoal.

“Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer, e ele te dirigirá para o bem.” (Alma 37:37.) Orai a sós em vossos aposentos, na solidão de vosso santuário. Extravasai os anseios de vossa alma. Então, orai com e pelo vosso marido, vossos filhos, ou vossos irmãos, vossos pais e todos vossos familiares. Fazei notar o peso de vossa inocência ao motivardes carinhosamente outros a praticarem boas obras. Com a mente assim sintonizada com o Senhor e seu poder, vossa influência benéfica se torna imensuravelmente grande. E neste mundo de pecado e tentação, o poder da oração vos protegerá e será um escudo para vossos entes queridos.

Aconselho as mulheres da Igreja a que aceitem a responsabilidade individual de conhecer e amar o Senhor, Comunicai-vos com ele. Ele dar-vos-á força, inculcando em vossa mente inspiração e revelação pessoal.

4. Adão e Eva cumpriam os mandamentos divinos da obediência e sacrifício. Eles receberam “mandamentos que adorassem ao Senhor seu Deus, e que oferecessem...

(uma) oferta ao Senhor”. (Moisés 5:5)

Esta instrução de adorar e oferecer sacrifício foi obedecida por Adão e Eva. Posteriormente aprenderam que isto era “à semelhança do sacrifício do Unigênito do Pai, que é cheio de graça e verdade”. (Moisés 5:7.)

Quando veio à terra, Cristo cumpriu a prometida função de tornar-se o supremo cordeiro sacrificatório. Sua expiação nos proporcionou um destino maior e um conceito mais nobre. Continuamos tendo o mandamento do sacrifício, mas não pelo derramamento de sangue animal. Alcançamos nosso mais elevado senso de sacrifício ao nos tornarmos mais consagrados ou santos.

Isto fazemos, obedecendo aos mandamentos de Deus. Assim, as leis da obediência e sacrifício estão inapelavelmente interligadas. Considerai os mandamentos de obedecer à Palavra de Sabedoria, de santificar o Dia do Senhor, de pagar o dizimo honestamente. Ao cumprirmos estes e outros mandamentos, algo maravilhoso nos acontece. Tornamo-nos disciplinados! Tornamo-nos discípulos! Tornamo-nos mais consagrados e santos — como nosso Senhor!

Presto tributo às amadas senhoras em minha vida que me ensinaram lições santificadoras.

Durante algum tempo em nosso primeiro ano de casados, a Irmã Nelson tinha dois empregos enquanto eu terminava a Faculdade de Medicina. Antes de seu pagamento chegar, descobrimos que devíamos mais do que ela receberia. Então aproveitamos uma opção na época existente, de doar meio litro de sangue por vinte e cinco dólares. No intervalo entre seu emprego de professora durante o dia e de vendedora numa loja de música à noite, fomos ao hospital e vendemos meio litro cada um. Quando retiraram a agulha do braço dela, ela me disse: — Não se esqueça de pagar o dizimo do meu dinheiro de sangue. (Quando a mãe dela soube que eu estava “sangrando” sua filha no intervalo entre dois serviços, acho que não se agradou muito do novo genro.) Essa obediência, porém, representou uma grande lição para mim. Seu comprometimento com o dizimo tornou-se meu também.

Vós, filhas justas, jamais



subestimeis a influência benéfica que podeis exercer sobre vossos pais. Ainda não encontrei um só pai que se considerasse perfeito. Por isso, mantende-vos em amorosa paciência ao lado de vosso pai imperfeito. Gostaria de ilustrar este ponto com uma história pessoal.

Muitos anos atrás, quando nossas filhas eram ainda novinhas, a Irmã Nelson e eu as levamos a uma pescaria. Foi um dia maravilhoso. Todos estavam fisingando peixes. Então as sombras da noite de sábado interromperam nossa diversão. Eu estava tão entusiasmado com nosso sucesso, que me permiti racionalizar com as meninas. (A racionalização é um dos grandes obstáculos à obediência.) Sabendo que o dia seguinte era domingo, disse meio brincando: — Se acordarmos duas horas mais cedo, poderemos pegar mais alguns peixes e parar exatamente na nossa hora de levantar.

Silêncio! Minha esposa e minhas filhas fitavam-me com olhos sérios. O silêncio glacial foi quebrado, quando nossa pequena de sete anos indagou:

— Paizinho, você comeria o peixe que apanhou no domingo? — Acrescentando a seguir: — Pediria ao Pai Celestial que abençoasse o peixe apanhado no dia do Senhor?

Desnecessário dizer que não pescamos na manhã seguinte.

O comprometimento delas com o dia santificado tornou-se meu, também.

Assim é, queridas filhas. Ao

obedecerdes a todos os mandamentos de Deus, vossa santidade fortalecerá o fundamento da fé que tem vosso pai. Quando vós dois estais ligados espiritualmente, a soma de um mais um é obviamente mais que dois.

5. Adão e Eva ensinaram o evangelho aos filhos. Hoje, continua cabendo aos homens e mulheres essa obra meritória. Antes de ensinar, porém, tendes de primeiro aprender acerca de vossa existência pré-mortal, da criação, queda, expiação de Cristo e motivo da mortalidade. Estudai as escrituras e interiorizai-as. Ensinai fé, arrependimento, batismo e o dom do Espírito Santo. Então, permiti que vosso comprometimento com a missão da Igreja se evidencie em tudo quanto fizerdes. Pregar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os membros de vossa família vos levará a concentrar-vos nos convênios e ordenanças de importância eterna.

Ao exercerdes vosso arbítrio, ensinaí coisas edificantes e úteis. Ensinai os princípios da honestidade, auto-suficiência e de abster-se de contrair dívidas desnecessariamente. Construireis uma sociedade mais estável agindo assim. E lembrai-vos de vosso exemplo. O que sois é muito mais importante do que vossos atos ou palavras. Não podemos todos fazer todas as coisas. As condições, tempo disponível e talentos diferem amplamente entre nós. Vossa diversidade vos leva a numerosos campos de atividade. Nestes, fazei sentir vossa presença.

Vossos inimigos numa sociedade sórdida aviltam a virtude da mulher e a santidade da maternidade. Vosso mundo, conspurcado pela imoralidade e afligido por doenças venéreas, necessita de vosso exemplo justo. Pois a ira de Deus é acesa por governos que patrocinam a jogatina, toleram a pornografia ou legalizam o aborto. Essas forças servem hoje para denegrir as mulheres, exatamente como nos dias de Sodoma e Gomorra.

Vós podeis, vós precisais, ser a diferença. Sois vitais para a equipe do Senhor — uma equipe — com um só propósito. Por meio de vossa diversidade, edificai em união. Aglutinai-vos em toda santidade. Alicerçai-vos no “fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Efésios 2:20.)

Conforme mencionou a Irmã Winder, realizaram-se hoje as exéquias da Irmã Camilla Kimball, quando lhe foram prestados magníficos e merecidos tributos. Podemos aprender muito de seu grande exemplo de coragem. Imitemos sua fé e acatemos, igualmente, este ensinamento do Livro de Mórmon, que lhe dava tamanha força e segurança:

“Lembra-vos de que é sobre a rocha de nosso Redentor, que é Cristo, o Filho de Deus, que deveis construir os vossos alicerces, para que quando o demônio desencadear a fúria de seus ventos, quando soltar suas flechas no furacão, sim, quando todo o seu granizo e violenta tempestade vos colherem, nada disso tenha força para vos arrastar ao golfo da miséria e angústia sem fim, por causa da rocha sobre a qual estais edificados; porque é uma fundação segura, da qual não caem os homens que nela constroem.” (Helamã 5:12.)

Amadas irmãs, comprometei vossa vida com vosso Pai Celeste, com seu filho Unigênito e com sua igreja por eles restaurada nestes últimos dias. Testifico-vos que é verdadeira e que o Presidente Benson é o profeta na terra, hoje. Uma dispensação do evangelho foi confiada aos nossos cuidados. Infinitos princípios do sacerdócio, leis e poderes dependem de nossa parceria.

Invoco as bênçãos do Deus Onipotente sobre vós — para que tenhais sucesso no cumprimento de vosso destino divino, em nome de Jesus Cristo. Amém.

FORTALECER A FAMÍLIA

Joanne B. Doxey

Segunda Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

“Nós, mulheres, demonstremos nosso amor ao Senhor, cumprindo a responsabilidade que nos deu de “apascentar seus cordeiros”, trazendo almas para ele e fortalecendo a família, tanto aqui como no mundo vindouro.”



Comendo com seus discípulos às margens do Lago da Galiléia, o Cristo ressurreto perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros.” (João 21:15-17.)

Será que nossas ocupações mundanas têm precedência sobre nossos objetivos eternos, exatamente como Pedro foi indagado sobre suas prioridades?

Minhas amadas irmãs, minha mensagem para vós, neste momento, é uma mensagem de amor e incentivo; que nós, mulheres, demonstremos nosso amor ao Senhor, cumprindo a responsabilidade que nos deu de “apascentar seus cordeiros”, trazendo almas para ele e fortalecendo a família, tanto aqui como no mundo vindouro.

É glorioso ser mulher nestes últimos dias. Junto com o sacerdócio, cabe-nos preparar uma geração justa para a segunda vinda de Cristo. Estamos sendo dirigidas por um profeta vivo que nos aconselha a apascentar os

cordeiros, enriquecer e proteger o lar e fortalecer a família.

Por que, na vossa opinião, os profetas nos estão lembrando nosso sagrado dever de “apascentar os cordeiros” e proteger o lar e a família? Porque é contra o lar e a família que Satanás dirige seus esforços mais destruidores; e um número excessivo de ovelhas está-se desgarrando ou deixando-se induzir a abandonar o aprisco... e há lobos espreitando para devorar o rebanho.

Como podemos preparar as crianças para seu importante papel se nós, suas mentoras, estamos ausentes ou somos negligentes? É uma tarefa assombrosa, mas repleta de esperança e felicidade, se assim a tornarmos.

Examinemos mais a fundo a família eterna. Todas nós vivemos com nosso Pai Celeste antes desta vida terrena. Dizem as escrituras que recebemos nossas “primeiras lições no mundo dos espíritos e (fomos preparadas) para (virmos) no devido tempo do Senhor, a fim de (trabalharmos) em sua vinha para a salvação das almas dos homens”. (D&C 138:56.)

Na existência pré-mortal, nossa família celeste foi o modelo que deveríamos seguir na condução de nossa família aqui na terra. Fomos preparadas para integrar uma família terrena, na qual pudéssemos “reaprender” verdades sagradas que já aprendêramos anteriormente.

Os pais são os primeiros e mais influentes mestres de seus filhos. A responsabilidade de ensinar valores corretos e verdades sagradas não pode ser delegada, com sucesso, a ninguém mais. Temos de lembrar-nos da santidade destes filhos; eles não nos pertencem; são filhos de nosso Pai — seus filhos espirituais que vêm à terra.

Consta que um grupo de irmãs da Sociedade de Socorro estava reunido

fazendo um doce chamado “divindade”, na casa de uma delas. Os dois garotinhos da casa tiveram permissão de lambiscar todas as sobras do doce que conseguissem raspar das colheres, panelas e formas. Acontece que era o sábado de uma conferência geral e, enquanto a família ouvia os discursos, um dos oradores comentou: “Há uma centelha de divindade em cada um de nós.” Então um dos meninos levantou-se, pulando, e disse: “Uma centelha de divindade? Oba, eu estou cheio dela!”

Sim, as crianças estão cheias de divindade e, sem dúvida, são ministradas por anjos. Entretanto, a amorosa criação e educação de que necessitam para viverem na terra, tem de ser ministrada pelos pais, mães e aqueles que as influenciam. Elas precisam ser amadas, e precisam ser ensinadas. O Senhor ressurreto reiterou a recomendação de Isaías, quando disse: “E todos os teus filhos serão instruídos do Senhor; e abundante será a paz de teus filhos.” (3 Néfi 22:13.)

Se amarmos ao Senhor, “apascentaremos seus cordeiros”. Mas como? Ele nos deu diretrizes para guiar-nos nessa breve existência mortal e de volta ao nosso lar celeste.

O princípio é ilustrado pela experiência vivida por alguns de nossa família, quando morávamos numa cidade grande. Devido a diferenças nos horários de trabalho e escola, fomos obrigados a reservar passagens em vôos diferentes de duas empresas diversas. Parte da família embarcou num aeroporto, enquanto meu filho e eu deveríamos partir de outro, ao sul da cidade, a quase duas horas de carro. E havia desafios: Seguir pelo lado contrário da pista a que estávamos acostumados, congestionamento de trânsito, estrada em reparos, além de tempo limitado para pegar o avião. Ao começar a viagem, sentimo-nos em total dependência do Senhor. Com o mapa rodoviário nas mãos, tentei fazer o papel de navegador (que não é meu forte), enquanto meu filho procurava dirigir o carro alugado. Eu esperava sinceramente que os autores do mapa houvessem acompanhado a sinalização da estrada, pois não tínhamos condições de cometer um engano ou retroceder para alcançar nosso destino.

Quão semelhante à vida, pensei: Se confiarmos no Senhor, seguirmos o



Irmã Bárbara W. Winder, Presidente Geral da Sociedade de Socorro, abraça uma visitante.

mapa e obedecermos à sinalização, sem dar uma porção de voltas desnecessárias, nós conseguimos percorrer a mortalidade e alcançar nosso destino em segurança, no devido tempo do Senhor. As decisões determinam o destino.

Quais são alguns desses sinais ou diretrizes que nos ajudam no caminho da vida terrena?

- O profeta vivo fala o pensamento e vontade de Deus;
- A oração, pela qual podemos falar com Deus e sermos guiados pelo Santo Espírito;
- As escrituras, através das quais Deus nos fala;
- O sacerdócio, como poder de agir em nome de Deus; e
- Os sagrados convênios e ordenanças que nos oferecem vida familiar eterna com nosso Pai Celeste.

“O lar é o fundamento de uma vida justa”, dizia o Presidente David O. McKay. (*Stepping Stones to an Abundant Life*, Salt Lake City, Utah, 1971, p. 276.) É o lugar apropriado para ensinarmos a “visão da eternidade” a nossos familiares e ajudá-los a seguir os sinais do caminho, a fim de alcançarem seu

destino. O papel-chave no ensino dessas verdades cabe à mulher; por isso, precisamos ter conhecimento e muita fé. Quando temos convicções firmes, podemos dar, confiantes, de nossa força interior àqueles que nos cercam. Nós somos responsáveis pelo nosso próprio desenvolvimento pessoal, que nos dará essa confiança.

O verdadeiro valor pessoal provém de um relacionamento seguro com o Pai Celeste. O valor individual é intrínseco; é interior; é eterno. É algo que não nos pode ser tirado quando fenece o viço da juventude, quando condições econômicas nos deixam desoladas, quando somos acometidas de doenças ou achaques, nem quando se obscurecem proeminência e notoriedade.

Muitas são desencaminhadas, pelas falsas doutrinas do mundo de que juventude, beleza, adornos, posses, poder, títulos ou realizações é que determinam nosso valor. Como na época do Livro de Mórmon, há quem prefira tornar-se popular aos olhos do mundo a fazer o que Deus espera de nós. Bem no início de seu ministério, o Senhor advertiu Joseph Smith: “Pois eis que tu não devias ter temido mais



aos homens do que a Deus.” (D&C 3:7.)

E como podemos conseguir um relacionamento seguro com o Pai Celeste? Novamente, recomendamos-vos os sinais e diretrizes destinados a nos guiar pela vida: oração fervorosa, orientação pelo Santo Espírito e estudo diário das escrituras, o que nos ajudará a levar uma vida virtuosa; “então” dizem as escrituras, “tua confiança se tornará forte na presença de Deus”. (D&C 121:45.)

A força interior da mulher é importante no relacionamento conjugal. Quando marido e mulher trabalham juntos em retidão, amando e apreciando-se mutuamente, a família é fortalecida de inúmeras maneiras.

Dirigindo-se aos pais e maridos num Serão para Pais, disse o Presidente Benson: “Confiamos que forneçam liderança justa em seus lares e famílias e que, com sua companheira e mãe de seus filhos, dirijam a família de volta ao Pai Eterno.” (Ezra T. Benson, “*To the Mothers in Zion*”, Fireside for Parents, Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 22 de fevereiro de 1987, p. 13.)

Essa liderança justa é realçada pelo poder do sacerdócio restaurado à terra para nos abençoar e dirigir. Como podemos nós, mulheres, receber as bênçãos plenas e o poder do sacerdócio em nossa vida? Podemos apoiar e sustentar aqueles que o portam em retidão. Isto é por designio divino, não pelo plano do homem.

Conheço uma irmã com diversos

filhos pequenos, cujo marido servia num chamado da Igreja que lhe tomava muito tempo. Frequentemente chegava em casa tarde do trabalho, com tempo apenas para algumas palavras de saudação, e lá se ia de novo para desincubar-se de seus deveres eclesiásticos. Às vezes, era preciso consolar as crianças e, de vez em quando, a própria mãe se consolava ao dizer: “Não somos mesmo felizes que o paizinho seja digno de servir o Pai Celestial, para que sejamos tão abençoados?” Tal apoio, em lugar de reclamações, resultou numa influência duradoura nesse lar e família.

Uma parte importante do plano para a relação familiar eterna é receber as ordenanças e os convênios nos templos sagrados para nós próprias e nossos antepassados. Essas ordenanças e convênios são uma âncora segura para a família, tanto aqui como no além. Cada uma de nós pertence a uma família e tem antepassados que realmente lhe pertencem. Então, por que não buscar esses entes queridos e realizar a obra vicária que nos selará a eles numa família eterna?

O Élder John A. Widtsoe falava por experiência própria ao dizer: “Todo o que procura ajudar àqueles que estão do outro lado, recebe em troca ajuda em todos os aspectos da vida.” (*The Forefather Quest*, A Lesson Book for Third Year Junior Genealogy Classes, Genealogy Society of Utah, 1937, p. 22.)

Quando eu era mocinha, nosso grupo foi convidado para um serão na

casa do Elder Widtsoe, e no fim ele mostrou-nos seu gráfico de linhagem, resultado de longa e minuciosa pesquisa. Ao desenrolar o tal gráfico, este estendeu-se por três cômodos da casa. Isto causou-nos tamanha impressão, que nos motivou a começar a pesquisa em busca dos próprios antepassados. Que maravilhoso começo para um interesse e participação vitalícios nessa sagrada obra! Quando trabalhamos na nossa história familiar, nossa vida é acrescida de certa dimensão espiritual.

Irmãs em Sião, poderia haver um chamado mais compensador do que trabalhar na vinha do Senhor para a salvação de almas? Nós temos o excelente privilégio de fortalecer famílias e influenciar àqueles confiados aos nossos cuidados, bem como aos que nos precederam além do véu. Para que não julguemos a tarefa árdua demais, lembrai-vos de que anjos estão ao nosso lado para nos amparar, se estivermos dispostas a fazer a nossa parte. As bênçãos prometidas são quase mais do que podemos imaginar.

Temos sido abençoadas pelo profeta de Deus em nosso dia, quando disse: “Oramos por vós. Apoiamo-vos. Honramo-vos ao dardes à luz, nutrides, educardes, ensinardes e amardes pela eternidade. Prometo-vos as bênçãos dos céus e “tudo que (o) Pai possui” (D&C 84:38), ao magnificardes o mais nobre de todos os chamados.” (Ezra T. Benson, “*To the Mothers in Zion*”, Fireside for Parents, Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 22 de fevereiro de 1987, p. 13.)

Adoro ser mãe, esposa, filha, irmã e mulher nestes últimos dias. O Senhor conhece e ama cada uma de nós e deseja abençoar-nos em nossa importante obra. Temos de estar dispostas a vir a ele; aceitar sua vontade acima de nosso próprio querer; trazer almas para ele; apascentar seus cordeiros e ovelhas, para que no grande dia em que nos encontrarmos face a face com ele, nos possa dizer: “Vinde a mim, vós que sois abençoados, pois que vossas obras foram obras de justiça.” (Alma 5:16.)

Presto-vos testemunho de que o Senhor vive, e oro que possamos cumprir alegremente nossa sagrada responsabilidade de fortalecer a família aqui e na esfera vindoura. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

COMO VENCER OS DESAFIOS DA VIDA

Joy F. Evans

Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

“Podemos encontrar coragem para enfrentar os desafios e ainda prestar serviço àqueles cujas necessidades são maiores que as nossas.”



Alguna vez já se perguntaram, como eu me pergunto, o que dava à mulher pioneira coragem para cantar: “Tudo bem! Tudo bem!”, apesar de seus inúmeros desafios?

Já se perguntaram como, em face dos problemas e preocupações atuais, nós podemos continuar cantando: “Tudo bem!”

Nós, irmãs da Igreja, necessitamos de respostas pessoais a essas perguntas, para desincumbirmo-nos do encargo de buscar e socorrer os aflitos, ministrar aos pobres e necessitados, confortar os que sofrem, alimentar o faminto, ensinar e instruir esposas e mães, receber bem e integrar cada irmã, dirigir as moças e educar as crianças — tudo isso para promover o aperfeiçoamento dos santos.

Anos atrás, meu marido, David, e eu levamos nossos filhos para veranejar às margens de um lago. Ele sempre teve muita confiança na capacidade das crianças de fazer qualquer coisa

para a qual estivessem preparadas. Depois de ensinar nosso filho de nove anos a manejar um pequeno barco a vela, permitiu que saísse velejando sozinho. O menino partiu radiante e sua silhueta com o colorido colete salva-vidas foi-se apequenando mais e mais contra o horizonte. Finalmente, achamos que seria melhor David certificar-se de que “tudo (estava) bem!”, e assim, ele saiu no encalço do menino em outro pequeno barco a vela. Quando o alcançou, Doug estava sentado calmamente, esperando — havia-se esquecido de como dar a volta! O que mais me encantou foi sua resposta ao pai: “Eu sabia que você viria.”

Irmãs, nós também, podemos ter certeza de que quando acontecer de nos esquecermos das instruções ou não soubermos o que fazer, nosso Pai virá socorrer-nos.

“Mas não deveis desanimar, se tendes Deus para vos amar.” (Vinde, ó Santos, *Hinos*, nº 8.)

Talvez não recebamos uma visita pessoal do Senhor (provavelmente não), mas as respostas virão pela oração, pelas escrituras, pelas palavras do profeta ou pela voz suave e branda da inspiração. Gostaria de assegurar-lhes que realmente podemos encontrar coragem para enfrentar os desafios e ainda prestar serviço àqueles cujas necessidades são maiores que as nossas.

Hoje em dia, temos, em muitos lugares, irmãs vivendo em pobreza, convivendo com fome e doença, altos índices de mortalidade infantil e reduzida a expectativa de vida. Em certos lugares, menos de metade da população sabe ler ou escrever, dos quais setenta por cento representados

por mulheres.

Há populações que não dispõem de água potável ou não têm água de espécie alguma, exceto a que conseguem carregar na cabeça, muitas vezes de longa distância. Outras vivem à sombra da guerra. O que dá a essas irmãs coragem para perseverar? Como no caso dos pioneiros, é a fé em que o Pai certamente virá, a fé no Evangelho de Jesus Cristo.

Existem ainda outras palavras da letra desse grande hino:

Chegando a morte, tudo irá bem. Vamos paz todos ter! (Hinos, nº 8.)

Todos nós nos defrontamos, algum dia, com perguntas sobre vida e morte, propósito e nossa própria e inevitável partida. Todos nós sofreremos ou sofreremos perdas. Talvez seja por isso que nós é ensinado “chorar com os que choram” (Mosiah 18:9), e “(chorar) a perda dos que morrerem”. (D&C 42:45.)

David Macbeth Moir escreveu certa vez:

Sentimos falta de teus passinhos na escada;

Sentimos tua falta na oração noturna; O dia inteiro tu nos faltas — por toda parte.

(The Spoken Word, *Improvement Era*, agosto de 1981, p. 35.)

A morte de uma criança é particularmente pungente, ou então de um jovem — ou de um pai ou mãe tão necessários. Sentimos falta dos que morrem. Não importa quantos amigos ou parentes se tenha, a perda de um ente amado é difícil.

A grande diferença, para nós, é o conhecimento de que a morte não é uma separação final, de que a família pode ser eterna. Nosso entendimento da realidade da ressurreição torna a espera suportável e cheia de propósito. Na verdade, doce é a paz que o evangelho traz. Nisto, também, o consolo que as irmãs dão umas às outras e a famílias enlutadas, faz parte da obra de amor designada às mulheres.

As mulheres solteiras da Igreja continuam a ser incluídas diariamente nas preces dos líderes da Igreja. Numerosas irmãs sozinhas levam uma vida rica e plena. Elas criaram um lar feliz para si próprias, seus familiares e amigos. Servem como líderes e professoras nas auxiliares; cumprem missão; freqüentam o templo e fazem



a obra genealógica; prestam serviço de solidariedade; tornam o mundo um lugar melhor porque elas fazem parte dele.

Nesse grupo existem irmãs que nunca se casaram, embora a maioria desejaria fazê-lo. Temos irmãs viúvas que vivem sós, e aquelas cujo casamento terminou em divórcio.

Muitas delas enfrentam decisões difíceis quanto às suas opções de vida. Devem exercer uma profissão? Podem ter êxito no mundo dos negócios tradicionalmente reservado aos homens? Devem tentá-lo? Como equilibrar suas expectativas com a realidade de sua vida? Como encontrar relacionamentos proveitosos que não tenham implicações sexuais? Qual a melhor maneira de cumprir o papel que o Senhor reservou às mulheres?

Algumas dessas irmãs têm filhos. Seus desafios são muitos, ao procurarem preencher o papel de pai e mãe, com proventos insuficientes na maioria das vezes. Se têm um emprego e procuram ser auto-suficientes, surge a preocupação com o atendimento aos filhos. Mesmo quando os filhos estão crescidos, essas mães continuam sendo mães e compartilham as provações deles bem como suas alegrias. Estas são realidades nada fáceis para muitas irmãs.

Para todas elas não existem

respostas simples, exceto fazerem o melhor que puderem, dia a dia (o que se aplica a todas as irmãs): ir em frente, aprender, avaliar seu próprio potencial, de seus familiares, de sua comunidade; orar com fé; examinar as escrituras; encontrar maneiras de servir; manter pura a própria vida, e limpos e sinceros os seus relacionamentos; perdoarem os que as magoaram.

Mesmo sendo assim, entretanto, que toda irmã sinta o calor da amizade de suas irmãs na Igreja, e o apoio do sacerdócio por parte de mestres familiares e bispos dedicados. Que sejam incluídas, bem-vindas, e tenham oportunidades de servir.

Existem na Igreja algumas mulheres lésbicas assim como homens homossexuais. O Senhor decretou: “Não erreis” (I Coríntios 6:10; Romanos 1:26) e, por mais duro que seja, essas pessoas precisam guardar igualmente os mandamentos. Casamento e relações íntimas devem ficar reservados a marido e mulher; qualquer relacionamento sexual fora do casamento, seja entre homem e mulher ou pessoas do mesmo sexo, é proibido.

Às vezes, temos notícia de membros da Igreja que aparentemente são plenamente ativos e fazem tudo o que lhes cabe fazer, e que não obstante

negligenciam os filhos ou os maltratam física, emocional ou sexualmente, são infiéis aos seus convênios ou votos matrimoniais, ou desonestos em outros sentidos. Se alguém assim estiver ouvindo, gostaríamos de implorar-lhe esta noite que se arrependa, que procure ajuda e perdão.

Mórmon escreveu a respeito de outro povo, em outra época e lugar, que se encontrava em semelhante estado de iniquidade. Dizia ele, como poderíamos dizer hoje: “E não pecavam por ignorância, porque conheciam a vontade de Deus relativa a eles.” (3 Néfi 6:18.)

Tenho uma boa amiga que, tempos atrás, se encontrou nessa situação. Não sei, nem preciso saber qual era seu problema, mas ela reuniu coragem suficiente para confessar ao bispo. Houve um tribunal da Igreja; ela foi excomungada e iniciou o difícil processo do arrependimento. Passado um tempo considerável, por ocasião de seu novo batismo, após haver sarado espiritualmente, ela externou grande apreço pelo bispo, que derramara lágrimas condóidas, apesar de manter-se firme nas providências inevitáveis; a uma amiga da Sociedade de Socorro que, segundo ela, a ajudara a “compreender e perdoar todos os que não conseguiam entender ou perdoá-la”; aos que a ajudaram a conservar seu testemunho naquela temporada de desespero silencioso, em que “voltar para casa” parecia quase impossível.

Recentemente, recebi um bilhete dessa amiga, agora casada no templo e mãe de três encantadores filhos, e que dizia: “Diga às irmãs que vale a pena. Conte-lhes como pode ser bela e gostosa a vida, quando se guarda os mandamentos.”

Essa lição sirva, talvez, a dois propósitos: Se não estiverem levando uma vida pessoal pura e justa, se tropeçaram de alguma forma, arrependam-se e retornem. O amor e a esperança são reais!

Se conhecem alguém (ou o ente amado de alguém) que foi excomungado ou desassociado, procurem compreender sua angústia. Às vezes, o que se diz ou faz é menos importante do que a evidência de que a pessoa se importa o bastante para dizer ou fazer algo a respeito.

Algumas irmãs se vêem apanhadas na teia do alcoolismo ou uso de drogas com seu emaranhado de trapaças,

culpa e vida improdutiva. Algumas são pessoalmente dependentes do álcool ou drogas ilegais ou prescritas por médico. Outras são familiares de alcoólatras ou viciados em drogas.

Para elas, torna-se difícil achar que “tudo está bem”; mas, ainda assim, existe esperança.

Procurar ajuda logo no início propicia a melhor chance de recuperação. Fingir que o problema não existe, encobrir o erro ou resguardar a pessoa das consequências de seus atos, jamais resolverá o problema. Existem excelentes recursos profissionais e grupos de apoio, alguns dos quais, embora sem ligação oficial com a Igreja, ainda assim apóiam os valores SUD. Acima de tudo, reconheçam a dependência do Senhor. Permitam que ele as ajude e cure.

Conforme Alma nos ensina a respeito da fé, o desejo de crer, de mudar, poderá ser como uma semente que germinará, crescerá e produzirá frutos. (Alma 32:27-43.) “Tudo” poderá voltar a estar “bem”!

Poderá haver momentos em que não compreenderemos o motivo dos desafios que enfrentamos, quando tudo o que acontece nos parece injusto, ou as pessoas que nos cercam parecem indiferentes ao nosso sofrimento.

Talvez vocês conheçam o quadro da lenda mitológica de Ícaro, pintado por Peter Bruegel. Sua obra ilustra a história de Ícaro, que tentou voar com asas de cera, feitas por seu pai. De fato conseguiu, mas em seu entusiasmo, aproximou-se demais do sol, cujo calor derreteu a cera e fez Ícaro cair no mar. No quadro de Bruegel, apenas suas pernas são visíveis ao desaparecer ele nas verdes águas. Não muito distante, um pescador e um homem do campo continuam em sua faina e, apesar do fato inusitado de um rapaz caindo do céu, um veleiro prossegue calmamente em sua rota.

Dizia W. H. Auden a respeito do sofrimento e da indiferença do mundo:

*“Sobre o sofrer jamais se enganaram
Os Velhos Mestres: quão bem
compreendiam
Sua posição humana; como ele
acontece.*

*Enquanto outros estão comendo,
Abrindo uma janela ou
Simplesmente andando a esmo...”*
 (“Musée des Beaux Arts”, em W. H.



Elder Howard W. Hunter, Presidente Interino do Conselho dos Doze, recebe um cumprimento caloroso do Presidente Ezra Taft Benson.

Auden: Collected Poems, ed. Edward Mendelson, Nova York: Random House.)

Assim é com a maior parte de nosso sofrimento pessoal: o mundo continua agindo como se nada de anormal estivesse acontecendo. Entretanto, dentro dos laços da irmandade na Igreja, esperamos que seja diferente.

Uma de nossas filhas e sua família sofreram uma tragédia, recentemente. A casa deles se incendiou, restando-lhes muito pouco de seus bens terrenos. A bênção foi que, apesar de estarem em casa cinco dos seus seis filhos, os dois adolescentes se lembraram de instruções que já haviam recebido, pegaram os pequenos e saíram correndo. Ninguém se feriu. E receberam muito conforto de sua ala e vizinhos que acorreram com mantimentos, roupas e ofertas de auxílio. Eis a bênção de se pertencer à “família de Deus”. (Efésios 2:19.) Ninguém lhes deu simplesmente as costas e prosseguiu em seu caminho.

A essa família, assim como a outros que sofrem provações e dor, foram oferecidos amor e auxílio, bênçãos do sacerdócio e a certeza do Pai de todas

nós de que “bem-aventurados os que são fiéis e perseveram, quer em vida, quer na morte, pois herdarão a vida eterna”, (D&C 50:5), e a promessa feita a Joseph Smith de que “tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento”. (D&C 121:7.)

Jamais sejamos indiferentes, irmãs, às provações alheias. Sejam sensíveis para com nosso próximo que sofre, não importa a razão.

E quando as provações forem nossas, sigamos em frente com “uma esperança resplandecente” (2 Néfi 31:20) no Senhor Jesus Cristo; e digamos, como Paulo: “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados.” (II Coríntios 4:8.)

Todas nós estamos sujeitas à morte e adversidade, assim como à vida imortal. Quanto ao resto, poderemos dizer: “Tudo bem!, tudo bem!”

Presto-vos testemunho de que o evangelho é verdadeiro, que somos guiadas hoje por um profeta e pelo sacerdócio de Deus. Que consigamos acatar seu conselho ao enfrentarmos os desafios pessoais e ajudarmos outras a assim fazerem, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

ENCONTRAR ALEGRIA NA VIDA

Barbara W. Winder

Presidente Geral da Sociedade de Socorro

“Alegria não se resume, aparentemente, na felicidade, mas é a sensação resultante da manifestação do Espírito Santo dentro de nós.”



Irmãs, todas nós estamos em diversos estágios de progresso, não importa se somos solteiras ou casadas. Estamos sentindo a influência confortadora do Espírito nesta reunião. Por favor, saibam de meu amor e cuidado por vocês!

Quanto tempo faz que bradaram de júbilo? No Grande Conselho dos Céus, em nossa existência pré-mortal, todos os filhos e filhas de Deus rejubilaram-se. (Jó 38:7.) Nosso Pai Celeste deu-nos oportunidade de nascer, assumir as responsabilidades da mortalidade, que permitem a oportunidade de plenitude de alegria, mas também implicam riscos de desobediência, pecado e sofrimento. Não obstante, quando se revelou o plano do Pai e tomamos conhecimento de nosso potencial divino de imortalidade futura, todas nós rejubilamos.

Agora estamos aqui; acaso duvidamos da palavra do Senhor: “Os homens existem para que tenham alegria”? (2 Néfi 2:25.)

Nós vivemos uma época crítica na história do mundo. Satanás e suas hostes estão atarefados. Suas tentações são implacáveis, enganando muitos,

por vezes até os próprios eleitos. Ele gostaria de fazer-nos crer que os padrões do evangelho que sabemos ser bons: virtude, honestidade, moralidade, cortesia, diligência, pureza mental e corporal, já deixaram de ser importantes. Quero reafirmar-vos que os valores eternos do Senhor continuam válidos. Os caminhos do mundo podem ter mudado, mas os mandamentos de Nosso Pai Celeste, dados para o nosso bem, ainda estão em vigor, e a verdadeira alegria vem somente quando fazemos a vontade dele.

Será que ficamos desejando que nossas atuais experiências terminem logo, achando que seríamos mais felizes fazendo outra coisa qualquer? Mães com filhos pequenos talvez pensem que a vida seria mais fácil se eles já estivessem criados e fora de casa, mas esta é a época oportuna para ensinar princípios do evangelho.

Minha mãe ensinou-me que temos a obrigação de dar; que outros não nos devem nada; que dar traz mais alegria do que receber.

Quando criança, desejei muito uma festa de aniversário. Então convidei todas minhas amigas, apesar da data ainda estar longe, pedindo-lhes que cada uma me trouxesse uma moeda de dez centavos. Quando minha mãe soube da minha arte, imediatamente me repreendeu, explicando-me minuciosamente por que estava errado o que eu fizera. Em seguida, foi comigo procurar minhas amiguinhas para que eu pudesse desculpar-me. Foi um lição embaraçosa, mas que jamais esqueci.

Pensando no plano eterno do Senhor para nós, será que realmente pretendemos não ter nenhuma dificuldade, luta nem adversidade? Pois o plano destina-se a nos provar “com isto, para ver se (faremos) todas as coisas que o Senhor Deus (nos)

mandar”. (Abraão 3:25.)

O Livro de Mórmon nos conta o belo exemplo de um povo que, embora passando por muita tribulação, teve a marcante experiência de sentir alegria eterna enquanto na mortalidade. No primeiro dia do Senhor ressurreto entre o nefitas, ele ensinou-lhes muita coisa do seu evangelho. Ao se preparar para partir, viu um povo que demonstrava grande fé e ansiava por suas palavras. Tamanha foi sua compaixão para com eles, que se demorou mais e ministrou-lhes segundo as necessidades pessoais deles. As escrituras nos dizem que “ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu (suas) almas”. (3 Néfi 17:16-19.) E o Salvador “lhes disse: Bem-aventurados sois em virtude de vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.” (3 Néfi 17:20.)

Alegria não se resume, aparentemente, na felicidade, mas é a sensação resultante da manifestação do Espírito Santo dentro de nós.

Como prover em nossa vida um clima que favoreça a presença do Espírito Santo, para que tenhamos mais alegria? Exatamente como um reservatório acumula água para saciar e reabastecer a terra sedenta, nós também podemos armazenar experiências, conhecimentos e desejos para reabastecer e fortalecer nossas necessidades espirituais. Há quatro maneiras proveitosas de acumular reservas de retidão e auto-suficiência espiritual. Nós nos preparamos:

1. Desenvolvendo uma disposição alegre na qual o espírito possa habitar.
2. Aprendendo a vontade do Salvador para nós, para que conheçamos nosso potencial divino.
3. Compreendendo e aceitando seu sacrifício expiatório, e arrependendo-nos de nossos pecados.
4. Guardando seus mandamentos e tomando a firme resolução de servi-lo.

Examinemos esses quatro pontos:

Primeiro: Desenvolver uma disposição alegre permite uma atmosfera na qual o espírito pode ser nutrido, incentivado a florescer e frutificar.

Sentir-se pessimista e negativa a respeito de nossas experiências não melhorará nossa qualidade de vida. A resolução de ter bom ânimo nos ajuda, e também aqueles que nos cercam, a gozar melhor a vida.

O Élder Marvin J. Ashton nos

lembra:

“Com a ajuda de Deus, o bom ânimo nos ajuda a superar o deprimente hoje ou as condições difíceis... É a luz do sol quando nuvens encobrem o céu.” (“Tende Bom Ânimo”, *A Liahona*, julho de 1986, p. 68.) Cada qual é responsável por sua própria felicidade. Procuremos cultivar esse espírito de alegria em nosso lar e permitamos que se irradie de nossa face onde quer que estejamos.

Anos atrás, quando nosso filhinho de quatro meses teve de ser operado, senti-me desamparada e só na sala de espera do hospital. Outra mãe ali presente foi particularmente consoladora para mim. Levou-me a conhecer sua filha de doze anos, acometida de leucemia. Verifiquei que era igual à mãe, aceitando calmamente e com bom ânimo sua doença fatal. A menina estava ocupada, fazendo panos de lavar pratos para as enfermeiras. Sua animação ajudou-me a me distanciar temporariamente de meu próprio problema.

Poucos dias mais tarde, nosso bebê, já em casa, estava muito melhor. Recebi um bilhete dessa outra mãe. A enfermidade levava minha nova amiguinha de volta ao Pai Celestial, mas antes de partir ela pediu à mãe que me mandasse um pano de pratos feito por ela.

Que belo exemplo de “bom ânimo” foram para mim, mesmo em condições tão difíceis. Havia aprendido a aceitar as coisas que não podiam remediar e lembravam-se das palavras do Salvador: “Tende bom ânimo e não temais, pois eu, o Senhor, estou convosco e convosco ficarei.” (D&C 68:6.)

Eu, também, lembrei-me das palavras dele: “...os que aturaram as cruzes do mundo... esses herdarão o reino de Deus... e sua alegria será completa para sempre.” (2 Néfi 9:18.)

Segundo ponto: Aprender a vontade do Salvador para nós ajudar-nos-á a conhecer nosso potencial divino e nos dará alegria.

Irmãs, tende alegria, sabendo que temos um profeta de Deus na terra hoje! Dai graças pelo poder governante e sustentador do sacerdócio! Regozijai-vos com as glórias de nossa feminilidade. Nosso profeta, Ezra Taft Benson, pediu que entendamos a dignidade e valor de (nosso) papel no divino processo da



maternidade, e que (não importa se casadas ou solteiras), tornemos nosso lar um lugar de amor e aprendizagem, de refúgio e aprimoramento. (“The Honored Place of Woman”, *Ensign*, novembro de 1981, p. 105.)

Atentando para a voz de nosso profeta, lendo as sagradas escrituras, jejuando e orando, aplicando à nossa vida os ensinamentos que aprendemos pela confirmação recebida do Espírito Santo — essa voz suave e mansa que traz “paz à (nossa) mente” (D&C 6:23), estamos sem dúvida aumentando nosso reservatório espiritual.

Existem na Igreja algumas irmãs encantadoras que se contentam em deixar que outras pessoas se encarreguem no ensino, prestem serviço, cumpram os chamados. Irmãs, é muito importante que cada uma de nós se disponha a fazer qualquer coisa que nos for solicitada. Não escolhemos o que aceitaremos, exatamente como não decidimos a quais mandamentos iremos obedecer.

Diz o Senhor: “...levanta o coração e regozija-te, e apegue-te aos convênios que fizeste... acautelando-te contra o orgulho.” (D&C 25:13-14.) Somos admoestados a “carregar mutuamente

o peso de (nossas) cargas... confortar os que necessitam de conforto e servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo”. (Mosiah 18:8-9.) Isto pode não ser fácil devido às vozes mundanas incitando-nos a fazer o contrário. Mantenhamo-nos achegadas ao Senhor; desenvolvamos nosso potencial divino, usando nossos dons e talentos conforme ele nos tem recomendado.

Regozijemo-nos ao trabalhar com aqueles que portam o sacerdócio, cada qual assumindo suas responsabilidades e compartilhando nossos dons, para que todos nos edifiquemos em conjunto.

Terceiro ponto: Compreender que a bênção da expiação nos permite arrependermos e renovarmos semanalmente nosso convênio batismal.

Alegria é saber que, pelo sacrifício expiatório de Cristo, nossos pecados poderão ser perdoados, mesmo como ensinava o Rei Benjamim. O povo dele orou em grande humildade e, tendo pedido perdão de seus pecados, “sobre eles desceu o Espírito do Senhor e os encheu de alegria, tendo recebido a remissão de seus pecados, e tendo paz de consciência, por causa da profunda



fê que tinham em Jesus Cristo”.
(Mosiah 4:3.)

Segundo James E. Talmage, arrependimento “indica um pesar piedoso pelo pecado, um pesar que acarretará uma reforma no modo de viver, e compreende: (1) convicção de culpabilidade; (2) desejo de se ver livre dos efeitos prejudiciais do pecado; (3) determinação sincera de abandonar o pecado e fazer o bem”. (*Regras de Fé*, p. 105; também, *Curso de Estudo da Sociedade de Socorro*, 1976-77, p. 67.) O arrependimento implica a confissão de pecados graves e a reparação, onde necessário e possível.

Quarto ponto: Guardar os mandamentos e a firme resolução de servir ao Salvador proporciona uma alegria indescritível aqui e felicidade eterna no mundo vindouro.

O Rei Benjamim ensina que não nos devemos injuriar umas às outras, mas antes “viver em paz.. não (permitir) que (nossos) filhos andem famintos ou desnudos, (ou) transgridam as leis de Deus, (ou) briguem e disputem entre si, (mas)... se (amem)... e (sirvam) uns aos outros”. Diz ele ainda: “Não vos posso descrever todas as coisas pelas quais podeis cometer pecado; ...mas ...

(tomai) cuidado convosco mesmos, com vossos pensamentos, palavras e obras, e (observai) os mandamentos de Deus...” (Mosiah 4:13-14, 29-30.)

Diz o Salvador: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós.” (João 13:34.) Esse grande amor capacitou-o a viver servindo o próximo, chegando a entregar sua vida por nós. Ele espera que nos sirvamos umas às outras como ele nos serviu.

Uma viúva idosa lutava com as limitações impostas pela artrite. Quando foi viver com a filha, retraiu-se para dentro de seu mundo tristonho. Tinha que ser auxiliada a subir e descer degraus, ao sair e entrar em casa.

Na esperança de proporcionar à mãe experiências positivas, a filha sugeriu que lesse para uma vizinha cega. Relutante, concordou.

Gemendo com o esforço, a senhora idosa permitiu que a filha a ajudasse a descer os degraus. Em seguida, subiu a rua manquejando, para desincumbir-se de sua incômoda visita.

Passou-se uma hora. Duas horas. Finalmente, os familiares viram-na voltando muito animada. Para

surpresa de todos, conseguiu subir os degraus e entrar em casa sozinha.

— Bem — comentou com a filha — acho que foi muito bom para ela.

O Salvador nos admoestou a difundir seu evangelho para que todos pudessem vir a ele. Nós participamos, preparando nossa casa para ser um “Centro de Treinamento Missionário” para nossos filhos e nós mesmas.

Podemos participar ainda dessa grande causa missionária, integrando aqueles que se desviaram. É preciso ser paciente e diligente, mas que grande alegria, quando conseguimos trazer de volta ao Salvador esses nossos irmãos e irmãs! (Alma 31:35.)

Gostaria de compartilhar com vocês a história de uma querida irmã. Cito o que ela escreveu: “Em nossa casa havia alcoolismo, consumo de drogas, dois divórcios. Eu vivia em treva espiritual com duas crianças pequenas, quando “anjos de misericórdia” vieram mais uma vez. Todos os meses eu espiava pela janela, quando as professoras visitantes procuravam visitar-me. Então me escondia até que fossem embora. Mas elas não desistiram e estou tão contente e grata por isso. Aprendi que o amor de Deus não tem fim!”

Essa irmã é agora membro pleno da Igreja, passou pelo templo, e está repleta de felicidade e alegria!

Irmãs, preparemos nosso reservatório de força espiritual, na qual podemos encontrar alegria! É a recompensa de Deus pelo viver justo!

Já se aproximando do fim da vida, tendo vivido anos de provação, quase que além do alcance de nossa imaginação, depois de arrastado pelas ruas, coberto de alcatrão e penas, vendo alguns de seus melhores companheiros se voltarem contra ele, o Profeta Joseph Smith ainda conseguia testificar e nos animar dizendo:

“Agora, que ouvimos nós no evangelho que recebemos? Uma voz de alegria! Uma voz de misericórdia dos céus... uma voz de alegria para os vivos e mortos; novas alegres de grande gozo... Regozijem-se vossos corações, e sede muito alegres.” (D&C 128:19, 22.)

Possamos ter alegria em nossa fê, mesmo em nosso conhecimento de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivente. Eu o digo em nome de Jesus Cristo. Amém.



Autoridades do Primeiro Quorum dos Setenta.



Estátuas de Joseph Smith, à direita, e de seu irmão Hyrum parecem observar a Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado.



Os visitantes de várias partes do mundo, que não falam inglês ouviram com fones os discursos da conferência em seu próprio idioma. A tradução simultânea em vinte e sete línguas foi feita por intérpretes de tempo integral e voluntários localizados no subsolo do Tabernáculo, que assistiram à conferência em monitores de televisão.



Com o Tabernáculo lotado, muitos assistiram à conferência em monitores de televisão colocados no centro de visitantes na Praça do Templo e em outros edifícios adjacentes.

